

ROMANCE

NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHOR

Heather Gudenkauf

O PESO *do* Silêncio

HARLEQUIN
BOOKS



Sinopse:

Acontece em uma calma manhã de agosto...

Quando a luz tremulante da aurora incendeia o ar úmido de Iowa, duas famílias acordam e percebem que suas filhas pequenas sumiram durante a noite. Aos 7 anos, Calli Clark é gentil, doce, sonhadora... e perdeu a fala após presenciar uma tragédia em sua família. Sua mãe, Antónia, tentou ser a melhor possível, apesar de viver em um casamento falido com Griff, marido alcoólatra e pai de seus dois filhos, Calli e Ben. Agora, ela teme que a opção de ter se casado com ele e não com Louis tenha custado mais que a fala da filha.

Petra Gregory, a melhor amiga de Calli, é sua alma gêmea e sua voz. Ambas têm a mesma idade e estudam juntas. Petra é uma criança saudável, cujos pais, Martin e Fielda, superaram muitos obstáculos para concebê-la. Ao constatarem que Petra sumira de seu quarto sem deixar pistas, se vêem no limiar da impotência para enfrentarem mais esse desafio.

Desesperados para encontrar as meninas, Antónia, Ben, Martin, e o assistente de xerife Louis são forçados a retomar a história de suas vidas para entender de que modo o passado influenciou o presente. Afinal, todos sabem que a resposta está oculta no silêncio profundo dos segredos de família.

Com maestria e beleza, Heather Gudenkauf nos oferece um romance em que são contrapostos sentimentos de culpa e desejo, devoção e honestidade, situações que permeiam sonhos, escolhas e experiências durante o curso de nossas vidas. Uma narrativa vívida e honesta que vai permanecer na memória por muito tempo depois de a última página ser lida.

Heather Gudenkauf mora em Dubuque, Iowa, com seu marido, três filhos e um pointer alemão de pelo curto e muito mimado. Atualmente se dedica ao seu próximo romance. O peso do silêncio foi indicado ao Edgar Award 2010 na categoria Melhor Romance de Estreia.

Nota importante:

Esta obra foi preparada para ser lida exclusivamente por pessoas com deficiência visual. Salienta-se que qualquer outra utilização que se dê a este material é ilegal.

Ficha técnica:

Título: O peso do silêncio.

Título original: The weight of silence.

Autor: Heather Gudenkauf.

Gênero: romance.

Editora: Harlequin Books.

Digitalização: Vítor Chaves.

Correção: Marcilene Chaves.

Numeração de páginas: Cabeçalho.

Número total de páginas: 345.

Heather Gudenkauf

O Peso do Silêncio

Tradução de Marconi Leal

HARLEQUIN BOOKS

Rio de Janeiro 2010

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE SINDICATO
NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Gudenkauf, Heather G956p O peso do silêncio Heather
Gudenkauf; tradução de Marconi Leal. - Rio de Janeiro: HR, 2010.

Tradução de: The weight of silence ISBN 978-85-7687-279-5

1. Romance americano. I. Leal, Marconi. II. Título.

10-1046.

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título original norte-americano: The weight of silence; Copyright
© 2009 by Heather Gudenkauf

Copyright da tradução O 2010 by EDITORA HR LTDA
Editoração eletrônica: Abreu's System

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou
em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais
forem os meios empregados, com exceção das resenhas literárias,

que podem reproduzir algumas passagens do livro, desde que citada a fonte.

Todos os personagens neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa cedidos pela Harlequin Enterprises II B.V/ S.à.r.l. para Editora HR Ltda.

Rua Argentina 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: 2585-2000

Impresso no Brasil ISBN 978-85-7687-279-5

Para meus pais, Milton e Patricia Schmida.

"Não há ninguém que venha aqui sem saber que este é um verdadeiro mapa-múndi, com você ali no centro, fazendo um lar para todos nós."

Brian Andreas

Prólogo

Antónia

Louis e eu vemos você quase ao mesmo tempo. Na floresta, entre árvores ocas com colmeias de abelhas cujo cheiro pesado e doce sempre me fará lembrar esse dia, vejo lampejos da camisola cor-de-rosa que você usou para dormir na noite passada. Meu peito relaxa, e tremo de alívio. Mal noto suas pernas arranhadas, os joelhos sujos de lama ou a corrente em suas mãos. Eu me estico para envolvê-la em meus braços, dar um abraço apertado, encostar meu rosto em sua cabeça molhada de suor. Jamais vou querer que você fale, jamais pedirei que converse. Você está aqui. Mas passa por mim, sem me ver, para ao lado de Louis, e eu penso: Você nem me vê. É o uniforme de assistente de xerife de Louis. Boa menina! É a coisa mais esperta a fazer. Louis se agacha em sua direção, e fico presa à expressão de seu rosto. Vejo seus lábios se prepararem e sei, eu sei. Vejo a palavra se formar, as sílabas se adensando e escorrendo de sua boca sem esforço. Sua voz, nada insegura ou rouca pela falta de uso, e sim clara e firme. Uma palavra, a primeira em mais de três anos. Num instante, tenho você em meus braços e estou chorando, as lágrimas derramando muitas emoções, a maior parte gratidão e alívio, mas lágrimas de tristeza misturadas a elas. Vejo o pai de Petra desmoronar. A palavra escolhida por você não faz sentido para mim. Mas não tem problema, não me importo. Você finalmente falou.

Calli

Calli se mexeu na cama. O calor úmido da manhã de agosto em Iowa pairava no quarto, pesando sobre ela, saturado, sufocante. Ela se livrara da coberta de chenile branca e dos lençóis horas antes, e a camisola rosa de algodão subira até a cintura. A brisa não entrava pela janela com tela de proteção contra mosquitos. A lua estava baixa e sua luz leitosa se espalhava no chão, uma lanterna fraca e inadequada. Ela acordou com uma vaga noção do movimento no andar de baixo. O pai estava se preparando para pescar. Calli ouviu seus passos fortes e seguros, tão diferentes dos da mãe, rápidos e leves, e do caminhar hesitante de Ben. Ela se sentou em meio ao amontoado de roupas de cama e bichinhos de pelúcia, tentando controlar a necessidade de ir ao banheiro. A casa tinha um banheiro apenas, um cómodo de azulejos rosa, metade do qual era tomada por uma banheira branca de pés de latão. Calli não queria andar sobre o piso ruidoso e passar pela cozinha, onde o pai estaria, sem dúvida, bebendo o café de cheiro amargo e arrumando a caixa de iscas, linhas e anzóis. A pressão na bexiga aumentou e Calli mudou de posição, tentando pensar em outras coisas. Viu a pilha de material escolar que esperava para a estreia dela na segunda série: lápis de cores brilhantes, ainda longos e sem ponta; pastas finas, vincadas nos cantos; borrachas rosa, com cheiro de novas; uma caixa com 64 lápis de cera (a lista fornecida pela escola pedia uma de apenas 24, mas mamãe sabia que não seria suficiente) e quatro cadernos com espiral, cada um de uma cor diferente.

Para Calli, o colégio sempre representara uma mistura de prazer e dor. Adorava o cheiro da escola, o cheiro de poeira dos livros velhos e do giz. Adorava o estalido das folhas sob os pés, no outono, quando caminhava para o ponto de ônibus, e adorava os professores, todos eles. Mas Calli sabia que os adultos se reuniam em salas de reunião para falar sobre ela: o diretor, psicólogos,

especialistas em fala e linguagem, professores comuns e os voltados para a educação de crianças especiais, professores especializados em transtorno de comportamento, conselheiros do colégio, assistentes sociais. Por que Calli não falava? Calli sabia haver inúmeras expressões usadas para descrevê-la: portadora de déficit intelectual, autismo, espectro autismo, transtorno desafiador opositivo, mutismo seletivo. Ela era, na verdade, bastante inteligente. Sabia ler e entendia livros destinados a alunos de séries muito acima da sua.

No primeiro ano do jardim de infância, a srta. Monroe, sua enérgica primeira professora, cujo cabelo liso e castanho e a potente voz de contralto constrangia as belas colegas na época de faculdade, pensava que Calli era apenas tímida. O nome de Calli só chegara ao departamento da escola que tratava de problemas de déficit de atenção seis meses mais tarde. E, ainda assim, só porque a enfermeira do colégio, a sra. White, depois de entregar a Calli um par de meias limpas, roupa de baixo e calça de ginástica, pela segunda vez em uma semana, descobrira uma inquietante frequência de visitas de Calli à enfermaria.

— Você não disse a ninguém que precisava ir ao banheiro, Calli? — perguntara a sra. White em sua voz baixa e gentil.

Não obtivera resposta, apenas vira os olhos arregalados e a expressão apagada, comuns em Calli.

— Vá ao banheiro mudar de roupa, Calli — instruíra a enfermeira. — Não se esqueça de se lavar bem. — Passara os olhos pelo meticuloso arquivo que documentava dia e hora em que cada criança dava entrada na enfermaria, com a causa da entrada anotada no pequeno prontuário: dores de garganta, dores de barriga, arranhões, picadas de abelhas. O nome de Calli estava registrado nove vezes desde 29 de agosto, o primeiro dia de aula. Ao lado de cada entrada, as iniciais AU, Acidente Urinário. A sra. White se virara para a srta. Monroe, que acompanhara Calli até a enfermaria.

— Michelle, é a nona vez que Calli tem um acidente urinário. — A sra. White fizera uma pausa, para permitir que a srta. Monroe respondesse. Silêncio. — Ela vai ao banheiro quando as outras crianças vão?

— Não sei — respondera a srta. Monroe, a voz podendo ser ouvida do banheiro, onde Calli tirava a roupa suja. — Não tenho certeza. Ela tem inúmeras oportunidades de ir... e pode pedir sempre que precisar.

— Bom, vou ligar para a mãe dela e recomendar que Calli seja levada a um médico, para ver se isso não é uma infecção na bexiga ou algo do tipo — respondera a sra. White com seu jeito controlado e eficiente, que poucos contestavam. — Enquanto isso, deixe-a usar o banheiro sempre que quiser, diga para ela ir, mesmo que não esteja com vontade.

— Tudo bem, mas ela pode pedir sempre que quiser — falara a srta. Monroe e depois dera as costas e se retirara.

Calli saíra do banheiro da enfermaria silenciosamente. Vestia uma calça de ginástica seca, rosa, que cobria seus pés e estava frouxa atrás. Em uma das mãos segurava um saco plástico de supermercado, que continha a calcinha com estampa de torrinha de morango, o jeans, as meias e os tênis vermelho e branco. Com o dedo indicador da outra mão, enrolava o cabelo castanho distraidamente.

A sra. White se agachara para ficar à altura dela.

— Você tem outro tênis para calçar, Calli?

Calli olhara para os dedos dos pés, cobertos então pelas meias esportivas encardidas que pegara na enfermaria, tão gastas que ela podia ver a pele sedosa do dedão e o vermelho-escuro da tinta com que a mãe pintara sua unha na noite anterior; não só a do dedão, mas todas as unhas peroladas dos pés dela.

— Calli — repetira a sra. White —, você tem outro tênis para calçar?

Calli observara a sra. White, apertara os lábios e fizera que sim com a cabeça.

— Tudo bem, Calli. — A voz da sra. White ganhara um tom mais suave. — Calce o tênis e ponha o saco plástico na mochila. Vou ligar para sua mãe. Preste atenção, você não vai ficar de castigo. Notei que já teve muitos acidentes como esse. Só quero que sua mãe fique sabendo, certo?

A sra. White examinara atentamente o rosto frio de Calli. A atenção de Calli estava voltada para a placa de testes oftalmológicos e suas letras, que diminuía progressivamente, instalada na parede de um branco institucional da enfermaria.

Depois que os educadores do Departamento de Orientação Educacional fizeram os exames em Calli e trocaram impressões, concluíram que, fisicamente falando, parecia não haver nada de errado com ela. Alternativas foram discutidas e debatidas e, após várias semanas, ficara resolvido que lhe ensinariam como dizer banheiro e outras palavras-chave através da linguagem dos sinais, se reuniriam semanalmente com o conselheiro da escola e esperariam pacientemente que Calli falasse. Continuavam esperando.

Calli saiu da cama, pegou o novo material escolar com cuidado e pôs os objetos em sua pequena mesa de pinho, do jeito que imaginava fazer no primeiro dia de aula na segunda série. Coisas maiores, embaixo; as menores, em cima; lápis e canetas, bem-arrumados no novo estojo verde.

A necessidade de urinar se transformou em uma dor, e Calli pensou em se aliviar na lixeira branca de plástico que ficava ao lado da mesa, mas sabia que não conseguiria limpá-la sem que a mãe ou Ben percebessem. Se a mãe encontrasse uma piscina de xixi na lixeira, Calli sabia que ela ficaria desesperada, tentando entender o

que se passava com a filha. A seguir, viria uma série interminável de perguntas a que ela teria de responder com sim ou não. Tinha alguém no banheiro e não deu tempo de você esperar? Você estava brincando com Petra? Está com raiva de mim, Calli? Ela também pensou em subir até a janela do segundo andar, onde estava, e descer pela armação da trepadeira, em que se sustentavam margaridas-do-campo maiores que sua mão. Descartou a ideia também. Não sabia muito bem como tirar a tela de proteção contra insetos. Além disso, se a mãe a visse no meio da escalada, acabaria resolvendo fechar a janela com pregos, e Calli adorava abrir a janela à noite. Em tardes chuvosas, Calli colava o nariz na tela, sentia as gotas no rosto e o cheiro de grama suja queimada de sol ao receber a chuva recém-caída. Calli não queria que a mãe se preocupasse, mais ainda do que não queria chamar a atenção do pai ao descer as escadas para usar o banheiro.

Calli abriu a porta do quarto lentamente e espiou em volta. Saiu com cautela e seguiu pelo pequeno corredor, que estava escuro, com ar mais pesado e viciado. O quarto de Ben ficava em frente ao de Calli e era uma cópia do dela, cuja janela dava para o quintal e a floresta de Willow Creek. A porta do quarto de Ben estava fechada, assim como a do quarto dos pais. Calli se deteve no patamar da escada, tentando ouvir os movimentos do pai. Silêncio. Talvez ele houvesse saído para a pescaria. Era o que Calli queria. O pai iria pescar com o amigo Roger nos limites do condado, no rio Mississippi, a cerca de 130km de distância para o leste. Roger o apanharia naquela manhã e eles ficariam três dias fora. Calli sentiu uma pontada de culpa por desejar que o pai fosse para longe, mas a vida era bem mais calma quando ficavam só eles três.

Cada vez que ele se sentava na cozinha pela manhã, era um homem diferente. Alguns dias, estava alegre e a pegava para se sentar no colo e esfregar as costeletas ruivas nas bochechas dela para fazê-la sorrir. Beijava mamãe e lhe entregava uma xícara de café, e convidava Ben para ir à cidade com ele. Nesses dias, o pai falava sem parar, com voz leve e cheia de algo parecido com doçura. Em outros dias, permanecia à mesa riscada da cozinha,

com a testa apoiada nas mãos, latas de cerveja vazias atiradas sem nenhum cuidado na pia e no balcão com manchas marrons. Nesses dias, Calli entrava na cozinha na ponta dos pés, fechava a tela sem fazer barulho e corria para a floresta de Willow Creek, para brincar no leito do córrego ou no tronco de árvores derrubadas. Periodicamente, Calli retornava até metade do quintal, para ver se a caminhonete do pai ainda estava estacionada. Se não estivesse, voltava para casa, onde as latas de cerveja haviam sido recolhidas e o cheiro fermentado e suarento que a bebedeira do pai produzia desaparecera. Se a caminhonete continuasse no lugar, Calli retomava o caminho da floresta, até que a fome ou o calor do dia a forçasse a seguir para casa.

Mais silêncio. Encorajada pelo pensamento de que o pai se fora, Calli desceu a escada, pisando com cuidado no quarto degrau, que estava danificado. A lâmpada que ficava acima do fogão da cozinha lançava uma luz fantasmagórica que chegava até o pé da escada. Ela só precisava dar dois passos largos para passar a entrada da cozinha e entrar no banheiro. Dedos dos pés curvados sobre a ponta do último degrau, apertando a madeira com força, Calli puxou a camisola para cima dos joelhos para dar um passo maior. Deu o passo, olhou furtivamente para a cozinha. Não havia ninguém ali. Outro passo, atravessou a porta da cozinha, pôs a mão na maçaneta do banheiro e a girou.

— Calli! — alguém chamou com um suspiro mal-humorado. Calli ficou paralisada. — Calli! Venha cá!

Ela retirou a mão da maçaneta e se virou para seguir o som grave da voz do pai. A cozinha estava vazia, mas a tela da porta se encontrava aberta e ela viu a linha dos ombros largos dele na fraca luz da alvorada. Ele estava sentado no degrau de concreto, lado de fora, uma nuvem de fumaça de cigarro e café fumegante se formava e subia acima da cabeça.

— Venha até aqui, dona Calli. O que você está fazendo de pé tão cedo? — perguntou ele, sem grosseria. Calli abriu a porta de

tela, com cuidado para não acertar as costas dele, se espremeu para passar pela abertura e ficou ao lado do pai.

— Por que você acordou, Calli? Pesadelo? — Griff olhava para ela de onde estava sentado, uma expressão genuína de preocupação estampada no rosto.

Ela balançou a cabeça para dizer que não e fez o sinal para dizer que queria ir ao banheiro, ainda que a necessidade houvesse momentaneamente desaparecido.

— O quê? Não consigo ouvir. — Ele gargalhou. — Fale um pouco mais alto. Ah, sim, você não fala. — E, naquele momento, o rosto dele ganhou um ar sarcástico. — Precisa usar a linguagem dos sinais. — Ele se levantou abruptamente e mexeu as mãos e os braços, em uma imitação grotesca dos gestos de Calli. — Não sabe falar como uma criança normal, tem que ser muda, uma espécie de retardada! — A voz de Griff ficava mais alta.

O olhar de Calli recaiu sobre o chão, onde cerca de uma dúzia de latas de cerveja amassadas se empilhavam, e a vontade de fazer xixi voltou com toda a força. Ela olhou para cima, para a janela do quarto da mãe; cortinas fechadas, o rosto reconfortante não olhou para ela lá embaixo.

— Não consegue falar, não é? Bobagem! Você falava antes. Dizia: "Papai, papai", principalmente quando queria alguma coisa. Agora eu tenho uma filha retardada. Provavelmente não é nem minha. Você tem os olhos daquele assistente de xerife. — Curvou a cabeça para baixo e os olhos verde-acinzentados dele se encontraram com os de Calli, que fechou os dela com força.

Ela ouviu o ruído de pneus sobre a brita na distância, o remoer penetrante e os estalidos indicando que alguém se aproximava. Roger. Calli abriu os olhos quando a caminhonete de tração nas quatro rodas de Roger se aproximou da casa e estacionou perto deles.

— Oi. Bom dia para vocês dois. Como está, srta. Calli? — Roger encostou o queixo em Calli, sem olhar de fato para ela, sem esperar resposta. — Pronto para a pescaria, Griff?

Roger Hogan era o melhor amigo de Griff desde o ensino médio. Era baixo e gordo, a barriga caía sobre a calça. Capataz de uma indústria empacotadora de carne local, vivia pedindo a Griff, sempre que este voltava do oleoduto, para ficar em casa de vez. Dizia que iria arranjar emprego para ele na fábrica também.

— Vai ser como nos velhos tempos — acrescentava.

— Bom dia, Rog — falou Griff com voz alegre, os olhos semicerrados, cheios de malícia. — Vou ter que pedir para você ir na frente, sem mim, Roger. Calli teve um pesadelo. Vou ficar sentado com ela um pouco, até que ela se sinta melhor, tentar fazer com que pegue no sono de novo.

— Ora, Griff — reclamou Roger. — A mãe dela não pode fazer isso? A gente vem programando isso há meses.

— Não, não. Uma garota precisa do papai, não é, Calli? Um papai com quem ela possa contar nas horas difíceis, você não acha, Rog? Então, Calli vai passar um tempinho com o bom e velho papai, queira ela ou não. Mas você quer, não quer, Calli?

O coração de Calli saltava toda vez que ouvia o pai dizer a palavra papai. Queria correr para dentro de casa e acordar a mãe, mas, apesar de Griff derramar pela boca todo o ódio por Calli sempre que bebia, jamais a machucara de verdade. A Ben, sim. A mãe, sim. Mas a Calli, nunca.

— Vou só jogar minhas coisas na sua caminhonete, Rog, e me encontro com você na choupana à tarde. Vai ter muito peixe bom hoje à noite, e vou comprar mais cerveja para nós no caminho. — Griff pegou a mochila e a jogou na traseira da caminhonete. Com mais cuidado, pôs a vara e o molinete na carroceria. — Nós nos vemos, Roger.

— Certo, nos vemos mais tarde, então. Tem certeza de que sabe o caminho?

— Sei, sei, não se preocupe. Estarei lá. Vá aproveitando a dianteira para pegar alguns peixes. Você vai precisar, porque eu vou vencer!

— É o que veremos! — Roger gargalhou e foi embora.

Griff voltou até o lugar onde Calli estava, de pé e com os braços cruzados, apesar do calor.

— Agora, que tal passar um tempo com o papai, Calli? O assistente de xerife não mora muito longe daqui, mora? Do outro lado da floresta, não é? — O pai a agarrou pelo braço e a bexiga de Calli foi se aliviando, lançando um vigoroso jato de urina perna abaixo, enquanto ele a puxava na direção da floresta.

Petra

Mais uma vez, não consigo dormir. Está quente demais, meu colar está grudado no pescoço. Estou sentada no chão, de frente para o ventilador, e é gostoso sentir o ar fresco em meu rosto. Falo bem baixinho na direção das pás do ventilador para poder ouvir o retorno da voz grave e zumbida.

— Sou Petra, princesa do mundo — digo. Escuto alguma coisa pela janela e, por um minuto, tenho medo e vontade de acordar mamãe e papai. Eu me apoio nas mãos e me arrasto sobre o tapete, sinto a trama áspera arranhar meus joelhos. Espio pela janela e penso ver alguém no escuro, olhando para mim, lá embaixo, alguém grande e ameaçador. Então vejo algo menor a seu lado. Ah, não

tenho mais medo. Sei quem são. Penso: "Esperem, eu também vou!" Por um segundo, penso que não deveria ir. Mas há um adulto lá fora também. Mamãe e papai não vão se chatear comigo, porque há um adulto. Calço meus tênis e saio do quarto. Vou só dar um olá e voltar imediatamente.

Calli

Calli e o pai já andavam havia algum tempo, mas Calli sabia exatamente onde estavam, ou onde não estavam, no meio da ampla floresta. Estavam perto da trilha Beggar's Bluff, onde cabeças-de-tartaruga cresciam entre samambaias e juncos, e onde Calli frequentemente via cavalos belos e luzidios, carregando seus donos graciosamente pela floresta. Calli queria que uma égua cor de canela ou um cavalo malhado de pintas pretas irrompesse de entre as árvores e desse um susto no pai, fazendo com que ele recobrasse o juízo. Mas era quinta-feira e Calli raramente encontrava outra pessoa nas trilhas perto de casa durante a semana. Havia uma pequena chance de toparem com um guarda florestal, mas os guardas tinham mais de 50km de trilhas para monitorar e cuidar. Calli sabia que estava sozinha e se resignou com a ideia de ser arrastada floresta adentro pelo pai. Não estavam nada perto da casa de Louis, o assistente de xerife. Calli não sabia dizer se aquilo era bom ou ruim. Era ruim, porque o pai não dava mostras de que ia desistir da procura, e os pés descalços de Calli estavam feridos devido aos caminhos pedregosos e desnivelados. E era bom, porque, se eles chegassem à casa do assistente de xerife Louis, o pai diria coisas terríveis e, em seguida, Louis tentaria acalmá-lo com sua voz baixa e calma, e ligaria para a mãe de Calli. A esposa de Louis ficaria de pé à entrada da casa, por trás dele, de braços cruzados e lançando olhares furtivos para os lados, preocupada em saber se alguém estaria observando o escândalo.

O pai de Calli não parecia estar bem. Tinha o rosto branco, da cor de uma sanguinária-do-canadá, a delicada flor que desabrochava no começo da primavera e sua mãe lhe mostrava nas caminhadas pela mata. Seu cabelo era acobreado da cor da seiva vermelha que saía das raízes partidas da planta.

Estavam se aproximando de uma clareira chamada Willow Wallow. Arrumado na forma perfeita de uma meia-lua, perto do riacho, havia um arco de sete lamentosos salgueiros. Diziam que os sete salgueiros haviam sido trazidos por um colono francês, amigo de Napoleão Bonaparte, que lhe presenteara com as árvores cabeludas, suas preferidas.

A mãe de Calli era do tipo de mãe que subia em árvores com os filhos e se sentava entre os galhos para contar histórias sobre os tataravós dela, que haviam emigrado da Tchecoslováquia para os Estados Unidos no século XIX. Ela preparava sanduíches de pasta de amendoim e levava maçãs para o almoço dos três, e eles seguiam para Willow Creek. Saltitavam por entre as pedras musguntas e escorregadias que se aglomeravam ao longo do riacho. Antónia estendia um velho lençol sob os galhos longos e entrelaçados de um salgueiro, e todos se reuniam sob sua sombra, com os tentáculos fibrosos os envolvendo como um casaco. Ali, os salgueiros se transformavam em cabanas em uma ilha deserta; Ben, quando ainda tinha tempo para eles, era o bravo marinheiro; Calli, sua confiável companheira de primeira hora; Antónia, o pirata que os perseguia, gritando com um péssimo sotaque britânico:

— Rendam-se, seus marinheiros de primeira viagem, e não terão de andar sobre a prancha!

— Nunca! — berrava Ben para ela. — Você terá de nos dar de comer aos tubarões antes que a gente se renda a alguém como você, Barnacle Bart!

— Que assim seja! Preparem-se para nadar com os tubarões! — vociferava Antónia, esgrimindo com um pedaço de pau.

— Corra, Calli! — Ben dava um berro, e Calli obedecia. Com as longas pernas brancas escurecidas por causa dos arranhões provocados pelas subidas em árvores e a passagem por cercas, Calli corria até Antónia perder o fôlego, pondo as mãos nos joelhos.

— Trégua, trégua! — pedia Antónia. Os três voltavam para a cabana no salgueiro e descansavam, bebendo refrigerante, enquanto o suor lhes banhava o pescoço. A gargalhada de Antónia saía do fundo do peito, livre e cheia de alegria. Ela jogava a cabeça para trás e fechava os olhos, que estavam começando a mostrar as marcas da idade e das decepções. Quando Antónia ria, todos ao seu redor riam também, exceto Calli. Ela não ria havia muito tempo. Dava seu sorriso doce, de lábios colados, mas uma risada de verdade, daquelas que antes saíam espontaneamente e ressoavam como um carrilhão, nunca mais, embora soubesse que a mãe as aguardava com ansiedade.

Antónia era do tipo de mãe que deixava os filhos comerem cereal com bastante açúcar no almoço do domingo e pizza no café da manhã. Era do tipo de mãe que, em noites de chuva, declarava ser noite de maquiagem e, com um sotaque francês, recebia a filha no que chamava de Salão de Beleza da Toni. Enchia a velha banheira de pés de latão com água quente e produzia bolhas com cheiro de lilás e, então, depois de secar a filha com uma toalha gigantesca, lhe pintava as unhas dos pés de vermelho vivo, ou passava bastante espuma e xampu para deixar o cabelo espetado, com até 8cm de altura.

Griff, por outro Lado, era do tipo de pai que bebia cerveja no café da manhã e arrastava a filha de 7 anos pela floresta, embriagado, em busca do que ele considerava ser a verdade. O sol começava a se levantar quando Griff se sentou para descansar com Calli, debaixo de um salgueiro.

Martin

Posso sentir o rosto de Fielda em minhas costas, o braço sobre minha barriga, que cresce a cada dia. Está muito quente para ficar deitado desse jeito, mas não a afasto de mim. Nós só nos separamos duas vezes desde o casamento, 14 anos atrás, e, nas duas ocasiões, a separação me pareceu difícil de suportar. Não vou falar da segunda vez em que Fielda e eu nos afastamos. A primeira aconteceu nove meses depois do casamento, quando fui a uma conferência de economia na University of Chicago. Lembro-me de ter ficado deitado na desconfortável cama do hotel, sob o edredom duro e áspero, desejando Fielda. Graças à ausência dela, eu me sentia sem peso, achava que, sem o braço de Fielda atirado ao acaso sobre mim durante a noite, poderia sair voando a qualquer momento, como uma asclépias em uma rajada de vento ocasional. Depois daquela noite solitária, abandonei as palestras que faltavam e voltei para casa.

Fielda riu de minha saudade, mas sei que, por dentro, ficou satisfeita. Ela entrou tarde em minha vida, uma menina de 18 anos, nova e insolente. Eu estava com 42 e só tinha olhos para meu trabalho como professor de Economia no St. Gilianus College, uma faculdade particular de Willow Creek que contava com 200 alunos matriculados. Não, ela não era uma aluna; muita gente me fez essa pergunta com um leve tom acusatório. Conheci Fielda Mourning quando ela era garçonne no café da família, o Mourning Glory. A caminho da faculdade, parava diariamente no Mourning Glory para tomar uma xícara de café com um bolinho e ler o jornal num canto ensolarado do estabelecimento. Eu me lembro de Fielda naqueles anos como uma pessoa solícita e agradável, do café, extremamente quente, e do bolinho, partido ao meio e com bastante manteiga. Devo admitir que não percebia aquilo como um agrado especial dela. Achava que Fielda tratava todos os clientes da mesma maneira. Foi só em uma típica manhã de inverno, cerca de um ano após eu ter começado a frequentar o Mourning Glory, que Fielda

surgiu à minha frente com uma das mãos no quadril e a outra segurando uma xícara de café.

— O que uma garota precisa fazer para chamar sua atenção?
— perguntou Fielda num tom de voz áspero. Ela pousou a xícara sobre a mesa com violência, meus óculos saltaram no nariz com a surpresa, o café se espalhando por sobre toda a mesa.

Antes que pudesse me sair com uma resposta, ela se afastou e, em seguida, reapareceu, já com o bolinho, que prontamente atirou em mim. Ele bateu no meu peito, deixando farelos de laranja e sementes de papoula sobre a gravata. Fielda saiu correndo do café, e a mãe dela, uma versão mais meiga e madura de Fielda, veio até mim num passo tranquilo. Lançando um olhar para os céus, soltou um suspiro:

— Vá lá fora e converse com ela, sr. Gregory. Ela está sofrendo por causa do senhor há meses. Ou o senhor acaba com as esperanças dela de uma vez ou a pede em casamento. Preciso de dormir um pouco à noite.

Fui atrás de Fielda e nos casamos um mês depois.

Deitado ali na cama, com a manhã de agosto já ensopando minha pele, sob o calor pinicante, me viro, encontro o rosto macio de Fielda no escuro e o beijo. Deixo a cama e saio do quarto. Paro diante da porta de Petra. Está levemente aberta e posso ouvir o zunido do ventilador. Empurro a porta gentilmente e entro no quarto, um lugar tão cheio de enfeites de garotinha que sempre me faz parar para contemplar. As coleções cuidadosamente arrumadas de pinhas, bolotas, folhas, penas e pedras, todas coletadas com perícia em nosso quintal, à beira da floresta de Willow Creek. As bonecas-bebês, os cachorros e ursos de pelúcia, todos colocados com amor debaixo dos lençóis, feitos de panos de prato e arrumados em volta dos corpos adormecidos. O perfume da pequena menina, uma combinação de xampu com cheiro de lavanda, capim verde e um suor que contém apenas as enzimas dos inocentes, me deixa admirado toda vez que entro. Meus olhos começam a se acostumar

com o escuro, e vejo que Petra não está na cama. Não fico alarmado; Petra sempre tem crises de insónia e desce para o térreo, para a sala de estar, e assiste à televisão.

Eu também desço, mas rapidamente percebo que Petra não está vendo televisão. A casa está em silêncio, não há vozes sussurradas, nem gargalhadas abafadas. Vasculho rapidamente cada cómodo, acendendo as luzes, a sala de estar... nada de Petra. A sala de jantar, a cozinha, o banheiro, meu escritório... nada de Petra. Volto pela cozinha e vou até o porão... nada de Petra. Subindo as escadas correndo, chego até Fielda e a acordo.

— Petra não está na cama — eu digo, arfando.

Fielda se levanta da cama com rapidez e refaz o caminho que acabei de fazer: nada de Petra. Disparo até a porta dos fundos e contorno a casa; uma, duas, três vezes. Nada de Petra. Fielda e eu nos encontramos na cozinha e nos entreolhamos, desesperados. Fielda solta um gemido e liga para a polícia.

Nós nos vestimos rapidamente para receber o assistente de xerife Louis de maneira adequada. Fielda continua a perambular pelos quartos, verificando se Petra está, espiando os armários e debaixo da escada.

— Talvez ela tenha ido até a casa de Calli — diz Fielda.

— A essa hora da manhã? — pergunto. — O que daria nela para fazer isso? Talvez tenha sentido muito calor, ido lá fora para se refrescar um pouco e perdido a noção de tempo — acrescento. — Sente-se, você está me deixando nervoso. Ela não está aqui em casa! — digo, mais alto que nunca. O rosto de Fielda demonstra estranheza, e me aproximo dela. — Sinto muito — sussurro, apesar de sua constante movimentação me deixar nervoso. — Vamos preparar café para quando ele chegar.

— Café? Café? — A voz de Fielda é fria e ela me olha com incredulidade. — Vamos preparar um pouco de café para que a

gente possa se sentar e conversar sobre como nossa filha desapareceu. Sumiu do quarto no meio da noite! Você não quer que eu prepare o café da manhã para ele também? Ovos com gema mole? Ou talvez biscoitos? Martin, nossa filha está desaparecida. Desaparecida! — A revolta termina em lamentos chorosos, e dou tapinhas nas costas dela. Não sirvo de consolação, eu sei.

Escutamos uma voz vinda da porta de entrada e olhamos para o assistente Louis, alto e magro, com o cabelo louro caindo sobre os sérios olhos azuis. Nós o convidamos a entrar, aquele homem com quase metade da minha idade, mais perto da de Fielda, e ele se senta no sofá.

— Quando foi a última vez em que vocês viram Petra? — pergunta ele para nós. Eu seguro a mão de Fielda e conto a Louis tudo o que sabemos.

Antónia

Sou despertada do sono por um murmúrio que, a princípio, penso ser de um trovão, e sorrio, os olhos ainda fechados. As gotas gordas e frias de uma tempestade. Penso que talvez devesse acordar Calli e Ben. Os dois adorariam perambular por aí na chuva, para se refrescar um pouco nesse verão seco e quente, ainda que por alguns minutos. Aproximo a mão do lado da cama de Griff, vazio e mais frio que o meu. É quinta-feira, dia da pescaria. Griff foi pescar com Roger, não é um trovão, seria uma caminhonete? Viro-me para o lado de Griff, absorvo a leve frieza dos lençóis e tento dormir, mas uma pancada constante, uma sólida batida na porta da frente, faz com que as tábuas do chão vibrem. Lanço as pernas para fora da cama, irritada. São só seis da manhã, por Deus! Visto a bermuda que larguei no chão na noite anterior e passo os dedos pelo cabelo despenteado pelo sono. Ao seguir pelo corredor, vejo que a porta de Ben está fechada, como de hábito. O quarto de Ben é a fortaleza

dele; nem ao menos tento mais entrar lá. As únicas pessoas que ele convida para entrar são os amigos do colégio e a irmã, Calli. Isso me surpreende. Cresci numa família de quatro irmãos homens, e eles só me deixavam entrar nos domínios deles quando eu forçava a entrada.

Toda a minha vida foi rodeada de homens; meus irmãos, meu pai, Louis e, claro, Griff. A maioria de meus amigos no colégio era de meninos. Minha mãe morreu quando eu tinha 17 anos e, mesmo antes disso, ela não era muito próxima. Gostaria de ter prestado mais atenção na maneira como ela fazia as coisas. Tenho lembranças incertas da forma como se sentava, sempre usando saias, uma perna cruzada sobre a outra, o cabelo castanho preso acima do pescoço num elegante coque. Minha mãe não podia me forçar a usar um vestido, a me interessar por maquiagem ou a me sentar como uma dama, mas insistia para que eu mantivesse o cabelo longo. Eu me rebelava, amarrando o cabelo em um rabo de cavalo e enfiando um boné de beisebol na cabeça. Gostaria de ter observado mais de perto a maneira cuidadosa como ela passava batom nos lábios e borrifava a quantidade exata de perfume nos pulsos. Lembro dela se inclinando na direção de meu pai para sussurrar no ouvido dele, fazendo-o sorrir, da maneira como o acalmava apenas colocando a mão de unhas benfeitas sobre o braço dele. Minha calada filhinha é um mistério ainda maior para mim: a maneira como gosta do cabelo penteado logo depois do banho, a alegria com que examina as unhas quando as pinto desastradamente. Criar uma filha tem sido como seguir um mapa do tesouro cujas partes mais importantes estivessem faltando. Nesses dias, eu me sento e a observo atentamente, seguindo cada movimento e gesto dela. Quando falava, pelo menos podia me dizer o que queria ou do que precisava; agora, vou tentando e errando, e torcendo para que tudo dê certo. Vou em frente como se não houvesse nada de errado com minha Calli, como se ela fosse uma típica menina de 7 anos, como se os adultos não discutissem o caso dela nas salas do colégio, os vizinhos não fofocassem sobre a estranha filha dos Clark.

A porta do quarto de Calli está levemente aberta, mas as batidas na porta da frente são mais insistentes, então desço a escada correndo, as tábuas irregulares rangendo sob meus pés descalços. Abro a pesada porta de carvalho e vejo Louis e Martin Gregory, o pai de Petra, de pé à minha frente. A última vez em que Louis veio à minha casa foi três anos atrás, embora me lembre pouco da visita, porque estava deitada, inconsciente, no sofá, depois de ter caído de um lance de escada.

— Oi — disse eu, hesitante. — O que foi que houve?

— Toni — começou Louis —, Petra está aqui?

— Não — respondo e olho para Martin. O rosto dele se inclina por um momento e, depois, ele eleva o queixo.

— Posso falar com Calli? Petra parece estar... — Martin vacila.

Não estamos encontrando Petra e pensamos que talvez Calli pudesse nos dizer onde ela está.

— Ai, meu Deus, claro. Por favor, entre. — Eu os levo até a sala de estar, consciente agora do entulho de latas de cerveja sobre a mesinha de centro. Apanho-as rapidamente e corro até a cozinha para jogá-las no lixo.

— Vou subir e acordar Calli. — Subo os degraus de dois em dois, com o coração apertado por Martin e Fielda. Chamo: — Calli. Calli, levante, querida. Preciso falar com você! — Quando chego ao corredor, Ben abre a porta do quarto. Está sem camisa, e percebo que o cabelo ruivo dele merece um corte.

— Bom dia, Benny, Petra está desaparecida. — Passo por ele em direção à porta do quarto de Calli e abro. A cama está desfeita, e o macaquinho de meia, atirado ao chão, com o rosto sorridente virado para mim. Paro, confusa, depois dou meia-volta. — Ben, onde está Calli?

Ele dá de ombros e volta ao quarto. Confiro rapidamente o quarto de hóspedes, meu quarto, o de Ben. Corro escada abaixo.

— Ela desapareceu também! — Passo por Louis e Martin, desço os frágeis degraus de nosso porão, acendendo a luz à medida que corro para baixo, o frio úmido de nosso porão de concreto me banha. Apenas teias de aranha e caixas. Nosso freezer velho e grande. Meu coração dispara. Ouve-se falar disso o tempo todo, de crianças que brincam de esconde-esconde em geladeiras e freezers velhos e não conseguem sair depois que entram. Eu disse a Griff diversas vezes para se livrar daquela velharia. Mas ele nunca o fez; eu nunca o fiz. Rapidamente corro até o freezer, abro a porta e um cheiro de podridão atinge minhas narinas. Está vazio. Tento aquietar a respiração e me viro para a escada. Vejo Martin e Louis me esperando lá em cima. Disparo pelos degraus, passo por eles e saio pela porta dos fundos. Exploro nosso amplo quintal e percorro os limites da floresta, espiando para as árvores frondosas. Sufocando, retorno para casa. Louis e Martin me esperam à entrada, atrás da porta de tela. — Ela não está aqui.

O rosto de Louis se mostra imperturbável, mas Martin demonstra decepção.

— Bom, é provável que elas estejam juntas e tenham ido brincar em algum lugar. Você tem ideia de aonde elas podem ter ido? — pergunta Louis.

— Ao parque? Talvez à escola. Mas tão cedo? Que horas são? Seis? — pergunto.

— Petra está desaparecida desde as 4h30, no mínimo — fala Martin, prático. — Aonde iriam tão cedo assim?

— Não sei, não faz sentido — digo. Louis me pergunta se pode fazer uma busca, e eu o observo, seguindo-o a poucos passos, enquanto ele anda resolutos pela casa, espiando dentro de armários e sob as camas. Ela não está aqui.

— Passei a informação do desaparecimento de Petra para todos os policiais. Eles já estão procurando por ela nas redondezas — explica Louis. — Não parece que as garotas foram... — Ele faz uma pausa. — Que as garotas sofreram algum dano. Sugiro que procurem por elas nos lugares aonde vão normalmente.

— Martin parece inseguro quanto ao plano, mas faz que sim com a cabeça, e eu também.

— Toni, a caminhonete de Griff está parada aí fora. Ele está aqui? Ele poderia nos dizer onde as meninas possam estar?

Louis, com seu jeito gentil, está me perguntando se Griff está lúcido pela manhã ou se acabou desmaiando de tão embriagado, depois de uma noite de bebedeira.

— Griff não está aqui. Ele foi pescar com Roger essa manhã. Tinha marcado de sair às 3h30 ou algo assim.

Ele poderia ter levado as garotas para pescar com ele? — perguntou Martin, esperançoso.

— Não. — Eu rio. — A última coisa que Griff faria seria levar duas meninas pequenas em sua grande jornada de pesca. Ele só deve voltar no sábado. Tenho certeza de que as garotas não foram pescar com ele.

— Não sei, Toni. Talvez tenha resolvido levar as meninas com ele. Talvez tenha deixado um bilhete.

— Não, Louis. Tenho certeza de que ele não faria isso. — Estou começando a ficar irritada com ele.

— Tudo bem, então — diz Louis. — Voltamos a nos falar dentro de uma hora. Se as garotas ainda não tiverem sido encontradas, seguiremos outro plano.

Ouço alguém se mover e me viro para ver Ben sentado no degrau da escada. Olhando rapidamente, alguém poderia confundilo com Griff, com seus largos ombros e cabelo cor de morango. A não ser pelos olhos. Ben tem olhos suaves e tranquilos.

— Ben — digo —, Calli e Petra estão em algum lugar, e a gente precisa encontrá-las. Aonde elas poderiam ter ido?

— Para a floresta — diz ele, calmo. — Vou pegar meu mapa. Depois sigo atrás delas.

— Vou ligar para que os policiais dêem uma olhada na floresta, nas proximidades do quintal. Uma hora — diz Louis de novo. — A gente volta a se falar em uma hora.

Bem

Esta manhã, acordei bem rápido, meu coração batendo forte no peito. Estava sonhando aquele mesmo sonho idiota de novo. Aquele em que você e eu estamos subindo na velha noqueira da floresta. Aquela perto da ponte Lone Tree. Estou lhe dando calço, como sempre, e você estende os braços para segurar um galho, seus dedos de unhas roídas estão brancos do aperto firme. Insisto para que se apresse, porque não tenho o dia todo. Você está em cima e eu a observo de baixo. A escalada é mais fácil para você agora; os galhos estão mais próximos, são grossos e rijos. Você sobe mais e mais, até que só consigo ver seus joelhos ossudos, depois apenas seus tênis. Grito para você:

— Subiu demais, Calli, volte a descer! Você vai cair! — Então você desaparece. Não consigo mais vê-la. E penso: Ih, vou me dar mal. Aí ouço uma voz me chamando lá de cima:

— Suba, Ben! Você precisa ver uma coisa! Venha, Ben, venha!

E percebo que é você que está gritando, ainda que não saiba mais como é o som de sua voz. Você continua gritando e gritando, e não consigo subir. Eu quero, mas não consigo segurar no galho mais baixo; é muito alto. E respondo:

— Espere por mim! Espere por mim! O que você está vendo, Calli? — Aí acordo, ensopado de suor. Mas não um suor quente, e sim frio, que faz minha cabeça doer e causa náusea em meu estômago. Tento voltar a dormir, mas não consigo.

Agora você está desaparecida e me sinto culpado, como se a negligência fosse minha. Você é ótima como irmã mais nova, mas representa uma enorme responsabilidade. Eu sempre tenho que tomar conta de você. Lembra quando eu tinha dez anos e você, cinco? Mamãe falava para a gente ir até o ponto de ônibus juntos. Ela dizia:

— Tome conta de Calli, Ben. — E eu dizia que tudo bem, mas não fazia isso de verdade, no começo.

Eu estava no início da quinta série e me sentia o máximo, não ia dar uma de babá de alguém que estava no pré-escolar. Segurava sua mão até o fim de nossa rua, só até o ponto onde mamãe não conseguia mais nos ver da janela da cozinha. Então eu largava você e corria o mais rápido que podia para o lugar onde o ônibus nos apanhava. Tinha a precaução de olhar para trás e ver se você ainda estava vindo. Preciso lhe dar algum crédito; suas pernas de pré-escolar corriam e a recém-comprada mochila rosa sacudia em seus ombros, mas você não conseguia seguir meus passos. Tropeçou naquele velho buraco imenso, que ficava na sarjeta, diante da casa dos Olson, e foi ao chão.

Quase voltei para ajudá-la, quase mesmo. Mas aí apareceu Raymond, e eu não voltei, simplesmente não voltei. Quando você finalmente chegou ao ponto, o ônibus estava acabando de estacionar, seus joelhos estavam todos sujos de sangue e o grampo púrpura que mamãe pôs em seu cabelo pendia de uma mecha solta. Você passou diante de todos os garotos que esperavam na fila do

ônibus e veio bem para meu lado, e fingi que você sequer estava ali. Quando entramos no ônibus, eu me sentei com Raymond. Você simplesmente ficou no corredor, esperando que eu me afastasse para lhe ceder espaço, mas virei as costas e passei a conversar com Raymond. Os meninos atrás de você começaram a gritar "vamos logo" e "sente", então você finalmente tomou o banco diante do meu e de Raymond. Ficou colada à janela, as pernas muito curtas para tocar o chão, um rio de sangue escorrendo do queixo. Você não olhou para mim até a noite. Mesmo depois do jantar, quando me ofereci para lhe contar uma história, você apenas encolheu os ombros para mim e me deixou sozinho, sentado à mesa da cozinha.

Sei que agi muito mal com você naquele dia, mas, no primeiro dia de um garoto da quinta série, as primeiras impressões são mesmo muito importantes. Tentei compensar o que lhe fizera. Caso não saiba, fui eu que coloquei aquelas balas debaixo do seu travesseiro naquela noite. Peço desculpas por não ter tomado conta de você naquelas primeiras semanas de escola. Mas você sabe como é quando a pessoa se arrepende e não encontra as palavras para confessar o erro; mesmo sabendo que deveria, não consegue.

Calli

Griff se sentou com as costas apoiadas em um dos velhos salgueiros, a cabeça pendendo à frente, os olhos fechados, os dedos fortes ainda envolvendo o pulso de Calli. Ela se mexia desconfortavelmente sobre o chão duro e desnivelado que se estendia sob o salgueiro. O cheiro forte de urina feria seu nariz e uma onda de vergonha a acometeu. Devia correr agora, pensou. Era rápida e conhecia cada curva e atalho da floresta; poderia facilmente se esconder do pai. Ela tentou, com cuidado, livrar o braço do aperto do que parecia ser uma garra, mas, em seu leve sono, ele a apertou com mais força ainda. Os ombros de Calli

murcharam, e ela se recostou também em um pedaço da árvore. Gostava de imaginar como seria ficar na floresta sem suprimentos, aquilo que seu irmão chamava de "viver sem nada". Ben conhecia tudo a respeito da floresta de Willow Creek. Sabia que tinha mais de cinco mil hectares e se estendia por dois distritos. Ele lhe falara que a floresta era composta em sua maior parte de calcário e arenito, e fazia parte do Planalto Paleozóico, o que significava dizer que as geleiras nunca haviam tocado aquela parte de Iowa. Ele também lhe mostrara onde encontrar o gavião-de-ombro-vermelho, um pássaro em extinção que nem mesmo o guarda florestal Phelps vira antes. Ela permanecera ali algumas horas e fora o suficiente. Normalmente, a floresta era seu lugar preferido, um lugar calmo onde podia pensar, andar e que gostava de explorar. Ela e Ben frequentemente fingiam acampar ali em Willow Wallow. Ben levava uma garrafa térmica com água, e Calli, as guloseimas, sacos de salgadinhos e bastões imensos de balas de alcaçuz para beliscarem. Ben juntava gravetos e galhos de arbustos, formava um imenso amontoado circular e o rodeava com pedras para fazer uma fogueira. Eles nunca acendiam o fogo de verdade, mas era divertido fingir. Enfiavam marshmallows na ponta de espetos feitos de galhos e os "assavam" sobre o fogo. Ben costumava tirar o canivete do bolso e tentar criar utensílios a partir de galhos que encontrava no chão. Esculpira duas colheres e um garfo, antes de a lâmina escapar e lhe cortar a mão, fazendo com que precisasse tomar seis pontos. A mãe deles tomara o canivete depois disso, dizendo que o devolveria em alguns anos. Ben o entregara resmungando. Então, em vez de esculpir talheres, ela e Ben passaram a levar pratos e talheres da própria cozinha. Sob o mais amplo dos salgueiros, Ben construía um pequeno armário, feito de tábuas velhas e pregado à árvore. Guardavam as comidas ali. Certa vez, pensando no futuro, colocaram uma caixa de bolachas e um pacote de biscoitos na prateleira. Quando retornaram, alguns dias depois, descobriram que algum bicho estivera ali antes deles, provavelmente um guaxinim, mas Ben dissera, com voz brincalhona, que também podia ter sido um urso. Calli não acreditara muito naquilo, mas era engraçado fingir que uma mamãe urso vagava por ali, em algum canto,

alimentando seus filhotes com biscoitos de chocolate e bolachas salgadas.

Ela se perguntava se a mãe já percebera que ela estava desaparecida, se estava preocupada com ela, procurando-a. Calli sentiu o estômago roncar e rapidamente pôs a mão sobre a barriga, querendo que se calasse. Talvez houvesse algo para comer no armário que ficava duas árvores adiante. Griff soltou o ar pelo nariz, abriu os olhos e deitou a vista sobre o rosto de Calli.

— Você está fedendo — disse ele maldosamente, sem perceber o próprio odor que exalava, uma combinação de álcool, suor e cebola. — Venha, vamos continuar. Temos de ir a uma reunião de família. Por onde vamos?

Calli pensou sobre aquilo. Podia mentir, fazê-lo adentrar ainda mais a floresta e, em seguida, tentar escapar quando tivesse uma chance, ou então mostrar o caminho correto a ele e acabar de vez com aquela confusão. Decidiu-se pela segunda alternativa. Já estava faminta e cansada, e queria ir para casa. Apontou um dedo fino e sujo para o ponto de onde tinham vindo.

— Levante-se — ordenou Griff.

Calli se levantou rápida e desajeitadamente. Griff soltou-lhe o braço e ela tentou afastar o formigamento que tomara conta de seus dedos. Eles andaram um atrás do outro, como numa estranha bicicleta de dois lugares, Griff imediatamente atrás dela, com a mão sobre o ombro de Calli; ela arqueava o corpo de leve sob a pressão da mão pesada de Griff. Calli os levou cerca de 90m para além de Willow Wallow, até o começo de uma trilha estreita e tortuosa chamada Broadleaf. Calli sempre sabia se alguém ou algum animal caminhara pelas trilhas antes dela. Durante a noite, aranhas armavam suas teias ao longo das trilhas, de um tronco a outro. Quando o sol da manhã aparecia, Calli podia ver as linhas delicadas, uma barreira frágil e diminuta protegendo a atividade do interior da floresta. "Fique longe", pareciam suspirar. Ela sempre evitava as cortinas entrelaçadas, tentando não lhes desfazer a

trama. Se a teia se balançava em fios finos, Calli sabia que alguma pessoa ou animal estivera ali antes dela, e, se uma inspeção mais atenta revelasse marcas de pegadas de ser humano, ela voltava e percorria outra trilha. Calli gostava de pensar que podia ser a única pessoa nas redondezas, por muitos e muitos quilômetros. Que o esquilo listrado que se sentava num galho de árvore velho e apodrecido, mexendo as garrinhas, estava vendo um ser humano pela primeira vez. Que ela, aquela criatura de olhos tristonhos diante do bichinho, não pertencia ao lugar, mas também não perturbaria o mundo dele. Pisou com cautela ao redor de um bordo vermelho, e a brisa provocada por seus movimentos fez com que a teia balançasse precariamente por um instante e, em seguida se aquietasse.

Um ruído de movimento à direita surpreendeu os dois. Um imenso cachorro com pelo ruivo passou por eles fungando, cheirando-lhes os pés. Calli estendeu a mão para lhe acariciar as costas mas ele seguiu adiante rapidamente, arrastando a cauda vermelha atrás de si.

— Meu Deus! — exclamou Griff, levando a mão ao peito — Quase me mata de susto. Vamos embora.

Apenas um animal assustara Calli em suas anteriores explorações da floresta. O corvo cor de ferrugem, com suas penas lisas e brilhantes, empoleirado em bordos retorcidos, seu grasnar perturbador cobrindo os calmos murmúrios da floresta. Calli imaginava uma multidão de corvos olhando para ela através de esconderijos nas folhas, com olhos brilhantes e frios como pérolas, observando, examinando. Os pássaros pareciam segui-la a distância, em mergulhos baixos e barulhentos. Calli olhou para cima. Não havia corvos, mas ela espiou uma trepadeira de penas cinza andando sobre o tronco de uma árvore, procurando por insetos.

— Tem certeza de que estamos indo pelo caminho certo? — Griff parou, inspecionando os arredores cautelosamente. As palavras dele soaram claras, menos emboladas.

Calli fez que sim com a cabeça. Andaram cerca de mais dez minutos e, então, Calli o levou para fora da trilha Broadleaf, onde as sarças e as cascas das noqueiras eram grossas. Calli examinou o chão em busca de ervas daninhas, não achou nenhuma e continuou em frente e subindo, apertando os olhos a cada novo passo. De repente, a mata emaranhada terminou e eles estavam nos limites do quintal de Louis. A grama estava molhada de orvalho e crescida; um amontoado de tacos de beisebol, luvas e outros brinquedos rodeavam uma pequena armação para balanços. Havia uma van verde à entrada da casa, que, por sua vez era pintada de marrom nas laterais e fora construída em estilo de rancho. Tudo estava quieto, com exceção do zunir das abelhas ao redor de um canteiro de margaridas secas. A casa parecia estar dormindo.

Griff pareceu incerto quanto ao que fazer em seguida. Suas mãos tremeram de leve sobre o ombro de Calli; ela podia sentir o movimento quase imperceptível através da camisola.

— Eu disse que ia trazer você para onde estava seu pai. Pense bem, você podia estar morando aqui, nessa excelente casa. — Griff gargalhou e passou a mão sobre os olhos injetados. — Você acha que a gente deve ir até lá e desejar bom dia? — A maior parte de sua arrogância anterior estava desaparecendo.

Calli balançou a cabeça tristemente.

— Vamos embora, estou com dor de cabeça. — Ele mal pegara o braço de Calli quando a batida de uma porta de tela o fez refrear o passo.

Uma mulher descalça, vestindo bermuda e camiseta, saiu da casa com um telefone sem fio colado no ouvido. A voz dela era alta e trêmula:

— Claro, você sai correndo desesperado quando ela precisa de você, quando a preciosa filhinha dela está desaparecida!

Griff ficou parado. Calli deu um passo para escutar melhor, e Griff a puxou pelas costas. Calli reconheceu a mulher, era a esposa de Louis, Christine.

— Não me importa se há duas garotas desaparecidas. É a filha dela que está desaparecida, e isso é tudo o que interessa para você! — falou rudemente Christine. — Quando Antônia liga, você corre para ela, e você sabe disso! — A mulher ficou em silêncio mais uma vez, escutando a voz do outro lado da linha. — Que seja, Louis. Faça o que você tem que fazer, mas não espere que eu fique feliz com isso! — A mulher arrancou o telefone da orelha e apertou um botão violentamente, encerrando a ligação. Ela armou o braço, como se fosse atirar o aparelho no mato, mas parou um instante. — Droga! — exclamou, depois baixou o braço e trouxe o telefone para o lado do corpo. — Droga! — repetiu, antes de abrir a porta de tela e entrar em casa de novo, deixando a porta bater.

— Humm... — falou Griff, deixando o ar escapar pelas narinas. Olhou para Calli. — Então, quer dizer que você está desaparecida? Queria saber quem pegou você. — Ele gargalhou. — Ah, eu sou um sequestrador, grande e mau. Meu Deus. Vamos. Sua mãe vai me matar quando a gente chegar em casa.

Calli se deixou levar sob as sombras das árvores e, imediatamente, o ar ao redor dela esfriou. A mãe sabia que ela estava desaparecida, mas não devia saber que estava com o pai. Mas quem era a outra garota que estava desaparecida? Calli apertou os olhos para evitar as lágrimas, querendo encontrar a mãe, trocar a camisolinha melada de xixi, lavar e colocar atadura nos pés sangrentos, ir para a cama e se esconder debaixo das cobertas.

Martin

Visitei todos os lugares que Petra adora: a livraria, a escola, a padaria, a casa de Kerstin, a casa de Ryan, Wycliff Pool e aqui, o East Park. Agora, caminho entre balanços, gangorras, escorregas e trepa-trepas, dos tradicionais, de ferro, e dos mais sofisticados, com casinha e escada. Subo até mesmo na locomotiva preta que a estrada de ferro doou à cidade, para que se integrasse como mais um brinquedo do parque. Fico impressionado com o fato de que alguém com o mínimo de autoridade possa acreditar que uma máquina dessas seja considerada segura para uma criança brincar. No passado, a utilizaram como trem de verdade, mas, claro, todas as peças perigosas foram retiradas, os vidros, substituídos por plásticos, pontas afiadas, polidas. Mas, ainda assim, é imensa, imponente. Coisa ideal para dar a crianças pequenas que não têm medo algum e acham que podem voar, caso surja a oportunidade. Já vi crianças subirem as várias escadas que levam aos inúmeros esconderijos e recessos da locomotiva. As crianças participam de uma brincadeira que chamam de Assalto ao Trem, na qual existem muitas regras, frequentemente não declaradas e criadas na hora, à medida que o jogo se desenvolve. Já as vi pularem do ponto mais alto, no topo do trem, e aterrissarem no chão com um som seco que, para mim, soa como o de osso se partindo. No entanto, inevitavelmente, as crianças se levantam sorrindo e batendo a sujeira das roupas, que ficam num estado lastimável.

Subo também no ponto mais elevado, no topo da locomotiva preta, e procuro pelo parque por um sinal de Petra e Calli. Pela primeira vez, sinto a exaltação que as crianças devem sentir. O sentimento de estar no ápice, onde não resta outro canto a ir, a não ser para baixo; é uma sensação de tirar o fôlego, e sinto minhas pernas vacilarem, incertas, enquanto olho ao redor. Elas não estão em parte alguma. Eu me abaixo e sento, as pernas escanchadas na enorme máquina. Olho para minhas mãos sujas de ferrugem, tão entranhada no trem que nunca será inteiramente removida, e penso em Petra.

Na noite em que Petra nasceu, fiquei no hospital com Fielda. Não saí do lado dela. Sentei-me numa cadeira confortável, perto do

leito do hospital. Surpreendi-me com o luxo da suite da parturiente, o papel de parede suave, as luzes que diminuía com o girar de um botão, o banheiro com uma banheira de hidromassagem. Fiquei contente por Fielda dar à luz em um lugar tão agradável, atendida por uma enfermeira calma, que poria a mão hábil sobre sua testa suarenta e lhe sussurraria palavras de conforto.

Nasci no Missouri, em minha casa, numa fazenda de criação de porcos, como meus outros sete irmãos e irmãs mais novos. Estava bem acostumado aos sons de uma mulher dando à luz e, quando Fielda começou a emitir os mesmos sons assustadores e poderosos, fiquei tonto e precisei sair do quarto do hospital por um instante. Quando era novo, observava minha mãe, grávida, fazendo os serviços regulares da casa com a mesma diligência a que já estava acostumado. Porém, lembro-me de vê-la segurar o balcão da cozinha ao ser surpreendida por uma contração. Quando o rosto rígido e orgulhoso começava a se desfazer em dor, ficava ainda mais atento. A determinada altura, ela me mandava à casa de minhas tias para chamar a irmã e a mãe para ajudarem no parto. Corria aquela distância rapidamente, agradecido por me ver livre da atmosfera ansiosa que invadira a boa ordem de nosso lar.

Nos verões, eu ia descalço, e as solas dos pés ficavam duras e calosas. Protegido da massa de lama e pedras, mal sentia o chão. Preferia usar sapatos, mas minha mãe só me permitia calçá-los aos domingos ou na escola. Eu odiava que as pessoas vissem meus pés expostos, a sujeira que se grudava às unhas. Tinha o hábito de me equilibrar sobre uma perna, com a outra apoiada no topo dela, de dedos dobrados, de modo que só a parte de cima de um dos pés sujos pudesse ser vista. Minha avó ria de mim e me chamava de "cegonha". Minha tia achava isso muito divertido, principalmente quando eu ia chamá-las para ajudar minha mãe a dar à luz. Ela soltava uma tremenda gargalhada, ruidosa, agradável de se ouvir, tanto assim que eu não conseguia evitar um sorriso, ainda que fosse eu o alvo da risada. Entrávamos no Ford enferrujado de minha avó e seguíamos de volta para a fazenda. Passávamos pela pocilga, e

meu pai acenava para nós, abrindo um largo sorriso. Aquele era seu sinal de que um novo filho ou filha nasceria em breve.

Tecnicamente falando, eu era um garoto de fazenda, mas não me interessava pelos detalhes do seu funcionamento. Meu interesse era por livros e números. Papai, um homem simples e gentil, balançava a cabeça quando eu não mostrava o menor interesse pela reprodução das leitoas, mas, ainda assim, eu tinha tarefas a cumprir. Limpar os cercados e levar baldes de lavagem para alimentar os porcos eram algumas de minhas responsabilidades. Porém, me recusava a ter a mínima participação que fosse no abate. A ideia de matar qualquer ser vivo me deixava nauseado, embora não demonstrasse problema quanto a comer o porco. No dia do abate, eu desaparecia convenientemente. Sacava os sapatos do fundo do armário e os amarrava apertado, sem deixar marcas, e andava até a cidade, que ficava a 5km de distância. Quando chegava aos arredores, cuspi nos dedos e me agachava para limpar a poeira e a sujeira dos sapatos. Verificava atentamente para me certificar de que o cartão da biblioteca, rachado e flexível do uso frequente, ainda estava no lugar ao entrar no edifício. A bibliotecária sabia meu nome e sempre reservava livros de que sabia que eu gostaria.

— Não precisa trazê-los de volta em duas semanas — dizia ela com tom conspiratório, me entregando os livros, enfiados cuidadosamente na sacola de pano que eu levava. Ela sabia que fazer a viagem de volta a cada duas semanas seria difícil para mim, mas, quase sempre, eu encontrava um jeito de conseguir.

Voltava para a fazenda após terminado o abate do dia, e meu pai estava esperando no alpendre diante de casa, rolando o cigarro entre os dedos, bebendo um chá gelado que minha mãe preparara. Eu me admirava do tamanho dele enquanto me aproximava lentamente, sabendo que a decepção me aguardava. Meu pai era um homem enorme, tanto em altura quanto em circunferência, os botões de suas camisas de trabalho ficavam pressionados contra a curva da barriga. As pessoas que não o conheciam se encolhiam

diante de sua vastidão, mas eram rapidamente seduzidas pelos modos gentis dele, à medida que o conheciam. Não consigo me lembrar de uma circunstância em que meu pai tenha erguido a voz para minha mãe ou para meus irmãos e irmãs.

Certo dia terrível, quando eu tinha 12 anos, voltei da biblioteca depois de me esquivar das responsabilidades na fazenda, e meu pai estava apoiado na cerca de madeira, nos limites da pocilga, me esperando retornar. O rosto normalmente plácido demonstrava raiva, e os braços estavam cruzados sobre o peito amplo. Ele observava minha aproximação com olhar fixo, e tive um ímpeto de largar os livros e fugir em disparada. Não fiz isso. Continuei a caminhar até o ponto onde ele estava e olhei para meus sapatos sociais, imundos de pó e sujeira.

— Martin — disse ele num tom de voz grave que não reconheci — Martin, olhe para mim.

Ergui os olhos, fitei os dele e senti o peso da decepção em mim. Pensei estar sentindo o cheiro de sangue do abate nele.

— Martin, nós somos uma família. E o negócio de nossa família é a fazenda de criação de porcos. Sei que você se envergonha disso...

Balancei a cabeça rapidamente. Não era o que eu sentia, mas não sabia como fazê-lo entender. Ele prosseguiu:

— Sei que o que faço é repugnante e o envergonha, e que o fato de eu não ter o mesmo tipo de escolaridade que você, também. Mas isso é o que sou, um criador de porcos. E é o que você é também. Pelo menos por enquanto. Não consigo ler seus livros complicados e não entendo algumas das palavras difíceis que você usa, mas meu trabalho põe comida em nossa mesa e esses sapatos em seus pés. Para isso, preciso da ajuda da minha família. Você é o mais velho, precisa ajudar. Encontre um jeito de nos ajudar, Martin, e me diga como será, mas você precisa ter uma participação. Você

não pode correr para a cidade quando tem trabalho para fazer. Entendeu?

Assenti com a cabeça, o ardor da vergonha que sentia subia para meu rosto.

— Pense nisso, Martin, hoje à noite. Pense nisso e me diga pela manhã que função deseja desempenhar. — Depois de falar isso, ele caminhou para longe de mim, a cabeça baixa, as mãos enfiadas nos bolsos traseiros da calça de trabalho.

Dormi pouco naquela noite, tentando encontrar uma maneira de ser útil para minha família. Não queria sobrecarregar meus irmãos e irmãs e não tinha muito jeito para construir ou consertar coisas. Em que eu era bom? Fiquei pensando a noite toda. Era um bom leitor e bom em Matemática. Aqueles eram meus pontos fortes. Meditei sobre isso naquela noite e, quando meu pai acordou na manhã seguinte, eu o esperava à mesa da cozinha.

— Acho que sei como posso ajudar, papai — falei timidamente, e ele me recompensou com seu sorriso assimétrico.

— Sabia que sim, Martin — ele respondeu e sentou-se perto de mim.

Mostrei tudo a ele, os registros financeiros da fazenda, fazendo-o perceber da forma mais gentil que pude como continham descuidos e imperfeições. Poderia ajudar, disse a ele, ao acompanhar as movimentações financeiras. Encontraria maneiras de economizar e de tornar a fazenda mais eficiente. Ele ficou feliz com meu plano, e eu, agradecido pela fé que depositava em mim. Nunca chegamos a enriquecer com a fazenda familiar, mas nossa qualidade de vida melhorou. Conseguimos adquirir novos equipamentos e serviços e instalar um telefone; pudemos comprar sapatos para cada uma das crianças para o ano todo, ainda que eu fosse o único que escolhia usá-los no verão. Em um dia de inverno, quando eu tinha 16 anos, pouco antes do aniversário de meu pai, fui com o caminhão da fazenda até a única loja de departamentos da

cidade, que vendia de tudo, desde comida até aparelhos eletrônicos. Gastei duas horas e meia olhando para os dois modelos de televisor que tinham à disposição, pesando os prós e os contras de cada um deles. Finalmente, resolvi adquirir o de 12 polegadas, com grandes antenas de latão. Acomodei-o com cuidado na boleia do caminhão, perto de mim, enrolada em lençóis para evitar que uma sacudidela ao longo da estrada suja e tortuosa pudesse danificá-la, e voltei para a fazenda.

Quando meu pai voltou naquela noite, depois de cuidar dos porcos, estávamos reunidos na sala de estar, os nove, encobrimos a visão do presente de aniversário dele.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou papai, já que era difícil que todos nos reuníssemos em um lugar que não fosse a mesa do jantar.

Minha mãe começou a cantar "Parabéns pra você" e todos a acompanhamos. Ao final da música, abrimos espaço para que visse a pequenina televisão, colocada sobre uma velha estante de livros.

— O que é isso? — perguntou papai, sem acreditar. — Que foi que vocês fizeram?

Estávamos todos sorrindo para ele, e minha irmã mais nova, Lottie, que tinha 7 anos, soltou um grito agudo:

— Ligue, papai, ligue!

Meu pai se adiantou, girou o botão para a posição "Liga" e, após um instante, a imagem em preto e branco de um programa de variedades preencheu a tela. Todos rimos, maravilhados, e nos aglomeramos em volta da televisão para ouvir. Meu pai controlou o botão do volume até que estivéssemos satisfeitos com a altura do som, e assistimos ao programa com extrema atenção. Mais tarde, ele me puxou de lado e me agradeceu. Descansou a mão em minha nuca e me olhou bem nos olhos; tínhamos quase a mesma altura então.

— Meu filho — sussurrou ele. Essas foram as palavras mais lindas que jamais ouvi. Ao menos até Petra balbuciar "dá-dá" pela primeira vez.

Segurar Petra pela primeira vez, depois do longo trabalho de parto de Fielda, foi um milagre para mim. Eu trabalhara anos, tentando me livrar de minhas raízes de garoto criado na fazenda, abandonar o mais leve sotaque regional, me apresentar como um homem culto e inteligente, não o filho de um rude criador de porcos. Vi-me embasbacado com a perfeição que segurava nos braços, os cílios longos e negros, a desordenada massa de cabelo negro no topo da cabeça em forma de cone, as macias dobrinhas de pele sob o pescoço, o decidido movimento de sucção que ela fazia com os lábios pequeninos. Para mim, era tudo extraordinário.

Ainda em cima do trem, coloco o rosto sobre as mãos sujas. Não consigo encontrá-la e não posso suportar a desgraça de retornar para casa e me deparar com Fielda sem ter nossa filha comigo. Estou com vergonha de novo. Mais uma vez, negligenciei meus deveres, agora como pai, e imagino de novo a decepção no rosto de meu próprio pai.

Assistente de xerife Louis

No caminho para a casa dos Gregory, entro em contato com o xerife, Harold Motts. Preciso contar a Harold novidades sobre o que está acontecendo. Fazer com que saiba que tenho um mau pressentimento, que não acho que seja um mero caso de duas garotas perambulando por aí para brincar.

— Que provas você tem? — perguntou-me Motts.

Tenho que admitir não ter nenhuma. Nada físico, pelo menos. Não há sinais de arrombamento, não há sinais de luta em nenhum

dos quartos das meninas. Só um mau pressentimento. Mas Motts confia em mim, nós nos conhecemos há muito tempo.

— Você está pensando em desaparecimento, Louis? — perguntou-me ele.

No mundo policial, só de usar essa expressão, uma longa cadeia de eventos pode ser acionada. A polícia estadual e a Divisão de Investigação Criminal vão aparecer, a imprensa e outras complicações. Meço minhas palavras antes de dizê-las:

— Tem alguma coisa errada aqui. Eu me sentiria muito melhor se você chamasse um dos policiais estaduais, só para verificar em que pé estão as coisas. Além disso, quando os chamamos, eles se responsabilizam pelos custos, não é? Nosso departamento não tem condições de manter ou pagar, sozinho, por uma busca ou investigação em grande escala.

— Vou chamar o Departamento de Investigação Criminal agora mesmo — diz Motts, para meu alívio. — Nós precisamos da perícia?

— Ainda não. Se dermos sorte, não precisaremos de jeito nenhum, mas talvez seja necessário. Estou voltando para as casas agora. É melhor chamar os reservistas — sugiro. Fico feliz por Motts ser o responsável por reunir os policiais que estão fora de serviço e os reservistas, afastá-los de suas famílias e trabalhos. Willow Creek tem uma população de cerca de oito mil pessoas, embora tenha um crescimento superior a 200 habitantes a cada outono, por causa da universidade. Nosso departamento é pequeno; temos dez policiais ao todo, três para cada turno. Não são de grande ajuda quando há duas garotas de 7 anos desaparecidas. Precisaremos dos reservistas para ajudar a cobrir a vizinhança e fazer perguntas aos moradores.

— Louis — diz Motts —, você acha que estamos tomando o mesmo rumo do caso McIntire?

— Pensei nisso — admito. Ano passado, não conseguimos achar nenhuma pista durante o sequestro e subsequente assassinato de Jenna McIntire, uma menina de 10 anos. A garotinha surge como um pesadelo durante meu sono todas as noites. Por mais que tente afastar a ideia de que algo parecido possa ter acontecido com Petra e Calli, não consigo. Faz parte de meu trabalho pensar assim.

Petra

Não consigo acompanhá-los; eles andam rápido demais. Sei que ele me viu, porque virou a cabeça para mim e sorriu. Por que não esperam por mim? Eu os chamo, mas eles não param. Sei que estão em algum lugar à minha frente, mas não sei bem onde. Ouço uma voz na distância. Estou chegando mais perto.

Calli

A temperatura subia regularmente e o canto grave das cigarras lhes enchia os ouvidos. Griff ficara inusitadamente calado, e Calli sabia que ele estava pensando com afinco em alguma coisa. A ansiedade tomou conta do peito de Calli, e ela tentou evitá-la. Voltou a atenção para a tentativa de localizar o esconderijo das cigarras que conseguia encontrar. Os frágeis casulos pendiam dos troncos das árvores e dos galhos, e ela já contara 12. Ben colecionava os casulos em uma velha caixa de jóias que pertencera à avó deles. Ele passava horas examinando a casca cinza e penugenta das nogueiras, procurando os invólucros ocos. Quando os achava, destacava-os da madeira com cuidado e os guardava na caixa de veludo. Chamava Calli para ver quando uma cigarra de olhar duro,

com olhos demoníacos, começava a escapar da proteção. Eles observavam intensamente a lenta jornada, a casca se partindo gradualmente, o inseto emergindo com as asas úmidas, na paciente espera pelo enrijecimento de seu exoesqueleto. Ben colocava o invólucro descartado na palma da mão aberta dela e as pequeninas patas, resquícios agudos de sua antiga vida, faziam cócegas em sua mão.

— Até a mulher dele sabe que tem alguma coisa acontecendo — murmurou Griff.

O coração de Calli acelerou. Treze, catorze... ela contava.

— Até a mulher dele sabe que ele se interessa demais por ela. Toni recorre a ele quando tem um problema. — A voz de Griff estava trêmula. — Ela me procura? Não, corre para Louis! E eu fazendo papel de pai para você esses anos todos! — Os dedos de Griff agora pressionavam o ombro de Calli, o rosto vermelho de calor e pingando de suor. Mosquitos minúsculos lhe rondavam a cabeça. Alguns se grudavam ao rosto gorduroso como grãos de poeira. — Você sabe o que os outros pensam de mim, já que todo mundo, todo mundo, sabe o que sua mãe fez? — Ele empurrou Calli inesperada e rudemente para o chão, e um forte suspiro escapou dela, pois a respiração lhe fora vedada.

— Ah, isso faz com que você emita sons? É disso que precisa para falar?

Calli se arrastou de costas, como um caranguejo, quando Griff assomou sobre ela. A cabeça vacilava, lágrimas silenciosas escorriam pelo rosto. Ele era pai dela; tinha as orelhas pequenas dele, o mesmo grupo de sardas sobre o nariz. No Natal, apanhavam aquele gigantesco álbum de fotografias de couro verde que mostrava o crescimento de Calli e Ben ao longo do tempo. A foto de Calli aos 6 meses, sentada no colo do pai, era quase idêntica à foto de Griff sentado no colo da mãe dele, anos antes; o mesmo sorriso desdentado, as mesmas covinhas no rosto.

Calli abriu a boca, desejando que a palavra saísse. "Papai", queria gritar. Queria se levantar e ir até ele, atirar os braços ao redor de Griff tanto quanto seus braços pudessem alcançar e se recostar no macio algodão da camiseta dele. Claro que era seu pai, a maneira como ambos ficavam de pé, com as mãos nos quadris, e a maneira como os dois comiam as verduras primeiro, depois o prato principal, reservando o leite para o fim... Os lábios de Calli tremeram na tentativa de modular a palavra de novo. "Papai", desejou dizer com toda a força de seu ser. Mas nada, apenas expeliu um pouco de ar.

Griff se aproximou, a raiva estampada no rosto.

— Escute uma coisa. Você pode até morar em minha casa, mas não sou obrigado a gostar disso! — Ele a chutou, a ponta do sapato atingiu o queixo dela. Calli se encolheu, formando um pequeno círculo, como um caracol, protegendo a cabeça. — Quando voltarmos para casa, vou dizer à sua mãe que você saiu para brincar e se perdeu, e que vim procurá-la. Entendeu? — Ele tentou atingi-la de novo, mas, dessa vez, Calli se virou antes que ele pudesse tocá-la. A força do chute fez com que Griff perdesse o equilíbrio e caísse fora da trilha, sobre uma pilha de galhos quebrados, de ponta afiada.

— Droga! — xingou ele, as mãos arranhadas e sangrando. Calli ficou de pé antes de Griff, com as pernas em posição, pronta para fugir. Ele tentou alcançá-la, e Calli virou o peito do pé numa estranha pirueta. A mão rude de Griff a segurou pelo braço por um instante, apanhando a pele lisa e macia das costas do braço de Calli. Depois ela se soltou e desapareceu.

Antónia

Sento À mesa da cozinha, esperando. Louis me disse para não entrar no quarto de Calli, porque eles podem precisar analisar as coisas dela, para ter uma ideia de aonde Calli podia ter ido. Olhei para ele, sem acreditar no que ouvia.

— O quê? Como se fosse a cena de um crime? — perguntei. Louis não olhou para mim ao responder que provavelmente não chegariam àquele ponto.

Não me preocupo em saber onde ela está tanto quanto Martin com relação a Petra, e me pergunto se sou uma péssima mãe. Calli sempre foi uma andarilha. Em mercearias, era só virar a cabeça um instante para olhar o rótulo de um pote de pasta de amendoim, e ela desaparecia. Tinha que percorrer os corredores, procurando. Calli sempre estava na seção de carnes, perto do recipiente das lagostas, apontando um dedo rechonchudo para o vidro do aquário. Ela se virava para me olhar, então meus ombros murchavam de alívio, e, com um olhar triste no rosto, me perguntava:

— Mãe, não machuca os caranguejos ficar com as patas amarradas desse jeito?

Eu lhe assanhava o cabelo leve e liso e lhe dizia:

— Não, isso não os machuca.

— Eles não sentem falta do mar? — persistia ela. — Nós devíamos comprar todos e libertá-los no rio.

— Acho que eles morreriam sem a água do oceano — eu explicava. Então ela tocava o vidro gentilmente de novo e me deixava levá-la embora.

Claro, isso era antes, quando não me angustiava procurando saber se ela voltaria a falar ou não. Antes de eu despertar de sonhos em que Calli falava comigo e ficar tentando me lembrar do som e da cadência de sua voz.

Tentei contato pelo celular de Griff uma dúzia de vezes. Nada. Penso em ligar para os pais dele, que moram no centro da cidade, mas resolvo não fazê-lo. Griff jamais se deu bem com o pai e a mãe. Eles bebem mais que ele, e Griff não fica no mesmo cômodo que o pai há mais de oito anos. Acho que essa foi uma das coisas que me aproximaram de Griff no começo. O fato de que nós dois éramos sozinhos. Minha mãe morrera, meu pai estava distante, remoendo a própria dor pela perda dela. E Louis, bom, aquilo terminara. Não de uma maneira arrebatadora, mas calma e tristemente. Griff tinha apenas os pais, críticos e indiferentes. Sua única irmã se mudara para longe, tentando se afastar do estresse e do drama que era conviver com dois pais alcoólatras. Quando Griff e eu nos conhecemos, foi um grande alívio. Podíamos respirar facilmente, ao menos por um tempo. Depois as coisas mudaram, como sempre acontece. Como agora, quando mais uma vez não consigo encontrá-lo quando preciso.

Dobro e desdobro os panos de prato da gaveta da cozinha e penso que devo ligar para meus irmãos, contar a eles o que está acontecendo. Mas a ideia de colocar em palavras o fato de Calli estar desaparecida ou coisa pior, é muito assustadora. Olho através da janela da cozinha e vejo Martin e Louis saírem do carro de Louis, a camisa de Martin já molhada com o calor do dia. As garotas não estão com eles. Ben vai achá-las. As duas têm enorme afinidade, e ele as encontrará.

Assistente de xerife Louis

Eu e Martin Gregory nos aproximamos da porta da frente de Toni. Martin não teve a sorte de localizar sua filha, nem a de Toni, e tenho esperança de que as meninas estejam sentadas à mesa da cozinha, comendo as panquecas preparadas por Toni, ou que tenham aparecido na casa dos Gregory, onde Fielda está esperando

por elas. Ainda estou pensando em minha discussão ao telefone com Christine e tento afastar suas palavras duras de minha mente.

A porta de Toni se abre antes mesmo de eu bater, e ela está ali, diante de mim, tão bonita, vestida com sua típica roupa de verão: uma camiseta regata, bermuda de brim e pés descalços. Está bronzeada, devido às horas gastas no jardim ou por ficar ao ar livre com as crianças, acho.

— Você não as encontrou — afirma Antónia. Não é uma pergunta.

— Não — respondo, balançando a cabeça, e nós dois atravessamos a entrada da casa. Ela nos conduz até o interior, não para a sala de estar, como antes, mas para a cozinha, onde uma jarra de chá gelado está posta sobre o balcão, junto com três copos cheios de gelo.

— Está quente demais para tomar café — explica ela e começa a servir chá. — Por favor, sentem-se — convida, e nos sentamos.

— Você tem alguma ideia de onde mais elas poderiam estar? — pergunta Martin, num tom suplicante.

— Ben ainda está lá fora, procurando na floresta. Ele sabe aonde Calli poderia ir — diz Toni. Há uma curiosa falta de preocupação em seu tom de voz. Por incrível que pareça, ela parece achar que não há nada de errado.

— Calli explora a floresta com frequência, Toni? — pergunto a ela, escolhendo minhas palavras com cuidado.

— É como um segundo lar para ela. Exatamente como era para nós, Lou — diz ela. Nossos olhos se encontram e uma enxurrada de lembranças passa por nós. — Ela nunca vai muito longe e sempre volta. Sã e salva — acrescenta Toni, acho que para acalmar Martin.

— A gente não permite que Petra vá à floresta sem um adulto por perto. É muito perigoso. Ela não sabe o caminho — fala Martin, sem intenção de acusar.

Ainda estou pensando na maneira como Toni me chamou, "Lou", algo que não fazia havia anos. Passou a me chamar de Louis no dia em que ficou noiva de Griff. Foi como se o uso mais formal de meu nome agisse como uma proteção, como se eu não houvesse conhecido suas partes mais íntimas.

— Ben voltará em breve, Martin — diz Antónia, apaziguadora. — Se as garotas estiverem por lá — ela aponta para os lados da floresta com seus braços finos e fortes —, Ben as trará para casa. Não consigo imaginar aonde mais elas poderiam ter ido.

— Talvez a gente devesse ir lá e procurar também — sugere Martin. — Um grupo de busca. Quer dizer, duas garotinhas não podem ter ido muito longe, não é? Podíamos juntar um pessoal, cobrir uma área maior. Se mais pessoas estivessem procurando, teríamos mais chances de encontrá-las.

— Martin — replico —, não temos provas de que as garotas estão lá. Seria ruim direcionar todos os nossos recursos para uma única área e, provavelmente, perder outra linha de investigação. A floresta tem cerca de quatro mil hectares, e a maior parte não é administrada. Felizmente, se elas estão lá, permaneceram nas trilhas.

A gente tem um assistente no local neste momento. —Aponto para o outro carro de polícia que está estacionado à entrada da casa dos Clark. — Acho, no entanto, que precisamos informar ao público que temos duas garotas em local desconhecido.

— Local desconhecido! — Martin aumenta o tom de voz, o rosto sombrio de raiva. — Não coloquei minha filha em local desconhecido. Nós a pusemos para dormir às oito e meia da noite passada, e, quando acordei esta manhã, ela não estava na cama. Estava de pijama, pelo amor de Deus. Quando é que vocês vão

entender o fato de que alguém pode tê-la levado da cama? Quando vocês...

— Martin, Martin, não tive a intenção de sugerir que você ou Toni fizeram nada de errado — falo, tentando acalmá-lo. — Não há motivo para acreditar que elas foram sequestradas, nenhum sinal de arrombamento. Os tênis dela sumiram, Martin. Você acha que um intruso esperaria Petra calçar os tênis antes de irem embora? Isso não faz sentido.

Martin suspira:

— Desculpe. Só não consigo imaginar aonde elas poderiam ter ido. Se não foram... se não foram sequestradas e não estão nos lugares em que normalmente brincam, a floresta parece ser o lugar mais lógico aonde iriam, principalmente se Calli se sente tão à vontade lá.

Antónia faz que sim com a cabeça.

— Aposto que Ben vai chegar em breve com as duas, com os rabinhos entre as pernas por causa da confusão que armaram.

Um pensamento me ocorre.

— Toni, há um par de sapatos de Calli desaparecido?

— Não sei. — Toni se endireita um pouco na cadeira, o copo de gelo suando na mão dela. — Vou verificar.

Toni se levanta e sobe as escadas até o quarto de Calli. Martin dá um gole no chá, deixa o copo sobre a mesa e depois, sem saber o que fazer com as mãos, pega o copo de novo.

Eu e Martin ficamos sentados sob um silêncio desconfortável por um tempo e, então, ele fala:

— Nunca entendi como Petra e Calli se tornaram tão grandes amigas. Elas não têm nada em comum, nada. A garota nem ao

menos fala. Como, em nome de Deus, duas garotas de 7 anos podem se divertir se apenas uma delas fala? — Ele olha para mim, irritado. — Petra diz: "Eu e Calli podemos comer um sanduíche? Só um sanduíche de pasta de amendoim para Calli; ela não gosta de geleia." Quer dizer, como ela pode saber disso se Calli não fala? Eu simplesmente não entendo — diz ele, agitando as mãos.

— Almas gêmeas — diz uma voz suave da escadaria. Toni entra na cozinha carregando um par de tênis surrados na mão e um par de sandálias de dedo igualmente gastas na outra. — Elas são almas gêmeas — repete ela para nossos olhares inquisidores. — Elas sabem do que a outra precisa. Petra pode ler a mente de Calli como um livro, do que ela quer brincar, se ela está magoada; tudo. E Calli também. Ela sabe que Petra tem medo de trovões e a leva ao seu quarto e toca música bem alto para cobrir o som do trovão. Ou, se Petra está se sentindo triste, Calli consegue fazê-la rir. Calli faz ótimas caretas: ela faz todos rirem. São as melhores amigas uma da outra. Não sei explicar como funciona, mas é o que acontece com elas. E me alegro com isso. Petra não se importa se Calli não sabe falar, e Calli não se importa se Petra tem medo de trovão ou ainda chupa o polegar às vezes. — Toni faz uma pausa e egue os sapatos. — Os sapatos dela ainda estão aqui. Vamos comprar sapatos novos para a escola na semana que vem. As botas de caubói dela ainda estão na garagem, eu as vi mais cedo. Calli não está usando sapatos. Ela não iria à floresta sem eles.

O queixo de Toni começa a tremer e, pela primeira vez desde o desaparecimento da filha, ela parece assustada. Coloco a mão sobre seu braço, e ela não o afasta.

Ben

Procurei em todos os lugares onde nós brincamos. Primeiro, Willow Wallow, onde balançamos nos galhos dos salgueiros-

chorões, fingindo ser macacos. Olhei debaixo dos sete salgueiros, achando que encontraria você e Petra lá, escondidas. Fui até a ponte Lone Tree, uma fina árvore caída em Willow Creek. A gente se alternava para ver quem conseguia cruzá-la mais rápido. Eu sempre vencia. Você também não estava lá. Andei pela trilha Spring Peeper Pond, de alto a baixo, certo de que encontraria vocês duas procurando os sapos nas árvores. Mas estava errado quanto a isso também. Não quero voltar para casa sem vocês.

Estou começando a achar que papai levou você com ele para a pescaria. Isso é típico dele, de repente querer se mostrar um pai de verdade e passar um tempo com você. Ele pode nos ignorar durante semanas, aí nos olha, cheio de interesse, e nos leva para fazer algo bem divertido. Uma vez, resolveu me levar para pescar na baía. Fomos de noite, só eu e ele. A gente não tinha nenhum lagarto, então achamos queijo na geladeira e o usamos. Sentamos durante horas na praia, onde o mar é mais bravo. Nem ao menos conversamos muito, apenas matamos mosquitos e apanhamos alguns tamboris e peixes-lua, rindo porque eles eram muito pequenos. Fizemos uma aposta para ver quem pegaria o peixe menor, cinco dólares, e eu ganhei. Pesquei um peixe-lua do tamanho de um barrigudinho. Comemos amendoins, jogamos as cascas na água e bebemos refrigerante. Quando o sol começou a baixar, ouvimos os grilos trilar, e papai disse que a gente podia descobrir a temperatura só de prestar atenção ao número de trilos que um grilo emite. Eu disse que duvidava. E ele disse: "Sim, senhor!" E me disse como era. Esse dia foi ótimo. Então estou pensando que ele pensou que você e ele deviam fazer algo juntos e a levou para pescar com Roger, mas não pensou em contar a ninguém. Mas, pensando melhor, não acho que levaria duas garotas pequenas para pescar com ele. Quem sabe, ele é difícil de entender às vezes.

Você sempre foi uma boa companhia, Calli, tenho que lhe dizer isso. Não é uma menininha cheia de caprichos. Lembro-me de quando você tinha 1 ano e estava começando a andar, toda trêmula e insegura. Eu estava com 6 e mamãe nos disse para ir lá fora

brincar. Você me seguiu, tentando fazer tudo que eu fazia. Eu apanhava as maçãs machucadas do chão, debaixo da macieira, e as atirava ao lado da garagem, e você fazia a mesma coisa. Eu não gostava muito de ter um bebê a meu lado, mas adorava o jeito como você dizia "Beh, Beh!", querendo dizer Ben. Sempre que me via, era como se você se surpreendesse com minha presença, como se tivesse sorte por eu entrar no quarto, mesmo que tivesse me visto dez minutos antes.

Mamãe ria e dizia: "Veja, Ben, Calli adora o irmão mais velho dela, não é, Calli?" E você batia com o pezinho gordinho e gritava: "Imão, imão!" Então você vinha até mim, agarrava e apertava minha perna.

Mais tarde, naquele mesmo ano, ganhei o par de botas de caubói mais legais do mundo em meu aniversário. Elas eram pretas e tinham cadarços vermelhos. Eu as usava para ir a toda parte, o tempo todo. E, se um bebê pode ter inveja de botas, você tinha inveja. Você me via usando as botas e me admirando diante do espelho e ia direto na minha direção para tentar arrancá-las de meus pés. Era muito engraçado; mamãe se sentava no chão do quarto e morria de rir. Eu não sei se você pensava que eu amava aquelas botas de caubói mais do que a você mesma, ou se simplesmente gostava de me ver irritado, mas aquele foi seu passatempo durante certo período. No final, você sempre conseguia arrancar uma das botas, porque era tão menor que eu, e eu não podia simplesmente chutá-la para longe. Eu me enrascaria de verdade se fizesse isso. Muitas vezes, você ficava me espiando enquanto eu assistia à TV e ficava grudada até conseguir tirar uma das botas, depois corria. Na maioria das vezes, só jogava a bota pela escada ou no jardim, mas uma vez a atirou dentro da privada. Como fiquei irritado! Eu me recusei a usá-las depois disso. Mamãe a lavou e deixou no sol para secar, mas, mesmo assim, eu não usava as botas. Mas você, com certeza, sim. Elas se tornaram suas depois disso, ainda que fossem muito grandes para seu tamanho. Você as usava com qualquer roupa; bermuda, vestido, até com o pijama. Mais de uma vez mamãe precisou tirá-las dos seus pés depois de

você adormecer na cama. Você ainda as usa de vez em quando. Na verdade, não me surpreenderia se você estivesse na floresta com elas agora mesmo, andando por aí.

Não me lembro com muita clareza de quando você parou de falar, mas sei que tinha 4 anos, e eu, 9. Um dia, estava calçando minhas botas, me contando as piadas mais bobas e rindo feito uma louca, e eu revirava os olhos. Então, no dia seguinte, nada, nenhuma palavra. Tudo ficou muito silencioso por aqui. Como quando a pessoa sai depois da primeira tempestade de neve do ano, tudo está coberto de branco e ninguém removeu a neve ainda, nenhum carro está na rua. Tudo está calmo, e é bom. Durante algum tempo. Depois fica um pouco assustador, um silêncio tão grande que você grita só para ouvir a própria voz, e os arredores encobertos não devolvem nenhum som.

Calli

Calli correu pela trilha Broadleaf até o cruzamento com a River Bottom, onde o trajeto se desenrolava num íngreme declive até desembocar no riacho. Cada detalhe da floresta tinha seu próprio cheiro, podendo ser o doce das flores em espiral, o odor pungente das cebolas selvagens ou o fétido das folhas em decomposição. Cada buraco, cada canto tinha seu próprio clima, quente e úmido, fresco e árido. A medida que Calli corria em direção ao rio, aprofundando-se cada vez mais na floresta, a temperatura baixava, as árvores ficavam mais juntas umas das outras, a vegetação se enroscava mais em torno de seus tornozelos.

Calli podia ouvir o corpo grande de Griff desbravando a trilha atrás dela. Seu peito queimava a cada respiração, mas, mesmo assim, ela correu, troncos altos e falsos penhascos se misturavam, embaçados, nos cantos dos olhos. Pedacos de chão iluminados pelo sol brilhavam intermitentemente adiante. Uma pontada na

lateral das costas a fez diminuir o ritmo até parar. Ela ouvia a mata com atenção. O riacho estreito gorgolejava, um cardeal chamou e os insetos zumbiam. Calli procurou um lugar onde se esconder. Fora da trilha, viu os restos de várias árvores caídas, cruzadas no chão, atrás das quais podia descansar, talvez por alguns minutos, sem ser vista. Escalou a pilha amarfanhada de troncos e recaiu, cuidadosamente, para o lado oposto ao da trilha. Uma vez sentada, juntou os gravetos e galhos à volta para camuflar a camisola rosa. Tentou domar a respiração ofegante. Não queria que Griff encontrasse presa entre os galhos sem ter uma rota de fuga imediata. Minutos se passaram sem que Griff aparecesse. Apenas a batida reconfortante de um pica-pau, em algum lugar acima dela, se sobressaía entre os sons da floresta. Apesar do calor, Calli tremia e tentava conter os arrepios do braço. A raiva que Griff irradiava despertava a lembrança de Calli, que tentava afastá-la da cabeça. Aquele dia.

Fazia frio naquele dia de dezembro. Ela estava com 4 anos, e Ben tinha saído para andar de trenó com alguns amigos. Sua mãe, gravidez avançada, preparava chocolate quente, salpicando marshmallows brancos e fofos no líquido fervente, para então colocar um cubo de gelo na xícara de Calli e esfriá-lo. Calli estava na mesa da cozinha, cercada de papel e canetas hidrocor.

— Que nome daremos para o bebê, Cal? — perguntou a mãe enquanto servia o chocolate. — Não vá queimar a boca.

Calli pôs de lado o desenho que fazia de pinheiros de Natal, renas e um Papai Noel bonachão.

— Picolé, acho — respondeu ela, pressionando a colher no marshmallow derretido.

— Picolé? — perguntou a mãe, rindo. — É um nome estranho. O que mais?

— Tortinha — riu Calli.

— Tortinha? Esse será seu segundo nome?

Calli respondeu que sim com a cabeça, o sorriso cheio de marshmallow.

— Bolo de Aniversário — acrescentou ela. — Picolé Tortinha Bolo de Aniversário, esse é o nome dela.

— Eu gosto — disse a mãe, sorrindo. — Mas todas as vezes em que eu disser o nome, acho que ficarei com fome. Que tal Lily, ou Evelyn? Evelyn era o nome de minha mãe.

Calli fez uma careta e tentou dar um gole no chocolate quente. Sentiu o calor descer pela garganta e abanou a mão para esfriar a boca.

A porta dos fundos se abriu, trazendo uma lufada de ar que fez Calli gemer.

— Papai! — gritou ela. — Papai chegou! Ela subiu na cadeira e abriu os braços, agarrando-se ao pescoço do pai quando ele passou por perto. O frio que teimava em ficar no sobretudo escorreu para o moletom da menina enquanto ele tentava colocá-la de volta no lugar.

— Agora não, Calli, preciso falar com sua mãe. Calli não largou o pescoço dele enquanto ele tentava, desastrosamente, se aproximar da mãe. Ele, então, colocou-a no colo, apoiada no quadril.

O cheiro de cerveja atingiu o nariz da mulher.

— Está fedendo — resmungou ela. — Pensei que ia chegar há horas atrás — disse Antónia, num tom comedido. — Passou na cidade antes?

— Estive fora três semanas, que são mais algumas horas?

As palavras de Griff eram inocentes, mas tinham uma ponta de acidez.

— Parei no O'Leary's para umas cervejas com Roger. Antónia o examinou de cima a baixo.

— Pelo cheiro e pelo jeito como está cambaleando, não foram poucas. Passou um mês fora. Pensei que, quando voltasse, teria vontade de ver sua família.

Calli sentiu a tensão nas vozes dos dois e resmungou para sair do braço de Griff. Ele, então, a segurou com firmeza.

— Quero ver minha família, mas também quero ver meus amigos.

Griff abriu a geladeira e procurou uma cerveja, não encontrou e bateu a porta, fazendo as garrafas de vidro baterem umas nas outras.

— Não quero brigar. — Antónia chegou perto de Griff e lhe deu um abraço sem jeito, a barriga servindo de obstáculo. Calli estendeu os braços em direção à mãe, mas Griff a carregou no colo para a mesa da cozinha.

— Tive uma conversa interessante no O'Leary's — comentou Griff. — Antonia esperou, preparando-se para o que estava por vir. — Alguns amigos estavam dizendo que Louis esteve por aqui recentemente.

Antonia se virou para uma estante e começou a tirar os pratos.

— Ah, ele limpou a neve da entrada um dia na semana passada. Estava visitando a sra. Norland. O carteiro disse que ela não estava recolhendo a correspondência da caixa de correio. Mas ela está bem. Enfim, ele me viu com a pá e perguntou se eu queria ajuda — explicou, virando-se para ver a reação de Griff. — Ben

estava doente, vomitando. Não podia limpar, então fui eu mesma. Ele parou aqui, nada mais. Nem entrou em casa.

Griff continuou a olhar para Antonia, com o rosto implacável.

— Que foi? Você achou que nós... que nós... Estou grávida de sete meses! — Antonia riu, nervosa. — Deixe para lá. Pense o que quiser. Vou para a cama.

Antonia saiu da cozinha pisando forte. Calli podia ouvir seus passos pesados, desastrados, na escada.

Griff se levantou da cadeira rapidamente, levando Calli consigo. A força fez com que ela mordesse a língua e chorasse de dor, o gostinho de sangue tomando sua boca.

— Estou falando com você! — gritou ele, indo atrás dela. — Não quer ouvir o que todos estão dizendo? — Griff andou rapidamente até o pé da escada. — Volte aqui!

Calli viu uma veia roxa na testa dele, os tendões do pescoço forçando a pele. Ela começou a chorar alto e se debater no colo de Griff.

— Coloque-a no chão! — gritou Antonia. — Você a está assustando!

— Cale-se! Cale-se! — vociferou Griff para Calli, subindo dois passos por vez, o pescoço da menina aos solavancos.

— Deixe-a, Griff. Você a está machucando! — Antônia começara a chorar, os braços esticados em busca de Calli.

— Vadia imunda! Está voltando com ele. Com que cara eu fico? Viajo para trazer dinheiro para casa, enquanto você fica aqui, vendo seu namorado antigo.

Perdigotos lhe voaram dos lábios, misturando-se às lágrimas de Calli, fazendo com que ela se curvasse para trás bruscamente,

tentando escapar.

Antónia berrava:

— Meu Deus, Griff! Pare! Pare, por favor!

Griff havia alcançado o topo da escada, chegou perto de Antónia e lhe deu um puxão no braço.

— Vadia!

O choro histérico de Calli quase escondeu o ataque de Griff.

— Mamãe! Mamãe!

— Cale-se! Cale-se!

Griff atirou Calli ao chão, no topo da escada. A cabeça dela quicou no piso de madeira e a menina ficou em silêncio por um momento, os olhos desesperados, fixos na mãe, que afastava Griff para pegar Calli. Griff agarrou com força o braço da mulher, que o puxou de volta igualmente com força. Por um instante, antes que Toni despencasse escada abaixo, Griff quase conseguiu segurá-la. Calli e Griff assistiram, horrorizados, as costas de Antónia baterem nos degraus antes de ela cair no chão.

— Mamãe! — suplicou Calli, enquanto Griff deslizava pelos degraus em direção a Antónia. Ele se ajoelhou à frente dela. Antónia estava consciente, o rosto retorcido de dor, os braços envolvendo a barriga, enquanto gemia silenciosamente.

— Consegue se sentar? Cale a boca, Calli!—rosnou ele. Calli continuou a chorar, enquanto Griff ajeitava Antónia, fazendo-a sentar.

— O bebê, o bebê — chorava ela.

— Vai ficar tudo bem, vai ficar tudo bem — disse Griff, com sofreguidão. — Desculpe, desculpe! Calli, cale a boca. Consegue

andar? Pronto, vamos levá-la para o sofá.

Griff levantou Antónia gentilmente até que ela ficasse de pé e a levou para o sofá, onde a deitou e cobriu.

— Descanse, descanse. Vai ficar tudo bem.

Calli continuava a berrar ao fundo, o choro se aproximando à medida que descia a escada para ficar ao lado da mãe. Antónia, olhos semiabertos, estendeu o braço em direção a Calli.

— Saia! — berrou Griff. — Pelo amor de Deus, saia daqui e cale a boca!

As mãos de Griff tremiam quando ele agarrou Calli e a levou para a cozinha.

— Sente-se aqui e cale a boca!

Griff andava nervoso pela cozinha, puxava o próprio cabelo e aparava a boca com a mão trêmula.

Ele se curvou para falar com Calli, os gritos chorosos dela se transformando em soluços magoados, e sussurrou em seu ouvido por um minuto inteiro. Durante aqueles intermináveis 60 segundos, os olhos de Calli piscavam rapidamente no compasso das palavras de Griff. Sua respiração percorria os vincos delicados da orelhinha e se misturava ao choro suave da mãe. Ele, então, se levantou e saiu correndo pela porta de trás com o sopro de vento gelado de inverno, levando consigo mais do que havia trazido.

Naquela noite, depois que Ben chegou em casa, Calli e ele tomaram conta da mãe, deitada no sofá. Os gemidos desesperados, enlutados, de Antónia encheram a sala, até que Ben finalmente chamou o assistente de xerife Louis, e a ambulância chegou, em tempo para fazer o parto de um bebezinho lindo, silencioso, que parecia um passarinho, cuja pele estava da mesma cor azulada dos lábios de Antónia. Os paramédicos tiraram rapidamente a criança

inerte de perto, não sem que antes Calli lhe acariciasse gentilmente o cabelo cor de morango.

Anos depois, Calli estava sentada entre troncos caídos, alerta e tensa, lembrando-se dos sussurros do pai, que ainda ecoavam no ouvido. Ouviu sons vindos de algum lugar atrás dela. Não poderia ser o pai. O guarda florestal Phelps? A esperança brotou em seu peito. Ela teria coragem de sair do esconderijo? Pesou suas opções. Se saísse, o guarda certamente a ajudaria a chegar em casa, mas e se cruzassem com o pai? Seria entregue a ele, sem que tivesse chance de contar ao guarda o que acontecera. Não. Precisava ficar. Sabia como chegar em casa, só precisava ter paciência e esperar que Griff fosse embora. Ele desistiria logo, teria de ir pescar com Roger, beber alguma coisa. A calça verde-oliva do guarda Phelps passou por Calli e ela resistiu ao impulso de pular da toca de gravetos que havia construído e agarrar o homem. Desapareceu tão rapidamente quanto surgira, se misturando às samambaias enredadas, a pisada abafada reverberando pela terra esponjosa. Calli sentou-se, juntou os joelhos abaixo do queixo e cobriu a cabeça com os braços. Se não podia ver o pai, pensou, ele certamente não poderia vê-la.

Martin

Passo em casa e encontro Fielda de pé na entrada, o cabelo preto assanhado, preso, os óculos tortos pousados no nariz. Ela me olha com expectativa, eu faço que não com a cabeça, e seu rosto se desmancha.

— O que devemos fazer? — pergunta ela, lastimosa.

— O assistente de xerife mandou ligar para todas as pessoas que conhecemos, pedindo para procurar por elas. Disse para encontrarmos um retrato delas, para colocarmos em filipetas.

Levarei fotos das meninas ao distrito. Eles farão as filipetas para nós, depois encontrarei pessoas para ajudar a distribuí-las.

Fielda se aproxima de mim e me abraça.

— O que vamos fazer? — chora ela, baixinho.

— Vamos encontrá-la, Fielda. Vamos encontrar Petra e trazê-la para casa. Eu prometo.

Ficamos lá por um instante, deixando o peso de minha promessa ser absorvido por nossas peles, até que Fielda finalmente se afasta de mim.

— Vá lá pegar as filipetas — ordena ela.

— Vou ligar para as pessoas. Vou começar no A e percorrer o alfabeto.

Ela me dá um beijo de despedida, e lhe aperto a mão antes de fechar a porta.

Enquanto dirijo pelas ruas da cidade onde moro, meus olhos examinam cada centímetro de calçada à procura de Petra. Tento enxergar dentro de janelas, estico o pescoço para olhar para trás e, por várias vezes, quase saio da rua. Quando paro em frente ao distrito, minhas pernas tremem e é com joelhos fracos que ultrapasso a porta. Apresento-me ao homem sentado atrás de uma escrivaninha. Quando seus olhos encontram os meus, tento descobrir o que ele acha de mim. Suspeitaria de mim? Sentiria pena? Não sei dizer.

— Vou pegar essas filipetas para o senhor agora mesmo, sr. Gregory — diz ele e se afasta de mim.

Agora, no santuário de minha sala na St. Gilianus, cada instante sofrido do dia atordoa minha mente. Não consigo me concentrar. Sentado em meu gabinete no campus, ao lado de uma pilha de

papéis de onde o rosto lindo de minha filha me olha, quase posso sentir a presença de Petra na sala. Ela adora se sentar embaixo de minha imensa escrivaninha de nogueira. Lá, brinca com as bonecas, que carrega numa bolsa grande com seu nome escrito na frente. Enquanto trabalho, ouço as conversas intrincadas que as bonecas têm umas com as outras, e sorrio. Petra gosta que eu lhe conte a história misteriosa da universidade. Caminha comigo pelos prédios, o sol brilhando através dos vidros coloridos das janelas, em que estão desenhados santos e mártires da Igreja Católica. Muitas vezes me faz parar em frente à janela em que está são Gilianus, que dá nome à universidade. Em tons de safira, cinza, cobre e jade, o artista conta a trajetória de são Gilianus, um senhor de vestes marrons, empunhando um rolo de pergaminho, ladeado por um grande urso e um bando de pássaros pretos. Sempre contava a ela sobre são Gilianus, também conhecido como são Gallo ou são Callo, nascido na Irlanda no século VI. Reza a lenda que Gilianus, um eremita, ordenara a um urso na floresta onde vivia trazer lenha para a lareira de seu clã recluso, e fora obedecido. Contava-lhe a história de como o rei Sigebert, da Austrásia, hoje nordeste da França e oeste da Alemanha, implorara que Gilianus libertasse dos demónios a esposa prometida.

Gilianus aceitara e, sob o comando dele, a mulher se libertara da tortura dos demónios, que a deixavam com a forma de um bando de pássaros negros. Petra sempre se deleitava com essa história e esfregava com nervosismo o amuleto de nota musical que pendia do cordão do pescoço.

Meus colegas faziam paradas especiais em meu escritório quando sabiam que Petra estava comigo. Perguntavam a ela sobre a escola e os amigos, e ela fazia desenhos para que pendurassem em suas salas. Meus alunos também ficavam encantados com Petra; ela memorizara o nome de todos que eu encontrava quando me acompanhava. Um calouro exasperado fez uma visita de surpresa ao meu escritório no inverno passado, enquanto Petra brincava, feliz, sob minha escrivaninha. O jovem, normalmente confiante e charmoso, estava quase em prantos. Dizia achar que

não se formaria no tempo certo. Não conseguia se concentrar nos estudos e precisava arranjar outro emprego de meio período para ajudar a pagar a faculdade e o aluguel.

— Lucky — disse eu ao estudante —, tem muito com que se preocupar agora. É normal que esteja estressado.

Chamei logo Petra para sair de baixo da mesa para apresentá-la ao rapaz, antes que ele se emocionasse demais na frente dela.

— Essa é minha filha, Petra. Ela às vezes vem a meu escritório nos fins de semana para me ajudar. Petra, esse é Lucky Thompson, um de meus alunos.

Petra olhou para Lucky criticamente, examinou seus cabelos desarrumados, a calça larga e o moletom.

— Seu nome é mesmo Lucky? — perguntou, direta.

— Não, meu nome de verdade é Lynton, mas todos me chamam de Lucky — explicou ele.

— Muito bem — rebateu Petra, fazendo que sim com a cabeça.
— Então, você é mesmo sortudo?

Nota de rodapé: Lucky significa "sortudo" em inglês. (N. do T.)

— Na maior parte do tempo, acho que sim.

— Você tem um animal de estimação? — perguntou ela.

— Sim, um cachorro — respondeu Lucky, achando graça.

— Porque dizem que ter um bichinho de estimação ajuda a aliviar o estresse. Qual é o nome dele?

— Sargento. É um golden retriever.

— Legal. Pai, vovó não está precisando de ajuda no café? Lucky poderia trabalhar lá — sugeriu Petra.

Após uma ligação para minha sogra, vi que era verdade e combinei um encontro dela com Lucky.

— Você é uma menina legal, Petra — disse Lucky, rindo e fazendo carinho no queixo e na cabeça da menina.

De um jeito mágico e fácil, mais uma vez, Petra fez tudo ficar bem, e o rapaz saiu com um humor melhor e uma indicação para um emprego no Mourning Glory.

Estou agora com as juntas estalando de tanto esforço. Sinto o peso da idade hoje. Pego a pilha de filipetas e um rolo de fita adesiva, tranco a porta de meu escritório e começo a tarefa ingrata de pregar com tachas o cartaz com o rosto de minha filha em janelas e telefones públicos pela cidade.

Antónia

Minha orelha arde de tanto telefonar, tentando encontrar Calli e Petra. Liguei para todo mundo que consegui lembrar: vizinhos, colegas de classe e até professores. Ninguém as viu. Consigo perceber, na pausa do outro lado da linha, um julgamento silencioso. Perdi minha filha, meu bem mais precioso; de alguma forma, a deixei sair de perto de mim. Sei o que devem estar pensando, que, primeiro, deixei que a voz dela fosse roubada e, agora, todo o seu ser se foi.

"Que tipo de mãe ela é?" É o que estão omitindo. Em vez de dizê-lo, desejam-me sorte e oram, dizem que sairão para procurar e pedirão a todos que conhecem para procurá-las também. São muito gentis.

Penso que deveria ter espalhado cartazes no dia em que Calli perdeu a voz. PROCURA-SE, diriam eles, a linda voz de Calli Clark. Tem quatro anos, mas soa bem mais velha, vocabulário bem avançado, ouvida pela última vez em 19 de dezembro, logo depois que a mãe caiu da escada; por favor, telefone caso tenha qualquer informação sobre seu paradeiro, oferecemos RECOMPENSA. Bobo, eu sei, principalmente quando fiz tão pouco para realmente tentar ajudar Calli a recuperar a voz. Ah, fiz o básico. Levei-a a um médico e até a um terapeuta de família. Mas nada mudou. Sequer uma palavra. Esforcei-me tanto para esquecer o dia em que perdi o bebê, mas flashes aparecem nos momentos mais estranhos. Posso estar cuidando do jardim e lembro que tinha escolhido lhe dar o nome de Poppy; não poderia chamá-la Picolé Tortinha Bolo de Aniversário, mas Poppy parecia apropriado. Ela possuía um lindo cabelo ruivo; quando a trouxeram para que eu me despedisse, parecia uma florzinha murcha de pétalas vermelhas. Eles se esforçaram tanto para salvá-la, disseram, mas ela não conseguiu inalar o ar uma única vez neste mundo.

Posso estar de pé na pia, lavando uma frigideira, e me lembrar daquele dia em que Griff me colocou no sofá, de onde eu podia vê-lo levar Calli à cozinha e sussurrar algo em seu ouvido. Lembro-me de ter pensado: "Ah, ele está tentando acalmá-la com palavras reconfortantes."

Mas, depois disso, ela nunca mais disse nada, nunca mais. Nunca perguntei a Griff o que dissera a Calli, e, pior, nunca perguntei a Calli.

Saio de casa e a elevada temperatura imediatamente me toma de assalto. Vejo o calor emanado da rua, fazendo o ar ficar ondulado e espesso, e o canto da cigarra é quase ensurdecador. Ben está saindo lentamente da floresta. Seus ombros estão

curvados e as mãos, enfiadas nos bolsos da frente, molhadas de suor. Aos meus olhos parece um menininho de novo, sempre tão doce e inseguro, tentando fazer parte da turma, sem ter certeza de como conseguir isso. Sempre foi grande para a idade. Os colegas o admiram, impressionados com seu porte, mas ficam sempre meio intrigados com a gentileza dele.

— Desculpe-me — dizia ele, sempre que derrubava um adversário num jogo de basquete, e parava a jogada para ver se o jogador estava bêm.

— Desculpe, mãe — sussurrou Ben ao passar por mim e entrar em casa.

Sigo-o e o encontro escorado na bancada da cozinha. Pego um copo no armário, encho de gelo e limonada e dou a ele.

Nota de rodapé: Poppy significa "papoula" em inglês. (N. do T.)

Obrigada pela tentativa, Ben. Sei que fez o melhor que pôde. Ninguém conhece melhor essa floresta do que você. Se elas estivessem lá, sei que as teria encontrado.

Ele toma um generoso gole de limonada e faz cara feia com o azedo do suco.

Vou sair de novo. Chamarei meus amigos e voltaremos lá. Precisamos nos aprofundar na floresta. Ela pode ter entrado bastante, gosta de fazer explorações.

— É uma boa ideia. Também irei. Chamarei a sra. Norland para vir aqui e esperá-las, caso elas voltem. Vou pegar água, você liga para os meninos.

Ben está com a mão no telefone quando este toca; ele pula para trás, como que chocado, deixa-o tocar novamente e atende.

— Alô? — Alguém pergunta algo. — Um momento, por favor.

— Ele me dá o telefone e sussurra: — Louis.

— Lou? — digo e sinto meus olhos marejarem. — Alguma notícia?

— Não, nada ainda. Entrei em contato com a polícia estadual, e estão mandando uma pessoa. Chegará em cerca de uma hora. Vai querer falar com você e Ben, e também com o sr. e a sra. Gregory.

— Ele pausa por um instante. — Tentei contato com Griff e Roger Hogan, sem sucesso. A mulher de Roger disse que ele planejava pegar Griff por volta das quatro da madrugada e dirigir até Julien. Já liguei para o distrito policial de Julien. Um guarda irá até a guarita para avisar a eles o que está acontecendo.

Tento imaginar a reação de Griff ao descobrir que as meninas se foram. Ficaria preocupado? Voltaria imediatamente ou não faria nada e me deixaria resolver esse pesadelo sozinha? Como amei Griff, e ainda amo, acho, do meu jeito. Era interessante e houve uma época em que ele precisava de mim, antes de o álcool tomar meu lugar no coração dele.

— Eu e Ben devemos ir ao distrito? — pergunto, voltando minha atenção para o homem com quem eu tinha crescido junto, o homem com quem eu deveria ter me casado. Mas, se tivesse feito isso, não haveria Ben e Calli.

— Deixe que eu lhe ligue e vá até sua casa. Assim, se Calli voltar, você estará aí. Toni... preciso lhe dizer que o sujeito lá da polícia estadual é especializado em encontrar crianças desaparecidas. Ele já viu de tudo e não a conhece. Fará algumas perguntas... algumas perguntas de que você não vai gostar.

— Como assim? — indago, e imediatamente me dou conta do que ele quis dizer. — Você acha que ele pode pensar que tivemos alguma coisa a ver com isso? Pelo amor de Deus! — De uma hora para outra, sinto-me suja e culpada.

— Estarei lá com você, Toni. Esses figurões tendem a tomar conta, mas ele é bom. Ajudará a encontrar Calli e Petra.

— Tudo bem, Lou, estaremos lá — murmuro. Um silêncio tão pesado quanto o calor deste verão se estabelece entre nós.

— Toni, registrei Calli e Petra como desaparecidas no CNIC — prossegue Louis, como se quisesse que eu achasse não haver nada demais nisso. Mas sei que há.

— O que é, exatamente? — questiono.

— É a sigla do Centro Nacional de Informações Criminais. Eles centralizam um banco de dados de pessoas desaparecidas. Dessa forma, outras esferas da polícia saberão que estamos à procura das meninas. Espalhei avisos por todo o país. Todos estarão procurando Petra e Calli.

— Boa ideia — comento, minha cabeça girando. — Que tal um alerta laranja? Pode disparar um desses?

— Alertas laranja são disparados apenas quando uma criança é sequestrada. Não temos certeza disso. — Ficamos em silêncio por um momento. — Toni, tudo ficará bem, prometo — consola-me Louis, por fim.

Desligo o telefone. Ben me observa, esperando que eu lhe diga o que fazer.

— Vá tomar banho, Ben. Um agente da polícia estadual está a caminho.

— Que tal procurar mais? — interrompe ele, irritado.

— Louis nos instruiu assim, então é assim que vamos fazer. Vá tomar banho.

E me sento mais uma vez para esperar.

Calli

Os músculos de Calli se enrijeceram ao ouvir um barulho por perto e um som alto de galho se partindo. Ficou imediatamente alerta, o coração pulsando com uma batida que podia ser sentida nas têmporas. Ela se sentou, paralisada, esperando pelo próximo som, meio aguardando que Griff a conseguisse espiar por sobre o monte de galhos. Após um ruído suave de gravetos, leve demais para ser Griff, um veado de cauda branca apareceu em seu campo de visão, o pelo castanho-avermelhado manchado com as pintas brancas de um filhote. Ficou ali parado quando sentiu a presença de Calli. As orelhas do bicho eram longas e finas, parecidas com as de um coelho, pensou ela. Seus olhos eram pretos e cintilantes, da cor dos minerais que Ben guardava na cômoda. Os dois se entreolharam por um momento, e o filhote, curioso, se aproximou de Calli. Chegou tão perto que, se Calli se atrevesse, poderia tocar-lhe o nariz preto e liso. Prendendo a respiração, Calli mudou de posição e ficou de joelhos. O veado se assustou, deu vários passos para trás e então parou. Observaram-se mais uma vez, ambos com pernas longas e joelhos tortos, sozinhos. Andando hesitante em direção a Calli, o veado inspirou o ar em volta dela. Calli ousou sair do emaranhado de galhos e o veado vacilou para trás. Uma vez mais, estavam eles de pé, plácidos, um colocando o outro sob escrutínio, até que o filhote deu dois passos fortes até Calli. Surpresa, Calli andou para trás, esbarrando num vidoeiro, cuja camada externa, branca, parecida com papel, descascava em sua mão à medida que tentava se equilibrar. Uma vez recuperada, Calli se aproximou do veado com a mão suja estendida. E assim continuou. Uma valsa silenciosa, delicada, sob um domo de tons

cintilantes de verde, um carpete de terra sob eles, perdidos por um momento, juntos, cada um em seu próprio quarto quieto, sem falar nada, mas sussurrando um para o outro numa estranha dança particular.

Assistente de xerife Louis

Em minha escrivaninha, bagunçada com a terrível lembrança de duas meninas desaparecidas, espero por um agente da polícia estadual. Acabo de pedir a Meg, nossa despachante, para mandar um de nossos reservistas, David Glass, um farmacêutico, ser nosso encarregado nas casas. Ele estacionará nossa viatura mais velha e amassada num ponto entre as duas residências. Toda informação recolhida na investigação será repassada a David.

A fotografia de Calli que foi enviada a todos os policiais me encara. Ela se parece muito com a mãe, os mesmos cabelos e olhos castanhos, o mesmo rabo de cavalo displicente que Toni usava quando mais jovem.

Toni e eu nos conhecemos quando tínhamos 7 anos, no inverno de nosso primeiro ano de colégio. Minha mãe, minha irmã, meu irmão e eu tínhamos acabado de nos mudar de Chicago para a minúscula Willow Creek. Meu pai morrera de modo inesperado um ano antes, de infarto, e, por meio de um amigo, minha mãe conseguira um emprego na universidade. A vastidão e a calma do lugar me faziam sentir falta do barulho do trânsito, e dos outros sons, tão familiares, dos vizinhos rindo e discutindo. Lembro-me de deitar em minha nova cama, no quarto que era só meu, sentindo falta do som do ronco suave de meu irmão mais novo, e de não conseguir dormir por causa da tranquilidade do campo. Nossos vizinhos estavam a quilômetros de distância. Os únicos barulhos eram os latidos de um cachorro ou o soprar do vento. Depois de tantas noites em claro, minha mãe finalmente me comprou um

pequeno rádio para colocar ao lado da cama, para preencher o silêncio que me mantinha acordado.

Comecei relutante meu primeiro dia de aula na Willow Creek Elementary School, fingindo estar doente; minha mãe se sentou na beirada da cama e me olhou nos olhos.

— Loras Michael Louis — disparou ela, num tom sério —, eu, mais do que ninguém, sei como é difícil deixar o que se conhece para trás e começar algo novo. Seu pai não está aqui agora para ajudar. Você é o mais velho, e todos estão esperando para ver como vai agir. Se ficar deitado na cama choramingando, eles farão o mesmo. Se se levantar alegre, pronto para os desafios do mundo, eles farão o mesmo.

— Mãe, Katie tem 3 anos, ela não vai encarar desafio algum — provoquei.

— Bem, você é a figura masculina mais velha que ela tem e em que pode se espelhar agora. A forma como você age vai pautar a ideia que ela terá de como um homem deve ser. Aprenda a lidar com isso, rapazinho! Levante-se.

— Puxa, mãe, tudo bem.

Rolei para fora da cama, vesti-me e rezei para que alguém neste fim de mundo soubesse jogar uma boa partida de beisebol quando a primavera chegasse.

Minha mãe nos levou naquele primeiro dia de aula. O céu estava azul-claro, e a rua se encontrava coberta com uma neve de um branco tão brilhante que doía só de olhar. Fazia muito frio e podíamos ver nossa respiração embaçar o vidro, apesar de a calefação do Plymouth Arrow azul enferrujado que ela dirigia estar ligada no máximo. A escola era um prédio grande de dois andares, antigo, de tijolos vermelhos, nos limites da cidade. Era, na verdade, maior que minha antiga escola em Chicago, uma pequena escola primária particular, mas se pareciam bastante, e isso me

reconfortava. Em seguida, percebi que estudantes de todas as idades corriam para os fundos da escola, carregando trenós vermelhos de plástico e tobogãs de madeira.

— Vamos lá, Dave — disse eu a meu irmão, que estava entrando no jardim de infância. — Vamos! — Peguei minha mochila, dei um rápido adeus à minha mãe e saímos correndo do carro.

— Ei! — gritou ela. — Não quer que eu os leve?

— Não, obrigado. — Joguei minha mochila no ombro e seguimos as pegadas na neve até os fundos da escola. Era uma visão arrebatadora para os olhos de um menino de 7 anos. Escondido atrás do prédio estava um imenso morro que cobria a extensão da escola com sobra. O morro era íngreme em certos pontos e mais plano em outros, e desembocava num bosque gigantesco do tamanho de cerca de dois campos de futebol. As crianças formavam filas no topo da elevação para descer em uma das várias pistas de trenó; a organização das filas seguia um critério hierárquico. As crianças mais velhas, provavelmente da sétima ou oitava séries, se reuniam perto de um pedaço do morro que descia num ângulo agudo e tinham um certo número de obstáculos, projetados para fazerem os trenós levantarem voo. Os menores se aglomeravam em volta de montes mais curtos, com menos inclinação. Eu observava enquanto as crianças urravam de alegria ao descer as ladeiras, para depois vê-las subindo de volta, puxando seus trenós. Uma criaturinha chamou minha atenção. O menino, uma criança que imaginei ser da minha idade ou mais novo, estava enfiado numa calça de neve preta, um casaco de inverno grande demais para ele e botas de borracha pretas. Usava duas luvas, uma de cada cor, uma vermelha e outra verde, e um gorro preto quase cobria seus olhos. Observei-o enquanto carregava pacientemente um trenó prateado e redondo até a beira da montanha dos meninos maiores e entrava na fila atrás de três garotos altíssimos. Os meninos se viraram, riram e, despidoradamente, o empurraram para fora da fila. Sem se intimidar, ele voltou ao lugar onde estava e se estabeleceu, impassível, ignorando as provocações.

Quando chegou sua vez, sentou-se no disco, e um menino atrás dele empurrou o trenó com a ponta da bota de couro pesada. O trenó deslizou, polindo a montanha, girando e resvalando nos obstáculos de gelo, alçando voo por um momento, logo antes de esbarrar com outra rampa congelada. Prendi a respiração por aquela pobre alma, que certamente morreria, tendo todos nós como testemunhas.

— Puxa — sussurrou Dave a meu lado, e concordei com a cabeça.

A descida da montanha pareceu uma eternidade, o pescoço do garoto ia aos solavancos, mas ele aguentou, vacilando perigosamente para o lado apenas uma vez. O trenó finalmente atingiu a última rampa com tanta velocidade que o gorro lhe escapou, libertando o cabelo castanho preso num rabo de cavalo frouxo. Ele era ela, descobri, chocado, e, quando ela atingiu os últimos cinco metros antes de parar, eu já estava perdidamente apaixonado. Ainda sorrio com a lembrança e me surpreendo com a rapidez com que Toni havia se tornado dona de um pedaço de meu coração. E fico ainda mais surpreso com o fato de esse pedaço ainda ser dela.

Sentado em minha escrivaninha, olho para cima. Sei quem meu visitante é; levanto-me para cumprimentar o agente Fitzgerald, da polícia estadual.

Ben

Da janela de meu quarto, vejo o assistente de xerife estacionar à entrada da casa de Gregory e entorto o pescoço para observar quem está com ele, esperando que seja você, Calli. Não é. Sai um homem baixo, vestindo calça marrom, camisa branca e uma gravata vermelha. Observo enquanto ele examina a casa de Gregory de

cima a baixo e caminha com o assistente de xerife Louis até a porta. Era a esse policial que mamãe se referia, imagino. Calli, você realmente está causando uma bela confusão, e me admira como conseguiu isso sem pronunciar uma palavra.

Era para eu ter ido passar a noite de hoje na casa de Raymond, mas acho que isso foi por água abaixo, pelo menos até a encontrarmos. Pensando bem, você nunca gostava muito quando eu passava a noite fora. Costumava sentar na minha cama enquanto eu arrumava a mochila, olhando para mim com tanta tristeza que me obrigava a ficar repetindo:

— Voltarei amanhã, Cal, não é nada demais.

Mas, ainda assim, você me olhava com tal decepção que eu a deixava brincar com meu jogo de xadrez, aquele que papai me deu de Natal naquele ano, e você se sentia um pouco melhor.

Mamãe fazia o mesmo. Ah, ela armava aquela cara séria e dizia:

— Claro que você pode ir passar a noite fora, Ben. Nós, meninas, ficaremos bem, não é, Calli? Papai nos fará companhia.

A verdade é que eu só dormia na casa de amigos quando papai estava em casa, de volta das viagens. Não suportaria pensar em você e mamãe em casa, totalmente sozinhas, e às vezes era melhor simplesmente não estar presente quando papai estivesse em casa. Lembra-se da noite das "aulas de fala"? No último outono, quando você estava na primeira série e, acho, mamãe tinha ido a uma reunião com seus professores, e estávamos sozinhos em casa com papai? Ele achava ridículas todas aquelas coisas que a escola estava fazendo porque você havia parado de falar. E começou todo animado, dizendo:

— Calli, quer fazer algo de bom para sua mãe?

Claro que você disse que sim com a cabeça, toda feliz. Papai então a fez ir até a cadeira verde onde estava sentado e a colocou no colo. Você olhou para ele, esperando apenas que ele dissesse qual era a grande surpresa que você faria para mamãe. Papai parecia tão feliz que me aproximei e perguntei se poderia ajudá-lo a surpreendê-la.

Papai sorriu.

— Que legal, Ben, mas isso é algo que só Calli pode fazer por sua mãe. — Aí ele olhou para você. — Calli, não seria ótimo se você dissesse à mamãe que a ama? Isso a faria muito feliz, e a mim também.

Repentinamente, seu rosto ficou triste, pois você sabia que papai havia acabado de lhe pedir o impossível. Ele continuou:

— Ah, vamos lá, Calli, você consegue! Faça com que sua boca diga mãe.

Você começou a balançar a cabeça e apertou bem os olhos.

— Vamos lá, Calli, diga. Mãe. — Ele abriu bem a boca ao dizer a palavra, como alguém que tentava fazer um bebê falar. Você manteve os olhos e os lábios fechados. — Você consegue, Calli. Não quer fazer sua mãe feliz? Mmm-ããã-mmm-ããã-eee.

Você não queria saber e tentava descer do colo.

— Ah, não. Venha cá, Calli, diga. Diga! — gritou papai. Ele a segurou com um braço e lhe agarrou o rosto com o outro, tentando forçar sua boca a falar a palavra.

— Pare — falei em voz baixa. Mas ele continuava, apesar de você estar chorando, sem emitir um som sequer. — Pare! — falei, mais alto, e consegui chamar a atenção de papai.

— Saia daqui, Ben. Eu e Calli estamos apenas tendo uma aula de fala. Vamos lá — disse ele.

— Pare! — berrei. — Deixe-a em paz! Ela não consegue dizer isso, não consegue! Se pudesse, já teria dito! Deixe-a em paz!

Eu mesmo não acreditava no que havia feito. Você parou de chorar, e os dois olharam para mim como se eu fosse um marciano ou algo do tipo.

— Não se meta, Ben. Vá para o quarto — ordenou papai, calmo, mas vi que não estava para brincadeira.

— Não. Deixe-a em paz, ela não consegue fazer isso!

Papai se levantou rapidamente e a atirou sentada no chão. Eu gritei:

— Corra, Calli!

Mas você não correu. Simplesmente ficou sentada no chão, olhando para a gente.

— Fabuloso — ironizou papai, irritado. — Tenho uma mudinha retardada e um garotinho metido a sabichão. Fabuloso. Talvez haja outra forma de fazê-la falar. Levante-se, Calli.

Você obedeceu, ligeira.

— Ben acha que sabe de tudo. Pensa que você não pode falar. Bom, sei que não é verdade, porque me lembro de quando você falava. E falava normalmente. Talvez você só precise de um pequeno incentivo para fazer essa boca funcionar.

Papai, então, bateu na parte de trás de minha cabeça, o que me deixou completamente atordoado. Você cobriu os olhos novamente, mas papai afastou seus dedos para que você assistisse. Ele me surrou com o cinto mais algumas vezes, na barriga, nas costas.

Não tirava os olhos de você enquanto gritava:

— Se você falar, Calli, eu paro. — E me batia de novo. — Mande-me parar e eu paro. Vamos, Calli, não quer dizer nada para ajudar seu irmão?

Eu sabia que você se sentia péssima. Entre as surras, percebia que você tentava falar as palavras, mas simplesmente não conseguia. Finalmente, papai se cansou e disse:

— Droga! Vocês dois são uns inúteis.

Aí voltou a se sentar na poltrona verde e assistiu à televisão até que mamãe retornasse. Nunca contei a ela o que aconteceu e usei mangas compridas por um mês. Imaginei que papai só ficaria em casa por mais alguns dias antes de voltar para o oleoduto. Você voltou correndo para o quarto e não teve coragem sequer de olhar para mim nos dez dias que se seguiram. Mas eu sabia que você estava se sentindo culpada. Todos os dias, ao longo das duas semanas seguintes, encontrei docinhos sob o travesseiro.

Martin

Fielda está conseguindo se segurar, mas não muito. Ela está pálida, sua voz sai instável e alta. Os dedos não conseguem parar de arrancar os fios soltos do tecido do braço do sofá. Está se esforçando para manter a concentração focada nas palavras que o agente Fitzgerald, sentado com o assistente de xerife Louis no sofá à nossa frente, está dizendo, mas encontra enorme dificuldade.

— Como? — pergunta ela, contrita.

— A que horas a senhora viu Petra pela última vez? — repete ele.

O agente Fitzgerald não é como eu esperava. Pensei que seria muito mais velho. Em vez disso, parece ter uns 40 anos. É de estatura muito diminuta, tem um queixo de buldogue e pequenas mãos femininas. Sua aparência não me enche de confiança, e estou bastante irritado com o assistente de xerife Louis, pois ele dissera que o tal agente Fitzgerald era bem-conceituado na polícia, alguém em quem poderíamos confiar.

— Na noite passada — responde Fielda. — Oito e meia, eu diria. Não, nove. Isso, eram nove horas, porque ela desceu uma vez para me perguntar o significado de uma palavra do livro que estava lendo.

— Que palavra? — perguntou Fitzgerald gentilmente.

— Que palavra? Humm, era intragável. Ela queria saber o que significava, e lhe disse — explica Fielda.

Começo a me mexer desconfortavelmente no assento ao lado dela.

— O que isso tem a ver com o desaparecimento de Petra? Respondemos todas essas perguntas ao assistente de xerife Louis. Não entendo por que precisamos respondê-las de novo. Devemos sair para procurar nossas filhas. Nosso tempo seria mais bem empregado nisso, digo-lhe educadamente, mas com firmeza.

— Sr. Gregory, compreendo sua preocupação — diz Fitzgerald. — Mas é bom que eu faça as perguntas e também ouça as respostas. Pode lhes ocorrer algo que não disseram ao assistente Louis. Por favor, sejam pacientes. Estamos todos trabalhando muito duro para encontrar sua filha.

— Só sei que minha filha está desaparecida, assim como a melhor amiga dela. Ela está lá fora em algum lugar, de pijama, e tudo o que estou fazendo é ficar sentado aqui! — Minha voz está ficando perigosamente alta. — Por que não estamos lá fora tentando encontrá-la?

Fielda segura meu braço e começa a chorar, se balançando para a frente e para trás.

— Shhh, shhh, Fielda. — Tento acalmá-la. — Sinto muito — sussurro para ela.

Fitzgerald se inclina à frente.

— Se nos concentrarmos em todos os fatos que temos em mãos, se olharmos para cada detalhe, não importa quão incoerente pareça, estaremos mais propensos a descobrir onde Petra e Calli estão. Entendo como isso é cansativo para os senhores, mas é muito importante para a investigação.

Eu concordo.

— Peço desculpas. Por favor, continue.

— Pode me dar uma lista de pessoas que visitaram sua casa no último mês ou algo assim? — pergunta ele.

Fielda suspira e enxuga os olhos com a palma da mão.

— Calli, claro, vinha sempre. O irmão de Calli, Ben, ele entrega o jornal. Minha amiga Martha...

— Sobrenomes também, por favor — instrui Fitzgerald.

— Martha Franklin. Os dois homens da loja de móveis Bandleworths. Mas não sei os nomes deles. Entregaram a estante de livros.

— Tivemos um jantar, cerca de duas semanas atrás, com alguns dos meus colegas da faculdade. Walt e Jeanne Powers, e Maria e Sam Garfield — acrescento.

— Muitas vezes vêm alunos da faculdade para fazer a limpeza ou algum serviço para nós — diz Fielda.

Fitzgerald olha com expectativa para ela.

— Mariah Burton trabalhou como babá para nós em diversas ocasiões nos últimos dois anos, Chad Wagner cuidou do gramado no verão... ele tem aulas de Economia com Martin... e Lucky Thompson. Lucky aparece de vez em quando. Não consigo me lembrar de mais ninguém. Você lembra, Martin?

— Vários andarilhos passam por aqui, já que estamos às margens da floresta. Muitas pessoas vêm da cidade para caminhar pelas trilhas, geralmente nos finais de semana. Quase todo mundo que conhecemos passa por aqui, uma vez ou outra — explico.

— Quando sairmos, gostaria que os senhores fizessem uma lista de todos os que tiveram contato com Petra no último ano. Alguns nomes podem se repetir. Não tem problema. Vamos pesquisar todos os nomes em nosso sistema e ver se nada de anormal aparece. Alguém que veio por aqui prestou atenção exagerada em Petra? Conversou com ela ou a observou de uma maneira que causou algum incômodo? — pergunta Fitzgerald, os olhos azuis nos fitando com desconfiança.

— Todo mundo adora Petra — responde Fielda. — Ela ilumina um ambiente, pode falar sobre qualquer coisa com qualquer pessoa.

— Estou ansioso para conhecê-la também. — Fitzgerald sorriu. — Mas, pensando no passado, alguém que os senhores conhecem desviou o caminho para lhe dar um abraço ou falar com ela de uma forma que os fez parar e pensar, nem que fosse por um segundo?

Fielda pisca para ele várias vezes, e quase pude ouvir as engrenagens em sua cabeça funcionando a pleno vapor. Mas ela permanece em silêncio.

— Sei que essas são perguntas incômodas para os senhores, sr. e sra. Gregory, mas, quanto antes analisarmos todos os possíveis cenários, mais cedo traremos as meninas para casa.

Estamos enviando agentes de porta em porta para verificar se há algum molestador sexual conhecido na área.

— Vocês não acham que Petra e Calli saíram por conta própria, não é? Acham que alguém as levou.

Fielda olha em desespero para Fitzgerald e, quando ele fica em silêncio, se vira para o assistente de xerife Louis.

— Há algumas pequenas semelhanças entre o desaparecimento de Petra e Calli e o da menina dos McIntire — diz Louis. — Nada de concreto, mas... mas, como o agente Fitzgerald disse, precisamos estar abertos a todas as possibilidades, por mais duras que sejam.

— Ai, meu Deus. Ai, meu Deus! — Fielda escorrega lentamente sobre o sofá de chita, aterrissando no chão de joelhos, e, em seguida, se enrola sobre o próprio corpo como uma bola. — Ai, meu Deus! — choraminga ela.

Eu me deixo cair no chão a seu lado e olho para Louis e Fitzgerald.

— Saíam — digo, enfurecido, surpreendendo a mim mesmo. Depois, mais calmo, acrescento: — Por favor, deixem-nos a sós por um momento, depois falaremos mais. Por favor, vão.

Vejo os dois homens saírem sem pressa pela porta da frente, sob o calor escaldante. Quando a tela da porta se abre e torna a se fechar com um clique macio, me agacho perto de Fielda, agarrando-me a ela, pressionando meu peito sobre suas costas, dobrando os joelhos e os encaixando no sulco que fica atrás dos dela, deslizando os braços em torno de sua cintura e escondendo meu rosto em seu cabelo. Ela cheira delicadamente a perfume e talco, que, a partir de então, vão sempre representar para mim o odor do pesar mais profundo. Seus gritos não se atenuam; pelo contrário, se tornam mais profundos, e meu próprio corpo sobe e desce com cada um de seus soluços.

Assistente de xerife Louis

Fitzgerald e eu saímos para o jardim que fica diante da casa dos Gregory, o sol flutuava quase que diretamente acima de nós, levemente escondido atrás de um bordo enorme, perfeito para ser escalado, diria Toni.

— Meu Deus — diz Fitzgerald em voz exasperada, e me preparo para uma crítica pela forma como me comportei durante os últimos três minutos na casa dos Gregory. — Como vocês aguentam esse som? — pergunta Fitzgerald, desgostoso.

— Que som?

— O desses insetos. Parece que milhões de insetos mastigam alguma coisa. Fico arrepiado. — Fitzgerald puxa um maço de cigarros e saca um, segurando-o entre os dedos finos.

— São cigarras — explico. — É uma reverberação. Esse ruído que fazem. Conseguem graças à pele, muito justa ao corpo.

— É irritante. Como conseguem suportar isso?

— Acho que da mesma forma como você se acostuma com os ruídos de uma cidade grande. Simplesmente estão lá; depois de um tempo, você nem ao menos os nota.

Fitzgerald faz que sim com a cabeça e acende o cigarro.

— Você se incomoda? — pergunta ele depois do fato consumado.

— Não, vá em frente — respondo, e nós dois ficamos ali, ouvindo a música angustiante das cigarras.

— Você não está bem — observa Fitzgerald.

— É, não estou — respondo suavemente.

— Aquilo precisava ser dito, a coisa sobre a garota McIntire. Eles precisam saber que é uma possibilidade. Dê-lhes alguns minutos para pensar sobre o assunto e estarão prontos para ir em frente. De forma alguma vão aceitar que a filha pode ter sido atraída para fora de casa, estuprada e assassinada, mas a possibilidade existe, e eles estarão aqui em um minuto, prontos para lutar sem descanso para encontrá-la, para provar que não foi o que aconteceu.

— Precisamos de cães de busca, temos que organizar uma busca formal — digo, sabendo que ele já pensou nisso.

— Concordo. Podemos conseguir que nos enviem cães e um treinador de Madison, ou mesmo de Des Moines, até o final da tarde — responde Fitzgerald, tragando fundo o cigarro.

— As famílias não vão querer ouvir falar em uma busca com cães. Vai soar como se estivéssemos à procura de corpos — falei, não gostando nada de pensar que vou ser a pessoa encarregada de transmitir essas informações para as famílias de Gregory e Toni.

— Qual é seu pressentimento, Louis? — pergunta Fitzgerald, se recostando em um velho carvalho.

Dou de ombros.

— Não tenho certeza, mas, cá entre nós, eu daria particular atenção ao marido de Toni. Ele é um sujeito sombrio, um bebedor. Há rumores de que é violento.

— Violento de que maneira?

— Como disse, são apenas rumores. Toni não fala sobre o assunto, nunca houve uma queixa formal. Griff tem várias entradas

na polícia por perturbação da ordem pública e uma por dirigir embriagado. Enfim, é algo a que se deve estar atento ao longo das investigações — digo, cansado.

— Bom saber — diz Fitzgerald, olhando na direção da casa de Toni.

— Em dias assim, tenho vontade de ser fumante — afirmo, olhando para o cigarro.

— Em dias assim, tenho vontade de não ser — responde Fitzgerald, quando Martin Gregory sai de casa.

— Sinto muito — desculpa-se Martin. — Estamos prontos para continuar. Digam-nos o que precisam saber. Por favor... Entrem.

Calli

Calli se embrenhara muito na floresta, além de qualquer ponto onde estivera antes. Estava perdida, o veado havia muito se afastado para se juntar à mãe. Calli dava voltas, tentando reconhecer os arredores. As árvores ali eram grossas e bloqueavam os raios solares, embora o ar permanecesse quente, cheio de vapor, pesado com a umidade. A trilha adiante ascendia, era um caminho pedregoso e sinuoso que desaparecia entre arbustos. Outra trilha levava para baixo, para o riacho, achava ela. Calli sentia a língua inchada e seca, estava sedenta. Pensou em voltar pelo mesmo caminho que seguira na vinda, mas descartou a ideia, sabendo que Griff ainda estava por ali, em algum lugar. Os músculos das pernas estavam trêmulos e cansados de correr, e uma fome sombria tinha se estabelecido em seu estômago. Calli olhou para a floresta a seu redor, viu bagas gordas, vermelhas e amarelas, que os cardeais haviam reunido, mas não sabia se podia comê-las. Tentou se lembrar do que sua mãe e Ben tinham lhe dito. a respeito dos frutos

da floresta, sobre o que podia comer e o que era venenoso. Estava informada com relação às amoras, frutas gordas, vermelho-púrpura, cheias de um suco doce, que abarrotavam os ramos. Podia comê-las, mas sabia que não devia ingerir as frutas avermelhadas da "árvore da dor de dente", porque deixavam dormente a boca da pessoa. Arrastava os olhos lentamente para cima, inspecionando cada arbusto e videira.

Seus olhos se fixaram em uma moita espinhosa, carregada de bagas pretas que pendiam desordenadamente de uma haste branca. Framboesas pretas. Calli avidamente as arrancou do galho, o suco estourando sobre a pele ao toque, manchando-lhe os dedos. Uma doçura lhe invadiu a boca e ela continuou a colheita, abanando os mosquitos para longe. Sua mãe lhe ensinara onde encontrar framboesas silvestres, pretas, e ela e Ben as colhiam e punham em recipientes de sorvete usados, tentando não comer demais. Quando os baldes estavam cheios, os levavam para casa, para a mãe, que lavava as frutas cuidadosamente e as usava para fazer tortas, que servia com sorvete caseiro. Calli adorava sorvete caseiro e todo o processo de prepará-lo. Gostava de descer a escada do porão, onde guardavam a velha máquina de fazer sorvete a manivela. Ficava impressionada como adicionando apenas ovos, baunilha, leite e sal era possível criar algo tão delicioso. Sequer sentia dor no braço de girar a manivela, e Ben assumia o posto quando ela não conseguia mais rodá-la. A primeira coisa que faria quando chegasse em casa, resolveu Calli, seria levar a máquina para cima, para que pudessem preparar uma porção.

Quando terminou de comer todas as framboesas que podia aguentar, limpou os dedos enegrecidos na camisola e esfregou as costas da mão na boca, o que deixou uma tintura como de batom. Fome momentaneamente saciada, Calli resolveu seguir a escalada para o ponto mais alto da escarpa. De lá, talvez pudesse ver exatamente onde estava e qual direção a levaria de volta para casa. Mas estava tão quente e ela estava com tanto sono! Só queria se deitar por alguns minutos, apenas para descansar um pouco. Encontrou um grupo de sempre-vivas à sombra, bem fora da trilha,

livrou-as dos ramos afiados da base e, usando os braços como travesseiro, fechou os olhos e dormiu.

Ben

Há horas estamos esperando que o assistente de xerife Louis e o outro sujeito cheguem aqui. Mamãe me fez vestir uma bela bermuda e uma camisa com colarinho para quando eles vierem conversar conosco. Estou morrendo de fome, mas me sinto estranho preparando um sanduíche ou o que quer que seja quando você está longe e, talvez, sem nada para comer. Pego uma caixa de biscoitos e levo para cima, para comer no quarto. Quando passo pela porta de seu quarto, vejo um pequeno trecho de fita amarela, esticada de uma ombreira à outra, indicando uma cena de crime. Que idiotice, penso, as pessoas vasculharem as coisas em seu quarto quando todos nós devíamos estar lá fora, procurando por você na mata.

Vejo mamãe sentada no chão do quarto dela, puxando coisas para fora do baú do tesouro que pertence a você. Na verdade, se trata de uma caixa de chapéu velha, cheia de sucata. Tenho uma também. Mamãe chama de "baú do tesouro" porque quer que a gente coloque todas as coisas importantes de nossa vida nele. Então, quando estivermos velhos, como ela diz, vamos poder vasculhar as coisas que eram tão valiosas para nós. Na verdade, já estou em meu segundo baú do tesouro, porque o primeiro ficou cheio. Ela não me nota aqui, então observo tudo com calma. Está cercada por um monte de papéis de escola e trabalhos de arte, e toca cada um deles gentilmente, como se um movimento errado pudesse fazer tudo virar pó. Ela põe a mão na caixa novamente e tira de lá algo que não consigo imaginar exatamente o que é. Nem ela, parece, porque fica olhando para o objeto durante um longo tempo, coloca-o em volta dos dedos; é cinzento e esbranquiçado,

tem cerca de 8cm de comprimento. Mamãe ouve eu me aproximar por trás dela, se vira e o estende para mim.

— O que você acha que é? — pergunta ela quando pego o objeto.

Dou de ombros e olho para trechos do cinza que parecem pelos saindo daquilo.

— Acho que é uma pelota de coruja — digo. — Olhe, você pode ver pequenos pedaços de osso aparecendo.

Mamãe olha e pega a pelota de volta. Adoro isso nela. A maioria das mães ficaria com nojo ao olhar para algo como a comida regurgitada de uma coruja, mas ela, não.

— É, acho que você está certo. Por que Calli colocaria isso no baú do tesouro dela? — pergunta mamãe.

Dou de ombros novamente.

— Acho que pela mesma razão que eu tenho um baú em meu quarto com casulos de vários tamanhos, que mostram as fases de crescimento das cigarras. — Isso a faz gargalhar, e fico feliz. Ultimamente, mamãe não tem gargalhado muito. Ela põe a pelota de volta na caixa cuidadosamente e tira um monte de alguma coisa que se parece com algodão.

— Eu sei o que é isso! — exclama mamãe, sorrindo. — É uma porção de penugens de dente-de-leão colocadas juntas!

— Certo — digo. — Até entendo a pelota da coruja, mas as penugens de dente-de-leão, não.

— Não se lembra? — pergunta ela. — "Quando as fadas dançam no ar, um dente-de-leão você deve pegar. Faça um pedido e aperte com emoção, depois deixe a fada livre na noite de verão."

— Queria saber quais foram os desejos dela — digo.

— Queria saber por que não soltou as penugens de volta — acrescenta mamãe.

— Talvez as estivesse guardando para desejar algo realmente importante, aí então deixaria todas irem de uma vez.

É a vez de mamãe dar de ombros e colocar as penugens de volta no baú do tesouro, sobre todas as outras coisas, tampá-lo de novo e empurrar a caixa para debaixo da cama.

— Venha, Ben — diz ela. — Vou preparar um sanduíche para você. Louis estará aqui logo, logo.

Tenho uma ideia do que você poderia ter desejado, porque são meus próprios desejos. Número um: que você consiga falar de novo. Número dois: que a gente ganhe um cachorro. Número três: que papai volte ao Alasca e nunca mais retorne para casa. Deus sabe que você nunca iria admitir, e eu também não, mas esses são seus desejos. Eu sei.

Antónia

Enquanto preparo um sanduíche de presunto e parto uma maçã para mim e Ben, penso no baú do tesouro de Calli. As penugens de dente-de-leão me fazem lembrar de Louis, de quando éramos crianças.

No verão seguinte à mudança de Louis para cá, íamos ao prado que ficava atrás de minha casa, a casa em que moro agora. Nosso terreno se enchia de dentes-de-leão amarelos, e minha mãe nos pagava um centavo para cada um deles que arrancávamos pela raiz. Não era nada fácil. Conseguíamos colheres velhas para cavar tão fundo quanto podíamos, até as raízes, e, em seguida, os atirávamos em um velho balde de plástico. Arrancávamos uns 100

por dia. Minha mãe nos dava um dólar, uma brilhante moeda de 25 centavos para cada uma de nossas mãos sujas, nós pulávamos em nossas bicicletas e íamos até o café Mourning Glory, na cidade, para gastar nosso dinheiro. Eu comprava uma Coca-Cola sabor cereja, não do tipo que vem em uma lata, como hoje, mas do que saía de uma torneirinha, como chope, com o suco de cereja esguichado dentro. A sra. Mourning sempre colocava dois canudinhos e duas cerejas, uma para Louis e outra para mim. Louis comprava uma cesta de batatas fritas, muito quentes e salgadas. Ele escrevia meu nome sobre as batatas com a bisnaga de ketchup e, em seguida, logo abaixo, o dele. As batatas fritas sob meu nome eram minhas, as sob o de Louis pertenciam a ele. Certas vezes, comprávamos cada um uma barra de chocolate.

Sempre escolhia os da marca Marathon, e ele, os da Baby Ruth. A mãe de Petra, Fielda, estava frequentemente no café, ajudando a mãe. Amigável e doce, Fielda ficava por trás do balcão nos observando atentamente, enchendo nossos copos de refrigerante. Hoje em dia, pensando bem, percebo que Fielda queria ser minha amiga, mas eu tinha Louis e, bom, ele era tudo de que eu precisava, tudo que eu queria. Anos mais tarde, quando nos tornamos vizinhas e acabamos ficando grávidas de nossas filhas ao mesmo tempo, Fielda tentou novamente; me convidava para ir ao café, para fazermos caminhadas. Porém, mais uma vez, me mostrei distante, agora por motivos completamente diferentes. Receava que ela percebesse como eu era infeliz no casamento, surpreendesse a mim e meu marido em um momento de discussão, visse nossos problemas. Por fim, ela desistiu e me deixou sozinha, exatamente como fizera quando éramos jovens.

O trabalho de capinar os dentes-de-leão durava aproximadamente dez dias. Depois disso, ficávamos entediados com ele, e as Cocas de cereja com batatas fritas não nos satisfaziam mais. Não chegávamos nem perto de remover todos os dentes-de-leão. Eles estavam começando a se reproduzir e nuvens de penugem branca flutuavam acima de nós, desfazendo tudo o que tínhamos realizado.

— Sabe — disse Louis certo dia —, isso, na verdade, são fadas.

— Até parece — falei, sem me deixar convencer.

— São mesmo. Meu pai me contou. Ele disse que as penugens dos dentes-de-leão são fadas mágicas. Se você pegar uma antes que atinja o solo, a fada ficará muito grata e lhe concederá um desejo quando você a libertar.

Sentei-me, enfiando minha colher suja na terra. Aquilo me interessou. Louis nunca falava do pai, nunca.

— Eu não sabia que havia flores em Chicago.

— Sim, há flores, ervas e grama em Chicago — disse ele, indignado. — Mas não muitas. Meu pai dizia: "Quando as fadas dançam no ar, um dente-de-leão você deve pegar. Faça um pedido e aperte com emoção, depois deixe a fada livre na noite de verão." Meu pai me disse que a avó dele, que era da Irlanda, lhe contou isso e também que o desejo se torna realidade.

Todo verão, quando víamos uma penugem de dente-de-leão, tentávamos pegar, fazíamos um desejo e a deitávamos novamente ao vento.

— O que você pediu? — perguntei, certa vez.

— Coisas. — Louis, repentinamente tímido, deixou cair a colher e correu para o mato.

— Que tipo de coisa? — perguntei quando o alcancei.

— Para meu time ganhar o campeonato, coisas assim. — Ele não olhava para mim.

— E seu pai? Você faz pedidos para seu pai? — perguntei baixinho. Os ombros dele caíram e pensei que ia sair correndo de novo.

— Não, morto é morto. Isso não funciona para coisas assim. Você tem que desejar dinheiro ou ser uma estrela de cinema, algo do tipo. — Ele me entregou um fofo pedido branco. — O que você vai pedir?

Pensei por um momento e depois o soprei suavemente da mão, a linha algodoadada flutuou para longe.

— O que você pediu? — perguntou Louis novamente.

— Que meu time ganhasse o campeonato, claro — respondi. Ele riu, e corremos para brincar no riacho.

No entanto, aquele não fora meu pedido. Pedi que ele tivesse o pai de volta.

Oito anos depois, quando tínhamos 16, estávamos de volta ao riacho. Tínhamos acabado de fazer amor pela primeira vez, e eu estava chorosa. Não conseguia colocar em palavras o que estava sentindo. Sabia que o amava, sabia que não era errado o que tínhamos feito, mas, mesmo assim, chorei. Louis estava tentando me fazer sorrir, fazendo cócegas em mim e caretas engraçadas, mas as lágrimas não paravam de escorrer pelo meu rosto, por mais que se esforçasse. Finalmente, num ato de desespero, suponho, saiu correndo do riacho. Sentei-me lá, arrasada, vestindo a roupa, muco escorrendo do nariz. Perdera Louis, meu melhor amigo. Mas ele voltou minutos depois. Estendeu as mãos fortemente cerradas diante de mim.

— Escolha uma — disse Louis, e escolhi a esquerda. Ele abriu a palma da mão e, dentro, havia três frágeis tufo de dente-de-leão. — Três pedidos — falou e, em seguida, abriu o outro punho para revelar três fadas para cada um de nós.

— Você primeiro — falei por entre as lágrimas, finalmente, com um sorriso no rosto.

— Que meu time ganhe o campeonato. — Ele sorriu, e sorri também. — Quero me tornar um policial. — Então, seu rosto jovem ficou sério. — E que você me ame para sempre. É sua vez — disse ele rapidamente. Pensei por um instante.

— Morar numa casa amarela. — Olhei atentamente para o rosto de Louis para ver se ele estava rindo de mim. Não estava.

— Conhecer o mar — continuei. — E — deixei cair mais lágrimas, muitas lágrimas — que você me ame para sempre.

Três anos depois, Louis foi cursar a universidade, e eu me casei com Griff. Grandes fadas, pensava comigo mesma agora. Não vivo numa casa amarela, nunca vi o mar e Louis não me amou para sempre. E minha Calli, minha querida menina, está perdida. Parece que tudo que toco se parte ou se destrói.

Assistente de xerife Louis

Estou novamente sentado à mesa da cozinha de Toni, um copo de chá gelado suando à minha frente. Dessa vez, é o agente Fitzgerald que está sentado a meu lado, em vez de Martin. Receio que, quando isso acabar, Martin nunca mais volte a falar comigo. E temo que Toni também não. Posso perceber que Toni fica confusa com Fitzgerald e suas perguntas, feitas em tom preciso e sem emoção. Ela se pergunta se ele a está julgando como mãe. Eu a

vejo examinando cada uma das perguntas, procurando algum significado oculto, algum truque, acho que por estar muito acostumada às manipulações de Griff.

Depois de encontrar Toni encolhida no sofá, dando à luz uma menina morta, quatro anos atrás, esperava que ela tivesse aprendido a lição e fosse se livrar de Griff para sempre. Para falar a verdade, não sei exatamente o que aconteceu naquela noite de inverno, só que Ben voltara para casa e encontrara a mãe envolta em um cobertor no sofá, com Calli sentada a seu lado, acariciando-lhe o ombro. Não consegui fazer Calli falar comigo. Ela apenas me olhou com seus grandes olhos castanhos e permaneceu sentada ali, enquanto a mãe era levada na ambulância.

Perguntei a Ben onde o pai estava, e ele não sabia dizer com certeza, mas imaginei que estivesse no Behnke's, um bar da cidade. Pensei em apenas ligar para lá e falar com Griff, mas concluí que uma conversa cara a cara seria mais eficaz. Pedi a um vizinho para vir e cuidar das crianças e fui até o Behnke's.

Vi Griff através do ar esfumaçado, sentado no bar, ladeado por um grupo de antigos colegas de escola. Seus amigos estavam rindo e conversando, lembrando, tenho certeza, dos velhos tempos, a única coisa boa que tinham tido na vida. Griff estava estranhamente calmo, tomando uns goles de bebida, acenando afirmativamente com a cabeça e sorrindo de vez em quando com o que alguém dizia. Aproximei-me, e ele olhou para mim. Não pareceu surpreso ao me ver. Senti os olhos de todos os clientes do Behnke's em mim, observando o que iria acontecer em seguida. Minha história com Toni não era nenhum segredo em Willow Creek. Esperei pela costumeira saudação sarcástica de Griff. "Assistente", dizia ele, de um jeito pomposo que soava como se estivesse se dirigindo a um rei ou chefe de Estado. Mas apenas olhou para mim em expectativa, e o silêncio recaiu sobre os companheiros a seu lado.

— Vamos lá fora um minuto, Griff? — pedi educadamente.

— Tem mandado de busca, assistente de xerife? — perguntou Roger, o idiota do seu parceiro, rindo histericamente.

— Você pode falar comigo aqui, Louis — disse Griff suavemente e, em seguida, entornando outro copo: — Posso lhe pagar uma bebida?

— Não, obrigado, estou a serviço — respondi e, por alguma razão, seus amigos acharam que aquilo era engraçado também, e caíram no riso.

Inclinei-me na direção dele.

— É sobre Toni, Griff — falei em voz baixa, sem querer que os palhaços ouvissem. Griff se levantou. Sou uns bons dez centímetros mais alto que Griff, mas ele é forte e possui a estrutura de um halterofilista. Não tinha dúvida de que poderia me dar uma surra, como havia feito quando eu tinha 19 anos e viera da universidade para tentar convencer Toni a voltar para mim. Eu tinha ido à casa de Toni. Ela ainda morava com o pai, que parecia ter envelhecido décadas desde a morte da esposa. Dera uma olhada no rosto de Toni naquela noite e percebera que algo estava irremediavelmente partido entre nós. Jamais voltaríamos a ser como éramos antes. Ao mesmo tempo, não queria ficar em Willow Creek, e Toni não queria sair daqui. Minha mãe voltara a se casar no início daquele ano e se mudara de volta para Chicago com meu irmão e minha irmã. Eu havia amado a faculdade, adorado Iowa e queria que Toni voltasse para lá comigo. Não havia futuro para ela em Willow Creek, eu pensava. Mas ela me dissera não, com pesar, acho. Dissera que estava muito bem, namorando Griff Clark. Que não poderia deixar o pai sozinho; ele já perdera muito. Então, cruzara os braços sobre o peito como sempre fazia quando tomava uma decisão sem volta. Debruçara-me para lhe dar um beijo de despedida, mas ela deixara cair o queixo no último segundo e meus lábios pousaram em seu nariz.

Griff esperara que eu me afastasse. Esperara que eu dirigisse 64 km e parasse para pôr gasolina. Esperara que eu voltasse ao

carro, depois de pagar a conta, e, em seguida, saíra das sombras, me esmurrara o estômago e, enquanto eu estava curvado, me chutara entre as pernas.

— Fique longe de Toni, idiota — sussurrara ele para mim. Eu podia sentir o cheiro do álcool em sua respiração. — Vamos nos casar — dissera ele, antes de me dar um murro duro como pedra em meu rosto. Essas três palavras haviam doído mais do que o soco. Poucos meses depois, escutei de um amigo a notícia de que Toni e Griff tinham se casado. E não muito tempo se passou até que ouvisse falar de Ben. Não era preciso ser um gênio para fazer as contas. Eu devia ter tentado mais. Não devia ter me permitido perdê-la.

— Vamos — disse Griff, o cheiro de cevada fermentada emanava dele e me trazia de volta ao Behnke's; e eu o segui para fora do bar. O ar frio e áspero do estacionamento pareceu acolhedor depois da nuvem de nicotina de que acabávamos de sair.

— Qual o problema? — perguntou ele inocentemente. — Toni está bem?

— Ela está no Mercy Hospital. — Foi tudo o que eu disse. Por mais que odiasse o sujeito, não conseguia lhe dizer que o filho havia morrido.

— O que aconteceu? O que ela disse? — perguntou Griff.

— Não tenho certeza — respondi. — Ela não está conseguindo dizer muita coisa agora. — Deixei escapar que Ben havia ligado para minha casa, sabendo que isso poderia lhe causar problemas mais tarde.

Griff parou diante da caminhonete, com as chaves do carro na mão, e se virou para mim.

— Provavelmente não é uma boa ideia dirigir, hein?

— Provavelmente, não — concordei. Olhamos um para o outro por um segundo. — Vamos — disse eu. — Eu dirijo.

Entramos e iniciei a condução. O único som era produzido pelo aquecedor, que, em vão, tentava esquentar o carro. Após alguns minutos de percurso, Griff pigarreou.

— O que Calli disse? — perguntou ele, sem olhar para mim.

— O que você acha que ela disse? — perguntei, sabendo muito bem que Calli não pronunciara um som, pelo menos não desde que eu voltara.

Ele limpou a garganta de novo.

— Toni caiu, mas estava bem. Ela se levantou. Disse que estava tudo bem. Acomodou-se no sofá. Estava bem quando saí.

— Não está muito bem agora — falei, manobrando no estacionamento do hospital. Quando parei o carro, me virei para Griff e disse: — Griff, se eu descobrir que você fez algo para machucar Toni, irei atrás de você. Vou atrás de você, o prendo, jogo em uma cela e, uma noite, quando ninguém estiver olhando, lhe dou uma surra.

Griff riu enquanto abria a porta do carro.

— Não, você não vai fazer isso, assistente. — Ali estava o tom asqueroso. — Não, não vai. Você é o típico bom-moço. Mas, olhe, obrigado pela carona.

Ele bateu a porta e se afastou, me deixando a sós com minha respiração gelada, que me envolvia a cabeça.

E o pior é que ele estava certo.

Ben

Quando eu tinha 7 anos, comecei a jogar em um campeonato de futebol de verão. Mamãe achou que me faria bem sair de casa e fazer exercício, conhecer novos amigos. Eu era alto, mas não exatamente do tipo atlético. Meus pés eram muito grandes e eu acabava tropeçando sobre eles e fazendo papel de bobo. Depois de esmagar cerca de três das crianças da outra equipe, mais um dos meus próprios companheiros de time, o treinador me colocou como goleiro. Aquilo, eu poderia fazer. Tinha cerca de duas vezes o tamanho de qualquer outro garoto, então era mais provável que conseguisse impedir um chute a gol. Defendia as bolas que vinham zunindo em minha direção, saltando no ar, bloqueando o gol com meu corpo. Ninguém conseguiu marcar um tento em mim durante quatro partidas. Via você e mamãe gritando na lateral, me animando. Acho que você valia por duas ao mesmo tempo. Às vezes, entrava em campo para me ver e, em seguida, o árbitro tinha que parar o jogo, e mamãe vinha buscá-la, dizendo: "Mil desculpas mil desculpas" para todos.

Uma vez, papai estava na cidade e veio ver um dos meus jogos. Tinha chovido antes e a grama estava escorregadia. Veio um pouco mais tarde, depois que o jogo havia começado, e eu estava de pé, diante da meta, vestindo a camisa de futebol azul com o número 4 sobre ela e as luvas pretas de goleiro. Elas eram tão legais, pensava, as luvas. Pareciam com as dos profissionais e tinham aquelas saliências sobre elas para uma melhor aderência ao segurar a bola. Você e mamãe estavam sentadas em um velho cobertor, mas papai andava para cima e para baixo na lateral. Não parava de olhar para ele, andando de lá para cá, sem parar, como um leão preso na jaula. Ele gritava:

— Vamos, garotos! Peguem a bola, se mexam em campo! — Quando a bola veio em minha direção, precisei me esforçar para desviar os olhos dele e me concentrar nela. Minhas mãos estavam estendidas à frente, os joelhos, dobrados, e as pernas, afastadas,

tentando ocupar o máximo espaço possível, como o técnico me ensinara.

— Vamos, Ben — gritou ele. — Você consegue! Pegue a bola! Agarre-a, pegue!

Ainda posso ver a bola voando contra mim, os gomos pretos e brancos girando com tanta velocidade que pareciam cinza. Ela passou direto, sequer consegui pôr um dedo naquela bola. Esperava ouvir papai gritar e gritar comigo, e mamãe tentando acalmá-lo. Mas, quando olhei para a lateral, para onde estava, ele havia sumido. Procurei e procurei na multidão e, finalmente, o avistei, caminhando de volta para a caminhonete. Ganhamos o jogo por quatro a um. Mamãe nos levou para tomar sorvete e comemorar, mas eu não sentia muita vontade. Papai não estava lá para comentar o jogo quando chegamos em casa, o que, de certo modo, foi ainda pior.

Antónia

Encontro-me com Louis e o outro policial à porta de casa. Da janela da sala, eu os vira se dirigindo à entrada. O homem ao lado de Louis é compacto, veste-se bem, ainda que com roupas informais. Usa sapatos caros e carrega uma pasta de couro.

Convido-os a entrar em casa, e nos sentamos à mesa da cozinha. Louis está com uma aparência terrível, e o homem se apresenta como Kent Fitzgerald, agente estadual. Eu seguro o riso. Ele fala como se dissesse ser um super-herói ou algo assim.

— Divisão de Crianças Desaparecidas e Exploradas — acrescenta ele, e fico séria rapidamente. Devo ter um olhar perplexo no rosto, porque ele explica: — Crianças desaparecidas, qualquer criança desaparecida é assunto muito grave para nós.

— Não sabemos se estão desaparecidas de verdade — digo de modo não convincente. — Quer dizer, é claro, elas estão sumidas, mas o que vocês estão pensando? Sabem de alguma coisa? — Olho para Louis. Ele não está olhando para mim.

— Sabemos tanto quanto a senhora, sra. Clark — diz o agente Fitzgerald. — Estou aqui para ajudar o assistente de xerife Louis e sua equipe a trazer as meninas de volta para casa. A que horas a senhora viu Calli pela última vez?

— Ontem à noite, por volta das dez — começo. — Assistimos a um filme juntos e comemos pipoca. Então eu a pus para dormir.

— Quem mais estava na casa na noite passada? — indaga ele.

— Meu filho, Ben. Ele tem 12 anos. Não assistiu ao filme todo, subiu para o quarto por volta das nove, eu acho. E meu marido, Griff, chegou em casa por volta da meia-noite ou algo assim.

O agente faz que sim com a cabeça.

— O assistente Louis me disse que seu marido, Griff... Esse é o nome verdadeiro dele?

— Não, não, é um apelido. Seu nome real é Griffith, mas todo mundo o chama de Griff.

— Griff, segundo me contou o assistente de xerife Louis, saiu cedo esta manhã para ir pescar.

Confirmo com a cabeça e espero a pergunta seguinte, que não vem, então continuo:

— Não estou certa da hora em que saiu, mas, quando falei com a esposa de Roger, ela me disse que ele tinha saído para pegar Griff por volta das três e meia da manhã. E a certa hora da manhã, logo cedo, ouvi uma caminhonete se aproximando. Supus que fosse Roger.

— Qual é mesmo o sobrenome de Roger? — pergunta o agente Fitzgerald.

— Hogan. Roger Hogan — respondo. Minhas mãos estão começando a suar, e a cabeça, a doer.

— A senhora já conseguiu entrar em contato com seu marido ou com o sr. Hogan?

— Laura Hogan tentou ligar para o celular de Roger, mas o telefone está fora de área. E Griff não atende; a ligação cai direito no correio de voz. Desculpe, sr. Fitzgerald... — digo.

— Agente — corrige ele.

— Sinto muito, agente Fitzgerald, mas por que a fixação em Griff e Roger? Não entendo.

— Não há fixação alguma, por ora. Estamos apenas tentando entender a situação. — Ele sorri brevemente. Seus dentes são pequenos e brancos, e o pragmatismo lhe empurra o queixo para a frente. — Pedimos à polícia de Julien para ir até a choupana onde seu marido se encontra. O policial disse que encontrou o local e a caminhonete de Roger Hogan. O píer destinado ao barco estava vazio. Parece que os homens estão pescando no rio. O policial vai esperá-los voltar.

Eu sei, mas não digo. Sei que Griff não tem nada a ver com essa história.

— Como Calli estava vestida na noite passada? — pergunta o agente Fitzgerald.

— Com uma camisola rosa até abaixo dos joelhos e de mangas curtas.

— Sapatos?

— Não, sem sapatos.

O agente Fitzgerald fica calmamente sentado por um momento, os dedos pequenos seguram a caneta, rabiscam os papéis da pasta.

— Por acaso Calli lhe disse ter planos de ir a algum lugar hoje?
— pergunta ele, sem tirar os olhos do que fazia.

Encaro Louis:

— Você não contou a ele? — Louis balança a cabeça. Está muito tranquilo, e isso me irrita. Olho para o agente Fitzgerald novamente. — Calli não fala — explico. A expressão neutra permanece em seu rosto. — Ela não fala desde os 4 anos.

— Ela estava doente? — pergunta ele, olhando-me nos olhos.

— Não. — Fito-o nos olhos também. — Não entendo o que isso tem a ver com o assunto — digo, cruzando os braços sobre o peito e descruzando as pernas.

— Calli viu a mãe cair da escada, grávida, e perder o bebê que estava esperando. Foi muito traumático para ela — diz Louis suavemente.

Olho com raiva para Louis. Agora ele está falando? O agente Fitzgerald se endireita, muito atento.

— Como a senhora se comunica com ela?

— Calli faz sim e não com a cabeça, aponta e gesticula. Ela sabe um pouco a linguagem de sinais — digo.

— O que os médicos dizem?

— Que ela vai falar quando estiver pronta, para não forçá-la. Eu me levanto e vou até a janela da cozinha.

— Ela está tendo acompanhamento?

— De um psiquiatra? — pergunto com raiva na voz.

— Desculpe, agente Fitzgerald, posso falar com a sra. Clark em particular por um instante? — diz Louis com voz apertada. Sra. Clark, digo a mim mesma. Ele nunca se referiu a mim dessa maneira antes.

— Claro — responde o agente Fitzgerald. Fecha a pasta, enfia a caneta atrás da orelha e se levanta. Louis e eu vemos quando ele sai pela porta da frente. Louis me encara com cautela.

— Que foi? — pergunto, por fim.

— Toni, isso é sério.

— Meu Deus, Louis, eu sei que é! É minha filha que está desaparecida! — grito. — Portanto, não se atreva a entrar em minha casa e me dizer para manter a seriedade! — Choro, e odeio chorar na frente de outra pessoa, principalmente na de Louis.

Ele vem até mim.

— Toni, sinto muito — diz calmamente. — Desculpe, eu não quis... Peço desculpas. — Segura minhas mãos. — Olhe para mim, Toni — instrui e obedeço. — Nós vamos encontrar Calli, prometo. Você precisa falar com o agente Fitzgerald. Quanto mais detalhada e rapidamente você responder às perguntas, tanto mais rápido poderemos encontrá-la.

— Cometi tantos erros — sussurro. — Não vou aguentar perder outro filho. Não conseguiria suportar.

— Isso não vai acontecer, prometo — diz Louis com firmeza. — Vá buscar Ben. Eu vou buscar Fitzgerald. Vamos terminar a entrevista de uma vez, para podermos sair e ir atrás de Calli.

Ele aperta minha mão novamente, antes de eu me levantar e subir as escadas para chamar Ben.

Petra

Estou perdida. Uma hora, eles estão lá; outra hora, somem. Ouço sons de coisas se mexendo no mato, e uma cobra acabou de passar por cima de meus sapatos. Estou perdida e não sei o que fazer, então me sento num velho tronco para descansar.

Calli saberia o que fazer. Todo mundo pensa que eu sou a inteligente e arrojada. Mas não sou, não mesmo. Sequer conhecia Calli quando estávamos no jardim de infância. Sabia que ela era minha vizinha e tudo. Mas nunca brincamos juntas. Descobri, através de Lenna Hill, que Calli não falava. Nem uma palavra. Nunca. Não acreditei em Lenna, mas ela disse que as duas haviam estudado na mesma sala do jardim de infância e que Calli nunca, nunca dizia uma palavra, nem mesmo quando o diretor lhe fazia uma pergunta. Perguntei a Lenna se Calli estava em uma classe especial para crianças que têm dificuldade de aprender. Ela disse que não, mas que Calli costumava ir à sala do sr. Wilson, o novo orientador da escola. Achei isso bom. O sr. Wilson é boa gente.

No almoço, na segunda semana da primeira série, troquei de lugar com Jake Moon e pude me sentar próxima de Calli. Ele não reclamou muito. Eu queria verificar se ela realmente não falava. Muitos garotos não diziam quase nada quando estavam na sala, mas todos falavam muito durante o almoço. Mas ela, não. Apenas se sentou e comeu seu sanduíche.

— Você está comendo sanduíche de quê? — perguntei.

Calli não disse nada, mas levantou a parte superior do pão para mostrar que tinha pasta de amendoim e alguma coisa branca e cremosa.

— Sinceramente, espero que isso não seja maionese. Eca! — disse eu.

Calli torceu o nariz e pôs a língua para fora, indicando que também não gostava de maionese. Ela me entregou metade do sanduíche, e dei uma mordida.

— Pasta de amendoim e marshmallow! — disse eu. — Que sorte! Nunca trago sanduíches assim. Minha mãe faz tudo com pão de trigo. — Calli balançou a cabeça, sinalizando que entendera.

Saímos para o recreio juntas. Vi o grupo de amigas com quem sempre brincava. Disse a ela:

— Vamos. — E Calli me seguiu para o local onde as meninas estavam pulando corda.

Entramos na fila.

— Gosto de sorvete e gosto de um amigo, quero que Petra pule comigo! — falou Bree. E eu fiquei fora do ponto certo. Tinha que planejar meu pulo direitinho. Então saltei, e Bree e eu pulamos, pulamos, pulamos, até ela sair e eu ficar sozinha.

— Gosto de pipoca e gosto de abrigo, quero que Calli pule comigo! — E Calli pulou juntinho a mim. Girando, girando, girando, a corda vinha, assobiando contra o cimento. E nós sorríamos uma para a outra, ambas sem dois dentes na frente. Aí eu saltei para fora, porque é assim que se brinca. Calli continuou pulando e pulando, sem convidar outra menina para entrar na brincadeira.

Todo mundo começou a se alvoroçar e gritar para ela:

— Vamos, Calli, chame alguém!

— Parem de girar a corda.

Então as garotas que a giravam soltaram a corda no chão. Tocou o sinal da escola, e todos formaram filas.

Na fila, Nathan ficou atrás de mim e começou a falar:

— Eu não quero ficar junto de quem tem cabelo duro. Alguém troque de lugar comigo. Alguém troque de lugar comigo!

E ninguém quis trocar. Nem mesmo Lenna e Kelli, que eram minhas amigas, quiseram ficar a meu lado. Meu coração ficou apertado naquele momento. Então, sem mais nem menos, Calli veio, colocou-se na frente de Nathan e perto de mim. Melhor ainda, ela o encarou firme. Olhou direto nos olhos, até que ele disse:

— Bom, gente esquisita pode sentar lado a lado.

No dia seguinte, sentei pertinho de Calli no almoço, de novo; ela levou sanduíche de mortadela e pasta de amendoim.

— Não, muito obrigada — disse eu, quando ela estendeu metade da comida para mim. Quando saíamos para o recreio, eu lhe agarrei a mão e entrei na fila para pular corda novamente. Ela não gostou da ideia, nem as outras crianças. Na minha vez, gritei:

— Gosto de melancia e gosto de trigo, quero que Calli pule comigo! — E eu pulei e pulei até sair da brincadeira.

Era a vez de Calli e, antes que alguém se irritasse e ficasse nervoso com ela, gritei:

— Calli gosta de mortadela, Calli gosta de mim, Calli quer pular com Lenna! — Sei que não rimou, mas funcionou. Lenna pulou com Calli, elas pularam por uns minutos, e depois Calli pulou fora.

Gostaria que Calli estivesse aqui agora. Ela me ajudaria a encontrar o caminho ou, pelo menos, nos perderíamos juntas.

Assistente de xerife Louis

Ben desce as escadas lentamente. Quero descobrir quanto ele se parece com o pai e estou com ciúmes. Meu garoto, Tanner, parece com o pessoal da família da mãe, moreno e baixo, com olhos azul-acinzentados. Ben parece nervoso, mas ele sempre me pareceu tenso, se assusta com facilidade, mas é agradável e educado.

— Ben — digo —, esse é o agente Fitzgerald. Ele está aqui para ajudar a encontrar Calli e Petra.

Fitzgerald estende a mão para Ben, para cumprimentá-lo. Nós nos sentamos em torno da mesa da cozinha, Toni bem ao lado de Ben. Fitzgerald e eu nos sentamos do outro lado. Fitzgerald olha para Toni.

— Sra. Clark, gostaríamos de entrevistar os membros da família separadamente. Às vezes, isso permite que todos falem com mais liberdade.

— Ah, bom, penso que o melhor é eu ficar aqui com Ben — diz Toni com firmeza.

— Toni, eu estarei bem aqui. Não se preocupe — retruco, e ela, relutante, se levanta da cadeira e deixa o aposento.

— Ben — começa Fitzgerald —, qual é a sua idade?

— Doze — responde o garoto, baixinho. Fitzgerald continua fazendo perguntas simples, mantendo um clima leve para facilitar as coisas para Ben.

— Fale um pouco sobre sua irmã, Ben — continua Fitzgerald.

— Ela é legal — diz Ben. — Não se mete nas minhas coisas e faz o que eu mando.

— O que você manda ela fazer? — interrompe Fitzgerald.

— Coisas. Ajudar a colocar o lixo fora, tirar os pratos, coisas assim — responde Ben, dando de ombros.

— Vocês nunca discutem?

— Não, é difícil discutir com quem não responde. —Fitzgerald sorri. — Ela alguma vez disse não a você, Ben?

— Na verdade, não. Ela gosta de ajudar.

— Vocês dois são apegados?

— Acho que sim. Temos muita coisa em comum.

— Você tem quanto, 12 anos? Não é estranho para meninos de sua idade se entenderem com a irmãzinha de 7?

Ben levanta os ombros e os deixa cair.

— Calli não tem muitos amigos, então eu brinco com ela.

— E Petra Gregory? Ela é amiga de Calli, certo?

— Sim, mas ela não está por perto o tempo todo — explica Ben.

Fitzgerald parece estar satisfeito com as respostas. Rapidamente, porém, muda o tom com Ben:

— Ben, ouvi falarem bem de você — diz Fitzgerald, direto. — Seus professores, vizinhos, todos o consideram um garoto legal.

Acho que sei a direção que isso vai tomar. Fitzgerald me perguntou sobre o assunto antes, ao analisar alguns arquivos. Eu disse que não tinha nada a ver com o caso e que ele deveria deixá-lo de lado.

— Mas — continua Fitzgerald — os pais de Jason Meechum têm outra opinião a seu respeito, Ben, e o filho deles também. Você pode me falar sobre o assunto?

— Jason Meechum é um idiota. E um mentiroso — diz Ben, ríspido.

— Fale mais, Ben.

— Não tenho que falar sobre nada — diz Ben, com arrogância.

— Não, não tem — responde Fitzgerald —, mas deveria. — Você quer ajudar Calli, não quer?

— Sim, mas ficar sentado aqui, respondendo a essas perguntas bobas, não vai ajudá-la. — Ben agora está de pé, gritando. — O único jeito de encontrá-la é procurando. Ela está em algum lugar da floresta.

— Como sabe disso, Ben? — questiona Fitzgerald com educação.

— Porque é para lá que ela vai. Quando ela quer dar uma volta ou ficar só, é para lá que escolhe ir! — grita Ben.

Fitzgerald diz com uma voz que é um sussurro:

— E se ela não teve escolha? E Ben sai correndo.

Antónia

Ouçó vozes ruidosas na cozinha e escuto um nome: Jason Meechum.

— Pelo amor de Deus, o que significa isso? — pergunto, zangada, enquanto entro no aposento. — O que o senhor disse para ele? Acredita mesmo que Ben tem alguma coisa a ver com isso? Ele está tentando ajudar, pelo amor de Deus!

Estou furiosa. Esse estranho faz meu filho correr para fora da própria casa, e Louis simplesmente fica sentado, olhando. Ele está examinando os próprios dedos agora, coisa que não fazia desde quando tinha 7 anos e percebia que estava correndo risco. O agente Fitzgerald não demonstra a mínima preocupação. É lógico que não. Ele simplesmente chega num local, cria confusão, destruição e vai embora. Digo isso a ele.

— Vou atrás dele — Louis se oferece, mas eu balanço a cabeça negativamente. — Ele vai ficar bem. Sei exatamente aonde está indo. E vou atrás dele, procurar por Calli. Parece que ninguém aqui está fazendo nada a não ser insultar uma família que está sentindo a falta de alguém — afirmo, resmungando.

— Essa não é uma boa ideia, sra. Clark — afirma o agente Fitzgerald. — Não seria bom para a investigação.

— E Ben? — pergunto. — O que seria bom para ele? O que significa essa bobagem sobre Jason Meechum? Isso não tem nada a ver com Calli, e não entendo por que o senhor está indo por esse caminho. — Minha voz fica estridente e odeio o fato de estar perdendo o controle. Mais calma, continuo:

— Assistente de xerife, estou surpresa com o fato de o senhor ter achado necessário compartilhar essa informação com o agente Fitzgerald. — Para Fitzgerald, falo diretamente, cruzando os braços diante dele: — Diga agora o que o senhor acha que eu deveria estar fazendo. Em seguida, diga o que fará para encontrar minha filha.

O agente Fitzgerald se levanta e observa minha postura. Fico me perguntando se isso foi algo que lhe ensinaram na escola de agentes, para acalmar os outros.

— Lamento ter contrariado seu filho. Mas, como disse diversas vezes antes, temos que analisar todos os ângulos do caso. A senhora já levou em consideração que alguém pode estar irritado com uma pessoa de sua família e pode ter tentado descontar a raiva em Calli? Não estou dizendo que isso aconteceu, mas é uma

possibilidade. O assistente de xerife Louis não imaginava que eu fosse trazer à tona a questão entre Ben e Jason. Por favor, não o repreenda. — Fitzgerald demonstra um apropriado desgosto.

Balanço a cabeça como sinal de desaprovação.

— O que é isso? A técnica do bom policial e do mau policial? Vou ficar aqui. Vocês façam o que puderem para encontrar Calli, mas, se não conseguirem até as seis da tarde, vou convocar todo mundo que conheço, formar um grupo de busca e entrar na floresta. Sei que ela está lá e vou atrás dela.

— Eu não apoio uma busca à noite — retruca ele. — Mas compreendo sua necessidade de participar. Estamos, neste momento, organizando uma equipe de busca. A palavra-chave é organizando. Não queremos ninguém entrando na floresta e procurando as meninas por conta própria. Se necessário, poderemos usar cães, mas não vamos utilizar nada mais que o necessário. Temos policiais de prontidão. Se precisarmos convocar mais gente, nós o faremos. Todos estão fazendo o possível para encontrar sua filha, sra. Clark. Preciso falar mais uma vez com seu filho. Zangar-se e se precipitar porta afora são atitudes que não vão ajudar Calli.

— Ben faria qualquer coisa por Calli — digo trincando os dentes.

— Eu acredito, sra. Clark. Voltaremos a nos falar em breve. — Fitzgerald se vira para ir embora.

— Espere — falo. — O que farão agora?

— Vamos seguir algumas pistas, entrevistar vizinhos e outras pessoas, e procurar Calli e Petra.

— Que pistas? Que pessoas? Têm algum dado novo? — pergunto, desesperada.

— Nada de concreto que possa partilhar com a senhora no momento, sra. Clark. Ah, por favor, fique prevenida, porque logo a mídia estará por aqui, e isso pode ser muito importante para o caso. Sugiro que diga apenas que sua filha está desaparecida. Pegue fotos das duas. Mais pessoas verão seus rostos se a exposição for maior. Uma equipe de homicídios virá logo para procurar vestígios na casa. Por favor, fique longe da cama de Calli. Queremos o máximo de vestígios intactos. Sugiro que fique na casa de um parente ou amigo enquanto isso durar. Por favor, deixe a polícia informada de seu paradeiro. Voltaremos a nos falar em breve, sra. Clark. Até logo.

Eles se foram antes que eu pudesse argumentar. Não queria ficar longe de casa. Ben se foi, Calli também, e estou em casa sem ninguém, a não ser o agente de polícia, e odeio esse sentimento. Saio um pouco, tentando pensar em para onde poderia ir. Quem iria querer ser arrastado para o meio daquela confusão? Talvez a sra. Norland, nossa vizinha idosa. Ela é a coisa mais próxima de uma amiga que tenho no momento, apesar de nosso relacionamento se restringir a simples acenos sobre as cercas do quintal. Meus olhos recaem sobre o jardim, que precisa ser cuidado, e resolvo esperar um pouco por alguma novidade antes de chamar a sra. Norland. Não vou permitir que um estranho me tire de minha própria casa. Sigo até o galpão para pegar minhas luvas de jardinagem, balde e pá. Não rego as plantas há dias, mas sei que não deveria fazê-lo agora. O sol ardente evaporaria as gotinhas e as plantas não seriam capazes de absorver a água.

No galpão escuro, uma velha estrutura rudimentar que começava a ceder, apanho minhas ferramentas de jardinagem e noto, no meio das teias de aranha, quatro velhos galões de tinta de um tom leve, amarelo. Há anos meus irmãos se mudaram, e meu pai fez o mesmo pouco tempo depois. Ele dizia que a casa era muito solitária sem minha mãe. Depois que me casei com Griff, ele me deu as chaves da casa branca, de dois andares, e desejou que fôssemos felizes. Eu tinha 18 anos.

Naquela época, ainda queria morar em uma casa amarela. Passei horas numa loja, olhando palhetas de pintura, tentando encontrar a tonalidade ideal para nossa casa. Comprei os galões uma semana após o casamento; Griff sorriu e falou que ia começar a pintura em breve. Nunca o fez. Eu tinha 18 anos naquela época. Agora tenho 31 e nada de casa amarela.

Saio sob o sol escaldante e vou dar uma olhada nos meus canteiros. Por onde começar? Todos foram negligenciados; o tempo estava muito quente para que alguém se aventurasse a enfrentar o calor das últimas semanas. Minha horta estava abarrotada de tomates muito maduros e abobrinhas. Meu canteiro de flores estava repleto de heras-terrestres, pétalas mastigadas por veados e caules murchos. Meus olhos se fixam numa marca sobre a poeira, além do canteiro de verduras. Semeara mudas de grama no verão anterior, mas não dera certo. Em vez disso, parecia que o terreno se expandira para um pedaço de solo medindo 90cm de comprimento por 1,50m de largura. Passo por cima de um longo caule de ruibarbo para examinar a impressão. Duas perfeitas pegadas de criança estão marcadas no pó. Os pés estão inteiramente definidos.

Marcas maiores de botas de um adulto estão ao lado das marcas menores, quase pé ante pé. Então, alguns passos depois das marcas das botas, algo mais aparece. Meu coração acelera de medo. As marcas dos pés podem ser antigas, penso, mas sei que não são. Eu me curvo, toco a areia de leve e a esfrego entre os dedos. Levanto-me rapidamente e corro de volta para casa, para comunicar aquilo ao policial e ligar para Louis.

Martin

Antes de Fitzgerald e Louis partirem, eles nos induzem a ir para a casa de algum parente durante o resto das investigações. Argumentam que é mais confortável ter família e amigos por perto,

assim não vamos comprometer nenhuma pista que porventura haja na casa com o entra e sai das pessoas.

— E se Petra vier para casa? — pergunta Fielda. — Preciso estar aqui para ela. — Eles asseguram que alguém estará esperando por Petra o tempo todo, irá entrar em contato e mantê-la informada de tudo.

Levo Fielda para a casa da mãe dela. A sra. Mourning nos cumprimenta em prantos e sacode nervosamente Fielda. Fielda parece estar mal, e nós a convencemos a ir descansar. Sua cabeça dói, e encontro no estojo de remédios um Tylenol para ajudá-la a repousar. Suspeito de que ela precisava de algo mais, mas não tenho coragem de lhe dar um remédio mais forte. Levo o comprimido e um copo com água para o quarto, onde Fielda estava enrolada num acolchoado feito pela avó. Ela parecia frágil e velha. Isso me surpreendeu. Normalmente, era vibrante, jovem, sólida, uma força da natureza. Eu não estava acostumado a tomar conta dela, foi sempre Fielda que cuidou de mim. É estranho, eu sei; porque, tendo sido um solteirão até os 42 anos, tinha certeza de haver cuidado com eficiência de mim mesmo, até que conheci Fielda.

Entro no quarto e fecho a porta. O aposento está calmo e frio. Fielda, obediente, deixa cair as pílulas na língua e engole a água que sirvo. Puxo o lençol em torno de seus ombros, e ela pousa a cabeça no travesseiro.

— Só um minuto — diz, quando afirmo que precisa descansar. Ela não quer, não entende como pode descansar com a nossa filha longe, em um lugar desconhecido, mas eu lhe murmuro suavemente no ouvido, e Fielda fecha os olhos por um instante. Seus cabelos cacheados se espalham pela fronha do travesseiro. Tenho vontade de me deitar ao lado dela, tomar uma porção de comprimidos e deixar o sono invadir meu corpo. De qualquer modo, não posso; preciso estar alerta, preparado para ajudar na busca por Petra. Louis e Fitzgerald asseguraram que fariam contato comigo quando a entrevista com Antónia e o filho terminasse.

Quando Fitzgerald e Louis terminaram de interrogar a mim e Fielda, apertaram minhas mãos e entraram no carro, um sentimento de sujeira e perversidade me acompanhou. O agente Fitzgerald não nos acusou de nada, sem dúvida. Mas solicitou que Fielda e eu passássemos no distrito policial e deixássemos nossas impressões digitais. Com o fim de excluí-las das investigações, nos assegurou Fitzgerald. Não sou uma pessoa desinformada; às vezes, fecho os olhos para o mundo que me cerca, admito, mas não a ponto de desconhecer que membros da família são os primeiros suspeitos em qualquer situação de desaparecimento de crianças e que, na maioria das vezes, são realmente os culpados. A realidade de que a polícia, minha comunidade, meus colegas pudessem desconfiar de que eu tivesse causado algum dano a duas crianças, minha filha, me irrita. Sei que eu e Fielda não tivemos nada a ver com isso, e o fato de que minutos cruciais foram gastos com esses pensamentos me deixa mal.

Recordo-me de ter sentido o mesmo quando Fielda me deixou, na segunda das duas vezes em que estivemos separados, um pânico e uma sensação de ausência de controle que começou nas extremidades e percorreu todo o meu corpo, até chegar dentro de mim, acabando com meu equilíbrio.

Desde o dia em que nos casamos, Fielda sempre falou em crianças, uma casa cheia delas, com cabelos cacheados e olhos negros, que amassem livros, como eu, e comida, como Fielda. Para ser honesto, eu ficava bobo de ter essa mulher impressionante e bonita a meu lado, e estar casado com ela parecia irreal e mágico para mim. Eu sentia o mesmo em relação a crianças. Não me imaginava como pai.

Fielda gastava horas com revistas sobre maternidade e catálogos de roupas infantis. Eu sempre fazia que sim com a cabeça e soltava um som condescendente quando ela me mostrava um artigo específico sobre cuidados com o pré-natal ou alimentos infantis orgânicos. Meses se passaram, um ano, e nada de bebê. Analisando o fato hoje em dia, penso que podia ter percebido a

mudança em Fielda: a gradual queda dos ombros, um leve repuxo nos cantos da boca, o modo de observar as jovens mães nas lojas de comestíveis, mas não notei.

Ao longo de dois, três e, finalmente, quatro anos, Fielda continuou interessada em livros sobre maternidade. Seu único assunto eram os bebês. Como ficar grávida, ter um bebê, criá-lo. Sinto-me constrangido em dizer que perdi a paciência com ela. Não tenho muita habilidade manual, mas, de vez em quando, tento apertar um parafuso ou trocar um fusível. Fui para nosso porão, onde guardo minha caixa de ferramentas, semiova pelo pouco uso. Precisava trocar o chuveiro de nosso banheiro. Não sei como, mas o recipiente chamou minha atenção. Era grande, plano, de plástico, com uma tampa azul e parecia estar cheio de roupas. Talvez o tecido rosa, brilhante, em contraste com o cinza-escuro do porão tenha me dado essa impressão. Não sei. Mas tirei a caixa da prateleira e abri, um pouco timidamente, como se estivesse fazendo algo errado. Dentro, havia dúzias de roupinhas infantis, nas cores rosa, azul e amarelo, com as etiquetas de preço ainda penduradas nelas. Havia vestidos para menina e macacões para menino, meias que mal cobriam meu polegar. Havia aventais coloridos com os dizeres "A Garotinha do Papai" e "Tem Leite?". Não foi pelo dinheiro, já que o valor gasto com o que tinha naquela caixa somava uma pequena fortuna, que me irritei. Aquilo, de alguma maneira, me parecia muito triste. Verdadeiramente patético. Analisando hoje, vejo que representava uma simples esperança. Para Fielda, comprar as roupas significava que ela ia conceber e ter uma criança. Teria mesmo, pois já havia adquirido as roupas. Eu não enxergava as coisas dessa maneira. Peguei um punhado daquelas roupas e deixei cair peças absurdamente pequenas atrás de mim, camisetas e botas, à medida que subia a escada.

— Fielda! — falei alto, assustando-a tanto que deixou cair a panela de espaguete que levava até a pia para escorrer. Ela tentou evitar o contato com a água escaldante e derrubou frágeis massinhas de espaguete no chão.

— Martin! — repreendeu-me ela, impaciente. — Que foi?

— Foi isso! — disse eu, segurando as roupas de bebê. — Você está louca? — perguntei. Palavras das quais me arrependi imediatamente, porque, pela expressão em seu rosto, ela fizera a mesma pergunta para si mesma. Ainda assim, continuei: — Fielda, nós não temos filhos. Talvez nunca tenhamos. Talvez seja a hora de você encarar isso.

— Vou ter um filho, Martin — disse ela com voz baixa e ameaçadora. — Não posso deixar de ter um filho. Preciso ter um filho.

— Ela se aproximou e vi uma luz em seus olhos. Uma sensação de medo passou por mim, mas a dominei.

— Não seja tão dramática — repliquei com crueldade. — Não vou ficar sentado vendo você gastar dinheiro com um bebê que não existe. — A dor no rosto dela ainda me faz perder o fôlego, e o fato de eu tê-la provocado ainda me faz arder de vergonha.

Fielda se retirou do local, escorregando no espaguete. Não falou comigo durante uma semana. E, mesmo quando voltou a falar comigo, não permitia que eu a tocasse. Ficou no banheiro por intermináveis minutos e saiu com os olhos vermelhos, mas nunca chorou na minha frente. Um dia, encontrei as pílulas para dormir no armário do banheiro.

Bom, disse para mim mesmo. Talvez ela voltasse a dormir durante a noite, em vez de ficar caminhando pelo quarto. Se tivesse prestado mais atenção, teria desconfiado. Devia ter percebido. Devia ter jogado aquele frasco fora no momento em que o encontrei.

Então, um dia, como se nada tivesse acontecido, ela apareceu como a mesma Fielda de antes. Pensei que tivesse voltado a se sentir bem e resolvido deixar a natureza se encarregar do assunto. Mas estava enganado. A missão de se tornar mãe estava mais forte

do que nunca, e descobri isso quando a secretária do consultório ligou para confirmar a consulta.

— Já temos os resultados dos exames — explicou a recepcionista. — O médico quer conversar com Fielda a respeito deles.

Dei o recado, tentando esconder meus sentimentos feridos por estar à parte da vida de Fielda. Embora seja necessário admitir que não podia culpá-la. Dissera a ela para desistir, algo que Fielda jamais fez na vida, desistir, quer dizer. Ela me agradeceu pelo recado e parou na minha frente, olhando-me como se me desafiasse a dizer o que quer que fosse. Não reclamei.

Em vez disso, adiei minhas aulas naquele chuvoso outubro para acompanhá-la. No consultório, tentei segurar-lhe a mão, o que ela repudiou com impaciência. Tentei ler artigos de revistas antigas em voz alta, mas ela me ignorou. Em vez disso, deu uma caminhada pela sala, olhando as paredes cobertas de fotos polaroides de mães entediadas carregando bebês no colo e, de vez em quando, com o marido ou namorado ao lado. Quando a enfermeira chamou o nome de Fielda, ela se dirigiu à sala sem sequer dar uma olhadela para mim. Momentos depois, a enfermeira voltou à sala de espera e me chamou:

— Sr. Gregory, o senhor pode vir? O dr. Berg gostaria que nos acompanhasse — disse ela, sorrindo.

Eu a segui, encorajado pelo sorriso. Boas notícias, pensei. Fielda vai voltar à forma. Seus ombros vão voltar à posição normal, o sorriso voltará aos olhos. Quando entrei na sala, Fielda estava sentada, completamente vestida na mesa de exame, cruzando e descruzando os tornozelos nervosamente. O médico era um homem de pele morena, com um rosto sério. Seus cabelos pretos caíam pela testa, tinha olhos compenetrados.

— Sr. Gregory, sou o dr. Berg, ginecologista. Por favor, sente-se. — Ele me indicou uma cadeira de plástico.

— Não, obrigado — respondi e permaneci de pé ao lado de Fielda.

— Chamamos vocês para vir aqui hoje para lhes dar os resultados dos exames iniciais que fizemos para descobrir por que a sra. Gregory não consegue engravidar.

Fiz que sim com a cabeça e procurei a mão de Fielda. Dessa vez, ela não me evitou.

— A boa notícia é que não encontramos nada conclusivamente errado que esteja impedindo a concepção da sra. Gregory. Há, é claro, outros exames que podemos fazer, mas sugiro que experimentemos outros caminhos.

— Por exemplo... — comecei.

— Por exemplo, eu sugeriria que o senhor, sr. Gregory, tirasse uma amostra de esperma. Isso poderia me orientar quanto à viabilidade do esperma.

— Ah! — ri exageradamente. — Acho que isso não será necessário. Penso que as coisas virão no tempo certo. Talvez nem venhamos a nos reproduzir.

Senti Fielda desembaraçar a mão da minha. Não com violência, mas cuidadosamente. Levantou-se da mesa, saiu depressa da sala, sem se dirigir ou olhar para o médico, o que me surpreendeu, pois Fielda, em geral, é muito educada. Agradei ao doutor em nome dos dois e caminhei para a saída. Quando cheguei ao estacionamento, vi que Fielda partira em nosso carro. Caminhei cerca de 3 km, estragando meus sapatos sociais no frio temporal de outono, como um bêbado no pântano. Quando cheguei em casa, Fielda não estava lá. Resolvi dar-lhe um tempo para pensar, para ficar sozinha consigo mesma, mas os minutos se transformaram em horas e a noite chegou. Finalmente, liguei para o Mourning Glory e perguntei à sra. Mourning, atapalhado, se ela vira Fielda. Negativo.

— Vocês tiveram a primeira briga? — brincou ela, de bom humor. — Já não era sem tempo. Estão casados há quatro anos!

Ri timidamente e pedi que me avisasse se Fielda desse notícia.

Parou de chover, mas a escuridão aumentava em torno da casa, e logo fiquei chocado com a sensação de solidão. Finalmente, abandonei a ideia de que ela precisava de um tempo e entrei em nosso outro carro, o "carro de pobre", como dizia a sra. Mourning, um Chevette com um tom de bronze que, afortunadamente, encobria as manchas de ferrugem das extremidades da lataria. Passei a hora seguinte dirigindo para cima e para baixo pelas ruas, procurando Fielda; passei pela livraria, a fábrica, lojas, confeitaria, sem nenhum resultado. Dei ainda uma paradinha em frente ao Mourning Glory e olhei rapidamente para a fachada. Desci, mas não vi Fielda no nosso Camry. Decidi me dirigir ao Willow Creek Camping Grounds, um local que me pareceu lúgubre e sujo, onde pessoas que não têm nada melhor para passar o tempo armam barracas de camping e se sentam em torno de fogueiras, bebendo dia e noite. Não podia conceber que Fielda estivesse por lá, mas eu estava fora de mim. Entrei pela rua pavimentada margeada por gigantescos bordos que, com sua plumagem vermelha, sombreavam o pôr do sol, vi o carro quase que imediatamente e pressionei o pedal do freio, fazendo o carro dar solavancos. Parei perto de Fielda e pude ver que alguma coisa não estava certa. Que algo muito ruim acontecera. Abri a porta do carro devagar (não sei por que não me precipitei), descí e a fechei com firmeza. Podia ouvir meus sapatos batendo no chão pavimentado, molhado, conforme me aproximava do carro dela. Nenhum movimento lá dentro. Primeiro, fui para o lado do motorista e pressionei o vidro com a testa, enquadrando a imagem com as mãos para poder ver melhor. Minha Fielda estava sentada, se é que se pode chamar assim, no assento do motorista, esparramada de tal maneira que sua cabeça descansava no assento do acompanhante, os braços envolvendo o rosto como se ela estivesse dormindo. Mas não estava. Fui abrir a porta, mas Fielda a trancara. Tateei meu chaveiro, durante um tempo que pareceu uma eternidade, tentando encontrar a chave

certa. Tive de parar para respirar e controlar os movimentos da mão. Finalmente, puxei a porta com força e trouxe Fielda para mim. Primeiro, pude sentir o cheiro de vômito, um odor amargo, e, em seguida, observar a grande bagunça no chão e no assento do carro. Fielda estivera deitada ali. Não sei se falei, não me lembro de tê-lo feito, mas me lembro de ter pensado: Por favor, não me deixe perder Fielda. Eu a apertei contra o corpo, disso eu sei, balançando-a para a frente e para trás por alguns instantes, até que voltei a mim. Afastei-a da maneira mais gentil possível, ainda que, sabedor da urgência do caso, não tenha podido ser tão gentil quanto queria.

Arranquei com o Camry e, desobedecendo a todas as leis de trânsito, dirigi até o Mercy Hospital, onde o pessoal a tirou de mim. Não tinha permissão para vê-la. Colocaram uma sonda em seu estômago. Entreguei o frasco vazio das pílulas que Fielda havia ingerido para a enfermeira da emergência, e ela me disse, com um olhar crítico, ter sido um milagre a paciente ter sobrevivido e estar se recuperando na ala do hospital descrita pelos meus alunos como "local para gente perturbada". Sei que merecia aquele olhar, sabia que falhara com minha esposa e estava sendo punido.

Ela foi tirada de mim. Durante duas semanas, mesmo com a autorização de visitas, ela se recusou a me ver. Não dei aulas, não fui a minha sala; fui ao hospital e fiquei na sala de espera implorando para que as enfermeiras me deixassem vê-la por um instante, não mais. Mandeí flores, doces, bolinhos de laranja, mas ela mandou devolver tudo. Por fim, devido à insistência da sra. Mourning, tenho certeza, Fielda me recebeu.

Sozinho, entrei no quarto dela, que não era escuro nem triste, como esperava que fosse, mas caloroso e animado, cheirando a rosas, minhas flores rodeando seu leito, com cartões e desejos de melhoras da família e amigos. A enfermeira nos deixou, dizendo que Fielda a chamasse, se necessário. Fielda não me fitava nos olhos. Parecia-me debilitada, menor e cansada, muito, muito cansada. Fui em sua direção assim que tirei o casaco e os sapatos, e me deitei no pequeno leito de hospital, colando meu corpo ao dela. Juntos,

choramos, os dois, pedindo perdão um ao outro e, quietos, lacrimosos, nos permitimos ser perdoados.

Hoje, dez anos depois, no calor do verão, nossa filha está desaparecida, Fielda está com o lençol cobrindo a cabeça e posso ouvir sua respiração no sono pesado e regular. Toco seu ombro antes de deixar de mansinho o quarto e fechar a porta. Sei que não posso ficar aqui na casa de minha sogra, longe demais de tudo. Preciso estar perto dos policiais, tenho que estar por perto, caso surja alguma novidade. Já falhei com minha filha ao permitir que ela fosse tirada de casa, não foi? Devia ter percebido, não devia? Alguém entrando em minha casa no meio da noite, subindo as escadas, passando pelo meu quarto, pelo corredor, ingressando no quarto de minha filha, parando na porta, ouvindo o zumbido do ventilador, observando o vaivém do peito de Petra...

Devo parar por aqui. Não posso imaginar o que poderia acontecer depois desse ponto. Devia ter percebido, não devia? Alguém entrando em minha casa, eu deveria ter percebido...

Ben

Eu corro até meu peito ficar a ponto de explodir. Meu rosto está quente por causa das lágrimas. Tropeço num pedaço de lenha e rasgo minha camisa social num galho espinhoso, mas, ainda assim, corro na direção do rio. Posso perceber, pelo jeito como o policial me olhou e falou, que ele pensa que posso ter feito mal a você, Calli. Ao menos pensa que sei quem fez mal a você.

Jason Meechum, o desgraçado. Faz sentido o terem mencionado. Eu podia tê-lo matado. Podia. Mas, na verdade, não o faria. Mas eu estava tão louco, furioso! Tudo começou na aula de Matemática na última primavera. Eu estava resolvendo um difícil problema de divisão com frações no quadro-negro e não conseguia

pensar direito. Os números se misturavam, e eu não conseguia raciocinar. Se tivesse um pedaço de papel e estivesse sentado na mesa da cozinha, com você cantando com o pé na cadeira a meu lado, desenhando borboletas, tudo estaria certo. Em vez disso, eu estava de pé ao quadro-negro, na frente de 27 outras crianças, com um pedaço de giz esfarelado na mão, e não conseguia raciocinar. Jason Meechum foi quem começou. Podia ouvir sua voz fina e irritante:

— Retardado! — Ele tossia, escondendo a boca atrás da mão.

Os outros alunos sorriam, mas não falavam nada. O professor não o ouvia, é claro, e dizia para eu continuar tentando. Mais risadas; eu podia sentir dúzias de olhos fulminando minhas costas. Dei uma olhadela para trás, por cima dos ombros, e vi Meechum fazendo caretas e murmurando:

— Retardado.

Lembro-me de tentar engolir a saliva, mas minha boca estava seca. Não consigo acreditar que fiz aquilo, não mesmo. Mas Meechum já havia me irritado antes, fazendo graça com meu pai bêbado e minha irmã muda. Aquilo foi demais para mim e saí do sério. Segurei o grosso giz na mão e joguei nele com toda a força; sou um garoto grande e tenho um braço forte. Logo que o giz saiu de minha mão, me arrependi do que tinha feito, mas era tarde demais. Pensei que podia atingir um colega de classe, ou pior, o professor. Mas não. Acertou Meechum em cheio, bem no meio do rosto. Ouvi o estranho som quando o giz o atingiu e pude vê-lo cobrindo o rosto com as mãos. A classe toda ficou em silêncio, e a srta. Henwood desabou na cadeira, boquiaberta: geralmente não sou do tipo de rapaz que causa problemas na classe. Depois saí da sala e fui para casa, caminhando cerca de 5km.

Minha mãe estava me esperando quando cheguei em casa. Ela não estava brava nem nada. Apenas me olhou com tristeza, e isso, naturalmente, me fez começar a chorar. Ela simplesmente me colocou no colo, como quando eu tinha 3 anos. Tenho certeza de

que a deixei abalada, e ela me fez chorar ao dizer que tudo iria acabar bem.

Não acabou, no entanto; tivemos uma reunião com o diretor. Fui obrigado a pedir desculpas a Meechum, e o fiz, embora achasse que ele não merecesse. Os pais de Meechum gastaram alguns minutos dizendo que eu devia ser suspenso ou coisa assim, mas não fui. Quem dera.

Na semana seguinte, Meechum e os amigos me encurralaram depois das aulas e me empurraram para lá e para cá, dizendo que mamãe era uma vadia que estava saindo com o assistente de xerife. Apenas fui embora nesse dia, porém, mais tarde, quando Meechum estava sozinho, eu o peguei de jeito, torci seu braço nas costas e disse que iria matá-lo se tocasse no nome de alguém de minha família novamente. Meechum contou para a mãe, e ela foi se queixar na escola e na polícia. Uma nova reunião foi marcada, mas neguei tudo, e ele não conseguiu provar nada. A sra. Meechum disse qualquer coisa sobre eu ser ruim como meu pai, e minha mãe quase ficou louca de raiva com a afirmação. Mas o estrago já estava feito. Todos passaram a me olhar de um jeito diferente dali em diante. Eu não era mais o menino quietinho.

Calli, eu não seria capaz de machucar ninguém. Não sou como papai, não sou. Nunca faria mal a você. Vou encontrá-la, nem que isso leve a noite toda. Eu a levarei de volta para casa e, então, eles saberão.

Calli

Calli dormiu irregularmente. O chão era imperdoavelmente duro. Mosquitos atacavam as partes expostas e, embora ela tenha enfiado as pernas dobradas debaixo da camisola, picaram seus tornozelos e antebraços.

Sonhou intermitentemente que voava entre os galhos das árvores. Sentia um vento frio na testa e um agradável frio na barriga, que vinha com o voo, como no carrossel do parque de diversões. Abaixo, ela podia ver o riacho frio acenando para ela; tentou fazer o corpo voar até a água lá embaixo, mas não conseguiu. Continuou a voar, seguindo o traçado do rio. Teve um vislumbre do cabelo brilhante do pai, e o coração acelerou de medo. Ele olhava para ela, a raiva dominava seu rosto. Calli passou rapidamente pelo pai e viu o veado com orelhas de coelho bebendo a água da beira. Seus olhos se fixaram nela com calma, e Calli baixou alguns metros acima do animal. Ela estendeu a mão para acariciá-lo, mas ele saiu do alcance e fugiu para a floresta. Calli tentou seguir a ventania produzida pelo rabo branco, levantado, em sinal de alerta. Passando por figueiras e castanheiros, o veado dobrava o corpo e girava. Calli se concentrou para segui-lo. Outra mão a agarrou por trás e tentou sequestrá-la, mas pegou apenas a bainha da camisola. Olhando por cima dos ombros, ela notou que era Petra, que voava feliz atrás dela. Uma outra mão tocou brevemente seu braço, e sua mãe sorriu para ela. Calli voou mais lentamente, mas não parou e, por um momento, acompanhou a dor da mãe, enquanto continuava voando. De repente, a floresta foi tomada por gente que ela conhecia, que se segurava nela de um modo amistoso, como crianças perseguindo bolas de sabão. Estavam ali a sra. White, a enfermeira da escola, e sua professora do jardim de infância, e a sra. Vega, a professora da primeira série, que ela amava de paixão. O sr. Wilson, orientador da escola, segurava o diário dela aberto e apontava algo nele, mas Calli não conseguia ver o que era. O que ele estava apontando? Calli queria tanto saber. Ela tentou fazer o corpo voar na direção do sr. Wilson para olhar o diário, mas, como não conseguiu, voou para mais longe. Lá estavam o sr. Norland, o assistente de xerife Louis, o sr. e a sra. Gregory, Jake Moon, Lenna Hill, o livreiro; todos procurando por ela. Espreitou a multidão, procurando por Ben, mas não conseguia vê-lo. Agora havia pessoas que ela não conhecia se segurando nela, e isso era apavorante para Calli. Tentou bater os pés e flutuar para cima, com os braços no ar, e acabou voando para a frente, na direção do veado. Logo chegou a uma bonita clareira. Árvores circundavam a pequena campina verde. Havia um pequeno

lago aconchegante no meio, e um cervo novo parou para tomar água. Ela estava com tanta sede, mas não conseguia levar o corpo para baixo até a margem. De repente, Ben estava lá, grande, forte e gentil. Ele a chamou. Ela queria dizer a ele que estava com sede, com muita sede, mas as palavras não saíram. Ele parecia saber, de qualquer forma, Ben sempre parecia saber das coisas. Afundou as mãos em concha na água e as tirou, cheias. Ainda assim, Calli não conseguia levar o corpo até ele, que jogou a água para cima. Ela conseguiu pegar um pouco com a língua. Estava fria e doce. Calli tentava alcançar o irmão, mas parecia cheia de gás hélio, então subia e subia, acima do topo das árvores. Ben começou a desaparecer rapidamente, o cabelo ruivo parecia uma pequena bandeira abaixo dela. Ela continuou a viajar para cima. A temperatura aumentava à medida que ela subia, até que se chocou contra o sol.

Calli acordou sobressaltada, momentaneamente desorientada. Sentou-se e tentou molhar os lábios rachados, mas a língua estava grossa, pesada e não se mantinha úmida. O sonho fugia da sua mente enquanto piscava para despertar, mas relaxou com um pensamento reconfortante, sentindo que Ben estava por perto. Ela se levantou devagar, os músculos contraídos, os pés doloridos. Para baixo, resolveu ela, indo na direção da água, iniciando a descida para a ribanceira, para onde pensava que o rio poderia estar. Enquanto caminhava cuidadosamente pela estrada, evitando galhos quebrados e pedras irregulares, lembrou-se de momentos do sonho e da imagem do orientador escolar, sr. Wilson, pegando o diário dela, apontando para alguma coisa dentro dele.

Na primeira vez em que se viram, o sr. Wilson, forte, magro, de cabelo branco como osso e nariz comprido, convidou-a a se sentar perto dele, em volta de uma mesa circular, na sala de orientação. Na frente deles estava um diário preto, feito de papel de rascunho, áspero, com pequenas fibras naturais apontando para fora. As folhas eram mantidas juntas por uma fita branca de seda. Calli pensou que era um bonito livro e ficou com vontade de folhear para ver o que tinha dentro. Perto do diário havia uma caixa novinha de

giz colorido, não do tipo grosso, que vem em apenas quatro cores e é usado para desenhar em calçadas, mas uma verdadeira coleção de artista, com cores brilhantes e ricas. Suas mãos ficaram com comichão para abrir o pacote.

— Sabia, Calli — começou o sr. Wilson —, que algumas das melhores conversas que as pessoas têm não usam a palavra falada? — Ele esperou, como se estivesse aguardando uma resposta de Calli.

Imediatamente, Calli levantou a guarda. A orientadora do ano anterior, a sra. Hereau, uma mulher parecida com um rato, que só vestia roupas largas, em tons cinza e canela, aguardava uma resposta de Calli. Ela não respondeu.

— Calli, eu não vou tentar fazer você falar — disse o sr. Wilson, como se estivesse lendo sua mente.

Ele esfregou o nariz de Calli com o dedo esticado e olhou para ela bem nos olhos. A sra. Hereau nunca ameaçou olhar para o rosto de Calli, sempre conversava com ela fazendo anotações em um caderno. O jeito direto do sr. Wilson deixou Calli um pouco desconfiada.

— No entanto, quero conhecer você — continuou ele. — É meu trabalho procurar conhecer os alunos e ajudá-los, se for possível. Ah, por que você parece tão desconfiada, Calli? — O sr. Wilson riu. — Valorizam excessivamente a fala. É uma bobagem. Eu ouço pessoas falando todo dia. Vou para casa e ouço minha esposa falando, meus filhos falando e meu cachorro falando.

Ele deitou os olhos em Calli, que franziu o nariz e riu com a imagem do sr. Wilson ouvindo um labrador ou um pastor alemão preto, sentado à mesa da cozinha, falando sobre como foi seu dia.

— Tudo bem, meu cachorro não fala, não fala mesmo, mas todos os outros falam. Então esse silêncio será bom para mim. Pensei — disse ele, esticando as pernas finas debaixo da mesa —

que a gente podia usar esse diário aqui e escrever um para o outro. Uma espécie de amizade por correspondência, mas sem usar envelopes ou selos. Nossa conversa poderia ser aqui mesmo.

Ele fincou o diário com um dedo.

— O que acha, Calli? Não responda. Pense nisso, decore a capa, seja qual for. Eu já vou sentar aqui na minha mesa para trabalhar e aproveitar o silêncio. — O sr. Wilson sorriu, confiante, levantou-se e foi até sua mesa antiga de carvalho, no canto do escritório. Ajeitou seu corpo comprido numa cadeira de aço e dobrou as pernas debaixo dela. Arqueou o pescoço fino sobre o conteúdo de um folheto que começara a ler.

Calli observava o livro à sua frente. Ela amava desenhar figuras e escrever histórias. Conseguia escrever muito, mesmo quando estava na primeira série. Escrevia histórias sobre cavalos, fadas e cidades dentro do oceano. Ela nunca tivera um amigo por correspondência, nem mesmo escrevia para o pai quando ele estava longe; isso nunca ocorrera com ela. Não podia imaginar que alguém pudesse se interessar pelo que escrevia. Todos queriam ouvir o que tinha a dizer, como se as palavras que falasse fossem pedras preciosas.

Ela abriu o diário. As folhas creme, sem linhas, eram estranhamente convidativas. As páginas tinham os mesmos fiapos de fibra que havia na capa, cada página com uma marca única. Ela fechou o livro delicadamente e voltou a atenção para a caixa de giz à sua frente. Escolheu um de cor púrpura que tinha o mesmo brilho das cabras-cegas de Willow Creek, tomou-o nos dedos, admirando-o. No canto inferior direito, escreveu seu nome, devagar, com muito cuidado: Calli. Olhou de relance para o sr. Wilson, que ainda estava envolvido com seu trabalho. Calli recolocou o giz na caixa com cuidado e limpou o excesso de pó dos dedos no jeans, deixando marcas vivas. Empurrou a cadeira de volta à mesa, levantou-se, pegou o diário e o levou até o sr. Wilson. Entregou-o a ele.

— Pode deixá-lo ali em cima, Calli — disse ele, indicando a mesa redonda. — Nós nos vemos de novo na quinta-feira. Tenha um bom dia.

Calli se espantou. Era só isso? Nada daquela história de "Você precisa falar agora, Calli. Você está preocupando sua mãe desnecessariamente. Pare com essa bobagem. Não tem nada de errado com você!" Só "Tenha um bom dia?" e pronto?

Calli se afastou do sr. Wilson e, gentilmente, deixou o livro na mesa. Suspirou aliviada e saiu porta afora.

Calli passava duas sessões de meia hora por semana com o sr. Wilson, escrevendo e desenhando em seu diário. Muitas vezes, ele desenhava ou escrevia em resposta, quando ela pedia que o fizesse. Os desenhos e figuras prediletos dela eram os do cachorro dele, chamado Bart. Ele contava histórias em que Bart era capaz de abrir portas com as patas e ficava pedindo comida debaixo da mesa da sala de jantar, até mesmo dizendo a palavra hambúrguer em sua vozinha de cachorro. Às vezes, Calli precisava apontar uma palavra para o sr. Wilson ler para ela, mas geralmente ela conseguia ler o que ele escrevia. Ela esperava ansiosamente o começo da segunda série e a retomada das sessões com o sr. Wilson. Sentia-se segura na sala dele, quieta com seu giz, um lápis bem-apontado e o diário. O sr. Wilson dissera que suspenderia o diário durante o verão e que iria esperar o recomeço das aulas. Ela escrevera para ele, desde o segundo até o último encontro deles na primeira série, perguntando o que fariam quando o diário estivesse completo. Ele respondera:

— Comprar outro, claro. — Ela sorriu com isso.

Calli não sabia o que o sr. Wilson apontava para ela no sonho. Que página do diário ele estava querendo mostrar para ela? Não sabia. Eles haviam escrito muita coisa, nada particularmente importante, pelo menos para um adulto, mas o sr. Wilson tinha um jeito de fazer a gente pensar que tudo o que escrevia ou dizia era importante.

Um esquilo se mexeu ali perto e assustou Calli. Ela queria ouvir o borbulhar do rio, mas não ouviu nada além do som constante das cigarras.

Para baixo, pensou ela, o rio está lá embaixo, com água fresca e peixes prateados. Talvez até visse um sapo ou cintilantes libélulas púrpura, que brilham quando raspam na água. Para baixo.

Assistente de xerife Louis

Fitzgerald e eu nos separamos momentaneamente. Ele se dedica à busca com cão, e eu, a tentar achar Griff através do GPS de seu celular. Vou me reunir com os outros assistentes de xerife para dar e receber informações sobre o progresso na busca por Calli e Petra.

Nosso xerife, Harold Motts, está na ativa há muitos anos e desde o ano passado vem se afastando do trabalho de campo. Passou todos os serviços que podia para mim. Já se comenta que posso participar das próximas eleições para ser o xerife. A maioria da equipe está concordando com minha liderança para a função, menos uma pessoa: o assistente de xerife Logan Roper tentou fazer do meu cargo um inferno. Acho que é porque Roper é amigo íntimo de Griff Clark, um genuíno safado meu, mas quem sabe? Nós temos um mútuo entendimento. Demonstramos respeito profissional um pelo outro, só nos comunicamos quando precisamos, e isso é tudo. É muito ruim, mas, desde que a tensão não interfira em nosso trabalho, consigo conviver com isso.

Griff e Logan estavam cinco anos na frente de Toni e de mim no colégio. Eu nunca soube muito deles, somente que eram violentos e podiam ser maus. Não me lembro de como Griff e Toni se conheceram, mas suspeito que tenha sido através de um emprego na Gas & Go, uma loja de conveniência na rodovia 10. Toni

trabalhava lá nos finais de semana e após as aulas. Eu disse que não queria vê-la trabalhando num posto de gasolina tão tarde da noite e tão perto da estrada; alguém poderia levá-la para longe sem que ninguém percebesse. Toni sorria e me chamava de "policia". Eu odiava isso.

Lá por abril, no ano da formatura do colégio, Toni não falava comigo e se encontrava com Griff, aparentemente esperançosa e apaixonada por ele. Eu pensava que ela pretendia provocar ciúmes em mim, e funcionou, mas eu não queria dar o gostinho de ela saber disso. Eu não imaginava que um ano depois ela estaria casada com Griff.

Foi em novembro do nosso ano de formatura que eu e Toni começamos a conversar sobre nosso futuro juntos e o que queríamos. Havíamos passado uma manhã fria de inverno passeando pela floresta. Ela vestia um velho casaco marrom que pertencia a um de seus irmãos e um gorro colorido, tricotado pela mãe, que morrera um pouco antes, no outono daquele ano. Ela aparara os cabelos, deixando-os curtos, o que fez seu rosto parecer mais jovem do que seus 17 anos; perdera peso desde a morte da mãe e parecia muito frágil. Eu estava entusiasmado. Ela sabia que eu queria ir para a faculdade. Falou que me apoiava, mas eu percebia que não me apoiava de fato. Eu não podia estudar na St. Gilianus, então minha única opção seria uma escola estadual. O problema era que a Universidade de Iowa ficava a mais de 160km de Willow Creek. Eu já preencheria um formulário e fora aceito; devia partir em agosto. Quando contei para Toni, ela nem olhou para mim. Sentou-se sobre uma árvore caída que chamávamos de Ponte da Árvore Solitária, porque estava caída sobre um trecho do Willow Creek. Seu rosto, costumeiramente leve, enrijeceu quando tentei explicar que a faculdade não ficava tão longe e que eu viria para vê-la nos feriados e fins de semana. Disse também que nada a impedia de ir comigo. Poderia matricular-se em algumas matérias ou arranjar um emprego. Nós ainda poderíamos ficar juntos.

— Todo mundo me deixa — suspirou ela, enfiando as mãos nos bolsos do casaco.

Ela se referia à mãe, que morrera, e a seus irmãos, que haviam partido. Restavam só ela e o pai em casa, e, segundo Toni, o pai pretendia se mudar para Phoenix para ficar com Tim, o filho mais velho.

— Eu não a estou deixando — falei para ela. Mas Toni balançou a cabeça.

— Você não voltará. Vai para a faculdade com todas essas pessoas e ideias importantes. Vai se livrar deste lugar — disse ela, sem pensar.

— Não — insisti. — Eu não vou deixá-la nunca.

— Tudo que eu queria era morar em uma casa amarela — comentou secamente, antes de se retirar, deixando-me de pé, sozinho, entre as árvores nuas. Ouvi o barulho das folhas amassadas sob seus pés até não poder mais enxergá-la. Tentamos seguir em frente, como sempre fizemos, mais um mês, porém, algo havia mudado. Ela se retraía a meu toque, como se minhas mãos, em contato com as dela, a ferissem de alguma maneira. Toni ficava estranhamente quieta quando eu falava da faculdade, e uma nuvem cobria seu rosto toda vez que eu tentava fazer amor. Eu ainda não partira, mas ela já tinha me deixado.

Toni terminou o namoro comigo no começo de dezembro e, depois disso, foi como se eu nunca tivesse existido. Não atendia a meus telefonemas, não abria a porta quando eu aparecia, me evitava ao me ver nos corredores da escola. Finalmente, a encurrelei na floresta de Willow Creek. Ela caminhava devagar. Nevava, os flocos de neve eram enormes. Cheguei a pensar na possibilidade de acertá-la por trás com uma bola de neve. Estava com muita raiva. Mas não. Havia algo em Toni, ali, andando, que a tornava nua e vulnerável como as grandes árvores desfolhadas.

— Toni — chamei com suavidade para não assustá-la. Ela se virou rapidamente, protegendo o peito. Ao me ver, cerrou os punhos como se estivesse se preparando para uma luta. — Ei — disse eu. Ela não respondeu. — Podemos conversar?

— Não há nada para conversarmos — disse ela, com uma voz fria como o ar que nos rodeava.

— Você realmente quer fazer isso? — perguntei.

— Fazer o quê? — perguntou ela, como se não soubesse do que eu falava.

— Isso. — Minha voz ecoava pelas árvores. Ela deu um passo na minha direção e parou de repente, como se chegar mais perto pudesse fazê-la mudar de opinião.

— Lou — disse Toni com firmeza. — Quatro meses atrás, vi minha mãe morrer...

— Eu sei — falei. — Eu estava lá, lembra?

— Não, você não estava lá. Não de verdade. Durante quatro meses, vi minha mãe morrer. Não havia nada, nada, que eu pudesse fazer para ela melhorar, para fazê-la viver. Agora, estou perdendo meu pai. Numa situação completamente diferente, mas, assim que me formar, ele vai embora daqui. Para longe de Willow Creek para sempre. Ele não concebe a ideia de viver sem minha mãe aqui. Eu não quero terminar assim. De jeito nenhum!

— Ela me dirigiu um olhar raivoso.

— Não é a mesma coisa — argumentei.

— É exatamente a mesma coisa — devolveu ela. — Você vai me deixar, tudo bem, mas não vou passar o resto de minha vida esperando. Já perdi muito tempo com isso.

— O que quer dizer com isso? — perguntei, indignado. — Que eu fui uma perda de tempo?

— Quero dizer que não vou investir nem mais um minuto em alguém que não vai estar por perto, que não me ama o suficiente para ficar. Deixe-me sozinha. — Ela deu meia-volta e saiu pela floresta, ruidosa. Eu não devia tê-lo feito, mas fiz. Nessa hora, a odiei. Abaixei-me e peguei um pouco de neve molhada, formei uma bola perfeita. Não a lancei com muita força, mas, no segundo seguinte, ela se virou para me dizer algo mais e a bola de neve se espatifou em seu rosto. Ela ficou parada por mais uma fração de segundo, virou-se e retomou a corrida. Tentei segui-la para pedir desculpas, mas ela conhecia a floresta melhor que ninguém e, além do mais, era mais rápida que eu. Nunca descobri o que ela ia dizer antes da pancada da bola de neve.

No final das contas, ela conseguiu me esquecer, ou talvez fosse melhor dizer que eu consegui esquecê-la. Sabia que estava começando a agir como um tolo. Todos sabiam que eu amava Antônia e que ela não queria mais nada comigo. Ela se casou com Griff no ano seguinte, enquanto eu estava fora, na universidade, e teve Ben logo depois. Eu sabia da vida dela da mesma maneira que estranhos: por notas no jornal ou fofocas sem procedência. Nos tornamos estranhos, ela e eu.

Conheci Christine quatro anos depois, e nos casamos. Ela não tem nenhuma semelhança com Toni, e não queria envolvê-la no caso, mas acho que o fiz. Estou surpreso atualmente pelo fato de Christine ter tanta paciência comigo, especialmente porque eu a trouxe para Willow Creek para viver e formar uma família. Ela nunca se estabilizou definitivamente, sentiu-se sempre fora de seu lugar, nunca bem-vinda. Não é culpa dela que os moradores de Willow Creek sejam tão poucos e tenham tantos laços de parentesco entre eles. Talvez ela nunca tenha se sentido à vontade aqui porque não tenha querido, ou talvez porque eu não tenha querido. Não sei. Mas não tenho tempo a perder com isso; tenho que me concentrar nas questões mais urgentes.

Assim, entro no departamento, vejo o policial Tucci, que está lá me esperando.

— Temos algumas informações sobre os nomes que você queria — disse ele. — Não é muita coisa. Mariah Burton, a babá, está completamente limpa. Chad Wagner, um dos alunos, foi preso quando estava no colégio, porque era menor e estava bêbado. Tentei localizá-lo; ele está em casa, visitando o pai e a mãe, em Winner. Nada consta desse tal de Lucky Thompson, mas não conseguimos contato com ele. Não está em casa ou não atende ao telefone. Os homens da loja de móveis estão relacionados e foram interrogados. Estamos também checando todos os professores da escola das meninas. Calli passou muito tempo com o orientador da escola, um tal de Charles Wilson. Não conseguimos contatá-lo ainda. Por fim, resta Sam Garfield. Ele leciona na St. Gilianus. Está aqui há três anos. Antes disso, ensinou numa universidade em Ohio. Saiu mal de lá. Teve um caso com uma aluna. Tucci continua:

— Ah, e Antónia Clark telefonou há uns 20 minutos. Ela disse que encontrou pegadas que parecem ser de Calli e de um homem também. Estava muito tensa, chorando e falando entre soluços. Não consegui entender muito bem o que falava.

— O que você disse a ela?

— Disse que poria você a par de tudo o mais cedo possível. Ela falou que quer conversar com você. Tinha que conversar. Tentei explicar que você não estava disponível no momento. Que é um homem ocupado.

— Quem está por lá agora? — perguntei, já com a cabeça para fora da porta.

— Logan Roper.

— Ótimo! — resmunguei, suspirando.

— Bem, ele estava lá, disponível — respondeu Tucci, meio confuso. — Não podia ser ele?

— Tudo bem — respondi, lamentando. — Só quero estar por dentro de qualquer fato relacionado ao caso. Ligue para mim a qualquer hora, daqui por diante.

— Você acha que está se parecendo com o caso da garota McIntire? — perguntou ele.

— Não sei, mas isso é tudo que queremos evitar. — Fiz uma pausa na porta de duas folhas. — Tem mais alguma coisa que eu precise saber antes que vá à casa de Clark?

— Na verdade, sim. O Canal 4 tem ligado perguntando sobre as garotas. Eles querem um relatório. E a sra. McIntire ligou duas vezes. Ela quer que você retorne a ligação. Perguntou se pode ajudar de alguma maneira as famílias das meninas desaparecidas. Falou que virá hoje à noite.

— Santo Deus — resmunguei. — Entre em contato com Fitzgerald. Nós precisamos de um relatório oficial dirigido à imprensa. Quando foi a última vez que você falou com a sra. McIntire?

— Faz 40 minutos, acho. Ela deve chegar a qualquer instante. Dirijo-me à escrivania. Trataria de Toni mais tarde. Por ora, tinha que confiar que meus colegas, especialmente Roper, fariam o que aprenderam nos treinamentos. Rapidamente preparo um documento, na esperança de que satisfaça a imprensa, e meu telefone toca.

— Assistente de xerife Louis falando — digo.

— Oi, Louis — começa Fitzgerald. — Acabo de ter notícias das impressões digitais na casa dos Clark. O Laboratório de Perícia do Estado deve estar chegando por lá a qualquer hora. Quem vocês têm lá?

— Um policial de nome Logan Roper. Ele é bom, mas... — Hesito por um instante.

— Vamos lá. Diga. Alguma coisa o está incomodando? — cutuca Fitzgerald.

— Ele é um policial decente, mas também tem uma grande amizade com Griff Clark. Conflito de interesses, talvez. — Como se eu pudesse falar. Mas eu não confiava em Griff e também não confiava em seus amigos.

— Entendo o que está dizendo — fala Fitzgerald. — Coloque-o junto de alguém em quem confie. Que tal você?

— Bom, isso também pode dar problema.

É melhor pôr tudo para fora agora. Minha história com Toni. Não devia ter importância para o caso, mas tinha. Eu me preparava para contar tudo para Fitzgerald quando ouvi um pigarro e, em frente à minha mesa, vi a sra. McIntire.

— Olha — disse a Fitzgerald —, ligo para você depois. Desligo e encaro a mulher que eu esperava nunca mais ver de novo até pegarmos o homem que tinha destruído sua vida e a dos membros de sua família, a mulher cuja filha havia sido encontrada morta numa floresta, espancada e violentada, a 16km de sua casa, do outro lado da cidade. A mulher a quem ajudei a se levantar do chão do necrotério depois de identificar o corpo de Jenna, a mulher que me amaldiçoou da última vez em que nos vimos, porque ia enterrar a filha sem saber quem fizera aquilo com ela.

— Quero ajudar — disse ela simplesmente.

Ofereço uma cadeira, procurando a melhor maneira de dizer a ela que a última coisa que as famílias de Gregory e Clark precisam é de pensar que suas filhas possam estar mortas.

Martin

Não consigo ficar sentado esperando. Digo para a mãe de Fielda que estou indo checar as investigações e retornar para casa. Paro no acostamento da Timber Ridge Road. Alguma coisa está acontecendo na casa dos Clark. Grande alvoroço e agitação. Muitas viaturas entram e saem do estacionamento diante da casa. Meu coração dispara por uns instantes e tenho a impressão de estar tendo um ataque cardíaco, mas não o tenho, porque um ataque do coração não seria pior do que o que se passa em minha mente.

O sol despeja calor com mais ferocidade agora, se é que isso é possível. O termómetro do carro marca 37 graus, e isso sem incluir a sensação térmica. Saio do carro e me dirijo à casa dos Clark.

A floresta e esse silêncio, uma vizinhança tranquila, isso foi o que influenciou Fielda e eu a termos nossa casa aqui. Gostamos do fato de que, mesmo tendo uma grande vizinhança, apenas quatro são mais íntimos. As famílias Olson e Connolly moram à direita, e os Clark e a velha sra. Norland vivem à esquerda. Noventa metros separam nossas casas, então estamos próximos o suficiente para chamar cada um de vizinho sem prejudicar nossa privacidade.

Nós nunca deixamos Petra visitar os Clark quando Griff estava em casa, vindo do trabalho, seja lá onde for; um oleoduto no Alasca, parece. Não dizemos para Petra que Griff é o motivo de ela não poder ir lá de vez em quando; simplesmente dizemos que Calli tem tão pouco tempo para o pai que não deveria perturbar o tempo livre da família. Petra aceita isso com naturalidade, e não creio que ela saiba da doença de Griff. Calli certamente não comenta nada sobre o assunto.

Do outro lado da Timber Ridge existe uma outra linha de árvores, não a floresta que descansa ao lado de nossas casas, mas uma alta escarpa que nos separa do resto de Willow Creek. Alguns quilómetros abaixo de Timber Ridge, um número menor de casas

está disposto do mesmo modo; vizinhos aqui e acolá, com quintais desaparecendo na floresta. Meus pés amassam a grama amarela, queimada pelo sol e carente de chuva. De longe, vejo alguns policiais conversando com Antónia no jardim. Ela está apontando e gesticulando, mas não consigo ver seu rosto.

Vejo uma van que passa e volta diante da casa dos Clark. É uma van de uma emissora de televisão. Não consigo ver direito qual é o canal, mas todos estão obviamente em grande agitação. Aperto o passo. Resolvo ir por trás de nossos quintais para evitar repórteres e câmeras. Antónia também vê a van da mídia e corre para casa, enquanto os policiais correm para o veículo, agitando os braços, mandando o motorista parar. Corro o equivalente a um campo de futebol para chegar à casa dos Clark, e um policial me faz parar. Estou coberto de suor e me concentro em tentar normalizar minha respiração. Por que tantos policiais? É o que me pergunto.

— O senhor não devia estar aqui. Isso é a cena de um crime — me diz o policial.

— Sou Martin Gregory — explico, enquanto outro policial passa por trás de mim para colocar uma fita amarela, presa numa ponta da fonte de concreto para passarinhos que fica no jardim de Antónia. — O que aconteceu?

— Martin Gregory? — pergunta o policial.

— Pai de Petra — respondo, impaciente.

— Ah, sim, senhor. Aguarde, por favor, na frente da casa.

— O que está acontecendo? Vocês acharam alguma coisa?

— Creio que é melhor o agente Fitzgerald falar com o senhor — diz o policial ainda, após olhar por sobre os próprios ombros.

— Por favor, aguarde aqui. Ignoro suas palavras e o sigo.

— Antónia — chamo. Ela está sentada com as mãos no rosto.

— Antónia, o que está acontecendo? Aconteceu alguma coisa? Você encontrou algo lá fora? — Minha voz estava trêmula.

— Pegadas — diz Antónia, trêmula. — Acho que encontramos pegadas de um homem e de Calli.

— E de Petra? Você encontrou pegadas que podem ser dela? — pergunto.

O agente Fitzgerald fala, eu nem ao menos o tinha visto num canto do aposento, conversando com um homem que podia ser um policial, mas estava vestido em roupas comuns.

— Sr. Gregory, fico contente por vê-lo aqui. — Estende a mão para me cumprimentar, mas enxugo a minha no paletó antes de retribuir o cumprimento.

— O que está acontecendo? — pergunto de novo. Parece que ninguém está me ouvindo de verdade.

— Por favor, sente-se. — Ele fala como se o aposento fosse dele mesmo.

Eu me sento.

— Sr. Gregory, a sra. Clark comunicou que viu pegadas de criança e marcas de sapatos de um adulto. Elas podem estar lá há muito tempo. Como o senhor sabe, não chove há algumas semanas. Nós ficamos preocupados porque parece, pelas impressões na areia, que houve uma briga entre o adulto e a criança. Estamos investigando isso. Estamos checando também a área em torno de sua casa nesse ponto, para verificar se surgem pegadas de uma criança. — O agente Fitzgerald faz uma pausa para deixar a informação ser absorvida por mim e então continua: — Estamos recebendo um pessoal da perícia de Dês Moines.

Eles chegarão em breve. A polícia científica fará uma busca nesse quintal e no seu, para ver se outras pegadas serão encontradas. A imprensa chegou — anuncia Fitzgerald. — Isso é bom para o senhor e para a sra. Clark, embora torne as coisas mais difíceis para nós, logisticamente falando. Não queremos ninguém no caminho fazendo nosso trabalho.

— Preciso contar o que está acontecendo para Fielda. O que digo a ela? — pergunto.

— Diga a verdade. O senhor não pode esconder nada dela. Os dois têm que permanecer unidos e fortes. Mas devo insistir para que se afaste de sua casa. — Para Antônia, ele diz: — Sra. Clark, nós precisamos que a senhora também vá para longe de casa. Isso agora é uma cena de crime. A senhora tem alguém com quem ficar?

Toni parece confusa.

— Eu acho... Eu suponho que tenha a casa da sra. Norland. — Ela gesticula apontando para a casa da vizinha.

— Ótimo. Se os repórteres fizerem perguntas, diga que vai atendê-los daqui a mais ou menos... — Fitzgerald checa o relógio. — Uma hora. Esse tempo é suficiente para colocar as ideias no lugar e dar um depoimento com o sr. Gregory?

Eu digo que sim com a cabeça, mas, de fato, não tenho ideia sobre se estarei pronto ou não.

— O senhor, a sra. Gregory e a sra. Clark falarão primeiro. Depois, vou entregar à imprensa um resumo da investigação e responder às perguntas que serão feitas. Certo?

Volto a acenar positivamente com a cabeça e fico de pé.

— Vou buscar Fielda — digo resignadamente.

De repente, há uma comoção lá fora, uma série de gritos, não de raiva. A imprensa, talvez. O agente Fitzgerald sai correndo até a frente da casa.

— Sr. Gregory, é melhor o senhor sair daqui, rápido — instrui ele. — Droga de imprensa — resmunga.

Corro para o lado dele, para saber o que o preocupa. Vejo Fielda emergindo do carro da mãe, caminhando confusa para a entrada da casa dos Clark. Uma repórter solitária e um câmara começam a pressioná-la, e ela parece perturbada. Seus olhos procuram por socorro, e corro para fora da casa, em sua direção.

— A senhora é parente de uma das meninas desaparecidas? — pergunta a repórter. — O que sabe sobre as pegadas encontradas no quintal?

Fielda me olha em desespero. Seu vestido florido está amarrotado, os cabelos, jogados para um só lado, destrançados, a maquiagem, manchada abaixo dos olhos, e uma das faces apresenta uma marca provocada pelo tecido da roupa de cama.

— Temos informações de que a mãe de Jenna McIntire está na cidade. A senhora se encontrou com Mary Ellen McIntire? Ela deu algum conselho de como lidar com a situação? — A repórter, uma mulher séria, vestida com um terninho vermelho, lhe estendia um microfone do Canal 4 sob o queixo.

Fielda fica rígida e olha para mim, perplexa. Durante um horrível instante, penso que ela vai desmaiar. Seus olhos se reviram por um breve momento, mas mantenho os braços firmes em volta de seus ombros e a conservo perto de mim. Ela firma o passo, e a conduzo para longe da casa de Antônia, que nos segue de perto. O agente Fitzgerald sai e se apresenta à repórter.

Fielda respira fundo várias vezes.

— Estou bem, Martin. Conte o que está acontecendo. Eu aguento.

Devo parecer titubear, porque ela me fulmina com olhos frios.

— Martin, estou bem, juro. Preciso ficar bem se quiser ajudar Petra. Diga-me o que está acontecendo para sabermos qual será o próximo passo.

Ben

Calli, você se lembra de quando dormi em uma árvore? Na imensa árvore que fica logo depois de Willow Wallow? Eu tinha 9 anos, e você devia ter 4, não mais. Eu estava cansado de todo mundo querer vê-la falando. Era tudo com que mamãe se preocupava, fazê-la falar alguma coisa, qualquer coisa.

Ela se sentava à mesa da cozinha e dizia coisas como: "Você quer sorvete, Calli?"

Você fazia que sim com a cabeça; isto é, qual é a criança que não aceita um sorvete às nove e meia de uma manhã de quinta-feira?

"Diga por favor, Calli, e você vai ter esse delicioso sorvete", dizia ela em um tom de voz alto, chato, como se estivesse falando com um bebê, tentando convencê-lo a comer um purê de batatas ou qualquer comida ruim do tipo.

Claro que você nunca respondia. Mas mamãe sempre tentava. O sorvete podia derreter e ficar quente, e ela permaneceria lá na mesa, tentando convencê-la a tomá-lo, quando o que você queria mesmo era assistir a Vila Sésamo.

No fim, você não falava nada, e mamãe lhe dava uma bola de sorvete para tomar em frente à TV, invariavelmente. Logo, não era nenhum grande incentivo. Depois de algumas vezes, até uma criança de 4 anos perceberia que, se ficasse quieta por um tempo, iria ganhar o sorvete.

Um dia, foi a gota d'água. Eu estava cansado de ver mamãe tentando suborná-la quando até eu sabia que não iria dar certo.

Ela tirava o sorvete do congelador e levava ao armário para servi-lo em casquinhas.

Aaah, eu pensava, ela está pegando as casquinhas, hoje é dia de suborno. Mamãe começava sempre do mesmo jeito:

— Você quer sorvete, Calli? Humm, o que nós temos aqui? Tin Roof Sundae! Seu favorito, Calli!

— Como você sabe? — perguntei. Não consegui segurar.

— O quê? — perguntou mamãe. Ela estava pegando o sorvete do pote com uma concha.

— Como você sabe que o sorvete preferido dela é o Tin Roof Sundae? — perguntei, e mamãe pareceu ficar confusa.

— Eu simplesmente sei — respondeu ela. — Olhe, Calli. Casquinhas!

— Ela não gosta mais de amendoins. Ela sempre os deixa de lado — disse eu.

— Ben, vá brincar — disse mamãe, como se estivesse ocupada.

— Não. Calli não pode falar, ela não consegue. Por mais sorvete que você dê a ela, ou doce, ou pipoca, ela não vai dizer nada. Ela não consegue falar! — gritei.

— Fique quieto, Ben — disse mamãe num tom leve.

— Não! — repliquei, olhando-a nos olhos, desafiando-a a fazer o mesmo. — Você quer saber por que ela não consegue falar, eu vou falar com papai. — Eu me lembro de ter olhado em volta para ver se ele me ouvia, mesmo sabendo que não podia, porque estava viajando.

— Ben, pare! — respondeu mamãe, com o queixo trêmulo.

— Não! — Tomei o sorvete da mão dela, fui até a porta de saída, a abri e joguei no quintal. Não sei por que, mas me pareceu o melhor a fazer naquela hora.

O tempo todo, Calli, você ficou sentada, com os olhos arregalados, assustada. Depois, quando começou a gritaria, colocou as mãos nos ouvidos e fechou os olhos.

Por um minuto, pensei que mamãe fosse me bater. Ela estava com o mesmo olhar de papai.

— Vá em frente, bata em mim! — gritei. — Você está ficando igual a papai. Uma pessoa intimidadora, tentando convencer todo mundo a fazer o que você quer que faça, nada mais.

Eu corri, corri, corri e corri. Mais ou menos o que corri hoje. Nada corajoso, hein? Passei a noite naquela velha árvore em Willow Wallow. Você e mamãe foram me olhar, e eu lá, sentado no galho, quieto, vendo as duas lá embaixo, pensando que não conseguiam me ver. Mas flagrei você olhando para cima, na minha direção, me fazendo um aceno, e eu acenando de volta. Mamãe deve ter calculado para onde eu tinha ido, porque, mais tarde, apareceu com um pacote cheio de sanduíches e um pouco de refrigerante.

Ela foi até o pé da árvore e disse para você:

— Eu vou deixar isso aqui para Ben, Calli. Se ele ficar com fome, vai ter alguma coisa para comer.

Passei um dia e uma noite inteira naquela árvore. Desci apenas para pegar um pouco de comida e urinar. Você e mamãe voltaram para me checar uma porção de vezes naquele dia, e eu tinha certeza de que mamãe iria tentar me convencer a descer. Mas não o fez; ela simplesmente trouxe um travesseiro velho e deitou no chão, embaixo da árvore.

Dormi naquela árvore e desci na manhã seguinte com o corpo rígido e dolorido. Mamãe não ficou com raiva, como eu pensava que ficaria. Não disse nada sobre o assunto, em nenhum momento. Parou de tentar o suborno com sorvete desde então. Nunca mais fez aquilo. Ah, nós continuamos a tomar sorvete, mas nunca o Tin Roof Sundae. E nunca mais veio acompanhado de: "Diga por favor, Calli."

Calli, se você voltar a salvo para casa hoje, vou comprar o maior sundae sem castanhas que conseguir com o dinheiro da entrega de jornais.

Calli

Calli caminhava devagar pela trilha. Abriu-se uma campina dourada de cada lado. Flores de cenoura selvagem acenavam para ela. Calli nunca fora tão longe antes, mas o céu aberto fez com que se sentisse mais segura. Havia menos sombras e figuras escondidas atrás das árvores. Lírios cor de laranja emolduravam a trilha, bem como equináceas de cor púrpura murchas.

Petra as chamava de "margaridas púrpura", enfiava uma atrás da orelha e pegava braçadas de flores. Ela organizava complicados casamentos de bonecas e bichos de pelúcia. Uma vez, quando um dos alunos do pai, um homem chamado Lucky, parou em frente à casa no verão, com seu cachorro, Sargento, Petra e Calli desenharam convites para o casamento apressadamente.

Venha compartilhar da felicidade conjugal de Gee Wilikers Gregory e Sargento Thompson. Esta tarde no quintal

Gee Wilikers era o terrier de pelúcia de Calli. Ela rodeou o pescoço de Sargento com boninas amarelas e entrelaçou margaridas brancas para Gee Wilikers, Calli e Petra usarem como coroas. Petra presidiu a cerimónia, e Calli era a florista. Lucky, Martin, Fielda e Antónia eram todos convidados, sentados em espreguiçadeiras no quintal. Ben não queria saber de nada daquilo.

Petra sussurrou a marcha nupcial, enquanto Calli levava Sargento e Gee Wilikers para andar pelo corredor improvisado, um velho pano de mesa rendado. Lucky fingiu chorar de felicidade, trouxe Petra para os braços, declarando que o casamento fora "Simplesmente lindo!". Antónia tirou uma fotografia, e a mãe de Petra serviu sorvete de limão e refrigerante.

Ela se recordou de quando brincava de pega-pega com Lucky e Petra. Lembrou-se de quando tentou escalar o carvalho do quintal da casa de Petra. Lucky deu um calço para ela e, em seguida, ele próprio subiu. Eles jogavam os frutos do carvalho para baixo, observando Sargento correr atrás deles. Com os braços de Lucky a envolvendo, ela não sentia medo de cair. Tinha sido um dia muito alegre. Calli se lembrou de quando abraçava Sargento, seus pelos espessos de tom marrom-avermelhado aquecidos pelo sol. Eles saíam em tufo sujos, que se grudavam ao rosto e aos dedos de Calli, lambuzados de sorvete.

Agora, entre as ervas da floresta, Calli amarrou flores de pinheiros para fazer uma grinalda e a colocou na cabeça. Em seguida, fez uma outra coroa para Petra. Petra, ela sentia falta de Petra. Depois que ela e Petra se tornaram amigas, Petra virou sua principal porta-voz na escola. Desde aquele dia, Petra era a voz de Calli, a comunicação verbal com o mundo em torno dela. A sra. Vega, professora delas da primeira série, era muito receptiva a esse relacionamento e considerava as duas garotas como uma entidade. Uma vez, num passeio pelo campo até Madison, para visitar o zoológico, o ônibus da escola parou em um restaurante do tipo fast-

food. A sra. Vega perguntou a Calli o que ela gostaria de comer e olhou para Petra para saber a resposta.

Petra respondeu, pensando rapidamente:

— Ela quer um hambúrguer só com mostarda, fritas e um refrigerante. Calli adora mostarda.

A maioria dos adultos que Calli encontrava na escola se adaptava a suas necessidades especiais. Um dia, quando Calli chegou à escola, não era a sra. Vega quem esperava a turma na porta da classe, mas uma professora substituta. Era uma mulher grande, redonda e corpulenta, com uma grande montanha de cabelo cinza, cacheado, e uma cara carrancuda. Seu nome era sra. Hample e ela não tinha o bom humor nem a paciência da sra. Vega. Quando a sra. Hample estava perguntando o nome de cada criança e chegou sua vez, Calli não respondeu. Apenas baixou os olhos para a mesa.

— O nome dela é Calli — falou alto Petra.

A sra. Hample olhou de modo severo para Petra. A primeira hora na escola passou em branco, mas, na terceira vez em que Petra falou por Calli, a sra. Hample explodiu:

— Petra, não responda por Calli de novo, sim? Eu não chamei você — ordenou ela com voz firme.

— Mas Calli não... — começou Petra, mas a sra. Hample a interrompeu:

— Você me ouviu. Agora, não fale por Calli novamente. Se ela tem alguma coisa para falar, que me diga.

Um pouco antes do recreio, Calli se aproximou timidamente da sra. Hample e fez sinal para ir ao banheiro. Enfiou o dedo polegar entre o médio e o indicador para formar a letra t, de toalete, e girou o pulso de um lado a outro.

— O que quer dizer tudo isso? Você é surda? — Calli fez que não com a cabeça. — Meu Deus! Se você está precisando dizer algo, fale, Calli — disse a sra. Hample, exasperada.

— Ela é tímida. Ela não fala. Ela precisa ir ao... — tentou explicar Petra, mas a sra. Hample levantou a mão para impedi-la de prosseguir.

— Petra, você vai ficar de castigo no recreio, com o rosto voltado para a parede, para aprender a me ouvir — falou ela. — E, Calli, se você não vai me dizer do que precisa, pode voltar e se sentar no seu lugar até que resolva fazê-lo. Os demais alunos façam uma fila e se dirijam ao pátio para o recreio.

Então, Calli se sentou à mesa, mantendo as pernas juntas, e Petra tomou o último lugar da fila, enquanto os alunos do primeiro grau saíam um a um para o recreio. Em vez de seguir os colegas, Petra se desviou do caminho e se dirigiu à sala do sr. Wilson. O orientador estava sentado à mesa, falando ao telefone, mas, quando viu a expressão de desespero estampada no rosto de Petra, logo desligou.

— Petra, bom dia. O que está acontecendo? — perguntou ele.

— É a professora substituta — murmurou Petra, como se estivesse com medo de que a sra. Hample pudesse ouvi-la. — Ela é má. E quando eu digo má, eu quero dizer má mesmo.

O sr. Wilson riu:

— Eu sei que professores substitutos não são como os efetivos, Petra, mas você tem que ouvi-los.

— Eu ouço, mas o problema é Calli. A professora está sendo realmente má com ela. Não deixa nem ela ir ao banheiro.

— O que você quer dizer? — perguntou o sr. Wilson.

— Tentei ajudar Calli como sempre faço, falando as coisas por ela, mas a sra. Hample não permitiu. Calli tentou dizer a ela que queria ir ao banheiro, mas a sra. Hample disse: "Se você não consegue pedir, não poderá ir" — falou Petra, imitando a professora com incrível semelhança.

— Venha comigo, Petra. Vamos esclarecer isso.

— Não posso! — exclamou Petra. — Já tinha que estar no pátio, com o rosto voltado para a parede, durante o recreio. Se ela souber que lhe contei, vou me dar muito mal.

— Vá e fique olhando para a parede, então. Vou verificar o que está acontecendo com Calli e falar com a sra. Hample. E, Petra, você é uma ótima amiga. Calli tem sorte de ter você — falou o sr. Wilson, e Petra abriu um grande sorriso desdentado para ele.

O sr. Wilson foi para a sala de aula, olhou pela janelinha da porta e viu Calli sentada na cadeira, cabeça inclinada, com os longos cabelos cobrindo o rosto. Entrou, postou-se ao lado da cadeira de Calli e viu lágrimas grossas caírem, provocando uma mancha morna, que se espalhava lentamente pelo papel cinzaamarronzado que repousava à frente dela.

— Oi, Calli. Pronta para nosso compromisso? — perguntou o sr. Wilson com voz muito amistosa. Calli olhou para ele, surpresa. Eles nunca se encontravam na sexta-feira, somente nas terças e quintas, e sempre nos finais de tarde, perto da hora do encerramento das aulas.

— Desculpe por ter me atrasado. — O sr. Wilson olhou para o relógio, preocupado. — Fiquei preso numa reunião. Vamos até minha sala. — Calli se levantou e olhou temerosa para a sra. Hample. — Vou trazê-la de volta em mais ou menos 20 minutos, um pouco antes do lanche. — Ele dirigiu o último comentário à sra. Hample.

— Ela deveria estar numa classe para alunos especiais. Ela não fala, você sabe — comentou ela, como se Calli não pudesse ouvi-la. — Ou, talvez, numa classe para alunos com mau comportamento. Ela é teimosa, não fala de jeito nenhum.

— Todos os nossos alunos são especiais aqui, e Calli está exatamente no lugar dela, sra. Hample. Não iremos precisar mais da senhora pelo resto do dia, sra. Hample. Pode assinar os papéis na minha sala. Obrigado. — Depois que Calli usou o banheiro, ele a levou para fora, para brincar com as colegas no recreio. Ela e Petra jogaram amarelinha com as outras crianças. A sra. Hample foi embora e não voltou nunca mais, e o sr. Wilson foi o professor substituto delas pelo resto da tarde. Quando voltou da escola naquele dia, a mochila continha um bilhete do sr. Wilson para sua mãe. Calli olhava cautelosamente para a mãe lendo a mensagem, a cabeça se inclinando mais e mais à medida que lia. Finalmente, deixou a mensagem de lado e chamou Calli para junto de si.

— Petra é uma ótima menina — sussurrou a mãe, enquanto a acomodava no colo. Calli fez que sim com a cabeça e brincou com o colar sobre o vestido da mãe. — Nós temos que fazer alguma coisa boa para ela, não é mesmo? — De novo, Calli acenou confirmando. — Biscoitos, você concorda? — perguntou Antônia. Calli pulou do colo, abriu a geladeira e começou a pegar ovos e manteiga lá de dentro.

— Lembre-se de como ela tem sido uma ótima amiga para você, Calli. Nunca se esqueça disso. Um dia, Petra vai precisar que você seja tão boa amiga quanto ela tem sido, ouviu?

Calli e Antônia entregaram os biscoitos ainda quentes e leves, naquela noite, na casa dos Gregory. A mãe e o pai de Petra sorriram, orgulhosos das gentis ações da filha em benefício de Calli. Calli e Petra correram para a entrada para se sentar e saborear os biscoitos de chocolate.

Agora, na campina, o estômago dela roncava ao lembrar dos biscoitos de chocolate, enquanto ela fazia uma coroa de flores para

a melhor amiga. Calli sentiu o nariz começar a queimar sob o sol escaldante e voltou para a calma escuridão do bosque.

Antónia

Martin, Fielda e eu nos aconchegamos. Sentamos no sofá da sra. Norland, tentando resolver o que fazer em seguida. Nós precisamos falar com a imprensa, com certeza, mas não sabemos por onde começar. Não sabemos o que falar. Quer dizer, como um pai fica na frente de uma câmara e diz para todo mundo "Eu perdi minha filha, por favor, me ajudem a trazê-la de volta"? Como fazer isso?

Mas precisa ser feito. Eu trouxe uma coleção de fotos de Calli: na primeira série, com um hesitante sorriso no rosto, os dois dentes da frente faltando, os cabelos escovados e encaracolados, olhando diretamente para a câmara. Calli vestindo o maiô amarelo naquele início de verão, a pele cor-de-rosa por causa do sol e o cabelo em um rabo de cavalo. Calli e Petra sentadas na mesa da cozinha, de braços dados e cabeças coladas.

— Vamos — digo, levantando-me. Admirados, Martin e Fielda olham para mim. — A gente discute o que fazer no caminho — asseguro. — Venham.

Seguro a mão de Fielda enquanto caminhamos para a porta, e ela segura a mão de Martin. Fazemos um trezinho quando saímos da casa. Caminhamos pelo beco comprido até a Timber Ridge Road, onde uma repórter aguardava por nós. Cobri meus olhos por causa da claridade do sol, e a repórter parecia ansiosa. Após um cumprimento silencioso, a mulher de vermelho se adiantou:

— Sinto muito pelo que aconteceu com suas filhas. Meu nome é Katie Glass. Sou repórter da KLRs. Poderiam responder a algumas

perguntas?

— Meu nome é Antónia Clark — adiantei-me —, e esses são Martin e Fielda Gregory. Nossas filhas estão... ausentes. — Pego uma foto de Calli e Petra juntas na mesa da cozinha. Minhas mãos tremem.

Fielda agarra minha mão e fala em voz baixa:

— Por favor, ajudem-nos a encontrar nossas filhas. — E repete: — Por favor, ajudem-nos a encontrar nossas filhas. Elas têm 7 anos. São grandes amigas. São boas meninas. Por favor, se alguém souber onde elas estão, fale.

Olho para Martin. Os olhos dele estão fechados e o queixo encosta no peito.

— Há quanto tempo notaram a ausência das meninas? — pergunta a repórter.

O agente Fitzgerald se antecipa:

— Petra Gregory foi considerada desaparecida às quatro e meia da manhã. Calli Clark, um pouco depois. Ambas têm 7 anos de idade. Petra Gregory foi vista pela última vez usando um pijama azul. Calli Clark vestia uma camisola rosa. Foram vistas pela última vez em suas próprias casas, em suas camas.

— A polícia tem algum suspeito?

— Não temos nenhum suspeito. Nenhuma pessoa desperta suspeita até o momento — explica o agente Fitzgerald. Seja como for, estamos tentando contatar o pai de Calli, Griff Clark, e seu amigo, Roger Hogan. Eles saíram esta manhã para pescar, e precisamos colocá-los a par da situação. Qualquer um que saiba onde esses dois homens estão deve entrar em contato com o departamento do xerife do condado de Jefferson.

— Esses dois homens são suspeitos? — perguntou Katie Glass.

Inspirei fundo, e os Gregory olharam para mim, surpresos.

— Griff Clark e Roger Hogan não são suspeitos de jeito nenhum. Nós só queremos comunicar ao sr. Clark que sua filha está desaparecida.

— Onde eles foram pescar?

— Em algum ponto do Mississippi, perto de Julien.

— A polícia tem fotos dos dois homens?

— Não temos. Eles não são suspeitos. Repito, eles não são suspeitos, mas precisam retornar a Willow Creek.

— Existe alguma relação entre as garotas desaparecidas e o caso de Jenna McIntire? — pergunta a repórter. Meu coração encolhe de medo. Nunca ouvira ninguém fazer essa relação antes.

— Não podemos estabelecer nenhuma conexão entre os dois casos no momento — responde o agente Fitzgerald, rápido.

— É verdade que Mary Ellen McIntire, mãe de Jenna McIntire, está aqui em Willow Creek para dar assistência às famílias?

— Não estou a par da chegada da sra. McIntire. Isso é tudo por ora. Quando tivermos novas informações sobre Petra Gregory e Calli Clark, passaremos a vocês.

"Por enquanto, as famílias Gregory e Clark, além do distrito do condado, pedem que quem tiver qualquer notícia sobre Petra Gregory e Calli Clark contate as autoridades locais."

Com isso, o agente Fitzgerald se afasta dos microfones e retorna à casa da sra. Norland. Seguimos atrás dele. Fielda soltara minha mão com a menção a Griff, mas continuava apertando com força a mão de Martin.

Quando voltamos à privacidade da casa de Norland, Fielda se dirige a mim:

— Que história é essa de seu marido ter saído de manhã cedo? Ele sabe de alguma coisa sobre Petra e Calli? Por que ele não está aqui?

— Calma — interrompo, apertando-lhe a mão. — Griff não sabe de nada sobre as garotas. Ele e Roger foram pescar hoje cedo. Já tinham planejado tudo há semanas.

Tentei disfarçar a raiva na minha voz, mas falhei.

— Ele tinha bebido — diz Martin.

— O quê? — pergunto.

— Griff tinha bebido. Hoje de manhã, havia latas de cerveja por todo lado.

— Isso não quer dizer nada — afirmo, dando de ombros. — Ele tomou algumas cervejas. E daí? — Percebo o agente Fitzgerald olhando de esquelha para mim. Martin fala:

— Ele não é exatamente um cavalheiro quando bebe.

— Você não tem nada a ver com isso — retruco.

— Minha filha desapareceu! — gritou Fielda. — Minha filha desapareceu, e você acha que seu marido bebeu e não tem nada a ver com isso? Talvez sim, talvez não. Aliás, já que tocamos no assunto, e seu filho? Onde ele está agora? Com certeza, passou muito tempo com as meninas. Coisa estranha... Um adolescente se enturmando com duas meninas da primeira série!

— Como se atreve a dizer isso? — gritei. — Ben nunca machucaria as garotas. Como se atreve? Vocês chegam aqui acusando. Como podemos saber que não têm nada a ver com isso?

— Nós? — berra Fielda. — Nós? Meu Deus! Você é que tem um marido alcoólatra e uma filha que nunca fala. E me diga: por quê? Por que Calli não fala? Parece claro que alguma coisa muito estranha se passa em sua casa para uma menina perfeitamente saudável não falar.

— Saia — digo em tom de voz baixo. — Vá embora agora. O agente Fitzgerald se posta entre nós duas.

— Precisamos trabalhar juntos nisso. Não existe motivo para vocês ficarem apontando o dedo uns para os outros nesse caso. Nenhuma razão. Vamos fazer nosso trabalho.

— Desculpe. — Virei-me na direção de Fielda e falei com doçura, depois de um momento de silêncio: — Sei que você não faria nada para machucar as crianças. Eu só estou com medo.

— Sinto muito também — diz Fielda. — E sei que Ben não as machucaria. Desculpe. Nós nos falamos. — Fielda dá um tapinha no meu braço, e eles se vão.

Notei que ela não falou que Griff seria incapaz de machucar as meninas também.

Griff não foi sempre assim, como é hoje. No começo, não. Sempre bebeu muito, percebi logo no nosso primeiro encontro. Eu achava que, por causa da idade, ele era rebelde e gostava de se divertir. Era excitante estar a seu lado. Eu tinha dúvida se alguém mais velho se interessaria por uma garota de 17 anos como eu. Ele foi doce e quis me namorar. Eu era tão solitária naquela época! Minha mãe morrera, meus irmãos tinham me deixado e meu pai andava aparvalhado pela casa, com saudades de minha mãe e dos meus irmãos. No inverno de meu último ano de escola, Griff passou pela Gas & Go, a loja de conveniência onde eu trabalhava. Sorriu para mim, foi até a gôndola, pegou uma caixa de cervejas, um pacote de batatas fritas e um pão de mel, e os depositou na frente do caixa.

— Grande jantar, hein? — perguntou ele.

— Muito nutritivo — respondi enquanto dava baixa nos itens. — Vou precisar de sua identidade para as cervejas.

— Por quê? Não pareço ter 22 anos?

— Não disse isso. É que tenho de checar a idade de todo mundo, mesmo que pareça ter 80.

— Você está dizendo que pareço ter 80 anos?

— Viu? É isso o que uma dieta de cerveja, batata frita e pão de mel faz com a pessoa? — respondi, tentando não rir. Meu Deus, como eu era boba!

— Quantos anos você tem? Doze? — devolveu Griff.

— Muito engraçado. Não, tenho quase 18 — falei, alargando os ombros para parecer mais alta e mais velha.

— Humm, eu teria dito, talvez... — Ele me olhou bem de perto. — 13 ou 14, num dia bonito.

— Rá-rá. — Eu estava entrando em pânico. Podia sentir o rosto avermelhar e rezava para não estar suando demais.

— Meu nome é Griff Clark — disse ele, enquanto tirava a carteira de motorista da bolsa e colocava na minha frente.

— Eu sou Antónia Stradensky — falei, usando meu nome completo, para ao menos soar mais velha.

Griff estava olhando para meu crachá.

— Então, quem é Toni? — perguntou. — Onde você a pôs?

— Eu sou Toni — respondi, frustrada. — Quer dizer, você sabe. Toni é o apelido de Antónia. — Mortificada, coloquei o troco na mão

estendida de Griff.

— Até mais ver, Antónia! — Griff abriu um grande sorriso para mim. — E tire a tal Toni do freezer antes de ir para casa.

— Ah, sim — repliquei. — Vou fazer isso.

Depois daquele dia, Griff dava uma passada na loja toda vez que eu estava trabalhando. Quando não aparecia, eu me preocupava, em dúvida sobre se estava realmente interessado em mim. Então ele entrava, com seu cabelo vermelho que era um chamariz, e meu coração acelerava, e eu sorria a noite toda.

Numa noite de abril, ele finalmente me convidou para sair. Eu estava quase fechando a loja à meia-noite. Era uma bela noite de primavera e Griff me esperava lá fora, num pequeno estacionamento, enquanto eu trancava as portas.

— Garotas jovens como você não deviam trabalhar fora sozinhas a essa hora da noite. Não é seguro.

— Bem, então é muito bom você estar aqui.

— Bem pensado. Então, quer dar uma volta? Hesitei.

— É melhor não. Meu pai está esperando por mim. — Não era verdade. Acho que meu pai nunca ficou acordado, depois das 21h30, desde a morte de minha mãe.

— Que tal uma pequena caminhada, então?

Fomos caminhar. Foi uma voltinha curta. Passeamos por duas horas, atravessamos as ruas da cidade pelo menos umas três vezes, até nos surpreendemos em frente à Universidade St. Gilianus, entre construções de estilo gótico.

— O que você faz? — perguntei.

— Faço uma porção de coisas — riu Griff. — Eu como, durmo, passeio de carro...

— Quero dizer como emprego: o que você faz?

— No momento, trabalho em Lynndale para meu tio, numa fazenda. Mas estou tentando conseguir um emprego no oleoduto, no Alasca.

— Ah. — Uma onda de pânico lhe subiu pelo corpo. — Você está de partida.

— Talvez. Não havia nada que me prendesse antes.

— Antes de quê?

— Antes de eu conhecer uma certa criança.

— Não sou uma criança.

— Ah, é? Então prove.

E provei. Lá, atrás do prédio principal.

Depois Griff ficou calado, o primeiro dos silêncios enraivecidos dele que tive de suportar.

— Que foi? — perguntei. — Alguma coisa errada?

— Quem era ele?

— O quê? Quem? — perguntei, toda confusa.

— Com quem você teve um encontro, antes de mim? — Ele pronunciou a palavra encontro como se fosse um termo maldito.

— Ninguém. Quer dizer, alguém. Mas não significou nada. Ele passou os dedos pelos meus cabelos e os segurou com firmeza, mas sem puxar. Não doeu.

— Fique longe dele. Não fale mais com ele.

— Não vou falar. Quer dizer, nós já não nos falamos mais.

— Ótimo. — Griff relaxou e sorriu para mim.

Ele me acompanhou até o carro, me deu um beijo de boa-noite e me deixou partir.

Nós nos vimos todas as noites depois dessa e nos casamos no outono seguinte.

Não me arrependo do casamento, afinal tenho dois filhos maravilhosos, e fico imaginando o que teria acontecido se eu não houvesse me casado com Griff. Teria me casado com outra pessoa. Louis, talvez? Estaria morando ainda em Willow Creek ou no litoral, em uma casa amarela? Mas não quero saber como seria.

Assistente de xerife Louis

Mary Ellen McIntire é provavelmente a mulher mais triste que já conheci. Dois sulcos estão entalhados nas suas faces, e é difícil encontrar seus olhos inchados e cansados. O sofrimento a marca. Eu lhe dou as boas-vindas em meu pequeno domínio. Gostaria que Fitzgerald estivesse aqui, mas ele não está, e ofereço um lugar para a sra. McIntire se sentar.

O caso de Jenna McIntire foi uma completa e total tragédia. Visto de todos os ângulos, sob todos os aspectos. Uma linda garota de 10 anos desaparece de sua casa no meio da noite. Ninguém sabe o motivo. Ela nunca saiu sozinha antes. Jenna adorava brincar com bonecas, tinha toda a coleção da Barbie. Vi seu quarto. Bonecas por toda parte, cada uma com uma roupa diferente. Nada quebrado, nenhum sinal de luta. Apenas uma garota que se foi. O

pai jurou que trancara a porta dos fundos na noite anterior, mas a porta foi encontrada destrancada na manhã seguinte. Sempre, sempre os pais são os primeiros suspeitos. Mesmo que tudo indique que não. A maioria dos casos de desaparecimento é planejada por um membro da família ou alguém conhecido da criança. A coisa mais humilhante para os pais é saberem que são suspeitos, quando, na verdade, prefeririam morrer, cortar os pulsos e sangrar devagar, sentindo muita dor, a fazer qualquer coisa que prejudicasse seus filhos.

Jenna McIntire foi encontrada seis dias depois numa área da floresta, distante pouco mais de três quilômetros de casa. Foram coletadas muitas evidências. Cada ato horrível e inexplicável praticado contra Jenna foi registrado, mas o caso ainda não foi solucionado. Ainda não sabemos quem fez aquilo. Por quê? Sim, algum desgraçado, algum doente. Não só doente, diabólico seria uma palavra mais adequada.

Então agora, na minha frente, está Mary Ellen McIntire, sem filha. Se a fofoca for verdadeira, está separada do marido. Ela tem um menino mais velho, de 14 anos. Pergunto por ele.

— Jacob está bem, acho — diz ela. — O senhor sabe, esses adolescentes... Têm sempre um lugar aonde ir, alguma coisa para fazer. Fico feliz quando começam as aulas. Pelo menos sei onde ele está.

Ouçoo vozes e o arrastar de muitos pés na frente da porta, e estico o pescoço para ver o que está acontecendo. Vejo dois soldados trazendo um homem confuso, desgrehado, para dentro do prédio.

— Com licença, sra. McIntire — digo e me levanto. O homem é alto e magro. Ele se destaca entre os policiais, mas parecia frágil, como uma vareta fina. Seus cabelos eram brancos e ele parecia que ia chorar. Mary Ellen McIntire está parada na minha frente, com um olhar de impaciência se expandindo pelo rosto. Ela está cansada de

ser excluída, de ter lutado tanto pela filha morta. Desvio o olhar do homem, sento e volto a dar atenção para Mary Ellen.

— O que a traz a Willow Creek, sra. McIntire?

— Tive notícia... — começa a dizer ela. — Tive notícia das meninas desaparecidas. Pensei que talvez pudesse, o senhor sabe, ajudar.

Cauteloso, medindo minhas próximas palavras, digo:

— A senhora acha que é um bom negócio fazer parte dessa... desse tipo de situação tão cedo?

A sra. McIntire engole em seco.

— Acho que aqui é onde preciso estar agora. Eu sei como elas se sentem, as famílias. Sei pelo que elas vão passar.

— Não há provas, a senhora sabe, de que o desaparecimento de Petra e Calli tenha a ver com o de Jenna.

— Sei disso — falou ela com concisão. — Não vim aqui para pedir nada em relação ao caso de Jenna. Poderia fazer isso por telefone, o que faço e vou continuar fazendo. Estou pensando apenas naquelas pobres mães, sem saber onde suas crianças estão. É um sentimento horrível.

— As garotas podem estar por aí, brincando — digo, mesmo sentindo que não deve ser verdade. — Podem voltar para casa a qualquer momento. Sabe disso, não? Ainda estamos numa fase inicial de investigação.

— Eu sei — diz a sra. McIntire, cansada. — Por favor, por favor, só diga que estou à disposição, se eles quiserem sentar comigo, entregar panfletos, reunir pessoas. Qualquer coisa. Por favor, vai dizer a eles?

— Vou, sim. Eu prometo. Posso lhe servir algo? Café? Ela balança a cabeça, recusando.

— Estou com meu celular. O senhor ainda tem meu número?

— Sim, vou ligar. Seja qual for o resultado das investigações, sra. McIntire.

Ela se levanta, estende a mão e me cumprimenta. É a primeira manifestação de boa vontade dela para mim desde a tragédia de Jenna. Aperto a mão dela, agradecido, e rezo para que os dois casos não tenham nenhuma relação.

Calli

Calli se arrastava pela trilha estreita e escarpada. O caminho era coberto de pedras irregulares, como degraus improvisados. Os pés machucados, dormentes de tanta dor. Ela queria sair da trilha, mas se forçou a não fazê-lo. Teria mais chances de ser encontrada se não se desviasse do caminho. O que a fizera subir de novo? Ela não tinha certeza. Estava passeando despreocupada pela trilha quando ouviu aquilo. Apenas um ruído, somente um leve som de movimento, mas que a fez parar. Abaixo, fora do caminho, viu uma

silhueta, uma figura indefinida, muito alta para ser um animal, ou poderia ser apenas uma deformação por causa das sombras do fim de tarde? Um espasmo de medo socou seu peito. Ela não esperou para saber o que era, deu meia-volta e mudou de direção. Para cima, sempre para cima, mas, em vez de se manter na trilha que seguia para a direita, escolheu a esquerda, um caminho cheio de arbustos crescidos. Não se atreveu a olhar por cima dos ombros, apavorada com o que poderia ver. Escalou, subiu, usando as mãos para vencer o caminho íngreme, pequenos pedacinhos de pedras se infiltraram como pó sob suas unhas ásperas.

Ela imaginava estar no alto de uma escarpa. Desvencilhava-se dos galhos suspensos, que arranhavam seu rosto, deixando finas e profundas marcas. O anoitecer estava chegando e o pavor de estar na floresta a dominou. Ouvia apenas o som de sua respiração difícil e profunda e rezava para que ele não a ouvisse também.

Seus passos ficavam mais lentos à medida que a trilha se nivelava e ela parou, colocou as mãos nos joelhos, tentando absorver o ar fresco, já que o calor do dia começara a enfraquecer. O suor escorria sobre os olhos; ela tirou os cabelos encaracolados do rosto. Ao passo que a respiração se fortalecia, os sons do começo de noite circulavam em sua cabeça: insetos zumbindo, pássaros chamando uns aos outros, a fuga e o chock, chock de um esquilo rangendo os dentes.

Olhou adiante e notou um pequeno brilho de prata no chão, a uns 30 metros de distância. Seu cintilar parecia deslocado ali, muito intenso, só uma piscadela no meio de folhas marrons mosqueadas. Ainda arqueada, Calli cambaleou até o lugar onde o elemento brilhante se aninhava e inspecionou o local. Com o dedo indicador, afastou com leveza as folhas fedorentas e apodrecidas para revelar uma delicada corrente de prata. Pegou a corrente entre dois dedos e lentamente começou a suspendê-la. Ao levantá-la, um pequeno amuleto escorregou e caiu por entre as folhas. Calli escavou o monte de folhas e pegou o amuleto, uma diminuta nota musical;

soprou os grãos de terra grudados nele e, cuidadosamente, pôs o amuleto de volta no cordão quebrado.

O que ela viu, ouviu e aconteceu em seguida levou terror a seu peito. Calli recuou para trás de um arbusto e se escondeu. Petra, Petra, Petra. Ela gemeu mentalmente ao fechar os olhos, tapar os ouvidos e balançar o corpo para trás e para a frente. Lembrou-se do veado que encontrara mais cedo naquele dia, coisa que parecia ter acontecido, milênios atrás. Concentrou-se nos olhos brilhantes e nas orelhas aveludadas da criatura, e se balançou para trás e para a frente; imaginou a dança silenciosa deles até se ver no quarto, sozinha, de novo.

Martin

Ao deixar A casa da sra. Norland, Fielda e eu ficamos um tempo fora dos carros. Não acredito no rancor da sra. Clark, me acusando de molestar nossas crianças quando o marido dela é que tem problemas. Fielda reclama amargamente com o policial que teve a má sorte de nos acompanhar.

— Por que vocês não tentam descobrir onde está Griff Clark? — perguntou ela ao jovem oficial, que aparentava ter uns 20 anos.

— Senhora, tenho certeza de que o departamento está investigando todos os envolvidos no caso.

— Sei, sei — replicou ela, impaciente. — Mas por que não acharam Griff? Como pode ser tão difícil encontrá-lo se ele estiver realmente pescando com Roger?

— Não posso discutir esses detalhes com a senhora, madame. Sinto muito — respondeu ele, sem jeito.

— Você não pode discutir detalhes comigo? Eu sou a mãe, pelo amor de Deus! — Apoio a mão no ombro de Fielda. Ela tira minha mão, irritada. — Onde está o assistente de xerife Louis? — pergunta ela. Eu quero saber a mesma coisa. — Ele ao menos tentava nos manter informados de tudo o que acontecia.

— Acho que ele está reunido agora mesmo com alguém. — O policial abre a porta do carro para Fielda.

Fielda se vira para mim e fala:

— Com quem você acha que Louis está se encontrando? Será que encontraram Griff?

— Não tenho ideia — respondo.

— Talvez ele tenha um suspeito. Talvez tenham encontrado as meninas. Você acha que encontraram as meninas? — A esperança brilhou no seu rosto nesse instante.

— Acho que logo saberíamos se achassem Calli e Petra. Eles nos chamariam. — Subimos no carro e seguimos para a casa de minha sogra. Ela estava de pé na escada da frente, conversando com um estranho. Estacionamos o carro e ficamos observando a conversa.

— Eu estava tão preocupada com você! — berrou a sra. Mourning. — Fielda, você devia ter dito que ia sair. Esse é o sr. Ellerbach. Ele é repórter do Canal 12.

— Boa tarde, sr. Gregory. — O homem estendeu a mão. — Vocês teriam alguns minutos para uma conversa?

Vejo Fielda hesitar e recuar.

— Na realidade, não temos alguns minutos para uma conversa no momento, mas responderemos o que pudermos.

— Obrigado. A polícia não achou sua filha ainda?

— Não. Ainda não — diz Fielda. Fico surpreso com a força de sua voz. Ela soa forte, capaz, determinada.

— Como as investigações têm evoluído? Sabem de algum suspeito?

— Ninguém nos falou de suspeitos — responde Fielda.

— A senhora e seu marido foram interrogados pelo desaparecimento?

— É claro que fomos. Petra é nossa filha.

— Por favor — digo, impaciente. — Chega de perguntas. Por favor, vá embora. — O repórter, grisalho, nos agradece pelo tempo concedido e começa a se retirar.

— Espere — Fielda o chama de volta. — Espere! Por favor, continuem a colocar a foto dela na TV. Por favor, continuem a falar dela. Eu providencio mais fotos para vocês — implora ela, e vejo piedade no rosto do repórter.

Lawrence Ellerbach foi rápido em nossa direção e colocou algo na mão de Fielda.

— Por favor, nos chame se quiser falar mais. Nós colocaremos as fotos das meninas no ar.

— O que ele deu para você? — perguntei, curioso, depois que ele saiu.

Fielda me entregou o cartão de visita. Impressão simples, com o nome Lawrence Ellerbach, seguido de um endereço de e-mail e número de telefone. Centralizado, no fundo do cartão, estava o logotipo do Canal 12. Olhei para ele durante um tempo antes de procurar os olhos de Fielda.

— O que você acha? — pergunta ela, mordiscando o lábio.

— Talvez seja melhor falarmos com Louis ou o agente Fitzgerald antes de concordarmos em falar com o sr. Ellerbach — afirmo.

— Talvez — responde ela. — Mas talvez nós simplesmente devêssemos fazê-lo. Quer dizer, o agente Fitzgerald disse para usarmos a mídia. Que ela poderia nos ajudar. Assim, temos a chance de divulgar o nome de Petra.

— E o nome de Calli também — lembro. Uma sombra passou pelo rosto de Fielda.

— É claro, Calli também. Ainda acho que Griff Clark tem alguma coisa a ver com isso tudo. É simplesmente muito conveniente que ele saia de casa e vá para o Alasca e, em seguida, faça uma viagem de pesca, justamente quando as duas garotas desaparecem. Não dá para acreditar.

— Creio que não devemos fazer nada que a polícia não aprove, Fielda. E se fizermos algo fora das orientações e alguma coisa der errado por causa disso? — Mas percebo que seus lábios estão firmes. Sua cabeça está feita.

— Martin, e se não damos a entrevista e alguém que sabe de algo e poderia ter visto o programa e a foto de Petra fica sem ver? E se essa pessoa não sabe o que fazer com a informação? Não me incomodo se a polícia acha bom ou não concedermos a entrevista. Eles não trouxeram nossa filha para casa, e esse é o único jeito de ajudar a encontrá-la.

— Se você sente tanta firmeza, acho que devia dar a entrevista — falo enquanto apoio o braço em seu ombro. Minha camisa está molhada de suor, mas ela não vacila. Chega bem perto de mim e me dá um beijo no rosto.

— Eu sinto firmeza, sim, Martin. — Ela faz uma pausa e continua: — Você não vai participar da entrevista, não é?

Balanço a cabeça.

— Vou procurar Petra e Calli. Isso já está indo longe demais. Vou para a floresta. Vou chamar o assistente de xerife Louis e Antónia, e convidá-los para procurar comigo.

Não sou um homem muito intuitivo, como já demonstrei nesses anos em que habitei o planeta. Mas conheço números e sei que a probabilidade de algum conhecido nosso ter raptado Petra e Calli é bem mais alta que a de um estranho. Sei também que Griff Clark pode ser um homem assustador. Já vi o sr. Clark muitas vezes, de passagem, e ele é sempre agradável, cortês. Mas tenho uma lembrança, embora curta, de um outro lado, uma visão aguda do sr. Clark certa noite. Era uma reunião de pais e mestres na escola primária, março passado. O encontro era com hora marcada, mas eu não sabia. Com isso, tive a oportunidade de caminhar pelos corredores para ver como os pais interagiam com seus filhos. Era uma cena reconfortante. Eu não era muito diferente dos outros pais. Mais velho, sim. Sabia que parecia mais avô de Petra do que pai, mas podia ver todo tipo de família ali. Mães solteiras de mãos dadas com seus filhos como se estivessem fazendo um grande passeio pela escola e pais sendo conduzidos de sala em sala por risonhos garotos da pré-escola.

Petra explicava a mim e Fielda como a turma dela, da primeira série, conduzira experimentos sobre que distância são capazes de percorrer carrinhos de brinquedo quando cruzamos com a família Clark, num canto afastado do prédio da escola. O rosto de Griff Clark estava roxo de raiva e ele repreendia Calli e Antónia.

— Você sabe o quanto é difícil para mim vir para um lugar desses e ouvir que Calli não fala ainda? — esbravejava ele.

Calli baixou a cabeça, olhou para o chão, enquanto Antónia tentava, sem sucesso, acalmar Griff.

— Não me chateie, Toni — rosnou ele com uma voz sussurrante, grosseira e sempre ameaçadora. Ele agarrou Calli por

baixo das axilas. — Olhe para mim, Calli. — Calli olhou para o pai. — Você é retardada? Você consegue falar, eu sei que consegue. Você tem que parar com essa brincadeira e começar a falar. E você... — virou-se para Antónia — você deixou Calli chegar nesse ponto. Não enfrentou o problema — disse ele, com a voz quase em falsete. — Droga!

Por um momento, os olhos de Calli se voltaram para os de Petra, e notei um completo e resignado olhar de pedido de socorro no rosto de Calli. Nenhum embaraço, rancor, mas pura aceitação. Petra deu um sorriso débil, compartilhado, para Calli; fez um sinal para ela e, em seguida, me puxou para longe da triste cena.

Mais tarde, no Mourning Glory, Lucky Thompson trouxe sandaes empilhados e com cobertura. Despenteou os cabelos de Petra e perguntou o que estávamos comemorando.

— Estamos comemorando o excelente histórico escolar de minha filha genial — respondo, e Petra fica corada de prazer.

— Por que você não nos acompanha, Lucky? — convidou Fielda.

— Ah, não sei — disse Lucky, olhando por sobre os ombros. — Eu tenho muito o que fazer.

— Por favor — implorou Petra. — Eu divido meu sundae com você. Ele é muito grande.

— Tudo bem, então — disse Lucky, sentando-se no banco, perto de Petra. — Como posso resistir a esse convite?

Perguntei a Petra:

— Você acha que as coisas são sempre assim para Calli? Petra sabia muito bem a que eu me referia.

— Quando o pai dela está com ela, acho que sim. Quando ele se vai, fica tudo bem. A mãe dela é legal — comentou, no meio de uma colherada de sorvete.

— Eu não quero que você vá à casa dos Clark quando o pai dela estiver por lá. Entendeu, Petra? — adverti num tom severo. Ela concordou com a cabeça.

— Eu sei, mas acho que, às vezes, Calli precisa mais de mim quando o pai está em casa. É muito ruim estar ausente numa hora dessas. Ela fica mais triste quando ele está em casa. — Ela deu de ombros.

— Vocês estão falando de Griff Clark? — perguntou Lucky. Fielda fez que sim com a cabeça.

— Você o conhece?

— Na verdade, não. Eu o vejo por aí, quando saio com os colegas. Ele é um mau-caráter — disse Lucky.

— Você acha que o pai a maltrata? Que bate nela quando está nervoso? — perguntou Fielda, preocupada. Rezei para Petra responder que não, que ela não achava que Griff agredia Calli, Ben ou Antônia. Imaginei ter que ligar para o departamento que cuida de violência doméstica e informar sobre o abuso, o que não era nada agradável.

Ela deu de ombros mais uma vez.

— Não sei. Ela não fala. Só me parece mais triste com ele em casa.

— Você sente o mesmo com relação a mim? — perguntei a Petra. — Você fica mais triste quando estou por perto? — Fiz uma cara de decepção para ela.

— Não, seu bobo — respondeu ela, abanando a cabeça e rindo.
— Fico feliz quando você está por perto.

Lucky olhava com melancolia para nós três. Eu sabia que ele não tivera uma vida fácil. Sempre evitava perguntas sobre sua família.

Ele me dissera inúmeras vezes o quanto queria ter uma família como a minha. Eu lhe dizia que, sozinho, não teria conseguido formá-la. Que, se não fosse por Fielda, eu não seria o mesmo. Seria mais um velho solitário. Ele ria, mas o sorriso não chegava até os olhos.

— Posso pegar? — Petra apontou para a cereja que Lucky afastara para o lado do sundae.

— Claro — respondeu ele. Raspou com uma colherinha e deu para ela provar.

— É — falou Lucky, balançando a cabeça como se estivesse se lembrando de algo. — Eu não deixaria Petra ficar em nenhum lugar perto de Griff Clark.

Eu não podia concordar mais. Naquele instante, no corredor da escola, testemunhei o diálogo de Griff Clark com a família e vi o um por cento de maldade que pessoas como ele acidentalmente mostram na frente dos outros. Fico apavorado com o que poderia fazer com minha filha. Tremo, o que me parecia impossível numa temperatura de 32 graus. Mas qualquer coisa é possível agora, claro.

Volto para a casa da sra. Norland tentando ordenar as palavras que terei que dizer a Antónia e ao assistente de xerife Louis para convencê-los a me acompanhar até a floresta.

— Calli. — Ela ouviu a voz, calma, quase amorosa, mas o mesmo medo que apertara sua garganta momentos antes voltou. Griff estava parado ali, o rosto cinza e ameaçador. — Calli, vamos parar com essa bobagem. Venha cá. Vamos para casa. Você não quer ver...

Sua voz se arrastava e ele parou do lado de Calli e viu a cena diante de si. Primeiro, Petra com a cabeça espancada, rosto e pescoço descoloridos. Ele olhou novamente para Calli.

— Meu Deus, o que aconteceu? Meu Deus, Calli, o que aconteceu com ela? — Calli ficou em silêncio, avaliando as alternativas. Que caminho tomar. A profunda ravina atrás dela, Griff na frente, barrando a passagem. — Calli! — gritou ele, bravo. — O que aconteceu aqui? Diga.

Agarrou os ombros dela com força, mas largou assim que percebeu algo no meio dos espinhos. Ele se curvou para apanhar, pegou-o em seus dedos, um trapo rasgado e sujo, branco, com delicadas flores amarelas.

— Meu Deus — disse ele, olhando para Petra de novo. Seus olhos se fixaram nela, imóvel, com um pijama azul, sujo, pernas machucadas de fora, manchadas de sangue. — Meu Deus — repetiu Griff.

Ele se virou rapidamente e vomitou, a bile amarga e amarela jorrando da garganta. Respirou fundo, mas começou a vomitar de novo; ânsias de vômito vigorosas, secas e agudas se seguiram, mas não havia mais o que expelir.

Calli aproveitou a chance, com Griff arqueado, amortecido pela compressão do estômago, para descer pela ravina e passar silenciosamente por ele, mas sem se afastar muito.

— Calli — dizia Griff, ofegante. — Calli, quem fez isso? Você sabe quem fez isso? — Ele, distraidamente, limpou as mãos com o trapo estampado com flores amarelas. Percebendo o que estava segurando, atirou-o no solo como se houvesse queimado a mão. Cambaleou até Petra e colocou a mão trêmula no pulso dela, depois na garganta, pressionando para sentir a pulsação.

Chacoalhou a própria cabeça.

— Não sei dizer. — Caiu de joelhos, colocou o ouvido no peito dela e, com leveza, pôs o dedo na frente do nariz, tentando sentir uma leve respiração morna. — Calli. — Olhou na direção dela. — Quem fez isso com Petra? — Ambos ouviam o ruído de passos pesados e desajeitados se aproximando pela floresta.

— Calli! Calli! — Calli e Griff reconheceram a voz de Ben, que atravessou os arbustos e se posicionou entre os dois.

— Deixe-a em paz. Saia daqui!

— Ben, o que está fazendo aqui? — perguntou Griff, realmente surpreso.

— Fique longe dela — berrou Ben de novo, olhando em volta por alguma coisa para pegar; um pedaço de pau, uma pedra.

— Ben, cale a boca — gritou Griff o mais alto que pôde. — Precisamos de ajuda aqui.

O olhar de Ben recaiu sobre Calli, depois sobre Petra e Griff.

— Corra, Calli — murmurou ele. — Por aqui. — Ele indicou a trilha pela qual viera. — Vá para baixo, sempre para baixo. Você vai chegar na trilha. Corra, Calli, não pare.

— Ben, cale-se — falou Griff. — Você não sabe o que aconteceu aqui. A gente tem que sair deste lugar. Talvez a gente devesse levá-la — disse Griff, apontando para Petra. — Mas talvez

seja melhor não movê-la. — Os lábios de Griff tremiam com a indecisão.

— Não podemos deixá-la aqui. — Olhou para Ben e falou: — Você fica aqui. Eu e Calli vamos pedir ajuda.

— Não — falou Ben.

— O que você disse?

— Não. Não vou deixar você ir a lugar nenhum com Calli. Ben estendeu a mão por trás de Griff, procurando por Calli, nunca tirando os olhos do pai. Encontrou as mãos de Calli e a puxou suavemente, de modo que a face dela tocou nas costas dele.

— Ben, não temos tempo para isso. Acho que Petra está morrendo. Você vai e pede ajuda. Eu fico com ela.

— Não. Calli vai — disse Ben. — Nós ficamos com Petra.

— Quem disse que você é o chefe? — zombou Griff. — Para quem ela vai contar? O que ela vai fazer? Mímica? Eu e Calli vamos.

Griff começou a andar, passando por Ben, para dar a mão a Calli, mas Ben pulou para o lado, bloqueando a passagem.

— Ben, vou nocauteá-lo se não sair da minha frente. Isso não é uma brincadeira. — Griff se movimentou para sair de novo, mas Ben ficou na sua frente.

— Não, Calli vai descer e pedir ajuda. Não vou deixá-lo a sós com Petra.

Griff pestanejou.

— O quê? Você realmente pensa que fiz isso, Ben? Sou seu pai.

— Eu sei — disse Ben, recuando para facilitar a chegada de Calli na trilha que estava um pouco abaixo. — Por que elas estão aqui? — perguntou Ben, movimentando o braço para apontar para Calli e Petra.— Por que você veio? Você nunca vem aqui.

Griff gaguejou, gaguejou e não disse nada.

— Você está aqui, elas também estão, Petra está mal e Calli está um lixo. O que eu devo pensar?

— Não pense, Ben. É muito esforço para você. Agora saia do meu caminho, vamos. — Griff rodeou Ben e pegou o braço de Calli, começando a arrastá-la para a trilha.

— Não! — exclamou Ben. — Tire suas mãos dela. — Ben empurrou Griff, que tropeçou, caindo para trás, pego de surpresa. Ben se movimentou, ligeiro, e pegou Calli. Segurou-lhe os ombros e encostou o nariz no dela.

— Vá, Calli, peça ajuda. Eu cuidarei de Petra. Corra. Corra o mais rápido que puder. E diga a eles. Diga onde estamos.

Calli hesitou, mas Griff se recuperava e estava tentando atacá-los.

Ela se virou e partiu.

Ben

Pondo-se novamente de pé, papai parecia louco de raiva. O que foi que eu fiz?

— Ben, seu filho da mãe, estúpido. Por que você fez isso? Agora ela se foi. Quando sairmos daqui, vou dar uma surra em você.

— Não me importo — digo, me movendo para ficar fora do alcance dele. — Você vai ficar aqui até a polícia chegar.

— Vamos ver se vou — diz ele, rindo. Ele sempre está rindo de alguma coisa.

— Vá em frente, ria, não me importo — falo com jeito de um filho da mãe, estúpido.

— Fique aqui com ela. O doente que fez isso com ela está provavelmente por aí, escondido atrás de uma árvore, mas você fica aqui, e eu vou procurar ajuda — afirma ele.

— Não, você não vai a lugar nenhum — mantenho o que disse.

— Droga — diz papai, e corre na minha direção e me dá um empurrão no peito.

Acho que o impressionei, porque não caio nem me dobro no chão, enrodilhado sobre o próprio corpo, como um bebê. Cresci muito neste verão, fiquei muito mais forte. Ele bate em mim e volta como uma mola, caindo de novo. Ele tem uma aparência engraçada, a surpresa estampada no rosto. Eu ria, se o olhar dele não me deixasse apavorado.

— Idiota — sussurra ele, esforçando-se para se pôr de pé. Pela primeira vez na vida, meu pai parece velho. Não um ancião, com 80 anos, mas apenas cansado. Um homem de meia-idade que passou muito tempo bebendo e foi mau para os outros. O tempo se assenta em seu rosto como uma máscara de Halloween.

Ele vem em minha direção de novo, desta vez mais preparado. Movimenta o braço para me atingir com um golpe na cabeça, mas me atinge embaixo, acertando meu estômago, e cai por cima de mim. Meu ar de repente se foi. Tento aspirar sugando mais ar, mas não consigo e ainda tenho que tirá-lo de cima de mim. Golpeio suas costas e o rosto, até lhe puxo os cabelos. Tenho vergonha de dizer, mas faço de tudo para tirá-lo de cima de mim e conseguir respirar

de novo. Ele tenta prender meus braços acima da cabeça, mas me movimento como louco, e ele não consegue uma boa pegada.

— Ben, por Deus, pare. Fique quieto! — grita ele.

Mas eu não fico. Posso respirar de novo e, em poucos segundos, me dou conta de que ele está tentando sair de cima de mim, mas não permito. Ele está tentando escapar. Está tentando engatinhar por sobre minha cabeça, mas lhe pego uma perna e me seguro nela com toda minha força. Ele se levanta sobre uma perna e meio que tenta me arrastar junto, mas, como eu disse, estou bem crescido, e papai não consegue ir muito longe. Ele cai para trás na tentativa de me acertar um golpe. Foi o suficiente para desviar minha atenção, ele jogar o pé para trás e me acertar um chute direto no nariz. Acho que nós dois ouvimos o nariz se quebrar. Eu não vejo estrelas como mostram nos desenhos animados nas manhãs de sábado, acho que pareciam vaga-lumes piscando para mim. Nós dois paramos por um segundo e, honestamente, acho que ele não acredita no que fez, e eu também não, embora tenha me acertado em cheio. O sangue começa a jorrar do meu nariz, parecendo que alguém o arrancou com um alicate.

— Droga, Ben — disse ele. — Por que você fez isso?

E ele estava falando sério; a culpa era minha, como se eu tivesse quebrado meu próprio nariz. Nunca tive vontade de matar nenhum ser vivo antes, mas estou com vontade de matar meu próprio pai agora mesmo, aqui, na floresta. Em vez disso, dou um soco nele, no lado da cabeça, com minha mão ensanguentada.

— Sei que você pensa que tenho alguma coisa a ver com tudo isso, mas não tenho. Realmente não tenho, Ben. — Ele tenta conversar comigo, enquanto procura neutralizar meus golpes.

— Não acredito em você! Eu vou contar, vou contar o que você fez com Petra e Calli!

Minhas mãos estão lisas e viscosas com meu sangue, e meus murros não atingem o alvo. Papai rasteja para longe de mim. Não vou atrás dele, mas fico e esfrego minhas mãos cheias de sangue na bermuda. Destruído.

— Ben — diz ele, ofegante. — Quer que eu vá para a cadeia? Você quer que eu seja mandado para lá por algo que não fiz? Porque é isso que vai acontecer. Eles vão me prender, provavelmente para sempre. — Papai esfrega o rosto; percebo que suas mãos se agitam. — Por Deus, Ben. Acho que Petra está morrendo. Nós temos que ajudá-la!

— Calli vai trazer ajuda. Ela deve estar perto do sopé agora — insisto.

— Jesus, Ben! Ela não fala há quatro anos! Você acha que vai falar agora? Como ela vai contar o que aconteceu?

Não respondo. Estou muito cansado, e meu nariz dói, mas eu o vigio com muito cuidado, os olhos bem abertos.

Quando tinha 5 anos, me lembro de pensar que meu pai era o maior, o sujeito mais forte das redondezas. Eu o seguia por toda a casa, ficava a seu lado quando se sentava na poltrona reclinável. Eu observava cada movimento; a maneira como enfiava as mãos na frente do jeans quando conversava com um dos amigos, como pegava a cerveja com a mão direita e abria com a esquerda. Eu observava o jeito como fechava os olhos, tomava grandes goles de cerveja, fazia-a rolar pela boca e engolia. Eu admirava o prazer que via em seu rosto quando bebia cerveja, o modo como todos nós, mamãe, a pequena Calli e eu, parecíamos desaparecer quando papai bebia. Nas duas ou três primeiras cervejas, ele ficava simpático e divertido, fazendo cócegas e puxando mamãe para abraçá-la. Ele costumava jogar baralho comigo ou encaixar a pequena Calli nas coxas, segurando-lhe os pezinhos, cantando "Bicycle, Bicycle Cruise...", mexendo as perninhas dela como se ela estivesse pedalando. Mas, depois da quarta cerveja, a coisa começava a mudar. Papai cismava com mamãe por coisas idiotas,

por não pendurar as camisas dele direito ou o chão da cozinha que não teria sido bem lavado. Berrava porque ela gastava muito dinheiro com comida, ou então gritava porque ela não fazia uma comida boa para se comer. Cansava-se de jogar cartas comigo e largava tudo no meio do jogo, mesmo se estivesse ganhando. Papai simplesmente ignorava Calli depois da quarta cerveja.

Agora, depois da cerveja de número sete, ficava impaciente e não queria ser tocado. Quando eu tentava me aproximar de sua cadeira, ele me tirava de lá, não muito agressivo, mas qualquer um percebia que queria ficar sozinho. Mamãe levava Calli e eu para o andar de cima, para nos contar histórias. Eu vestia meu pijama, lembro que era branco e estampado com pequenos palhaços segurando balões. Eu não contava a amigo algum, mas adorava aquele pijama. Era como mergulhar em felicidade quando o vestia depois do banho. Uma vez, depois da número sete, papai disse que eu parecia um maricas naquele pijama e que ia queimá-lo. Não o vesti mais depois daquilo; usava uma velha camisa de papai para ir para a cama. Mas também não joguei o pijama fora. Ele ainda está dobrado, disfarçado sob as roupas de inverno, no fundo de minha gaveta. Pessoalmente, não acho que fosse um pijama de maricas, eu só achava que era alegre. Todo menino de 5 anos devia ter um pijama alegre.

Depois da cerveja número 12, nós saíamos. Se fosse durante o dia e não estivesse chovendo, mamãe nos pegava e levava para um passeio na floresta. Punha Calli naquele negócio que deixa o bebê pendurado sobre a barriga, e íamos para a floresta. Mostrava todos os lugares onde brincava quando criança: Willow Wallow, Lone Tree Bridge e, claro, o Willow Creek. Ela nos levava para baixo, onde o riacho era largo, com grandes rochas com formatos que pareciam degraus. Mamãe tirava Calli da cadeirinha e a deixava numa manta, em um local à sombra, e, em seguida, me mostrava como conseguia cruzar o rio em 25 segundos, usando aquelas pedras. Quando era mais jovem, ela fazia o percurso em 15 segundos, três segundos mais rápido que seu "amigo". Seu amigo, eu sabia, era o

assistente de xerife Louis, embora ela nunca tivesse pronunciado o nome dele. Era apenas seu "amigo".

Uma vez, depois da número 12, antes de nos levantarmos e sairmos de casa, ela contou algo sobre Louis, alguma coisa sobre quando eram crianças, com 9 anos, mais ou menos, e papai botou a casa abaixo. Ele começou a gritar com mamãe, chamando-a daqueles nomes horríveis, e jogou uma lata de cerveja nela. Então mamãe não fala mais sobre quando era pequena quando papai está por perto.

Depois de algumas horas andando pela floresta e de ter dado chance de papai se recuperar da cerveja número sei lá qual, ela nos trazia de volta para casa. A cerveja número sei lá qual era geralmente seguida de uma longa dormida. Podíamos fazer o barulho que fosse; papai estaria completamente ausente. Mas não fazíamos, ficávamos quietos, nem assistíamos à televisão quando ele estava naquele estado. Eu vivia preocupado, achando que ele ia acordar, me pegar vendo uma reprise e me esmurrar a cabeça quando menos esperasse.

Eu costumava dar uma volta por aí, segurando a lata de refrigerante do mesmo jeito como papai segurava a cerveja. Eu a equilibrava com a mão direita e a abria no topo com a mão esquerda, mesmo sendo destro. Eu praticava, inclinando-a para os lábios, dando um gole, espalhando-a pela boca antes de engolir, colocando a lata no chão quando terminava. Mamãe me pegou fazendo isso uma vez. Ela me olhou longa e duramente, e pensei por um minuto que iria ficar louca de raiva, embora nunca a tivesse visto ficar brava com papai quando ele fazia isso. Mas ela não reclamou. Só olhou para mim e falou:

— Benny, deixe-me pegar um copo com gelo e um canudo para seu próximo refrigerante. Fica muito mais gostoso assim.

E era verdade. Toda vez que eu pegava um refrigerante, mamãe o despejava em um copo saído do freezer, com gelo e um canudo. Ela estava certa, ficava muito mais gostoso.

Às vezes, depois da cerveja número sei lá qual e uma longa soneca, papai acordava e ainda estava muito nervoso. Ia até seu quarto, ao armário de roupas, vasculhava lá dentro um pouco e tirava uma garrafa de alguma coisa. Na hora em que minha mãe o via diante do closet, procurando pela garrafa, nós já havíamos saído do quarto. Mamãe nos colocava em seu carro e partíamos. Se fosse de noite, ela nos levava para jantar fora em Winner, que é uma cidade maior e tem restaurantes melhores. Comíamos hambúrgueres com fritas e dividíamos uma porção de anéis de cebola. Calli sentava-se no cadeirão, e mamãe lhe partia a comida em minúsculos pedaços, deixando-a numa bandeja, na frente da menina. Era divertido ver Calli tentando pegar os pedacinhos de comida entre os dedos. Às vezes, não conseguia, mas, mesmo assim, punha os dedos na boca, na esperança de sentir algum gostinho. Depois de tudo, antes de irmos embora, mamãe comprava um enorme milk-shake só para mim. Ela me afivelava no banco de trás, e eu seguia pela estrada de volta, dando chupadinhas em meu milk-shake. Winner não ficava tão longe assim de Willow Creek, mas mamãe seguia o que chamava de "rota turística" e dirigia, dirigia e dirigia ainda mais.

Certa noite, depois de ela dirigir e dirigir, acordei com um solavanco, quando nosso carro foi desviado para o acostamento, para dentro e para fora de uma canaleta. Mamãe parou o carro na margem da estrada e se virou para mim e Calli.

— Vocês estão bem?

— Fiz que sim com a cabeça, embora ela não pudesse ver meu rosto no escuro.

— Mas derramei um pouco do meu milk-shake — falei.

Ela me deu uns guardanapos para limpar a calça e depois descansou a cabeça no volante.

— Sinto muito. Estou tão cansada!

Em seguida, deu partida no carro novamente e seguimos para casa. Papai estava dormindo na poltrona e, por todo lado, havia latas de cerveja. Aposto que, se eu tivesse contado, o número chegaria a pelo menos 21, além da garrafa marrom-escuro deixada no canto da mesa. Mamãe não se preocupou em pegar as latas naquela noite. Ela andou entre elas e disse algo como:

— Ele mesmo pode recolher tudo de agora em diante. — E, em seguida, levou a mim e Calli para a cama.

Dali em diante, quando papai começava a procurar a garrafa no guarda-roupa, não a encontrava nunca. Isso o deixava furioso, mas, em pouco tempo, ele cambaleava até achar mais uma cerveja na geladeira e então se sentava de volta na poltrona. Às vezes, quando se mostrava furioso, mamãe nos punha no carro e seguíamos para Winner, mas nunca andamos tanto como naquela noite em que saímos da estrada. Ela ia até uma área de estacionamento, travava nossas portas e fechava os olhos por um instante.

— Só estou descansando — dizia. Numa noite fria de inverno, precisamos pernoitar num motel em Winner. Não havia piscina, mas tinha TV a cabo, e mamãe me deixou ver quantos canais eu quisesse. Ela apenas se sentou na cama comigo, abraçando Calli, tentando não chorar.

Espero não estar fazendo a coisa errada. Espero que Petra não morra por causa do que estou fazendo. Espero que ela não esteja morta.

Agora papai e eu estamos sentados aqui, ensanguentados, olhando um para o outro, esperando que alguém faça qualquer movimento, mas nós não fazemos. Por enquanto, não.

Antónia

Ben ainda não voltou. Então, além de tudo, tenho que me preocupar com ele também. Os comentários dos Gregory não ajudaram em nada. Eu conheço Ben; ele não faria mal às garotas. E conheço Griff; ele não machucaria as meninas, não acha crianças interessantes o suficiente para perder muito tempo ficando com raiva delas. Além disso, o número de latas de cerveja que ele deixou pela casa de manhã era menor que o normal, muito pouco para deixá-lo bêbado. Se tivesse bebido o bastante para se embriagar, eu estaria preocupada.

Louis não retornou minha ligação. Sei que ele está ocupado com outros aspectos do caso, tem também outras obrigações, mas fico surpresa por ele não estar aqui. Louis sempre esteve presente, sempre que eu precisava, exceto quando deixou Willow Creek para fazer faculdade. Lembro-me de ter perguntado se pedir para ele ficar era demais. Louis estava lá quando um garoto da quinta série me perseguiu; eu tinha 9 anos, estava lá quando tive um ataque de pânico, porque precisei apresentar um trabalho de Literatura no último ano de escola; estava lá quando minha mãe morreu.

Ainda que eu e minha mãe fôssemos tão diferentes, tivéssemos tão pouca coisa em comum, Louis sabia que a perda dela era o acontecimento mais marcante de minha vida. Ele sabia que aquelas horas gastas por mim e meu pai cuidando dela, na cama, enquanto apodrecia com um câncer no seio, haviam deixado uma marca profunda em mim. Louis dirigia até a biblioteca para buscar os livros que minha mãe escolhia para eu ler para ela enquanto a morfina aliviava temporariamente sua dor. Minha mãe era uma grande leitora. Eu, não. Eu gostava de livros, só não tinha tempo para eles. Entre a escola, o trabalho numa loja de conveniência e passar um tempo com Louis, nunca me esforcei para ler. Minha mãe sempre colocava livros no meu criado-mudo, na esperança de eu pegá-los para ler e depois discutir o tema com ela. Nunca fiz isso, não até ela ficar doente. Desde então, mais por culpa do que por qualquer outra coisa, comecei a ler para ela. Um dia, já perto de seu fim, ela pediu para que encontrasse uma velha cópia de *Minha Antónia*, de Willa Cather. Eu já vira o livro antes; minha mãe o deixara no criado-mudo

várias vezes. Nunca arrumei tempo para ler, embora meu nome tivesse sido escolhido porque esse era seu livro favorito. Não podia imaginar o que eu tinha em comum com a Antónia do mundo de Willa Cather, de tanto tempo atrás. Mas, a pedido de minha mãe, comecei a lê-lo. Caí, relutante, no Nebraska da virada do século e ameí o que encontrei. Louis costumava se sentar comigo enquanto eu lia em voz alta para minha mãe. Eu ficava muito envergonhada no começo, por não estar acostumada ao som de minha voz, mas ele parecia gostar, e minha mãe frequentemente me ouvia com um fraco sorriso no rosto.

Uma tarde, mais ou menos umas três semanas antes de morrer, ela deu um tapa no colchão da cama de hospital que trouxemos para casa ao sabermos que ia morrer. Baixei o amparo de metal que prevenia uma queda da cama e, cuidadosamente, sentei-me a seu lado.

— Venha mais para perto, Antónia — disse ela para mim. Minha mãe nunca me chamou de Toni. Era sempre Antónia. Aproximei-me mais, tomando cuidado com os tubos que estavam em seu braço. Era muito difícil vê-la naquele estado. Minha linda mãezinha, que sempre cheirara a Chanel. Agora um odor diferente, azedo e velho, tomava conta dela. Seus cabelos, antes louros, dourados, agora estavam opacos, largados sobre os ombros, o rosto pálido e tomado pela dor. — Antónia, minha Antónia — sussurrou ela. Eu, intimamente, adorava quando ela me chamava assim. — Eu quero lhe dizer algumas coisas antes de... Antes... — ela engoliu em seco com grande esforço — Antes de morrer — completou.

— Mãe, não diga isso! — gritei e, antes que pudesse notar, as lágrimas já caíam de meus olhos. Como eu detestava chorar!

— Antónia, vou morrer, em muito pouco tempo. Nunca tive muito tempo para você — suspirou ela. — Os rapazes vão ficar bem, mas é com você que me preocupo.

— Estou bem, mãe. — Funguei, tentando fazer com que ela não percebesse que eu estava chorando. Ela pegou minhas mãos e

brinquei com sua aliança, como fazia na igreja quando era pequena, anos antes. A aliança girava em seu dedo, porque ela perdera muito peso. Suas mãos pareciam pertencer a uma pessoa bem mais velha, as veias azuladas eram cada vez mais grossas e salientes.

— Louis é um jovem muito agradável — disse ela.

— Sim, é mesmo — concordei.

— Antónia, não estarei presente em seu casamento — começou ela.

— Mãe, não diga isso — implorei. Meu nariz ficou entupido e tive que liberar a mão para limpá-lo. — Por favor, não fale assim.

— Não estarei presente em seu casamento, então quero dizer algumas coisas sobre como ser esposa e mãe. — Ela aguardou pacientemente até meus soluços se transformarem em uma respiração baixa, pesada, difícil. — O pessoal diz que ser mãe é a principal função que você vai ter. E é muito importante. Mas acho muito mais importante ser esposa. Uma boa esposa.

Devo ter olhado para ela de modo muito estranho, porque mamãe começou a rir de mim, mas o riso lhe causava muita dor.

— Não estou dizendo para você ser um capacho. Não é isso o que quero dizer. Acho que a escolha de alguém para caminhar junto consigo pelo resto da vida é a mais importante que você vai tomar. Terá filhos e vai amá-los, porque são seus e porque serão maravilhosos. Como você. — Ela franziu o nariz para mim e sorriu. — Mas com quem você se casa é uma escolha. O homem que escolher deve fazê-la feliz, encorajá-la, acompanhá-la em seus sonhos, pequenos ou grandes.

— Papai fez isso por você? — perguntei. A noite estava chegando e as sombras faziam minha mãe parecer mais leve, mais jovem, passando menos a impressão de estar morrendo.

— Fez. Eu tive tão poucos sonhos. Só queria ser esposa e mãe. Isso é tudo, na realidade. Você deve se lembrar disso, Antônia. No final das contas, conquistei tudo o que queria. Meu querido e doce marido, e meus queridos e doces filhos. Só desejava ter tido mais tempo para você. — Ela começou a chorar baixinho.

— Tudo bem, mãe, tudo bem. Vou me lembrar do que você disse, prometo. — Ela fez que sim com a cabeça e tentou sorrir, mas sua dor causou uma contração nos lábios. Peguei o livro que estava perto da cama.

— Que tal um pouco de Carson McCullers? — perguntei.

— Isso seria ótimo — respondeu ela.

Comecei a ler, e minha mãe adormeceu em minutos. Pela primeira vez, que eu me lembre, me abaixei e a beijei enquanto dormia. Seus lábios estavam finos como papel, mas quentes. Debaixo do odor de doença e do esforço desesperado para continuar viva, capturei seu cheiro original. Fechei os olhos e fiz força para manter em mente aquilo que ela dissera. Mas acabei me esquecendo, não foi? Não segui o que ela disse, nem um pouco.

Eu assistia à aula de História Universal uma tarde quando o diretor entrou. O professor parou de escrever no quadro-negro e foi para onde o diretor se postou; eles sussurraram, as cabeças bem próximas por um instante, e, de repente, os dois olharam na minha direção. Lembro de meu peito se apertando de medo e de me pegar pensando: Eu não tive tempo para você ainda, mãe, eu também não tive tempo para você. Levantei-me lentamente da cadeira, deixando meus livros e outros pertences para trás. Lembro-me de Louis me acompanhando, lado a lado, segurando meu cotovelo, guiando-me até o carro e para casa. Ficou comigo ao longo daquela primeira terrível noite sem minha mãe. Não dissemos nada, não era preciso, e hoje fico pensando que tínhamos uma amizade parecida com a de Petra e Calli.

Depois que mamãe morreu, continuei a ler. Antes, eu ia para a cama e, a cada noite, lia algumas páginas de um livro em voz alta para mim mesma. Levava uma eternidade para terminar, mas não achava correto ler silenciosamente para mim mesma. Estranho, eu sei. Griff debochava de mim quando eu lia livros infantis, vendidos em sebos, para Ben, quando ele ainda estava no meu útero. Aprendi a não fazer isso quando Griff estava por perto, mas adorava segurar a barriga com uma das mãos e segurar o livro com a outra, lendo para meu pequeno feto. Eu acreditava piamente que Ben conseguia me ouvir lá de dentro, balançando para a frente e para trás, talvez com um delicado polegar na boca. Pareceu mais razoável ler dessa maneira depois que meus filhos nasceram. Até hoje leio para Calli, e até Ben, de vez em quando, me deixa ler partes de um livro. Quando Griff está fora da cidade, me deito e leio uma história para mim mesma até pegar no sono, com o livro na mão.

Louis me pediu algumas vezes, depois que minha mãe morreu, que eu lesse para ele, mas eu tinha vergonha e não li. Ele desistiu depois que pedi impacientemente para que não insistisse mais. Louis sempre foi tudo para mim, até que, claro, não mais permiti que fosse. Mesmo quando meu pai morreu, e Griff e eu estávamos casados havia três anos, Louis me enviou um cartão de pêsames. Eu soube que o cartão era dele sem olhar para o endereço do remetente. Lembrava de sua pequena e bonita letra de imprensa desde que estudamos na primeira série. Nunca mostrei o cartão para Griff. Louis assinou Sempre, Louis, e eu não tinha forças para tentar explicar aquilo para Griff.

Às vezes, sonho com Louis. Ele e eu estamos juntos, como já estivemos um dia, quando tínhamos 16 anos. Nos meus sonhos, estamos sempre em Willow Creek, passeando de mãos dadas. Consigo sentir a textura da palma da mão dele em contato com a minha, o toque leve de seus dedos. Até agora, quando penso nesses sonhos, me sento e relaxo por completo e consigo sentir o toque de Louis. Nos meus sonhos, quando Louis me beija, a afobada troca de ar que se dá entre nossas bocas permanece na

minha língua por muito tempo depois que acordo. Em minha mente, mesmo quando estou sonhando, fico repetindo para mim mesma: Você é casada, Antônia, e seu marido é Griff? E, no meu sonho, me forço a me afastar de Louis, afastar o que sinto com seu toque. Então acordo, algumas vezes com Griff a meu lado, mas, na maioria delas, com Griff a milhares de quilômetros de distância, lá no Alasca, e eu com a pele quente e a mente confusa.

No entanto, podia ficar dias, até semanas, sem pensar em Louis. Mas, quando via seu carro de polícia estacionado na cidade, sua bonita esposa na mercearia com o filho, sentado no carrinho de compras, chutando o ar com as perninhas gordas, eu pensava: Podia ser eu, essa podia ser minha vida. Então me entristecia e bloqueava aquela parte de minha mente por uns momentos. Griff não era sempre mau. Só começou a beber em excesso depois do nascimento de Ben. E nunca me agrediu até Ben completar 3 anos. Nem me lembro o que fiz para deixá-lo tão furioso, mas ele me bateu com tanta violência que não saí de casa sem óculos escuros durante um mês. Griff não me agrediu por pelo menos um ano, mas foi ficando cada vez mais esperto. Nunca batia num lugar que deixasse marcas visíveis. Mas, mesmo assim, conseguia ser maravilhoso. Muito engraçado e doce. E as histórias que contava sobre suas aventuras no oleoduto sempre me fizeram rir muito. Nem Lou me fazia rir tanto. Se ele conseguisse parar de beber, as coisas seriam tão diferentes! Não, sei que Griff me ama e é meu marido. Ele foi minha escolha, como se diz, para o que der e vier.

Preciso ir atrás de Ben agora, com ou sem Louis. Estou acostumada à ausência de Griff. Sempre pude confiar em uma coisa: Griff não é confiável. Resolvo que não vou sair da floresta até encontrar Ben. Não tenho certeza de que Calli está na floresta, mas, se estiver, faz sentido. Vou trazê-la para casa também. A sra. Norland tenta me convencer a não ir, mas, no final, acaba colocando várias garrafas de água em minha mochila e me dando um abraço. Quando pego a mochila e a coloco nas costas, vejo Martin Gregory se dirigindo à casa da sra. Norland.

Que foi dessa vez?, é o que me pergunto. E abro a porta para encontrá-lo no meio do caminho.

Assistente de xerife Louis

Levo Mary Ellen McIntire até a saída, abro a porta para ela e, mais uma vez, o calor do dia quase me faz perder o fôlego. Digo-lhe que aviso se ela puder ajudar de algum modo as famílias Clark e Gregory. Então observo-a caminhar até seu carro. Ela parece derrotada, arruinada, e me pergunto se este dia vai terminar. Vejo Tucci fazendo sinal para que eu vá até ele e fecho a porta, deixando o calor sufocante do lado de fora.

— Quem era o sujeito que foi trazido um minuto atrás? — pergunto a ele.

— O sujeito alto de cabelo branco? — pergunta Tucci, que, no entanto, prossegue sem esperar minha resposta: — Era Charles Wilson, o orientador pedagógico da escola primaria. E adivinhe onde foi que o apanharam? — Desta vez, Tucci espera minha resposta.

— Onde? — pergunto, mas acho que já sei a resposta e sinto um frio na barriga.

— No bosque de Willow Creek — diz Tucci, batendo com a palma da mão na mesa.

— Ele diz que estava levando seu cachorro para passear. Mas, quer saber? Não existe cachorro. Um guarda florestal o viu vagando pela trilha Tanglefoot e ligou para a gente. Bender e Washburn saíram e o apanharam.

— O que ele está dizendo? — perguntei.

— Nada. Ele já contratou uma advogada. No instante em que as menininhas foram mencionadas, ele se recusou a falar — diz Tucci, triunfante. Ele já acha que foi Wilson quem levou as meninas. Pode ser, mas e quanto a Griff?

— Você acha que ele conversaria comigo? — pergunto a Tucci.

— De jeito nenhum. Ele disse que queria falar com sua advogada imediatamente. Está sentado na sala de reunião, esperando por ela. Não existe nenhuma acusação contra ele. A advogada vai tirá-lo daqui em uma hora. — Meu telefone toca, eu me recosto em minha cadeira para atender.

— Louis, é Martin. Antónia e eu estávamos nos perguntando se você poderia vir à casa da sra. Norland.

Eu me endireito na cadeira.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto.

— Nada de que você já não saiba. Encontraram aquelas pegadas no quintal de Antónia. Mas queremos conversar com você sobre a busca pelas meninas.

— Martin, uns policiais fizeram uma varredura do bosque perto de sua casa e não encontraram nada. Uma busca de maiores dimensões, com cães farejadores e um helicóptero, está sendo planejada — digo. Penso em contar a ele que Charles foi detido, mas desisto. Sei muito pouco e não quero alimentar suas esperanças à toa.

— Eu sei. Entendo que você está fazendo o que pode, mas o tempo está passando rápido demais. Por favor, venha até a casa da sra. Norland. Precisamos de sua ajuda. Por favor — implora Martin.

— Daqui a pouco chego aí, Martin. Não saia nem faça nada até que eu chegue, certo?

— Vamos esperar. Por favor, venha logo.

Desligo o telefone, nem um pouco aborrecido por não ter sido Toni quem tivesse ligado. Pergunto a mim mesmo o que aquilo significava. Será que ela está perdendo a confiança em mim, será que está duvidando de minhas habilidades como policial? Espero que não. Há poucas pistas. Talvez o orientador pedagógico da escola seja o sujeito. Mas há algo de errado. A trilha Tanglefoot, o lugar onde ele foi apanhado, não fica perto das casas das meninas. Ainda não conseguimos localizar Lucky Thompson, o universitário que trabalha no café Mourning Glory. Ele não apareceu por lá para a mudança do turno da tarde. Tantas perguntas... Minha mão continua sobre o receptor do telefone, e eu, cogitando se ligo ou não para minha mulher. Já devia ter checado com ela. Saio do distrito sem ligar para ela. Enquanto arranco com o carro, ajusto meu rádio no Canal F2, a fim de que só Meg, nossa operadora de radiocomunicação, possa me ouvir.

— Meg, isso é só para sua informação — digo-lhe.

— Prossiga — responde ela.

— Vou fazer uma busca na mata ao longo da trilha, atrás das nossas meninas. Volto a entrar em contato logo.

— Entendido.

Antónia

Louis está a caminho. Agora nos parece tão simples entrar no bosque para procurar as meninas. Não tenho planos de voltar para casa até que Ben, Calli e Petra estejam conosco.

— Como é que você acha que vamos nos livrar da imprensa ou dos outros policiais sem que eles descubram aonde vamos? — pergunta Martin.

— Não sei. — Essa mesma pergunta também tem me perturbado. Embora ter o máximo possível de gente procurando pelas meninas seja uma coisa boa, a ideia de uma câmera nos seguindo não me atrai. Além disso, eu me pergunto como Calli reagiria se houvesse um bando de estranhos no bosque procurando por ela. Acho que isso a assustaria, que ela talvez se escondesse, tornando mais difícil a tentativa de encontrá-la.

Antes, pensei que não houvesse jeito de eu sobreviver a este dia. Uma centena de emoções percorreu meu corpo; estou exausta. Mas agora o dia está chegando ao fim; quanto menos luz do sol houver, tanto mais difícil será localizar as crianças. Quem dera tivéssemos começado a busca algumas horas antes. Estou ressentida por Louis e o agente Fitzgerald terem desperdiçado um tempo precioso.

— Ele chegou — diz Martin, vendo Louis através das cortinas da sra. Norland.

Abro a porta para que ele entre antes mesmo de conseguir bater.

— Oi — digo eu. — Obrigada por vir.

— Claro. Martin pareceu ter urgência. — Louis estendeu a mão para cumprimentar Martin, numa saudação. Quem é que ainda fazia aquilo?, eu me perguntei. É muito formal, principalmente na situação em que nos encontramos.

— Queremos procurar pelas crianças — informa Martin a ele.

— Sei que não faz parte do plano traçado pelo agente Fitzgerald, mas temos a sensação de que precisamos fazer isso.

Louis ouve sem demonstrar reação.

— Vai escurecer em poucas horas, Louis — digo a ele. — Não suporto a ideia delas lá no bosque à noite. Tenho de ir procurá-las.

— Entendo o que está dizendo. Não discordo de você. Só acho que seríamos capazes de cobrir uma área muito maior com a busca organizada de amanhã. Teremos cães farejadores e todo o pessoal com quem pudermos contar.

— Ainda podemos fazer tudo isso amanhã, se precisarmos.

— A voz de Martin se enche de impaciência: — Neste exato momento, Antónia e eu vamos sair para procurar por elas, com ou sem vocês. Esperamos que nos acompanhem, ou pelo menos nos ajudem a evitar a imprensa quando partirmos. — Martin e eu esperamos ansiosamente a decisão de Louis. Ele traz no rosto os mesmos sinais que tinha quando éramos crianças. Aquele jeito de indecisão que aparecia logo depois que eu o desafiava a fazer algo que ele sabia que lhe traria problemas, ou o machucaria. No fim, Lou sempre aceitava o desafio.

— Está bem. Por onde você quer começar? — pergunta Louis com um suspiro.

Martin olha para mim.

— Não estou acostumado com a floresta. Receio não saber como começar a procurar.

— Ben disse já ter procurado em Willow Wallow e nos lugares que ficam nos limites do bosque. Vamos mais para dentro logo.

O que acham do caminho Old Schoolhouse e depois a trilha? Talvez as meninas tenham tentado encontrar a escola e se perderam — sugiro.

O caminho Old Schoolhouse é uma trilha sinuosa, em grande parte coberta por mato, perceptível apenas àqueles que conheçam bem o bosque. Uns cinco quilômetros bosque adentro fica uma velha escola de uma sala, construída há pelo menos 100 anos. Ninguém sabe por que alguém teria resolvido construir uma escola num local tão remoto e de tão difícil acesso. Algumas pessoas que viveram nos limites da floresta acreditam que um pequeno grupo de colonos fez suas casas no bosque e construiu uma escola comunitária. Era difícil, no entanto, manter um professor interessado em permanecer num lugar tão isolado. Assim, os moradores do bosque foram se mudando para mais perto da cidade e abandonaram a escola feita de pedra calcária e carvalho. A pequena e robusta escola ainda estava de pé, mas coberta pelo mato. As pequenas janelas estavam todas quebradas e muitos animais silvestres tinham se instalado lá dentro.

Eu já levava Ben e Calli até lá uma vez, anos antes. Falamos em fazer uma faxina na escola, em transformá-la, talvez, num esconderijo nosso. Mas ela ficava muito dentro do bosque, a caminhada era cansativa demais para Calli, então descartamos a ideia. Talvez Calli e Petra tivessem decidido encontrar a escola e investigar. Essa ideia era uma perspectiva bem mais reconfortante do que a que incluía as pegadas de Calli na poeira. Com Calli sendo arrastada para algum lugar.

— E quanto aos repórteres? — diz Martin.

— Será que podemos distraí-los de algum jeito? — pergunto.

— Dizer a eles que haverá uma entrevista coletiva no escritório do xerife, mandá-los até lá?

— Tudo bem, tranquilo... até eles chegarem lá e descobrirem que não há entrevista coletiva. Você não vai querer irritá-los, Toni. Pode precisar deles mais tarde — diz Louis.

— Acho que sei o que podemos fazer — observa Martin. — Posso usar o telefone da sra. Norland?

— Claro — respondo. — Para quem você vai ligar?

— Para Fielda — responde ele. — Ela já tinha planejado falar com um repórter do Canal 12. Não acredito que alguns repórteres a mais façam diferença.

— Acho que sei como podemos manter os repórteres satisfeitos até por mais tempo — acrescenta Louis. — Se Fielda não se importar, conheço uma pessoa que quer ajudar de qualquer jeito. Mary Ellen McIntire está na cidade. — Louis nos olha com expectativa.

— Você está se referindo àquela senhora cuja filhinha foi assassinada? Não está achando que a mesma pessoa que fez aquilo à filha dela tenha algo a ver com isso, está, Louis? — pergunto, minha voz já falhando.

— Não sei, Toni. Espero que não. O caso é bem diferente, mas Jenna McIntire foi aliciada de algum modo, tirada de casa e levada a uma área de mata. Há semelhança suficiente para que o agente Fitzgerald se interesse e para que a imprensa se ocupe do caso, que vai manter a mídia ocupada por algum tempo.

Martin e eu olhamos um para o outro.

— Vou ligar para Fielda e explicar o que estamos fazendo. Louis, ligue para a sra. McIntire e leve-a até a casa de minha sogra. Antônia, vá lá fora e diga aos repórteres que haverá uma entrevista coletiva na casa dos Mourning dentro de... — ele olha seu relógio — ...dentro de 15 minutos.

Ben

Estou muito cansado e continuo cochilando. Meus olhos estão quase se fechando de tão inchados e minha cabeça lateja. Papai parece estar dormindo. Assim, posso relaxar um pouquinho. Através das minhas pálpebras apertadas, vejo o movimento de Petra, só um pouquinho. Portanto, ela não está morta. Graças a Deus. Ponho-me de pé no lugar onde estou, usando a árvore para me firmar. Sinto-me tonto e muito, muito cansado. Tudo que quero é tomar um copo de água gelada, me arrastar até minha cama e dormir durante dias. Vou tropeçando até o lugar onde Petra está deitada. Ela se encolheu em uma pequena bola, cobrindo a cabeça com os braços, de modo que não consigo ver seu rosto, o que provavelmente é bom. Meu estômago não está lá essas coisas; não acho que eu consiga aguentar olhar muito de perto o rosto desfigurado de Petra. Mas preciso fazer com que ela fale comigo, para me dizer, enquanto papai dorme, o que aconteceu.

— Petra — sussurro. — Petra! — repito, com a voz um pouco mais alta. Ajoelho-me e coloco a mão em seu ombro. Meus dedos estão cobertos de sangue seco, e não importa quantas vezes eu os esfregue em meu calção, não ficarão limpos. Petra se encolhe ainda mais.

— Petra, sou eu, Ben. Por favor, acorde. Preciso falar com você.

Ela geme um pouquinho, como se lhe doesse até mesmo ouvir minha voz.

— Está tudo bem, Petra. Você está em segurança agora. Não vou deixar que ele machuque você de novo. — Dou uma olhada para o lugar onde meu pai está; ele ainda dorme. Petra geme de novo e acaricio seu braço.

— Mamãe — chora ela baixinho.

— Logo, logo você vai ver sua mãe, Petra. — Tento fazer com que ela se sinta melhor. — Petra, foi meu pai que fez isso com

você? — Nenhuma reação. — Vamos, Petra, para mim você pode dizer. Foi meu pai que machucou você? Quem a trouxe para cá?

Nenhuma resposta. Solto um suspiro e me sento no chão. Pelo menos ela disse alguma coisa; seja como for, não vai morrer agora. Para uma criança de 7 anos de idade, Petra está bem. E ela é muito boa com Calli. Tenho que dar algum crédito a Petra. Não devia ter sido fácil ter como melhor amiga uma criança que nunca falava. Isso não pareceu incomodá-la, no entanto. Aquelas duas brincavam como quaisquer crianças do primeiro ano, mas era só Petra quem falava.

— Ben — dizia ela —, Calli e eu estávamos pensando se podíamos pegar emprestados seu taco e sua luva de beisebol. — Ou:

— Calli não está se sentindo muito bem; sua mãe está por aí?

— Foi mesmo fascinante pensar nisso. Enquanto Petra estivesse por perto, eu não me preocupava muito com Calli.

Aquelas duas seriam capazes de sair juntas por aí com suas cabeças amarradas uma à outra, como se estivessem tendo uma conversa séria. Às vezes eu me perguntava se Calli não iria conversar com a gente. Era provável que ela e Petra realmente conversassem o tempo todo. Fiz essa pergunta a Petra uma vez. Eu disse:

— Petra, Calli já conversou com você alguma vez?

— Nós conversamos o tempo todo — disse ela de um jeito sem qualquer afetação. — Mas não em voz alta. Eu sei o que ela está pensando, e ela sabe o que estou pensando.

— Estranho — comentei.

— Sim, acho que sim — disse ela.

— Mas uma estranheza boa — repliquei rapidamente. Ter Petra por perto tinha tornado minha vida mais fácil. Eu não queria que ela fosse embora, achando que era maluca por ser amiga de Calli.

— Sim, uma estranheza boa — concordou ela, e então partiu repentinamente para o local onde Calli esperava por ela.

É um mistério para mim. Dou mais um tapinha no ombro de Petra, que se encolhe ao meu toque. Mais uma vez, ela começa a chorar baixinho e a gemer.

Numa reação tardia, olho atrás, para onde está meu pai. Ele se foi. Levanto-me bem rápido e olho ao redor, girando em círculos. Ali, não. Ele foi embora. Sinto lágrimas fazerem meus olhos já inchados arderem. Deixei que ele fosse. Será que Calli já chegou à parte de baixo? Não estou certo de quanto tempo já se passou. Ela é rápida, mais rápida do que eu seria. Mas será que teve tempo suficiente para ser socorrida antes que meu pai a alcançasse? Eu não sabia. Talvez ele esteja se escondendo atrás de uma árvore em algum lugar, esperando que eu lhe dê as costas para que ele possa dar cabo de mim e de Petra. Sinto apenas um pouquinho de vergonha ao pensar que meu pai poderia me matar, mas ele quebrou meu nariz, e Petra estava deitada ali, quase morta. Não me sinto tão grande e forte neste exato momento. Quase consigo ouvir meu pai rindo de mim: "Oooh, o grande herói, Ben! O que você vai fazer agora? Derramar lágrimas, Ben? Que bebê chorão!"

Então as lágrimas realmente começam a correr, e não consigo contê-las. E se meu pai alcançasse Calli? Eu a decepcionei de novo. Eu estava cansado de ser o grande irmão, cansado de ser criticado por tudo. O que eu deveria fazer? Ficar com Petra até que o socorro chegue ou continuar a descer a ribanceira atrás, eu mesmo, de socorro? Não sei o que fazer. Tenho 12 anos de idade; não era para eu ter de tomar essas decisões. O que mamãe faria? Penso nisso enquanto me sento no chão, junto a Petra, recostado numa pedra grande. Não a mamãe que ficava por perto quando o papai estava em casa, mas a mamãe que ficava lá quando papai não estava. Mamãe que, sem ajuda de ninguém, capturou com um

guarda-chuva o morcego que havia descido voando pela chaminé de nossa casa e depois o levou até o bosque para se livrar dele. Mamãe que, quando eu tinha 8 anos e cortei a cabeça numa pedra, ao cair de uma árvore, enrolou uma toalha em volta da cabeça que sangrava e segurou minha mão enquanto o médico colocava cinco grampos no meu crânio. Ela nem chorou ou se sentiu mal. Simplesmente ficou lá, sentada, me fez olhar para ela e me disse que tudo ia ficar bem, enquanto pregavam aqueles grampos na minha cabeça. O que essa mãe faria no meu lugar? Penso nisso por um tempo e finalmente concluo que mamãe ficaria com Petra até que o socorro chegasse. Era a coisa certa a se fazer; eu podia manter Petra em segurança. É isso o que vou fazer. Vou ficar aqui, na esperança de que Calli já tenha conseguido descer a ribanceira. Mas o que ela faria ao chegar lá embaixo? Como faria para que soubessem onde estávamos? Simplesmente tenho de acreditar nela. Ela diria a eles. Do seu jeito, ela diria a eles.

Assistente de xerife Louis

Antónia descreve para mim mais uma vez os locais preferidos de Calli no bosque de Willow Creek, e eu os anoto na minha caderneta, embora não precise. Conheço esses lugares; nós dois crescemos aqui e brincamos nesse bosque desde crianças. Conheço cada buraco e cada barranco como conheço os traços do rosto de Antónia. Conheço as trilhas como conheci o mapa que é a pele dela.

Meu celular toca, penso em ignorá-lo, mas pode ser alguém com informações sobre as meninas. Atendo e ouço minha mulher do outro lado.

— Loras, o que você está fazendo? — pergunta ela com impaciência.

— Trabalhando — respondo a ela, me afastando de Toni e Martin.

— Nem era para você trabalhar hoje — lembra ela. Eu não respondo, consciente de que ela tem muito mais a me dizer.

— Lou? — pergunta Toni, vindo atrás de mim e colocando a mão sobre meu ombro. — Alguma novidade?

— Quem é? — pergunta Christine. — É Toni Clark? Loras, o que está acontecendo? Você está com ela?

— Estou trabalhando — repito. Sei que estou agindo com frieza com minha mulher. Mas o assunto é sério. Duas meninas estão desaparecidas, ainda que uma delas seja filha de minha ex-namorada.

— Loras, você precisa vir para casa — diz a voz de Christine baixinho, o que é perigoso. — Há dias que você não passa um tempo com Tanner.

— Não posso fazer isso agora — digo com voz profissional, como se estivesse falando com o operador de radiocomunicação. Por que estou agindo assim? É como se eu não quisesse que Toni soubesse que estou falando com minha própria mulher.

— Loras. — Christine está à beira das lágrimas. — Você está falando com sua mulher, não com o subcomissário. Preciso saber o que está acontecendo!

— No momento isso é simplesmente impossível. Entro em contato mais tarde.

Christine explode:

— Droga, Loras, pare com isso! Você não se importa? — A voz dela soa estridente pelo celular e sei que Toni e Martin conseguem escutá-la. Ambos olham para baixo, envergonhados por mim. —

Você está jogando este casamento fora! — continua a arengar. — Você está com ela, não está? Você vai arruinar a porcaria desse nosso casamento por causa dessa mulher triste e idiota que não consegue manter o marido longe da bebida e nem mesmo cuidar dos próprios filhos.

Sinto a mão de Toni em meu braço e olho para ela, esperando que tente arrancar o telefone de mim e dê uma bronca em Christine. Mas não é o que ela faz. Em vez disso, aponta o dedo na direção das árvores. Sigo seu dedo esticado e desligo na cara de Christine, sem nem sequer dizer tchau.

Correndo para fora do bosque está Calli. Ver a angústia sumir do rosto de Antônia quando esta percebe que sua filha está vindo em nossa direção fez uma onda de alívio atravessar meu corpo. Não suporto ver Antônia sofrer qualquer tipo de dor; mesmo porque ela já carregava consigo um fardo muito maior do que merecia. Calli e Ben são a vida de Antônia, mesmo que o inútil do marido não tenha as mesmas prioridades, que são, para ele, uma garrafa de cerveja e um lugar para ficar estatelado.

Calli está fora do bosque, e vejo Martin olhar com esperança para além de Calli, procurando entre as árvores espinhentas que margeiam a trilha. Não vem ninguém atrás de Calli, pelo menos por enquanto. Quando para ao meu lado, Calli parece ilesa. Ela podia ser como uma criança qualquer de 7 anos de idade brincando de pique, a não ser por duas coisas. Em sua mão direita, ela segura um colar de prata com um amuleto em forma de nota musical. Sei que o colar pertence a Petra, pois sua mãe o descreveu em detalhes para mim quando me telefonou às 4h35 desta manhã para me dizer que Petra não estava no quarto de dormir. Como é rotina, consegui também uma fotografia da menina e uma descrição completa da roupa que ela usava quando foi vista pela última vez. Pijama azul curto, calcinha branca com flores amarelas e, claro, o colar. Também deram parte de que os tênis brancos de Petra tinham sumido. Martin viu o colar também e desmaia por um instante, mas logo volta a si. Com passos longos e decididos, ele se aproxima. Já vi esse olhar

antes, uma torturada e pungente necessidade de saber estampada com aspereza no rosto de um pai desesperado. Mais recentemente, nos pais de Jenna McIntire, de 10 anos de idade.

Calli agarra com firmeza a manga de minha camisa e me abaixo, de modo a ficar cara a cara com ela. Não espero dela qualquer palavra; Calli não fala há anos. Talvez ela aponte e nos guie até Petra. Tomara que até um fim favorável. Mas ela não indica com o dedo, nem me leva pela mão até o bosque. Ela fala. Uma palavra. Quando Antónia se aproxima, noto confusão e alívio. Martin está chorando, grandes soluços inconsoláveis. E vejo o que eles não vêem. Apertada dentro da outra mão de Calli está a calcinha branca com flores amarelas de Petra.

Martin

Eu me volto quando ouço o farfalhar nas árvores. Vejo a pequena amiga de Petra, Calli, correndo caminho abaixo. O que está em sua mão é o que me atrai. De longe, a coisa cintila enquanto balança em suas mãos. Nunca saiu do pescoço de Petra, e sinto um frio na barriga e a força foge de minhas pernas. Caio de joelhos. Olho o rosto dela e nele vejo uma determinação selvagem, não medo ou terror. Um sorriso quase chega a brincar em seu rosto encardido. Um momento de esperança. Olho atrás de Calli e não vejo Petra a seguindo. Ela vem abrindo caminho pelo mato, e me levanto, com a mão já esticada para pegar de volta o colar de minha filha. A menina para diante de sua mãe e do assistente de xerife; sua respiração é forte e irregular, essa pequena criatura muda, que nunca fala. E sinto o desespero revolver dentro de mim. Preciso encontrar Petra agora. Estou correndo para onde está a menina, pronto a balançar seus ombros ossudos. "Diga! Diga!" é o que gritarei, com meu nariz encostando no dela.

Paro a uns poucos passos. Ela está puxando a manga da camisa do assistente de xerife. Ele se curva, seu ouvido fica à altura da boca da menina. Uma palavra se espatifa dentro de mim e eu choro.

Antónia

No bosque, entre árvores ocas com colmeias de abelhas cujo cheiro pesado e doce sempre me fará lembrar esse dia, vejo lampejos da camisola cor-de-rosa que você usou para dormir na noite passada. Meu peito relaxa, e tremo de alívio. Mal noto suas pernas arranhadas, os joelhos sujos de lama ou a corrente em suas mãos. Eu me estico para envolvê-la em meus braços, dar um abraço apertado, encostar meu rosto em sua cabeça molhada de suor. Jamais vou querer que você fale, jamais pedirei que converse. Você está aqui. Mas passa por mim, sem me ver, para ao lado de Louis, e eu penso: Você nem me vê. É o uniforme de assistente do xerife de Louis. Boa menina! É a coisa mais esperta a fazer. Louis se agacha em sua direção, e fico presa à expressão de seu rosto. Vejo seus lábios se prepararem e sei, eu sei. Vejo a palavra se formar, as sílabas se adensando e escorrendo de sua boca sem esforço. Sua voz, nada insegura ou rouca pela falta de uso, e sim clara e firme. Uma palavra, a primeira em mais de três anos. Num instante, tenho você em meus braços e estou chorando, as lágrimas derramando muitas emoções, a maior parte gratidão e alívio, mas lágrimas de tristeza misturadas a elas. Vejo o pai de Petra desmoronar. A palavra escolhida por você não faz sentido para mim. Mas não tem problema, não me importo. Você finalmente falou.

Calli

Calli correu com pernas que ela nem conseguia mais sentir, um peso abaixo de sua cintura. Mas a necessidade de avançar a fez seguir em frente. Por Ben. Por Ben, que sempre fazia as coisas que ela pedia, que sempre apanhava e ouvia grosserias que com toda razão deveriam ser destinadas a ela. Calli agarrou com mais força o que trazia nas mãos, o colar de Petra e sua calcinha. O motivo por que Petra não as estava usando Calli não entendia, mas sabia que eram importantes naquilo tudo. Petra que, de tão ferida, ele dissera que poderia morrer. Oh, Deus, será que aquilo também era culpa dela? Pelo canto dos olhos, viu um caroço cor de palha numa área de samambaias com extremidades pontilhadas de marrons. Calli parou abruptamente. O cachorro. O cachorro que ela vira mais cedo, caminhando alegremente pelo bosque. Morto. Estirado ali sobre um monturo, com a língua comprida e rosada saindo por entre os dentes pontudos. Os olhos bem abertos, sem ver nada. A coleira do cachorro havia sido tirada. Calli tinha a sensação enervante de que algo a estava observando, então se afastou do cachorro e continuou a descer o barranco. Mais rápido, mais rápido, sem sequer prestar atenção ao chão à sua frente, cujas pedras e raízes poderiam tê-la feito tropeçar. Ben disse que ela fosse procurar socorro. E ela foi. Aquele homem. Aquele homem assustador lá em cima também. Seu cachorro. Sim, aquele era seu cachorro. O papai, ela pensou, o papai estava tão zangado com ela, ele ia descontar em Ben, sabia, e em Petra, talvez. Ben, papai, Petra, aquele homem, Ben, papai, Petra, aquele homem... As palavras se moviam em espirais em sua mente. Então ela conseguiu vê-lo: o fim da trilha, onde abruptamente as árvores deixavam de existir. Ben, papai, Petra. aquele homem, Ben, papai, Petra, aquele homem. Ela correu para o campo aberto, teve uma visão inesperada, sua mãe, oh, sua mãe, do assistente de xerife Louis e do pai de Petra! Agora ela podia parar de correr. Fizera o que Ben havia dito que ela fizesse: buscar socorro. Ben, papai, Petra, aquele homem, Ben, papai, Petra, aquele homem. Ir em direção a quem? O assistente de xerife Louis, sim, ele conseguiria ajuda na mesma hora, pegar aquele homem, pegar o papai. Ela estava ao lado do assistente de xerife, os braços de sua mãe estendidos em sua direção... Ben, papai, Petra, aquele homem, Ben, papai, Petra, aquele homem...

— Ben! — O nome irrompeu de dentro de si, não parecia saído exatamente de sua boca, e sim de algum lugar mais fundo, logo abaixo de seu esterno. Ela não reconheceu a própria voz, que parecia tão forte, tão clara, e ela queria dizer mais... Ben, papai, Petra, aquele homem, Ben, papai... Mas então os braços de sua mãe a envolveram, embalando-a. Ela estava tão cansada, com tanta sede, todos estão indo embora, e ela ficou muda mais uma vez.

Martin

Calli ainda está segurando o colar de Petra, circundada por sua mãe e pelo assistente de xerife Louis. Atravessando minhas lágrimas, caminho em direção a ela para tê-lo de volta. Ben? Ben fez isso? Eu não conseguia acreditar, embora, sim, aquilo tenha passado por minha cabeça quando, com raiva, Fielda tocara no assunto horas antes. Ben? Tento arrancar o pingente dentre os dedos de Calli, mas Louis se coloca entre nós.

— Martin, abra espaço para ela — ordena ele.

— Onde ela está? — resmungo. Calli está com o rosto enfiado na barriga de sua mãe; minhas mãos tremem de desespero.

— Martin — diz Louis com delicadeza —, nós vamos encontrá-la. Estou pedindo reforço neste exato momento.

Vejo Louis mexendo na mão de Calli, não na que segura o colar, e recuperando algo dela. Estico o pescoço para ver o que é, mas não consigo. Ele amassa a coisa dentro de seu punho, de modo que não dá para dizer o que está segurando. Depois, ele dá uma corridinha até seu carro para pedir ajuda.

— Calli, me diga, Petra está bem? — pergunto do modo mais tranquilizador possível. — Você estava com ela? Por favor, me diga.

Ben está lá com ela? Ben machucou você?

Antónia me lança um olhar severo e protege Calli de mim. Como se eu fosse, ali, o perigoso.

— Ouça, não sei no que você está pensando, mas Ben não teve nada a ver com isso...

Louis volta correndo até nós, interrompendo a reprimenda zangada de Antónia.

— Pedi mais policiais para nos ajudarem na busca por Petra e Ben. — Ele para e olha Calli de cima a baixo. — E também uma ambulância. Os paramédicos vão examinar Calli e estarão disponíveis para o caso de Petra ou Ben precisarem de assistência — nos diz Louis. Ele se curva para encarar Calli. — Calli — diz ele de modo tranquilizador. — Petra está bem? — Ele aguarda uma resposta. Devagar, ela diz "não" com a cabeça. Solto um gemido e me dirijo à trilha.

— Martin, espere! Precisamos de mais informações antes de subirmos até lá. Há três trilhas... precisamos saber qual delas pegar! — Parei e voltei até eles, agitado.

— Pergunte a ela, então, pergunte onde eles estão! Ela pode falar, ela disse "Ben"! Pergunte a ela! — grito, cuspido marimbondos, e ambas, Calli e Antónia, se encolhem diante de meu acesso de raiva.

— Martin, vá, fique junto da estrada — ordena Louis. — Fique lá e faça sinal para que a ambulância saiba que estamos aqui. Vou conversar com Calli. Ela vai nos dizer exatamente aonde ir. — Sua voz se torna suave quando ele acrescenta: — Isso vai nos poupar tempo. Eu prometo. Agora vá, espere a ambulância e os outros policiais.

Faço o que ele manda, ainda que mal-humorado, e ele volta ao lugar onde estão Calli e Antónia, agarrando as duas. A injustiça

disso me atormenta. Eu devia estar abraçando Petra, tranquilizando-a, sem me perguntar onde ela está, viva ou morta. Eu me arrasto até a estrada, onde o cascalho encontra o pavimento, e espero, esquadrinhando a distância, procurando a ambulância. Nada ainda. Eu me encosto no carro de polícia, sua lataria ainda emanando o calor monstruoso do dia, e vou embora.

Antónia me chama de volta, com hesitação na voz. Devo tê-la amedrontado.

— Martin, você pode apanhar uma garrafa d'água para Calli? Elas estão no banco de trás.

Ouçó o grito de Louis:

— Não, espere! — E ele vem correndo em minha direção. Abro a porta traseira, atrás do banco do carona, e tiro de lá três garrafas d'água, duas para Calli e uma que vou carregar comigo quando formos procurar Petra. Eu francamente não me importo com Ben a essa altura. Será que ele fez isso? Quando começo a me esforçar para sair do carro, a vejo. Manchada de sujeira, mas a reconheço, eu mesmo a dobrei ontem, quando a tirei da secadora. Branca com pequenas flores amarelas. Pego o saco de plástico onde estava guardada e a examino de perto. Nisso, Louis está ao meu lado.

— Martin — diz ele em vão. Empurro o saco plástico no peito dele, incapaz de olhar mais tempo para aquilo.

— Vou atrás de minha filha — digo a ele simplesmente, com calma, apesar do terror que finca as garras em meu peito. E eu corro, todos os meus 50 e poucos anos correm, trilha acima, com o assistente de xerife Louis me chamando:

— Martin, espere! Espere! Temos de esperar pelo reforço. Eu ignoro seus apelos e corro.

Assistente de xerife Louis

— Droga! — falo por entre os dentes enquanto Martin passa correndo por mim em direção à trilha. Sabe Deus o que ele vai encontrar lá em cima. — Toni! — berro. — Espere aqui pelos outros policiais e pela ambulância! Vou lá com Martin! Esquadrinho seu rosto preocupado.

— Vai dar tudo certo. Vou subir lá e trazer Ben de volta, são e salvo. Não se preocupe. Vamos pegar Hobo Hollow. Diga a eles que é a trilha da esquerda, onde existe uma bifurcação.

Ela assente com a cabeça e aperta minha mão.

— Obrigada, Louis. — A voz dela treme. Eu retribuo seu aperto de mãos e sigo Martin bosque adentro.

Não leva muito tempo até que eu o alcance. Ele está parado perto do limite de uma trilha, examinando algo que foi deixado de lado. Ele está ofegante e nem se vira quando paro a seu lado.

— Está morto — diz ele sem rodeios.

Eu me abaixo para tocar o flanco do cachorro.

— Ele ainda está quente — observo. — Não faz muito tempo que está aqui.

— O que acha que aconteceu com ele? — pergunta Martin, com medo.

— Não sei. — Mantenho minha voz no mesmo tom e calma. — Martin, você precisa descer agora. Vai nos meter num monte de problemas se for até lá em cima.

— Vou subir — diz Martin com firmeza. Solto um suspiro de resignação.

— Vamos subir mais devagar, apesar de tudo, está bem? Não vai ser nada bom para Petra se um de nós se ferir antes de chegar até ela. Certo?

— Sim, está bem — diz ele, olhando o cachorro morto. — Mas precisamos nos apressar, por favor. Vamos nos apressar.

Continuamos a subir. Falta mais ou menos uma hora para anoitecer, é rápido o bastante para eu começar a me preocupar de não encontrarmos Petra, Ben ou quem mais que tenha estado no cume da ribanceira. Uma operação de resgate ribanceira abaixo já seria difícil o bastante à luz do dia; na escuridão da noite, seria complexa.

Exigi que todo tipo de veículo fosse trazido até a trilha para agilizar as coisas. Também disse à operadora de radiocomunicação que mantivesse um helicóptero de Iowa City de sobreaviso, para o caso de ferimentos graves.

— Petra não está morta, Martin. Ele me olha.

— Calli disse isso a você?

— Não com palavras, mas perguntei a ela. Ela indicou que Petra se encontrava no cume do Hobo Hollow e estava ferida, mas ela não sabia dizer com que gravidade.

— Ela disse a você quem tinha feito isso? — Martin diz isso por entre os dentes, ofegante com o esforço da escalada.

— Não, não ouvi isso dela. Foi quando você encontrou... Você não quer sentar um pouco, para descansar, Martin?

— Não, estou bem. — E seguimos em frente em silêncio.

— Eu seria capaz de matar quem fez isso, Louis. Eu realmente seria capaz. De verdade.

— Isso não resolveria nada, Martin. Pioraria as coisas. E muito.

— Você tem um filho, um menino. — Não havia dúvida.

— É. O nome dele é Tanner; ele tem 4 anos.

— E você faria qualquer coisa por ele? — pergunta Martin, prestando atenção no terreno à sua frente.

— Sim, acho que faria.

— Então, você poderia matar alguém que tivesse ferido seu filho daquela forma — diz ele, resolutivo.

Olho Martin de soslaio. Seu rosto está branco como cera. Um brilho de suor cobre sua testa e ele a esfrega com um lenço que tira do bolso.

— Eu provavelmente teria vontade de matar quem ferisse Tanner, mas, na verdade, não acho que faria isso. Principalmente se a polícia já estivesse no caso.

— Ela disse "Ben", e estava segurando o colar de Petra e sua calcinha nas mãos. O que você acha que está se passando em minha cabeça? — Ele para por uma fração de segundo, balança a cabeça e então segue em frente com pressa.

— Precisamos chegar ao alto, e então seguimos a partir de lá. Reservo um tempo para pegar meu walkie-talkie, comunicar onde estou e saber as últimas notícias do que estava acontecendo na base da trilha. As ambulâncias tinham acabado de chegar. Uma para levar Calli e Toni ao hospital; a outra, de sobreaviso, esperando por orientações adicionais. Dois policiais de quadriciclo, e vários outros, a pé ou a cavalo, logo iriam se juntar a nós. Eu lembro a todos que não temos nenhum suspeito, nem descrição de suspeito. Que todos deveriam estar à procura de Petra e Ben. A maioria dos policiais os conhecia de vista, mas havia algumas fotos à disposição deles.

Estamos nos aproximando da bifurcação na trilha, e uso o braço para indicar a direção que vamos tomar.

— O que quer que encontremos lá em cima, Martin, você deve deixar que eu vá na frente. Sua primeira ideia será ir atrás de Petra, mas não faça isso.

Eu me coloco na frente dele para fazê-lo parar.

— Está me entendendo, Martin? Você não pode simplesmente se movimentar com rapidez lá em cima. Pode haver alguém perigoso lá no cume. Que diabo, alguém pode estar nos observando neste exato momento. Você precisa deixar que eu decida qual será nosso próximo passo. Nós nem deveríamos estar aqui em cima agora, sem outros policiais.

— Você não podia ter me impedido — diz Martin.

— Não, eis o motivo pelo qual estou aqui em cima com você. Não quero que você se machuque, ou que machuque alguém, também. Quando chegarmos lá em cima, você vai esperar. Esperar até que eu lhe diga o que fazer. Você fica atrás de mim o tempo todo. Entendeu?

Martin franze os lábios e parece pronto a começar uma discussão, mas ele não discute.

— Entendo — diz ele e continua a caminhar. Estou surpreso com seu vigor. Ele continua forte, e até minhas pernas estão começando a doer com o esforço de escalar a ribanceira. Tenho certeza de que a adrenalina tem muito a ver com a resistência de Martin. Amanhã de manhã, ele estará bastante dolorido.

Calli

Sua mãe tinha dado uma olhada em seus pés cortados e ensanguentados e a pegou, segurando-a como faria com um bebezinho, junto ao peito, com o queixo de Calli apoiado em seu ombro. O pai de Petra a havia amedrontado. A expressão em seu rosto, o som terrível de sua voz. Muito diferente da do seu pai, e ainda mais obstinada.

Eles tinham partido com muita pressa, mas aquilo era bom, eles estavam subindo para encontrar Ben e Petra. E ela havia feito aquilo, conseguido ajuda. Agora estava tudo bem. Ela estava tão cansada, com muito sono. A água estava gostosa; bebeu sem parar da garrafa que sua mãe colocara em seus lábios. Mas agora sentia dor, a água fazia barulho em sua barriga.

Ela possuía uma noção vaga de que falara. Uma palavra. Ben. Ela dissera o nome de seu irmão e estava muito surpresa de que nada de ruim tivesse acontecido quando falara. Sua mãe ainda estava lá, segurando-a firme, não havia se afastado dela, nada de mau tinha acontecido. Calli achou que ela poderia querer dizer mais alguma coisa, mas estava muito cansada. Seus pés machucados tinham voltado a doer e agora ardiam. Tudo o que queria fazer era dormir, dormir de mãos dadas com a mãe, com a cabeça enfiada no regaço macio que era o colo de sua mãe. A distância ela podia ouvir o lamento da ambulância se aproximando.

Num recanto silencioso, meio adormecido de sua mente, a ideia de que ela talvez devesse ter dito mais coisas ao assistente de xerife Louis rodopiava dentro de si como uma libélula. O que ela dissera? Ben. Mas havia tantas outras coisas que ela deveria ter dito. Ben, papai, Petra, aquele homem, Ben, papai, Petra, aquele homem, Ben, papai, Petra, aquele homem, Ben, papai, Petra, aquele homem. O pai de Petra parecera tão atemorizado, mas ela só tinha dito Ben; aquilo não dava medo. Depois disso, o pai de Petra corra, e o assistente de xerife Louis corra atrás dele. Para ajudar. Ben, papai, Petra, aquele homem, Ben, papai, Petra, aquele homem, Ben, papai, Petra, aquele homem, Ben, papai, Petra, aquele homem. Em silêncio, Calli disse as palavras apenas com o

movimento dos lábios. Ben, papai, Petra, aquele homem, Ben, papai, Petra, aquele homem, Ben, papai, Petra, aquele homem... Ela estava cansada demais, e sua boca se calou.

Ao longe, a sirene da ambulância parou de repente, e Calli sentiu a mãe colocando-a no chão. Ela lutou para ficar nos braços da mãe, mas seus dedos fraquejaram e só foi capaz de sentir o tecido se esvaír por suas mãos como água.

O rosto de sua mãe voltou-se para ela, que a ouviu dizer:

— Está tudo bem agora, Calli, vou ficar com você. Não vou embora. Agora durma. Durma, só isso.

Ela sentiu os dedos de sua mãe tocando de leve sua face. Sua mãe a beijou, com lábios mornos e secos como papel. Então Calli inspirou o aroma de sua mãe e deixou que o sono a levasse.

Bem

Escuto algo no bosque espatifando-se em minha direção. Oh, Deus, imagino, papai está voltando. Oh, Deus, desta vez ele vai me matar. Coloco-me de pé e me preparo para enfrentá-lo. Inclino a cabeça para ouvir melhor. Mal posso enxergar e esfrego o rosto com as mãos, que estão inchado e dolorido. Estendo a mão até um galho próximo. Ele não é muito grosso ou robusto, mas tem extremidades afiadas. Posso mantê-lo afastado com elas. Visar os seus olhos, digo a mim mesmo.

O barulho que vem da floresta parece mais próximo e soa alto demais para ser o papai. Parece correr sobre mais que dois pés. Penso a seguir que é um coiote. E, por alguma razão, isso me apavora mais do que meu pai. Talvez por eu conhecer os jeitos do

papai, o jeito de ele andar, o jeito como briga. Se fosse um coiole, a história seria totalmente diferente, e procuro um pedaço de pau maior. Agora o barulho está aqui, exatamente aqui, e meu pensamento seguinte é reservado a Petra. Um coiole poderia ir direto atrás dela; ela é tão pequena e indefesa, e parece estar seriamente ferida. Um coiole grande e velho poderia simplesmente arrastá-la para longe, devorá-la com três grandes mordidas. Eu me apresso para chegar até ela e abro bem os braços, segurando o pedaço de pau, pronto para a batalha, esperando.

Não estou certo do que é mais surpreendente: eu não ver um coiole ou meu pai irrompendo do bosque, ou ver o pai de Petra e o assistente de xerife. Fico de olho no sr. Gregory, pois ele parece muito louco de raiva. Eu o vejo observar Petra deitada, e depois ele me vê segurando este pedaço de pau grande e velho, e logo percebo o que ele está pensando. Antes que eu consiga dizer qualquer coisa, ele voa para cima de mim. Vejo seus pés literalmente saírem do chão e penso: Ah, droga, ele acha que fui eu que fiz isso com Petra. Pela segunda vez naquele dia, levo um golpe que me deixa sem fôlego, e vou dizer, dói muito mais da segunda vez, quando você já sabe o que vem pela frente.

Então o sr. Gregory está em cima de mim, gritando algo que não consigo entender. Enquanto isso, fico sem respirar, de modo que não consigo dizer a ele o que realmente aconteceu, que eles deviam estar lá procurando meu pai. Mas a única coisa que sai de dentro de mim é um grande "unf!". De repente, o assistente de xerife aparece e arranca o sr. Gregory de cima de mim.

— Martin! — grita o assistente de xerife Louis. Mas o sr. Gregory ainda está tentando me derrubar, dizendo algo sobre o degenerado e sobre como ele vai me matar.

— Martin! — grita ele de novo. — Martin, olhe para ele! — Enfim, o sr. Gregory abaixa os punhos e me olha, olha realmente para mim, e depois para Petra. Olha o lugar onde Petra está deitada e se curva. Posso vê-lo conferir se ela está respirando.

Então o sr. Gregory começa a chorar. E penso: nunca vi um homem chorar, chorar de verdade. Eu me levanto e tento ver o que ele está vendo. Depois penso: ela morreu. Deixei-a morrer. Eu devia ter tomado conta dela até que o socorro chegasse, e ela morreu. Então, comecei a chorar.

— Graças a Deus, graças a Deus. — Acho que estou ouvindo o sr. Gregory sussurrando sem parar e tento parar meu balbucio para escutá-lo melhor. — Obrigado, Senhor — diz o sr. Gregory mais alto ainda.

— Ela está bem? — pergunto a ele, tentando não parecer um menininho, mas minha voz soa totalmente aguda, de modo que fica bem claro que é exatamente isso que sou.

— O que houve, Ben? — perguntou-me o assistente de xerife Louis. — Você está bem? Quem fez isso a você? — E eu percebo nesse instante que pelo menos o assistente não acha que feri alguém.

— Meu pai — choramingo, sucumbindo àquela sujeira toda. — Foi meu pai que fez. — Eu choro. E, num instante, o assistente de xerife Louis põe o braço em volta de meus ombros, dizendo-me que tudo vai ficar bem. Mas como isso seria possível?

— Petra precisa de um médico agora mesmo — diz Martin.

— Precisamos de socorro aqui em cima agora mesmo.

O assistente de xerife Louis pega seu walkie-talkie e diz uns números que tomo como códigos secretos da polícia, e então caio sentado no chão, porque toda a minha força se foi e não consigo mais fazer nada. Minhas pernas parecem de borracha, meu rosto dói e imagino que o sr. Gregory quebrou alguma coisa dentro de mim quando me derrubou.

— Um helicóptero está vindo de Iowa City, mas precisamos levar Petra até a clareira mais próxima, que fica no sopé de onde

viemos, Martin — diz-lhe o assistente de xerife Louis.

— Não acho que devamos sair daqui — diz Martin com preocupação.

— Como é que vamos fazer para levá-la ribanceira abaixo?

— Uma equipe de paramédicos está vindo com os policiais. Eles podem examiná-la e mostrar como isso deve ser feito.

O assistente de xerife Louis olha seu relógio.

— Vai escurecer daqui a pouco. Precisamos nos apressar.

Eu olho para o céu e vejo as cores alaranjadas e róseas que surgem logo antes de o sol se pôr.

— Acho que ela precisa de cuidados médicos o mais rápido possível. Por favor — implora o sr. Gregory. — Precisamos de socorro para ela agora. — O sr. Gregory não está olhando para mim. Não estou certo se ele se sente mal por ter me derrubado, ou se ainda não tem certeza a respeito de minha responsabilidade nisso tudo.

Agora podemos ouvir o ruído surdo dos motores. Os quadriciclos já estão quase chegando onde estamos. Eles vêm um atrás do outro até o cume da ribanceira. Duas pessoas, um homem e uma mulher, que acho que são paramédicos, desembarcam, correm até Petra e imediatamente a examinam. Vou para bem longe de onde a ação se desenrola, tentando não atrapalhar. O assistente de xerife Louis está ocupado, conversando com um grupo de policiais e com o guarda florestal Phelps, que veio a cavalo. Eu me sento e apenas observo por alguns instantes, tentando manter os olhos abertos, mas continuo dormitando.

Abro os olhos e consigo ouvir o barulho do helicóptero se aproximando. Já é noite. Posso ver as estrelas, pequenos pontos de luz sobre mim, e sinto frio, apesar de todos ao meu redor parecerem

estar suando. Todos estão à volta de Petra, parecem ter esquecido de mim. Não sou eu quem está gravemente ferido, mas me sinto sozinho, sentado no meu cantinho do bosque, com todos se apressando para se assegurar de que Petra está bem. Eu me pergunto sobre como estaria Calli. Ela deve ter descido a ribanceira e conseguido ajuda. Eu me pergunto onde ela estaria agora e olho ao redor, atrás de alguém que não pareça tão ocupado, para que eu possa perguntar. Mas estão todos correndo para lá e para cá, então simplesmente espero e observo. Observar Petra ser amarrada à maca e içada pelo helicóptero até o sopé da ribanceira é a visão mais assustadora que já tive. O helicóptero parece um velho e grande pássaro, e Petra parece presa nas suas garras. Mas vi um monte de coisas assustadoras hoje. Não consigo ver o sr. Gregory, mas imagino que deva estar se esforçando para não se levantar e tentar arrastar a maca nas costas, levando-a até solo firme.

Nós todos vemos o helicóptero levá-la de cima da ribanceira. Ela só vai ficar no ar por um minuto. Depois disso, vão colocá-la dentro do helicóptero e levá-la para Iowa City. Eu me pergunto como é que vamos descer a ribanceira.

Antónia

Insisto para ir na ambulância com Calli. Não vou deixar que ela escape de minha vista de novo. Deixar Ben para trás causa em mim sentimentos confusos, mas sei que Louis vai trazê-lo até mim em segurança. Pobre Ben, parece que é sempre ele a ser deixado para trás para se virar sozinho. Sinto por Griff um lampejo de raiva por sempre me deixar nessa situação, a de sempre ter que cuidar sozinha das crianças; ele nunca está presente quando preciso dele.

Calli cai imediatamente no sono quando a colocam na ambulância, apesar de os paramédicos mexerem nela, tomando seu

pulso e medindo sua pressão sanguínea. Um dos paramédicos, uma senhora de aparência gentil, me dá um sorriso tranquilizador.

— Ela vai ficar bem — diz para mim. — Todos os ferimentos que ela teve parecem superficiais, mas vão fazer um exame completo no hospital, além de limpá-la. Temos de dar-lhe soro intravenoso, ela apresenta sinais de desidratação.

Observo os paramédicos esfregarem o braço de Calli com álcool e enfiarem com destreza o soro intravenoso. Calli mal se mexe com o procedimento. Solto um suspiro de alívio, e a mulher me observa com olhar inquisitivo.

— O que aconteceu lá em cima?

— Não tenho certeza. Algo de muito ruim — digo a ela e olho para minha Calli, ciente de que, neste exato instante pelo menos, é ela quem pode me contar o que de fato aconteceu lá em cima no Hobo Hollow. Eu me pergunto se ela falará de novo ou se voltará para seu silêncio.

— Dá para ir mais rápido? — pergunto à paramédica. Balançando a cabeça, ela diz que não.

— Nós não ligamos a luz vermelha do giroscópio, a não ser que haja um caso de vida ou morte — diz ela, desculpando-se.

— Meu filho ainda está lá em cima. Quanto antes eu conseguir atendimento para Calli, mais cedo posso voltar para o bosque para descobrir o que está acontecendo com Ben.

— O pai deles ainda está com vocês? — pergunta ela, e presto atenção em sua voz, procurando algum tom sentencioso. Não ouço nenhum.

— Está, mas ele viajou para pescar. Não consigo falar com ele — explico.

— Oh, isso é muito ruim. — Ela retoma o atendimento a Calli.

— Qual é a idade de seu menino?

— Ele tem 12 anos — respondo, me aproximando lentamente de Calli.

— As pessoas estão lá em cima procurando por ele? Digo que sim com a cabeça.

— E uma outra menina pequena. O que você faria? — pergunto à mulher gentil que está interessada em mim.

— Você tem parentes aqui na cidade?

— Não, somos apenas nós quatro.

— Amigos com quem possa contar?

— Não — digo baixinho e, de novo, a solidão me sufoca, e, pela primeira vez, me dou conta realmente do isolamento que encontrei em minha própria cidade natal.

— Meu nome é Rose Callahan. Meu expediente termina às 10 — diz ela para mim. — Quando os médicos e as enfermeiras terminarem de examiná-la e entrarem, eu ficaria feliz de ficar do lado dela. Tenho certeza de que vão mantê-la em observação. Ela deve estar bastante desidratada depois de passar o dia inteiro lá no alto do bosque. Pode ver como, quando eu belisco e puxo as costas da mão de Calli, a pele não volta à posição normal. É o que chamam de turgor da pele, um sinal da desidratação. É facilmente remediado, mas precisamos ficar bem de olho nela. Eu realmente ficaria feliz de ficar do lado dela se você precisar sair. Eu hesito e não respondo à oferta dela.

— Todo mundo no hospital me conhece. Tenho três netos, mas eles moram no Oeste.

— Eu não sei — começo.

— Se você precisar de ajuda, ligue para mim. Vou lhe dar o número do meu telefone. E, por favor, me ligue. Também não tenho mais ninguém com quem contar aqui na cidade. Você é de Willow Creek?

— Nasci e cresci aqui. — Nós entramos na área de desembarque das ambulâncias; Rose anota o número de seu telefone num pedaço de papel e o entrega a mim.

— Ligue para mim, entendeu? Se precisar de qualquer coisa, ligue para mim.

— Vou ligar, obrigada — digo eu a ela, enquanto alguns atendentes chegam, tiram Calli delicadamente da ambulância e a levam ao setor de emergência do hospital, enquanto Rose e seu acompanhante os inteiram da situação de Calli.

— Esta é Toni Clark, a mãe de Calli — Rose os informa.

— Por favor, me acompanhe, sra. Clark. — Um enfermeiro me orienta e eu o sigo até a sala de exame. Viro-me para acenar para Rose, mas ela já foi embora.

— Conte-me o que aconteceu aqui com Calli — pede ele.

— Não estou realmente certa do que aconteceu. Ela não estava na cama dela hoje de manhã, e não conseguimos encontrá-la. Outra menininha, Petra Gregory, ainda está na ribanceira. A polícia procurou por elas o dia inteiro. Ela veio descendo o bosque, desse... jeito — digo, indicando suas pernas arranhadas e pés ensanguentados, sua camisola suja.

— Ela conseguiu dizer a você o que aconteceu?

— Não. — Eu balanço a cabeça. — Mas ela disse o nome do irmão dela, "Ben". Ele ainda está por lá.

O enfermeiro parece confuso.

— Seus dois filhos estavam desaparecidos?

— Não, só Calli e sua amiga, não Ben. Ele foi atrás delas. Calli apareceu; Ben, não. Ainda não. — Eu estou tão cansada; essa história toda não faz muito sentido nem para mim. — Os policiais estão lá em cima procurando por eles.

— Tenho certeza de que um policial logo estará aqui — o enfermeiro me assegura.

— Ele, ou ela, vai muito provavelmente perguntar a Calli sobre o que ela lembra de hoje. Antes disso, vamos tê-la examinado e limpado.

— Está certo, obrigada — digo a ele.

— O dr. Higby vai chegar logo. — O enfermeiro me deixa na bem-iluminada sala de exame sozinha com Calli e tento escovar seu cabelo emaranhado, tirando-o de cima da testa.

Calli tenta se encolher numa pequena bola, mas isso é difícil, pois a mesa de exame é estreita. Ela enfia um polegar encardido na boca e suas pálpebras tremem a cada instante, como se tentassem se abrir, mas permanecendo fechadas. Escuto a porta se abrir atrás de mim. Um homem entra, o médico, presumo, já que está vestido com um jaleco branco. Ele é completamente careca e sua cabeça brilha sob a luz fluorescente. Ele usa óculos de aros vermelhos e uma gravata estampada com rostos sorridentes.

— Sou o dr. Higby — apresenta-se ele. Estende a mão para mim, que o cumprimento. Ele aperta minha mão com força, e fico impressionada pelo tanto que sua mão se parece com a de Griff, forte e áspera de trabalho manual.

— Conte-me sobre quem temos aqui — diz ele, olhando para Calli, que tenta se aquecer puxando para mais junto de si o lençol que a cobre.

— Esta é Calli Clark. Eu sou Toni, mãe dela. Ela ficou o dia inteiro perdida no bosque. Não sei o que aconteceu a ela.

— Ela foi encontrada desse jeito?

— Ela saiu de dentro do bosque com as próprias pernas, mas exausta. E caiu no sono assim que se deitou.

O dr. Higby confere as anotações de uma folha de papel que traz nas mãos.

— Os sinais vitais dela estão estáveis. Vamos examiná-la para ver o que há. Vamos ter de acordá-la, sra. Clark — diz ele, se desculpando. — Com ela acordada, apta a nos dizer onde dói, pode nos ajudar a tratar dela. Você gostaria de acordá-la? Ela provavelmente se assustará se acordar diante de uma cara terrível como a minha. — Ele sorri para mim.

— Calli, meu coração. — Vou para o lado dela e esfrego seu ombro. — Calli, você tem de acordar agora. — Tento puxar com delicadeza o lençol de cima dela, e seus olhos se abrem, imediatamente despertos. Os olhos se movem com rapidez, em pânico.

— Está tudo bem, Calli. Mamãe está aqui — eu cantarolo. — Você está no hospital. Precisamos que você acorde para nos dizer onde dói. Este é o dr. Higby. Ele vai ajudar você a se sentir melhor.

O dr. Higby se coloca no campo de visão de Calli e ela o observa com cuidado por um instante, notando os óculos vermelhos e a gravata dele.

— Olá, Calli, sou o dr. Higby. Como sua mãe disse, vou examinar você para ver se está machucada em algum lugar. Eu soube que você teve um dia bem assustador.

Calli não responde, mas continua a observar o médico.

— Quero que você saiba, Calli, que está totalmente segura aqui — diz-lhe o dr. Higby. — Nada de ruim vai acontecer. Nós estamos aqui para ajudar você, está bem? — Calli não responde.

— Dr. Higby, posso falar com o senhor um momento? Calli, nós vamos ficar logo aqui, do lado de fora. Está bem?

Ela diz que sim com a cabeça, e o dr. Higby me segue até o salão de entrada.

— Calli não fala. Quer dizer, hoje foi a primeira vez que ela falou em quatro anos. Ela disse o nome do irmão. Foi tudo o que disse, mas, para nós, foi muito. Não sei o que devo esperar agora, que ela agora fale o tempo todo, não sei.

— Calli sofre de mudez seletiva? — pergunta ele. — Não há razão física para ela não falar?

— Foi isso o que nos disseram. Eu quase já tinha perdido as esperanças de que ela voltasse a falar de novo. Mas ela falou hoje. Disse o nome do irmão.

Tive uma sensação renovada de alegria e esperança ao contar isso ao dr. Higby.

— A notícia de que Calli falou é muito boa. Eu tenho uma experiência muito limitada com mudez seletiva, sra. Clark, mas temos em nossa equipe uma psiquiatra que pode estar mais informada sobre o assunto. Você gostaria que eu ligasse para ela e marcasse uma consulta?

— Calli não é louca — digo, minha simpatia inicial por ele sumindo rapidamente.

— Não, claro que não! Eu não quis dizer isso. A dra. Kelsing é uma médica com ampla experiência. Ela poderia ser de muita ajuda.

O dr. Higby espera pacientemente que eu reflita sobre isso.

— O senhor acha que ela é boa? — pergunto. — Acha que ela poderia ajudar Calli?

— Confio nas opiniões dela sem hesitar, sra. Clark — responde ele.

— Está bem, então. Eu gostaria de me encontrar com ela — digo enquanto noto dois policiais se aproximarem pela porta da sala.

— Vou ligar para ela imediatamente e depois nós tratamos de curar Calli.

Ele acaricia meu braço e sai para entrar em contato com a dra. Kelsing.

Os dois policiais conversam com a recepcionista da sala de emergência e vêm até mim enquanto dou uma olhadinha na sala de exame para ver como está Calli. Ela me faz sinais com os dedos, num gesto pouco entusiasmado. Sorrio para ela e levanto um dedo para dizer que volto logo. Encontro os policiais no corredor. Seus rostos me são familiares, e eu reconheço como contemporâneos mais novos na escola onde eu estudava.

— Sra. Clark? — pergunta o policial mais alto. Digo que sim com a cabeça. — Sou o policial Bies e este é o policial Thumser. Acho que a senhora era da turma de minha irmã Cheryl na escola.

Distraidamente, confirmo com a cabeça.

— Vocês encontraram meu filho? — pergunto com ansiedade.

— Sim, sra. Clark. Ele está agora a caminho daqui para ser examinado.

— Ele está bem? — pergunto, com o coração batendo forte.

— Parece que sim, sra. Clark. Ele deve chegar aqui dentro de uma hora, aproximadamente. Nós precisamos conversar com sua filha, senhora.

— Vocês encontraram Petra? Ela está bem?

— Lamento, não posso dar nenhuma informação sobre Petra Gregory no momento. Sra. Clark, nós precisamos realmente ver sua filha. Ela é crucial para esta investigação.

Neste instante, o dr. Higby reaparece.

— Olá, Mike, Russ. O que posso fazer por vocês hoje? — pergunta ele.

— Estávamos justamente explicando à sra. Clark que precisamos ver Calli para falar sobre o que aconteceu com ela hoje.

— Nós precisamos nos certificar de que as condições de Calli estejam estáveis antes que qualquer pessoa fale com ela. Vocês entendem isso.

— Sim, entendemos. Quanto tempo o senhor acha que levará até ela poder falar conosco?

O dr. Higby e eu olhamos um para o outro, e lhe faço um sinal com a cabeça, dando-lhe permissão para informar sobre a situação de Calli.

— Calli reluta a falar. Ela pode não ser capaz de dizer a vocês o que querem saber. Estamos esperando uma especialista que nos ajudará. Vamos ter de proceder muito lentamente com ela.

A decepção dos policiais é clara, mas eles são sábios o suficiente para não dizer nada.

— O senhor poderia nos telefonar quando vir que ela está preparada para falar conosco? É realmente importante. E, sra. Clark, vamos precisar falar com seu filho depois de ele ser examinado. E com a senhora também.

— Comigo? — pergunto. — Por que comigo?

— Apenas perguntas de praxe. Nós finalmente localizamos Roger Hogan, o parceiro de pescaria de seu marido. O sr. Hogan não tinha muito a oferecer, mas seu marido não estava com ele. Boa sorte, sra. Clark — diz o policial alto. — Fico feliz por sua menina estar de volta sã e salva.

Fico paralisada por um momento, tentando processar aquela informação. Griff não está com Roger? Onde ele está, então? Não me permito cogitar o que isso significa. O dr. Higby e eu voltamos para o lado de Calli. Ela agora está bem acordada, tremendo por causa do frio da sala.

— Eu sei que está frio aqui dentro, Calli — diz o dr. Higby. — Nós vamos curar você, deixá-la bem e quentinha logo. Vamos lhe dizer exatamente o que vai acontecer antes que aconteça, está bem? Desse jeito, se você tiver perguntas a fazer, poderá fazê-las.

Uma jovem enfermeira entra na sala. Tem um sorriso alegre e está vestida de jaleco cor-de-rosa.

— Oi, Calli, eu me chamo Molly. Serei sua enfermeira enquanto você estiver aqui. Estarei com você a cada passo do caminho. — Calli olha rapidamente para mim e segura minha mão. — Não se preocupe, coração, sua mamãe pode ficar com você o tempo todo — assegura Molly a ela.

O dr. Higby dá um tapinha em minhas costas e pede licença.

— Às vezes, os pacientes se sentem mais confortáveis quando apenas mulheres ficam no quarto. Vou dar uma passada aqui logo mais. — Ele me dá um sorriso solidário e sai.

Eu me curvo para beijá-la e, pela primeira vez naquela tarde, noto cheiro de urina nela. Sinto um frio na barriga quando penso no que aconteceu hoje.

— Agora a primeira coisa que precisamos fazer é tirar você de dentro dessa camisola e vesti-la com este lindo vestido. — Molly tira

cuidadosamente o vestido cor-de-rosa de Calli e o coloca num saco plástico.

Calli adora essa camisola; com frequência eu a vejo usando-a durante o dia. Acho que ela gosta do jeito como ela roda em torno de si quando se mexe. Quando ela não sabe que a estou observando, vejo Calli dançando vestida com sua camisola cor-de-rosa ao som de uma música que só ela consegue ouvir. Ela é graciosa e delicada e, quando dança, me faz lembrar o dente-de-leão que pegamos e depois sopramos para fazer pedidos. Eu sempre faço o mesmo pedido para ela, enquanto ela pula e rodopia: por favor, fale comigo, Calli, por favor, fale. Silenciosamente, prometo que vou comprar para Calli a camisola mais bonita que eu conseguir encontrar. Uma que pareça seda sobre sua pele e flua como água em torno dela quando ela se mexer.

— Agora, Calli, vou fazer um exame em você. Você sabe o que é um exame? — pergunta Molly. Calli diz que sim com a cabeça, suavemente.

— Claro que você sabe. Quantos anos tem? Dezesseis? Dezesete? — Calli sorri, balança a cabeça e levanta sete dedos.

— Sete? — pergunta Molly. — Estou chocada. Você parece bem mais velha.

Calli sorri de novo. De imediato, passo a gostar de Molly.

— Agora, Calli, vou começar do cocuruto de sua cabeça até as pontinhas dos dedos dos pés, perguntando se alguma coisa dói. Você só precisa dizer sim ou não, está bem?

Mais uma vez, Calli diz que sim com a cabeça.

— Já dá para dizer que você vai ser uma superpaciente. Tudo bem, vamos começar. Em primeiro lugar, seu cabelo está doendo?

— Calli franze o nariz e olha para Molly sem acreditar. — Bom, dói ou não? — pergunta ela de novo.

Calli diz que não com a cabeça.

— Muito bom! Boas notícias. E sua cabeça? Dói alguma parte de sua cabeça ou de seu pescoço? — Mais uma vez, Calli diz que não com a cabeça. Eu percebo que Calli está gostando da brincadeira, e, quando Molly chega às pontinhas dos dedos dos pés de Calli, já sabemos que os únicos lugares onde Calli sente dor são a barriga e os pés. Calmamente, Molly explica que tem de coletar material de Calli. Quando ela diz as palavras kit de estupro, fico tensa.

— É necessário? — pergunto com indiferença.

— Temos que descartar qualquer agressão que possa ter ocorrido e precisamos juntar qualquer prova que possa ter sido deixada para trás. Eu serei muito delicada. E você pode ficar aqui com ela — assegura Molly enquanto calça um par de luvas de látex.

Molly pega um cotonete tamanho extragrande e pede que Calli abra a boca. Suavemente, ela limpa as bochechas de Calli, e pensamentos horrorosos atravessam minha mente. Tento expulsá-los. Metódica e cuidadosamente, Molly se movimenta ao longo do corpo de minha filha, penteando, raspando e coletando a imundície e a atrocidade do dia. Eu me esforço para assistir ao que minha desatenção causou. Esforço-me a assistir agora porque não assisti minha filha suficientemente de perto; ela passou o dia na floresta, fugindo, fugindo de algo terrível. Será que ele a pegou ou ela foi rápida o bastante? Por favor, que você tenha sido rápida o bastante, recito silenciosamente repetidas vezes. Quando o exame finalmente acaba, eu já li cada sulco do rosto de minha filha, a confusão e as perguntas que não foram feitas. Não tenho palavras para Calli. Não consigo pensar em uma palavra útil e reconfortante para minha filha durante essa invasão e nós duas ficamos em silêncio.

— Eu não vejo qualquer indício óbvio de agressão sexual, mas vamos enviar os suabes ao laboratório. — Fecho os olhos e respiro fundo. Talvez tudo fique bem. Molly prossegue: — Eles certamente vão nos informar. Os pés dela têm cortes bem feios. Depois que tirarmos o raio X, vamos limpá-los e enfaixá-los bem apertado — explica ela para mim. A Calli ela diz: — Você vai se sentir bem melhor, aposto, depois que tomar um banho, não vai, Calli? Também vamos arranjar algo bem gostoso para você comer depois do raio X. Que tal?

Calli faz um sinal de aprovação com a cabeça. Tenho esperança de que ela responda com palavras, mas não responde. Preciso ser paciente. Pelo menos agora que sei que ela consegue falar quando realmente precisa. Eu me aferro a esse fato.

Molly coloca Calli sobre uma maca e fazemos o trajeto em direção à sala de raio X. Noto que a noite já caiu por completo quando passamos pela porta da sala de emergência e penso de novo em Ben e Petra no alto daquela ribanceira. Paro diante do balcão de registro de entrada da emergência para ver se há alguma informação sobre Ben, e a mulher atrás do balcão me diz que Ben estará, em breve, a caminho do hospital.

— Ele vai pegar carona no banco de trás do carro de polícia e não precisa ser transportado de ambulância. Isso é uma boa notícia — informa ela. — Ele deve estar muito bem, sra. Clark.

Uma sensação de alívio percorre meu corpo.

— Isso é que é notícia boa. Será que alguém pode ir me buscar quando ele chegar aqui? Estou indo para a sala de raio X com Calli agora.

— Com certeza. E, qualquer hora dessas, quando você tiver tempo, há alguns formulários para preencher. Mas não se preocupe com isso até estar tudo em ordem com seus filhos.

— Obrigada — digo a ela. Todos são tão gentis aqui que, por um breve instante, chego a desejar vir eu mesma para cá para ser mimada pela equipe.

Enquanto Molly empurra Calli pelo corredor, vejo o dr. Higby vindo em nossa direção com uma mulher. É uma mulher de mais idade, talvez de uns 60 e poucos anos, com cabelos grisalhos, de óculos e pele bonita. A pele de minha mãe era assim antes de ela ficar doente, mas eu nunca soube apreciar.

— Sra. Clark, esta é a dra. Kelsing — o dr. Higby me apresenta à mulher. — A dra. Kelsing trabalha conosco e também no hospital de Winner.

— Prazer em conhecê-la, dra. Kelsing.

— O prazer é meu, sra. Clark. Eu soube que Calli teve um dia bem difícil.

— Sim, ela teve. — De repente, fico tímida sob o olhar da doutora. Seus olhos são perspicazes e inteligentes, e tenho a sensação de que poucas pessoas poderiam enganá-la.

— As famílias que passam por estresse extremo como o seu hesitam muito em aceitar ajuda de fora. Isso é muito comum. Na maioria das vezes, elas tentam manter a unidade familiar ainda mais concentrada a fim de lidar com a experiência, tentam lidar com os efeitos por conta própria.

Estamos do lado de fora da sala de raio X quando Molly diz a Calli:

— Calli, coração, agora precisamos tirar fotos de você. Gostaríamos que sua mamãe ficasse aqui do lado de fora, porque não precisamos tirar fotos dela hoje. Só as suas. Mas você vai poder vê-la através desta janelinha, está certo? Está bem para você assim? — Calli diz que sim com a cabeça.

— Vou ficar bem aqui, Calli, observando você através desta janelinha — eu asseguro a ela. Molly leva Calli até a sala de raio X. e observo quando colocam minha menininha sobre a mesa de exame, amarrando seus braços e pernas em diferentes posições, tentando conseguir o melhor ângulo para a radiografia. Calli parece tão pequena, tão nova. A realidade disso tudo arde no fundo de meus olhos e pressiono as pálpebras com os dedos. Não quero chorar na frente de estranhos.

Eu me volto para a dra. Kelsing.

— Sei que não posso fazer isso por conta própria. Você vai nos ajudar? Você pode ajudar Calli a continuar a falar?

— Não posso lhe prometer nada, sra. Clark. Mas podemos trabalhar em conjunto para fazer o que a senhora decidir que é bom para Calli. Tenho alguma experiência com mutismo seletivo. Tenho informação a respeito que pode lhe ser útil, se a senhora quiser.

Por alguma razão estranha e desconhecida, decido confiar nessa mulher que tem a pele igual à de minha mãe.

— Estou apavorada — digo a ela, lutando para não chorar. — Estou tão apavorada de descobrir, para começo de conversa, por que ela parou de falar. Mas estou ainda mais apavorada...

As lágrimas escorrem pelo meu rosto e mordo o lábio para que elas parem. Adra. Kelsing não fala, mas espera que eu me recomponha, e passo a gostar ainda mais dela por causa disso.

— Estou ainda mais apavorada de descobrir o que aconteceu lá no bosque que a fez voltar a falar.

Assistente de xerife Louis

Observo Martin lutar para se manter firme enquanto sua filha é içada pelo helicóptero. Depois que sai do campo de visão e só podemos ouvir o barulho das pás das hélices do helicóptero, ele se vira para mim e diz:

— Tenho de sair desta ribanceira. Preciso encontrar Fielda e dizer a ela que Petra vai ficar bem.

— Vamos descer nesses quadriciclos. Vai ser mais rápido. Depois, a primeira coisa que vou fazer vai ser levar você até Fielda — digo a ele.

Desajeitado, Martin senta de pernas bem abertas sobre o quadriciclo e se agarra ao policial que vai transportá-lo ribanceira abaixo. O policial orienta Martin a como se segurar com firmeza, depois os dois somem na mata cerrada. Espero que tudo esteja bem com Petra. Ela não me pareceu bem, e sei que o estresse do traslado de helicóptero poderia ser maior do que seu pequeno corpo poderia suportar. Caminho até o lugar onde Ben está, recostado a um tronco de árvore. Não sei dizer se ele está dormindo ou não. Então me agacho perto dele e ilumino seu rosto com uma lanterna, para conferir. Ele está acordado. As pancadas que ele levou me atingem com toda a força quando noto suas faces pálidas e o nariz e os olhos inchados. Há sangue respingado em sua camiseta rasgada e ele segura seu flanco com cuidado.

— Ben, como você está? Preparado para descer agora? Você acha que consegue descer num quadriciclo? — pergunto a ele.

— Acho que sim — responde, e eu o ajudo a ficar de pé.

— Posso descer com você? — pergunta ele. Olho para meus colegas policiais, e eles assentem com a cabeça. Dois deles sobem num quadriciclo, enquanto observo Ben subir no outro.

— Segure firme, está bem? Abrace-me. Se eu estiver indo rápido demais, e você quiser que eu diminua o ritmo, me aperte com

força. Sei que está sentindo muita dor, portanto me avise quando precisar descansar, certo?

— Está certo — responde ele. — Eu só quero chegar em casa, encontrar mamãe e ver se Calli está bem.

— Vou levá-lo até lá embaixo o mais rápido que puder. Preparado? Segure firme.

Devagar, abro caminho floresta adentro. Está escuro, talvez escuro demais para viajar num quadriciclo, mas não temos muita escolha. Precisamos levar Martin até Fielda, e depois até Petra. E precisamos levar Ben de volta para sua mãe. Tenho a sensação de que Martin pode ter deslocado algumas costelas de Ben quando o derrubou. Espero que Toni seja capaz de perdoar Martin por isso. Foi uma visão horrível testemunhar Ben diante de Petra, segurando aquele pedaço de pau. Se eu não conhecesse Ben, acho que eu chegaria à mesma conclusão de Martin.

Os faróis do quadriciclo iluminam mal a trilha e penso que seria melhor dispensarmos o quadriciclo e irmos a pé, mas estamos fazendo o percurso num tempo bom. Sei que a trilha vai ficar mais plana, menos íngreme, quanto mais avançarmos. Tenho certeza de que Ben pode sentir meu coração batendo quando se apoia em minhas costas. Não tenho uma visão clara do que está à nossa frente e não consigo ouvir barulho algum, exceto o do motor e de galhos se partindo sob as rodas. Tenho a sensação de estar cego e surdo, e estou com mais medo do que posso admitir. Se o que Ben nos disse é verdade, então Griff está escondido em algum lugar deste bosque, talvez esperando para atacar. Na minha imaginação, ele é capaz de quase tudo.

Tiro as mãos do guidom e apalpo meu revólver, certificando-me de ter acesso rápido a ele.

— E quanto ao meu pai? — pergunta Ben, mais alto que o barulho do motor.

— No momento só estamos preocupados com você, com Petra e com Calli — respondo, na esperança de que Griff não esteja espreitando atrás de alguma árvore, ouvindo o que acabei de dizer. — Vai ser muito difícil achá-lo esta noite. Vamos retornar com força total pela manhã, a fim de encontrá-lo. Não se preocupe, Ben, não vou deixar que ele machuque você.

— Não estou preocupado — diz ele. Mas eu ouço a queda na sua voz, a incerteza no tom. Apalpo suas mãos em torno de minha cintura e me apresso; agora estamos a poucos minutos do sopé da ribanceira.

Com o canto dos olhos, vejo algo. O fecho de luz dos faróis do quadriciclo brilha brevemente sobre uma figura agachada entre as árvores. Por um instante, penso que poderia ser um puma, mas isso não faria sentido; há décadas que não aparecem pumas nestes bosques, bem antes de eu mesmo me mudar para Willow Creek. Os ângulos e a postura da figura são bem humanos, e, por um instante, penso em parar, mas Ben está agarrado a mim e minha primeira obrigação é tirá-lo com segurança da floresta. Passo com o quadriciclo por uma lombada e sinto Ben se agarrar com mais força a mim. Não acho que tenha visto o que eu vi, mas não vou tocar no assunto; Ben já vai ter pesadelos demais com o que tem. Ele não precisa de mim abastecendo-o com outros medos. Passo pelo rádio uma mensagem cifrada para Ben ou qualquer outro ouvinte, mas a essência dela é que vou precisar de apoio quando voltar para o bosque, após deixar Ben lá embaixo.

No sopé da ribanceira, entrego Ben ao assistente Logan, o mesmo assistente de xerife que é grande amigo de Griff. Ele sabe que estamos à procura de Griff, mas não sabe que Ben me disse que Griff está naquele bosque, que foi Griff quem o espancou até que ele perdesse os sentidos, quem muito provavelmente feriu Petra Gregory.

— Logan, você pode levar Ben ao hospital de Willow Creek? Precisamos que ele seja examinado. A mãe está esperando por ele.

Logan me olha com desconfiança.

— Tem algum suspeito lá no bosque?

— Talvez. Tucci, Dunn e eu vamos voltar lá para checar algumas coisas. O que me diz? Você pode levar Ben até a cidade?

— Claro — responde Logan. Dá para ver que não quer fazer isso, mas ele não pode se recusar a ajudar o filho de um de seus melhores amigos. — Ben, menino, você está bem machucado. Quem fez isso com você? — pergunta Logan.

Ben é esperto o bastante para não dizer a Logan que foi Griff quem o espancou. Ele simplesmente dá de ombros e depois se contrai com a dor que esse movimento causa.

Vejo Ben se instalar no banco de trás do jipe e enfio a cabeça pela porta aberta.

— Sua mãe está esperando por você no hospital. Calli também. Não se preocupe com as coisas aqui do lado de fora. Nós vamos cuidar de tudo. Você só tem de tomar conta de sua mãe e de sua irmã. Elas vão realmente precisar de você agora, Ben.

— Certo — diz Ben com calma, e lhe dou um tapinha no ombro antes de fechar a porta do carro. Pobre menino, penso, então me contenho. Eu odiava quando as pessoas sussurravam isso sobre mim. Deve ter sido por isso que eu sabia dizer quando as pessoas estavam simplesmente pensando "pobre menino", podia dizer simplesmente pelo olhar triste delas, depois que meu pai morreu. Abro a porta do carro de novo e me inclino à frente.

— Você é um menino forte, Ben — digo a ele. — Tenho orgulho de você. Sua mãe e Calli têm muita sorte de ter você.

Ele não responde, sequer olha para mim, mas vejo seus ombros se endireitarem de leve. Ele vai ficar bem.

— Prontos? — pergunto a Tucci e Dunn quando Logan parte com Ben. Eles estão prontos, e nós voltamos para a floresta, desta vez a pé e com lanternas na mão.

Martin

Muito rapidamente, o som do helicóptero some. Minha Petra foi embora. Eu a encontrara e depois tive de deixar que ela fosse embora. Não sei como dizer como terminei no banco de trás de um quadriciclo, sacolejando pela floresta com meus braços abraçando um completo estranho.

E agora estou num carro da polícia, viajando numa velocidade exasperantemente lenta a caminho da casa de minha sogra. O policial gentil se ofereceu para falar com Fielda em meu nome, para que eu pudesse chegar mais rápido ao hospital em Iowa City, mas digo que não e agradeço. Eu quero dizer a Fielda que Petra está viva, ferida, mas a caminho de um lugar onde a equipe médica pode ajudá-la. Minha filha está sendo transferida para um hospital que nunca vi, numa cidade onde nunca estive. O número de pessoas a quem estou confiando minha filha é assombroso: piloto, enfermeiras, médicos, e eu sei que, no fim, os policiais vão querer interrogá-la sobre o que aconteceu hoje. Eu me pergunto se ela estava acordada. Ela não estava consciente quando a encontrei, seu bonito rosto tão queimado e deformado que, se eu não tivesse visto seu cabelo encaracolado e preto, emaranhado com o que agora sei que era sangue, poderia tê-la confundido com alguma outra criança infeliz. Sua respiração estava normal, e isso era tudo o que me interessava, que ela estava viva. Os cortes, os machucados... os danos a ela infligidos, com isso consigo lidar. Ainda assim, expulso a ideia do que poderia ter acontecido, do que eu queria que não tivesse acontecido, para longe de minha mente. Ela estava respirando, uma respiração doce e morna, e vou enviar sua mãe até ela. Fielda vai tornar tudo melhor; ela será um conforto para Petra. Eu, por outro lado, voltarei para a floresta. Vou retornar e encontrar o monstro que fez isso com minha família. Não vai importar que esse homem seja o pai de Calli e Ben ou o marido de Antónia. Isso significará pouco para mim. Vou encontrá-lo e vou matá-lo.

Antónia

A dra. Kelsing permaneceu a meu lado enquanto Calli terminava de fazer os raio X. Ela diz que volta depois que Calli estiver de banho tomado e pronta para dormir. Agradeço a ela e pergunto se eu deveria tentar fazer Calli falar.

— Não. Apenas fique com ela por enquanto, seja apenas a mãe dela. Converse com Calli como você sempre fez. Faça-lhe perguntas, mas não espere respostas verbais. Ela precisa se sentir segura. Saber que você está do lado dela faz muita diferença para que Calli se sinta segura. Em breve, volto a falar com você.

Molly começa a limpar delicadamente os pés de Calli. Eles estão cobertos de sujeira, poeira e sangue ressecado, e é difícil dizer de saída qual a extensão dos danos causados a eles. Mas quando Molly começa a lavar com cuidado a sujeira, fica claro que Calli precisará levar pontos e que vai demorar muito tempo até que seus pés estejam totalmente curados. Tento não respirar diante dos furos profundos nas solas dos pés de Calli e dos vergões de um vermelho vívido que cruzam o peito dos pés. A unha de seu dedão foi arrancada. Calli fica rígida e começa a tremer ou de frio ou de dor; suspeito que de ambas as coisas. Ela começa a chorar baixinho.

— Tudo vai ficar bem, Calli — digo a ela, recuperando minha voz, colocando-me entre sua linha de visão e Molly, de modo que ela não precise ver o que Molly está fazendo. E esfrego seus braços, tentando aquecê-la.

— Calli, só estou limpando seus pés, para que eles não infeccionem. Sei que não é divertido. Mas aguente firme, está bem? — explica Molly.

Corajosa, Calli diz que sim com a cabeça, passa os braços em torno de meu pescoço e me aperta.

— Isso, Calli — sussurro em seu ouvido. — Agente firme. Eu estou bem aqui.

As costas de Calli arqueiam e ela começa a se debater, lutando para se desvencilhar de Molly.

— Ei, Calli, preciso que você tente ficar parada. Sei que dói — diz Molly de modo tranquilizador, apesar de um pé de Calli atingi-la no queixo. Tanto quanto gosto de Molly, sinto alívio por notar que Calli ainda tem algum espírito de luta dentro de si.

O dr. Higby entra na sala, aproxima-se de Calli, sorri para ela e faz festa em seus cabelos. Calli se encolhe e enfia a cabeça em meu peito, e o dr. Higby tira as mãos dos cabelos dela.

— Está bem assim, Calli. Acho que eu também não ia querer ninguém esfregando minha cabeça se eu estivesse me sentindo como você está se sentindo neste momento — diz com jovialidade o dr. Higby. Ele lava as mãos na pequena pia do canto da sala e veste um par de luvas de látex. — Calli, agora eu vou lhe dar um remedinho. Ele vai ajudar seus pés a tirar uma soneca.

Calli espia o dr. Higby com reserva.

— Bem, eles não vão começar a roncar ou coisa assim. A boca de Calli se contrai diante disso. — Mas eles vão ficar dormentes — prossegue o dr. Higby.

— Em poucos minutos, você não vai sentir dor alguma neles. Sinto Calli relaxar levemente em meus braços.

Enquanto o dr. Higby e Molly cuidam dos pés de Calli, falo com minha filha. Sussurro para ela todas as suas histórias favoritas, as que ela adora ouvir e que adoro contar. Conto sobre a noite em que ela nasceu e sobre a incrível tempestade que caiu sobre a cidade no instante em que entrei em trabalho de parto.

— Foi uma tempestade muito estranha para o mês de outubro. O dia começou cinzento, mas quente. Não era para você ter chegado nas três semanas seguintes, mas senti as pontadas típicas, o leve repuxão atravessando a parte de cima de meu abdome, a dor nas costas. Foi exatamente como com Ben, mas, desta vez, eu sabia mais sobre o que esperar. Papai tinha voltado do Alasca e estava muito entusiasmado com sua chegada. Ele não parava de se mexer, inquieto, pela casa, tentando arranjar coisas para fazer. Juro que ele lubrificou todas as portas que rangiam, calafetou o piso do banheiro e tirou as folhas das calhas. Ele não parava de me perguntar se eu estava bem, se o bebê ia chegar já, e eu dizia que não. Ainda vai demorar, eu disse a ele. Por fim, tive de mandá-lo sair de perto, porque estava me deixando muito nervosa. Ele levou Ben ao parque para bater bola, e fui me deitar no quarto. Não tinham se passado 10 minutos quando vi a luz do relâmpago e ouvi o estrondo do trovão, e, naquele exato instante, naquele momento mesmo em que começou a chover, não só chover, mas a cair um pé d'água, um temporal, minha bolsa d'água estourou e percebi que você estava a caminho.

Calli sorri suavemente com a história que já lhe contei tantas vezes. Seus membros tinham relaxado por completo em meus braços, mas os olhos ainda estão alertas, como se ela estivesse pronta para saltar da mesa de exame, se fosse preciso.

— Eu não sabia o que fazer. Seu pai tinha saído com Ben de carro. Tinha dito a ele que ia levar horas até que precisássemos ir para o hospital. Começou a chover a cântaros; dava para ouvir a chuva batendo no telhado, e o vento soprava com tanta força que as janelas vibravam. E parecia que, com cada estrondo de trovão, vinha uma contração, seu jeito de me dizer "Cuidado, estou chegando". Liguei para meu médico, e ele disse que eu tinha de chegar no hospital o mais rápido possível. Joguei algumas roupas de Ben dentro da mochila de escola. E, em sua manta amarela, embrulhei cuidadosamente o pequeno figurino em que eu ia trazer você de volta para casa quando voltasse do hospital. Coloquei isso também na mochila. Pensei em chamar a sra. Norland, que morava

ao lado, mas imaginei que ela não fosse querer sair com aquela tempestade. Então, decidi dirigir o caminhão do papai até o hospital. Na verdade, este mesmo hospital em que estamos agora. O problema era que eu não conseguia descobrir onde o papai tinha deixado as chaves do carro. Ele nunca as coloca no mesmo lugar duas vezes. Assim, gastei 20 minutos procurando-as. Finalmente, encontrei-as no bolso da frente de uma calça jeans que ele havia jogado perto da máquina de lavar roupa. Agarrei a mochila e abri a porta. O vento bateu na porta de tela e a arrancou das dobradiças. Eu me lembro de ter lamentado pelo papai, porque ele tinha gastado tanto tempo lubrificando aquelas dobradiças para se livrar dos rangidos e agora nem poderia mais desfrutar do silêncio do abrir e fechar.

"Eu tive a esperança de que papai e Ben estivessem voltando para casa, e, justo quando estava entrando no caminhão... o que não é uma coisa fácil de fazer quando a gente está grávida, e que fica ainda mais difícil quando a gente está em trabalho de parto... lembrei que eu não tinha deixado um bilhete para eles.

"Então, eu desci do caminhão, entrei em casa andando feito um pato e escrevi um bilhete curto. Só escrevi BEBÊ!, em maiúsculas. Então voltei para a tempestade e entrei no caminhão. Bem, eu só tinha dirigido um automóvel com câmbio manual umas duas vezes, e, nas duas ocasiões, papai estava comigo, me ajudando. De algum modo, não sei como, fiz aquela coisa andar e a coloquei na estrada. Estava chovendo tão forte que os limpadores de para-brisa não davam conta do aguaceiro e eu tinha de dirigir devagar para me certificar de que estava ainda na estrada. Eu rezava para que nenhum outro carro aparecesse de repente atrás de mim e colasse na minha traseira, pois estava me deslocando feito um caracol. Mas ainda bem que não vi nenhum carro até chegar à cidade. De tantos em tantos minutos, eu tinha de parar no acostamento, quando sentia uma contração, tinha de pisar na embreagem e no freio para que o caminhão não morresse. Estava determinada a chegar àquele hospital. Gritei bem alto, apesar de que só você poderia me ouvir: "Não vou ter meu bebê neste caminhão velho e enferrujado!"

Simplesmente continuei a seguir em frente devagar, até que afinal cheguei ao hospital. Deixei o caminhão estacionado bem em frente à entrada de emergência. Só mais tarde percebi que tinha deixado a porta do caminhão aberta, as luzes acesas e a chave na ignição. Mas eu não estava mesmo me importando com esses detalhes naquela hora, estava?

"A enfermeira mal me colocara sobre a cama e o médico mal acabara de entrar no quarto quando você chegou. Com três empurrões você já estava lá, soltando aquele choro poderoso! Então, de repente, você estava em meus braços, uma menininha perfeita, linda, com cabelos escuros. A primeira coisa que fiz foi lhe pedir desculpas. Eu disse: Normalmente, não me pareço com um rato afogado; espero não ter assustado você muito. Você só fazia chorar, sem parar. Parecia um carneirinho balindo."

Calli sorri nesta parte da história, como sempre fez. Quando estava com três anos de idade, antes de parar de falar, ela se metia na conversa com um "baaaaa" agudo e eu ria, pois era exatamente com isso que ela se parecia. Ela não estava fazendo barulho agora, no entanto; eu esperava que Calli falasse na vez dela. Molly e o dr. Higby estão tratando dos pobres pés de Calli; ouço palavras como antibiótico e tétano, mas tento ignorá-las por enquanto.

— A enfermeira tirou você de mim por pouco tempo, pesou você, mediu. Dois quilos e 800 gramas; tamanho: 48 centímetros. Você era perfeita. Quando ela devolveu você para mim, você estava limpa e enrolada numa manta. A enfermeira tinha colocado um chapéuzinho cor-de-rosa em você, que ainda estava chorando. Oh, você tinha tanta coisa para me dizer!

Eu olho Calli com atenção, preocupada por minha última frase poder tê-la magoado, mas ela não demonstra que isso pudesse ter acontecido.

— Depois de um instante, você simplesmente se cansou de chorar e adormeceu. Eu não parava de olhar para você. Seu rosto estava tão tranquilo. Então papai e Ben irromperam no quarto! Os

dois estavam completamente ensopados por causa da chuva. Seus cabelos estavam colados na cabeça e a água da chuva pingava de seus narizes. Dava para ouvir seus pés patinando no chão do hospital.

"Perdi?", perguntou o papai. Foi muito engraçado, pois ali estava eu, segurando nos braços o que, estava na cara, era uma recém-nascida.

"É uma menina", observou Ben, vendo o chapéu cor-de-rosa em sua cabeça.

"Uma menina", suspirou o papai como se fosse a coisa mais extraordinária do mundo. Ele e Ben vieram de mãos dadas até nós e não pararam de olhar a linda menina nova na vida deles. O papai olhou para Ben e disse: Benny, agora você tem uma irmã. Uma irmãzinha. Agora você é o irmãozão e vai ter de cuidar dela quando eu não estiver por perto. E Ben fez que sim com a cabeça. Ele estava tão sério. Ben esticou um dedo para tocar sua bochecha.

"Macia", disse ele. Então você abriu os olhos. E eu juro, embora ninguém que não tenha estado lá para ver acredite em mim, juro que você sorriu para ele."

Aqui, na sala de exame fria e branca do hospital, Calli dá um sorriso de verdade.

— Mais tarde, quando o papai e Ben já estavam secos, eles se revezaram segurando você no colo. O papai andou de um lado para outro pela sala do hospital, dizendo "Minha pequena Calli". Ainda trovejava e relampejava, e faltou energia elétrica, de modo que tiveram de ligar os geradores do hospital. Deixaram que Ben e o papai passassem aquela noite conosco no quarto do hospital, embora, tecnicamente, eles não deversem. A noite do dia em que você nasceu foi perfeita, Calli.

Calli fecha os olhos como se estivesse lembrando. Seria bom se ela lembrasse aquele dia. Foi realmente perfeito. Pelo menos do

jeito como contei a história, foi perfeito. Lembro-me de sentir tanta esperança de que o nascimento de Calli se tornasse o catalisador de um novo começo para nossa pequena família. Mas é claro que não foi. Nada é perfeito, nem mesmo um dia perfeito, embora eu tenha feito Calli e Ben acreditarem que foi assim. O que deixei de fora da história foi que, enquanto Griff carregava Calli para lá e para cá, cantando baixinho para ela, suas mãos tremiam tanto que tive medo de que ele a deixasse cair no chão. Lembro-me de ter estado pronta a saltar da cama para ampará-la, se ela caísse. Lembro que pedi a Griff que passasse Calli de volta para mim, arranjando toda desculpa para a necessidade de tê-la de volta em meus braços. Ela precisava se acostumar com o berçário, ela estava cansada, ele parecia cansado. Mas ele não fora enganado. Dava para ver em seus olhos o lampejo de mágoa pelo fato de que eu não confiava nele para segurar nosso bebê.

Ele não tinha bebido nem um drinque na semana que passara em casa antes do nascimento de Calli. Antes de sua última ida ao Alasca, tinha sido ruim, muito ruim. Ele havia passado do limite, um dos vários que eu traçara para ele ao longo dos anos. Naquela noite em que veio para casa antes do nascimento de Calli, ele tinha se deitado ao meu lado em nossa cama, com a mão em cima de minha barriga enorme, e prometido que ia mudar. Ele tinha chorado baixinho no meu ombro, e chorei junto. Eu tinha acreditado nele. Mais uma vez. Ele podia mudar, ele podia parar de beber com minha ajuda, ele tinha prometido.

Mas, na noite em que Calli nasceu, ele, com as mãos tremendo com tal intensidade enquanto segurava meu bebê, percebi que ele não conseguiria cumprir aquela promessa, pelo menos não por enquanto. Ele deixou o hospital quando amanhecia, enquanto Ben e eu dormíamos, e Calli dormia no berçário. Ele saiu e voltou horas depois. Tinha os olhos vidrados, não conseguia focar nada, e pude sentir o cheiro de bebida em seu hálito quando me beijou no rosto. Ele segurou Calli com firmeza e competência naquela manhã, suas mãos tinham parado de tremer.

— Pronto, Calli — disse o dr. Higby a Calli. — Tudo feito. O pior já passou. Agora, vamos apenas acabar de limpá-la. Você, Calli, é uma menininha muito sortuda.

Vejo o rosto tranquilo de Calli ficar paralisado por um instante, então ele se transforma. Seus olhos começam a inchar, e sua pele empalidece até ficar com uma cor doentia de cera. O dr. Higby olha para Molly, que levanta mãos e ombros. Ela não estava tocando os pés de Calli. A boca de Calli se contorce numa careta feia de quem grita; ela está tremendo, não de frio ou dor, mas de completo terror. Olho ao redor, indefesa, enquanto seu gritinho agudo e baixo ressoa em minha cabeça.

— O que há de errado? — pergunto a ela. — O que há de errado, Calli?

Mas ela ainda se retorce quase convulsivamente. Molly e eu a seguramos para que não caia da mesa de exame.

— O que há de errado? — choramingo enquanto lágrimas assomam em meus olhos. Noto que os olhos de Molly e do doutor não estão focados em Calli, e sim num ponto logo acima de meu ombro. Segurando com firmeza Calli, que se debate e se contorce, me volto para ver o que eles estão olhando. Lá está meu Benny; foi muito espancado e tem as roupas ensanguentadas e rasgadas. À visão daquilo, meus joelhos fraquejam. Ele está olhando para Calli com medo nos olhos.

— O que há de errado com ela? — pergunta ele sobre a cabeça de Calli. Sua voz soa tão jovem.

Não respondo. Só tenho muita vontade de ir até ele e apertá-lo em meus braços. Faço sinal com a mão para que ele venha até mim, mas Ben fica plantado onde está.

— Vou dar um sedativo para ela, sra. Clark — diz o dr. Higby. Demora muito até que a injeção faça efeito em Calli, mas logo ela se acalma, sua tremedeira diminui e os olhos começam a se fechar. Ela

ainda se agarra à minha camiseta, puxando-me para junto de si. Ela parece estar tentando falar comigo, mas seus lábios estão frouxos e não conseguem formar palavras.

— O que foi, Calli? O que há? Por favor, me diga — sussurro em seu ouvido. Mas ela caiu no sono, e o que quer que a tenha amedrontado tanto já rastejou de volta para seu buraco e dorme também, pelo menos por enquanto.

Martin

Quando paramos em frente à casa de minha sogra, noto que os repórteres foram embora. Mas um carro estranho permanece na rua. Agradeço ao policial, e ele se oferece para permanecer ali até que estejamos prontos para viajar até Iowa City. Ele vai nos acompanhar, nos levar com rapidez e segurança até lá. Mais uma vez, agradeço ao policial e digo que não. Nós vamos ficar bem. Vamos chegar bem até Petra. Minhas pernas pesam enquanto me encaminho para a porta da frente, elas já doem do esforço do dia. Minha calça está suja, e a gola da camiseta está manchada de sangue. Tento domar meu cabelo, pressionando com os dedos sua textura dura, mas sei que não adianta muito. Meus óculos estão tortos sobre o nariz; eu os tiro e tento colocá-los na posição correta. Vejo um frufu nas cortinas; Fielda deve ter ouvido o carro parar em frente à casa. Eu a vejo espiar rapidamente pela janela, depois a porta da frente se abre e ela corre para me cumprimentar. Atrás dela estão sua mãe e uma mulher que não conheço.

— Você a encontrou, Martin? Você encontrou Petra? — Ela agarra meu braço e sua voz tem o mesmo tom histérico que a ouvi usar com o agente Fitzgerald. Eu me pergunto o que aconteceu com ele; há horas que não o vejo nem ouço falar dele.

Abraço Fielda, aperto-a junto a mim. Sinto seu corpo fraquejar contra o meu e instantaneamente me dou conta de meu erro.

— Ela está viva. — Não chego a dizer que ela está bem, não; não posso dizer isso para minha mulher.

Fielda grita de alívio e alegria.

— Obrigada, meu Deus, obrigada! — exclama ela, ainda agarrada a mim. — Obrigada, Martin, obrigada por encontrá-la. Onde ela está? Onde ela está?

Fielda olha ao redor como se Petra estivesse por ali, brincando a poucos metros de nós, no jardim da frente.

Pigarreio. Vá com calma, digo a mim mesmo. Não a assuste.

— Ela está no hospital.

— Oh, é claro. — Ela aperta seus olhos para mim.

— Ela vai ficar boa, não vai?

— Acho que ela vai ficar bem. Você precisa ir lá — digo a ela.

— O que quer dizer? Você acha que ela vai ficar bem? O que aconteceu, Martin? Vamos embora, vamos entrar no carro e ir embora.

— Eles a levaram para Iowa City, ao hospital de lá. A equipe médica achou que o hospital em Iowa City seria o melhor lugar para ela.

— Iowa City? O que está havendo? — Fielda se afasta de mim e cruza os braços. A mulher que não conheço se dirige até nós e coloca a mão, protetora, no ombro de Fielda.

— Fielda? — diz a mulher. — Fielda, está tudo bem? — pergunta ela.

— Não sei — diz Fielda com uma voz alta demais para o silêncio da noite. As cigarras até pararam de cantar. — Não sei — repete Fielda.

— Martin?

Tomo Fielda pela mão e a faço me acompanhar, deixando as mulheres para trás.

— Você vai me dizer o que está acontecendo agora mesmo!

— Com a luz da varanda, posso ver que os olhos de Fielda estão cheios de lágrimas. Preciso dizer a ela agora. E preciso contar tudo.

— Encontramos Petra no alto da ribanceira. Ela estava ferida... — Engulo em seco. — Tinha muitos ferimentos, mas estava respirando. Tinha cortes na cabeça. E hematomas. Um helicóptero a tirou da ribanceira. Levaram-na até Iowa City. Ela está lá agora. Você precisa ir vê-la, Fielda. Ela precisa de você.

— Ela vai morrer? — pergunta Fielda. — Minha menininha vai morrer? — Sua voz é corajosa, quase me desafiando a contar a ela que a morte era uma possibilidade.

— Não! — digo com mais convicção do que sinto. — Você consegue dirigir até Iowa City sozinha?

— Mas por quê? — Fielda parece confusa. — Por que você não vem comigo?

— Não posso, preciso ajudar na investigação — digo, na esperança de que ela não faça mais perguntas.

— Investigação? Eles pegaram a pessoa que fez isso? Quem fez isso, Martin? Você sabe?

Eu digo que sim com a cabeça.

— Sei, sim. Você precisa ir agora. Consegue dirigir sozinha, Fielda?

Fielda me olha como se quisesse fazer mais perguntas, porém alguma coisa em meu rosto a faz desistir.

— Eu posso levá-la — diz a mulher desconhecida para mim, enquanto se aproxima, e, pela primeira vez, eu a observo com atenção.

— Sou Mary Ellen McIntire. — Ela estende a mão para mim, e eu a reconheço dos telejornais, de quando ela implorou pelo retorno em segurança de sua filha.

Eu a cumprimento.

— Fiquei sabendo de você, de sua família. Eu sinto muito, muito mesmo.

— Vou levar Fielda e a mãe dela. — Ela olha para Fielda para ver se ela aceita. Fielda diz que sim com a cabeça, mas está me observando atentamente.

— O que aconteceu com você, Martin? Isso é sangue? — aponta ela para minha camiseta manchada.

— Estou bem. Agora, por favor, vão. Vou me juntar a vocês assim que puder. Digam a Petra que eu a amo e que vou vê-la em breve. — Beijo Fielda na testa e me volto para a sra. McIntire.

— Obrigado por cuidar de minha mulher. Sou grato a você.

— Fico feliz em ajudar. Fielda e eu nos tornamos amigas rapidamente.

— Vou pegar minha carteira, ah, e Narigudo — diz Fielda enquanto entra correndo em casa. Narigudo é o tamanduá de pelúcia com o qual Petra dorme toda noite.

Mary Ellen se inclina para bem perto de mim.

— Você sabe quem fez isso, não sabe?

— Acho que sei, sim. — Eu não olho nos olhos dela.

— Ele fez coisas terríveis a Petra — afirma ela. Noto que não é uma pergunta.

— Sim, fez.

— Você vai atrás dele, não vai?

— Sim, vou. — Agora olho direto nos olhos dela, tentando decifrar se ela vai contar a Fielda, que reprovava minha insensatez.

Mary Ellen McIntire e eu ficamos na sombra da varanda; ela toca rapidamente meu braço, mas não diz nada.

Fielda e sua mãe surgem de dentro da casa, carteira e Narigudo nas mãos. Ela beija meus lábios, diz que me ama, então entra no carro da sra. McIntire e vai embora. Eu fico ali por um longo tempo, observando até que o brilho vermelho das lanternas traseiras do carro desaparece. Então subo com dificuldade os degraus, entro na casa e desligo a luz da varanda. Sento-me à mesa da cozinha, na escuridão, tentando ordenar meus pensamentos.

Em seguida, me levanto, rígido, com os músculos protestando, e subo as escadas até o quarto de dormir extra de minha sogra. Abro a porta do armário e me estico para pegar os álbuns de foto e o vestido nupcial da sra. Mourning, o mesmo vestido que Fielda usou no casamento. O vestido está embrulhado em papel e fechado numa caixa amarrada com uma fita azul. Coloco-me na ponta dos pés e vasculho, atrás da caixa de madeira. Minha mão roça o recipiente e consigo puxá-lo em minha direção. Trago a caixa para baixo e a coloco sobre a cama. Ela não está trancada. Levanto a tampa e ouço o rangido suave de suas dobradiças de latão. Dentro da caixa há uma arma. Não sei qual é o calibre ou a marca. Nunca

me interessasse por armas de fogo. A arma que vi pertencera ao pai de Fielda, que morrera muitos anos antes de eu conhecê-la. A mãe de Fielda não sabe por que guarda a arma; armas a amedrontam, mas ela não consegue passá-la adiante, e, muito provavelmente, esqueceu que ainda está aqui em cima. Eu retiro a arma de dentro da caixa, forrada de veludo, e me surpreendo com tal peso para uma arma tão pequena. Uma bala solitária rola pela caixa. Eu a pego e seguro com força, esquentando-a com minha mão suada. Dou uma olhada em meu relógio e percebo que tenho pouco tempo. Preciso me apressar.

Antónia

Observo Calli enquanto ela dorme. Seu rosto sujo não está tranquilo, descontraído ou despreocupado como deveria estar o rosto de uma menininha de 7 anos de idade ao dormir. Vincos profundos apareceram logo acima do nariz, e seus lábios estão bem fechados. Numa outra mesa de exame, perto de Calli, está sentado Ben. O dr. Higby e Molly estão agora cuidando dele, recolhendo mais provas. Seu rosto está uma imundície. Evitei fazer a Ben a pergunta que ficou na ponta de minha língua desde que o olhei quando ele entrou no hospital: Quem fez isso com você? Tenho medo da resposta.

Mergulho o pano que Molly me deu numa bacia de água morna e começo a esfregar a sujeira do corpo de Calli. Começo pelo rosto, pela linha entre a testa e o cabelo, tentando, com delicadeza, atenuar as linhas que correm ao longo de sua testa. Vou até a parte de trás das orelhas, passo pelas faces e sob o queixo, levantando e abaixando cuidadosamente sua cabeça como se ela fosse um bebê. Vejo seu corpo quase nu sobre a mesa de exame, a não ser pela touca de hospital e pela grossa atadura enrolada em seus pés. O número de hematomas que pontuam seus braços me assusta mais uma vez, embora tivesse visto Molly tirar fotos deles antes. Não são

hematomas da infância causados por um tombo qualquer ou por um choque accidental contra uma quina pontuda. Delicadamente, ponho meus dedos em torno da disposição uniforme das marcas e estremeço.

Continuo a dar banho em Calli, concentrando-me agora em suas mãos, tentando tirar a sujeira que se acumulou nas pequenas dobras de suas juntas e nas linhas das palmas das mãos.

Sigo as linhas das palmas, agora rosadas por causa das esfregadelas, e me pergunto sobre o futuro dela, o futuro de minha menininha machucada. E me pergunto a respeito de Griff. Onde ele está?

— Bom — diz o dr. Higby —, temos um nariz quebrado e o que parecem ser três costelas quebradas em Ben aqui. Você vai sobreviver, Ben, mas não vai poder praticar nenhum esporte de contato durante algum tempo.

Ben dá um risinho e me olha com tristeza.

— Vamos colocar Calli no quarto dela durante a noite. Vocês dois são bem-vindos para passar a noite com ela. Mas podem ir para casa — nos diz o dr. Higby.

— Vamos ficar — Ben e eu dizemos ao mesmo tempo e sorrimos um para o outro. Nós dois sabemos que precisamos ficar com Calli.

— Eu gostaria de dar um pulo lá em casa para pegar algumas coisas. Umas roupas, o cobertor de Calli e o macaquinho de meia — digo ao dr. Higby.

— Talvez seja uma boa ideia — diz o doutor. — Calli vai precisar de todo o conforto que puder ter nos próximos dias. E, Ben, sem querer ofender, mas você bem que podia tomar uma ducha e vestir uma camiseta limpa.

Ben ri, e fico contente. O que quer que tenha acontecido lá em cima não foi suficiente para roubar-lhe o riso.

— Você tem um jeito de voltar para casa? — pergunta Molly. Franzo o cenho. Não, não tenho. Meu carro ficou em casa, estou isolada no hospital. Quero muito que Calli acorde com seu cobertor amarelo e seu macaquinho. Penso em Rose, a bela paramédica, e sua oferta de ajudar no que fosse possível.

— Acho que tenho — digo a Molly.

Assistente de xerife Louis

Tucci, Dunn e eu refazemos o caminho pelo qual Ben e eu havíamos descido no quadriciclo. Paramos por um momento diante da carcaça de um cachorro que eu e Martin Gregory havíamos encontrado no começo da tarde. Eu me pergunto se o cachorro tem algo a ver com os acontecimentos do dia e faço uma anotação mental para sugerir que a equipe forense investigue isso.

— Charles Wilson, o conselheiro escolar, chegou a encontrar seu cachorro? — pergunto.

— Não sei — responde Tucci.

— Não sabemos de nada que nos permita detê-lo. Sua mulher disse ter acordado por volta das sete horas esta manhã e que ele saiu de casa antes disso para levar o cachorro para passear nas trilhas.

— Sabemos onde Wilson está neste exato momento? — indago, perguntando a mim mesmo se não teríamos liberado Wilson cedo demais. Com o fecho de luz de minha lanterna, vejo Tucci encolher os ombros.

— Ligue para a central de comunicação e cheque. Não podemos deixar nada passar.

De repente, me sinto um tolo, atrás do rastro de um ser que ninguém viu na floresta, na calada da noite. Não sei o que me fez pensar que eu seria capaz de encontrar alguém que vi agachado entre as árvores. Com culpa, admito a mim mesmo que talvez esperasse que eu, o herói, o herói destemido de Antónia, trouxesse Griff de volta. Ben me dissera que era Griff quem estava no cume da ribanceira. Tinha sido Griff quem batera nele, e Griff deixara Petra e Ben sozinhos lá em cima.

— Você está vendo alguma coisa? — pergunta Tucci depois de caminhar por cerca de 40 minutos.

— Nada — digo, decepcionado comigo mesmo.

— Ele provavelmente já foi embora há muito tempo. Nós também poderíamos voltar. Vamos organizar uma busca para o amanhecer. Ele pode estar em qualquer lugar a esta hora — sugere Dunn.

O rádio em minha cintura faz um estalido, e o radiocomunicador me informa que há uma visita esperando por mim lá embaixo, no sopé da ribanceira. O agente Fitzgerald.

— Vamos — digo a Tucci e Dunn, convencido de que Griff ainda está por aqui, esperando. Pelo quê, não sei.

Quando saímos da floresta, vejo Fitzgerald concentrado numa conversa com um homem e uma mulher em trajes civis. Os faróis de dois jipes os iluminam por detrás. Eu imagino que as duas pessoas com quem Fitzgerald está conversando sejam agentes do escritório dele. Quando nos aproximamos do grupo, eles param de conversar e nos olham. Só de olhar para o rosto de Fitzgerald, posso ver que ele não está contente comigo.

— Que diabos você pensa que estava fazendo? — bufa ele para cima de mim. Tucci e Dunn se escondem atrás de mim, desconfortavelmente.

— Você tem notícia do estado de Petra Gregory? — pergunto, ignorando a raiva patente de Fitzgerald.

— Ela ainda está inconsciente, mas estável. Há provas de agressão sexual — diz a mulher ao lado de Fitzgerald. Sinto um frio na barriga quando penso em Calli.

— Sou a agente especial Lydia Simon. Este é o agente especial John Temperly. Estamos aqui para ajudar nas investigações que envolvem as duas meninas. Ouvi dizer que você teve uma tarde movimentada.

— Pode-se dizer que sim — digo a ela, ainda de olho cauteloso em Fitzgerald, esperando seu próximo acesso de raiva.

— Você levou dois civis... pior, dois parentes das vítimas... numa busca não autorizada — diz Fitzgerald com voz ameaçadora. A agente Simon coloca a mão sobre o braço de Fitzgerald, e ele se acalma imediatamente. Fico com a sensação de que ela exerce grande influência sobre Fitzgerald, de que provavelmente é sua superior no departamento.

— Você encontrou as duas meninas e o menino? — Simon me pergunta.

— Na verdade, Calli Clark nos encontrou. Estávamos exatamente aqui quando ela surgiu da mata. Vinha carregando o colar e a calcinha de Petra Gregory. Imaginamos que Petra e o irmão de Calli, Ben, ainda estivessem no cume da ribanceira.

— Você deixou que Martin Gregory subisse a ribanceira — diz Fitzgerald em tom de acusação.

— Não havia como impedi-lo. — Não consigo afastar de minha voz a irritação que sinto. — Eu pedi uma ambulância, cobertura e o segui ribanceira acima. Ele achava que Ben Clark estava metido com o que tinha acontecido com Petra e ia subir, pronto para matar lá no alto qualquer um que pudesse ter ferido sua filha!

— Você devia ter seguido o procedimento padrão e aguardado cobertura — devolveu Fitzgerald.

— Espere um pouco agora — diz a agente Simon. — Vamos todos nos inteirar sobre a investigação e partir deste ponto. Não podemos mudar o que aconteceu, e as meninas estão em segurança. Vamos nos concentrar em descobrir quem fez isso.

— Ben Clark, o irmão de Calli, disse que foi Griff Clark, o pai deles — digo, tentando fazer minha voz parecer profissional de novo.

— Ben viu o pai dele lá em cima com as meninas? — pergunta o agente Temperly.

— Sim, disse que foi o pai que deu uma surra nele lá em cima. Ele estava bem machucado. Ben estava montando guarda junto a Petra quando chegamos lá em cima. Disse que tentou manter o pai lá, mas ele foi embora.

Os três agentes ponderam sobre isso durante um tempo.

— O que Calli diz sobre o que aconteceu? — pergunta a agente Simon.

— Fazia quatro anos que Calli não falava — digo a ela. — Até hoje. Ela disse Ben quando chegou até nós no sopé da ribanceira. Só isso. Eu não sei se ela disse outra coisa. Está no hospital de Willow Creek. O irmão já deve ter chegado lá também.

Dou uma olhada em meu relógio. Passa um pouco das 11. Estou exausto, mas minha noite está só começando.

— Por que ela diria o nome do irmão se foi o pai dela quem fez tudo isso? — pergunta o agente Temperly. — Por que ela não disse "papai"? O irmão poderia estar mentindo? Ele poderia ter feito isso?

— De modo algum — respondo. — Ben Clark é um bom menino. Ele não fez nada, a não ser passar o dia tomando conta de sua irmã e Petra.

— Bom, você tende a pegar leve quando se trata da família Clark, não é? — diz Fitzgerald com sarcasmo.

— Antónia Clark sabe que o marido dela é o principal suspeito nesse caso?

— Não sei. — O fato de que o homem com quem minha Toni se casou tenha feito coisas verdadeiramente tenebrosas me atinge com força. Não quero ser a pessoa a contar isso a ela.

— Nós precisamos conversar com a menininha — diz a agente Simon conclusivamente.

— Precisamos que ela nos diga o que viu lá em cima naquela ribanceira. Vamos até o hospital para ver se conseguimos falar com ela.

Ben

Estou me sentindo melhor, agora que tomei um banho no pequeno banheiro de nosso quarto de hospital. Tive de tomar muito cuidado para não molhar a atadura em torno de minhas costelas; não foi fácil. O dr. Higby me deu algumas roupas verdes para vestir. Também estou me sentindo um pouco tonto por causa do remédio que a enfermeira me deu para a dor no nariz e nas costelas. Mamãe acaba de voltar para casa para pegar umas coisas. Pergunto se ela

pode trazer meu travesseiro do Green Bay Packers. Não que eu precise dormir, mas, quando um rosto dói tanto quanto o meu está doendo, é preciso algo extremamente macio onde pôr a cabeça. Mamãe pegou emprestado o carro de uma senhora chamada Rose e pediu que ela ficasse de olho na gente enquanto ela estivesse longe, e Rose prometeu que faria isso. Ela desceu até a lanchonete para trazer um lanche escondido para mim. Pedi batatas fritas e um Mountain Dew, mas Rose disse que eu não ia gostar de nada tão salgado ou tão doce por causa dos ferimentos em meus lábios. Tive de concordar.

Estou deitado na cama de hospital que fica ao lado da sua e troco os canais da televisão que fica pregada à parede acima de nós. Mantenho o volume baixo para não acordar você, mas, pelo andar das coisas, você não vai acordar tão cedo. O jeito como você gritou mais cedo, quando cheguei, ainda ressoa em minha cabeça. Eu me pergunto se minha aparência a assustou. Eu estava com uma aparência bem monstruosa, eu sei. Mamãe me contou que você falou meu nome quando os encontrou no sopé da trilha, e, no começo, me senti muito bem com aquilo. Então comecei a pensar, Calli, por que você disse meu nome. Por que não disse o nome do papai? Para começo de conversa, foi ele quem causou todo esse grande estrago. Tenho esperança de que você não ache que eu tenha algo a ver com isso; as coisas estavam bem confusas lá em cima. Eu olho para o lugar onde você está dormindo. No que você estava pensando, Calli?, tenho vontade de perguntar. Por que disse meu nome?

Quando você nasceu, fiquei tão triste e feliz ao mesmo tempo. Eu tinha 5 anos, e o trabalho maçante de dividir você com a mamãe me embrulhou o estômago. Quando vi seus dedinhos dos pés pela primeira vez, do tamanho de feijões pequeninos, percebi que minha mamãe não era mais só minha. Você tinha um choro que podia acordar os mortos. E como você chorava! Ela carregava você durante horas junto ao ombro, dando tapinhas em suas costas e cochichando "Silêncio agora, Calli, silêncio" em suas orelhas em forma de concha. Mas você, nada. Ela ficava tropeçando por aí,

quase dormindo, com olheiras, o cabelo espetado, desgrenhado. Mesmo depois de toda a sua agitação, coberta de vômito, com aquele cheiro ruim, nauseante, ela não perdia a paciência com você. Ela dizia: "Ben, temos aqui uma lutadora. Ela vai nos manter alertas. Você precisa ficar atento a nosso pequeno furacão."

E eu ficava, dia após dia.

O papai era a única pessoa que conseguia acalmar você. Quando ele voltava do oleoduto, eu ouvia o rangido da porta dos fundos e o ruído surdo do casaco de lona verde batendo no chão, e pensava: Agora Calli vai ficar quieta. Ele imediatamente tirava você dos braços da mamãe e dizia todas aquelas coisas ternas como "Pare com essa gritaria, Callizinha". E você parava. Simples assim. Seu rosto corado, tenso, olhos apertados, ficava totalmente tranquilo, e você olhava o papai com olhos bem abertos, como se estivesse pensando: Quem é esse homem?

Então você esfregava o pequeno nariz de amendoim no peito dele, agarrava o dedo grande de salsicha dele com sua mão minúscula e caía em sono profundo.

Era como se a casa não fosse grande o bastante para dois centros de atenção. E, quando o papai voltava para casa, dava para saber que era hora de se recolher e observar por um tempo. Acho que a mamãe meio que se sentia mal porque você parava de berrar por causa dele e não dela. Quer dizer, era ela quem trocava suas fraldas e que alimentava você com aquela gororoba nojenta e verde do potinho de comida de bebê. E foi ela que quase ficou doida de preocupação quando você tinha 2 meses de idade e teve uma febre de 40 graus. Foi na época do Natal. Fazia quarenta graus abaixo de zero e as paredes tremiam com a força do vento. Mas mamãe ainda enchia a banheira com água gelada e tirava sua roupa e a dela, e vocês duas, nuas em pelo, entravam naquela água congelante. Vocês duas tinham calafrios e ficavam com os lábios roxos, mas ela simplesmente ficava lá, segurando você, que tremia tanto que pequenas ondas se formavam e espirravam para fora da banheira. Ela ficava lá, embalando você até que a febre passasse e você

começasse a berrar como de costume, e seu choro atravessava as paredes do banheiro.

Eu não conseguia dormir com a agitação de vocês ecoando pela casa. Então, preparava um leite achocolatado para a mamãe, pegava as meias favoritas dela, aquelas de dedinhos com listras de arco-íris. Eu trepava no seu berço e puxava seu cobertor amarelo e aquele macaquinho pateta de meia que a mamãe fez para você. Eu os enfiava na cama grande da mamãe, porque sabia que ela iria deitar-se lá com você naquela noite. Ela ficava sentada ao seu lado durante o que pareciam horas, observando você respirar e, de vez em quando, colocando um dedo sob seu nariz para sentir aquela pequena onda de calor saindo dele. Eu me pergunto se ela faz isso comigo. Se esgueira até meu quarto, embora eu já tenha 12 anos, e vê se eu ainda estou respirando, observa meu peito subir e descer. Eu gostaria de pensar que sim.

Por isso, acho que feria os sentimentos da mamãe o fato de ser o papai quem acalmava você. Sei que você não tinha a intenção de que ela se sentisse assim. Sei que ter o papai em casa preenchia cada canto, meio como se alguém estivesse sentado em cima de seu peito. É realmente difícil fazer algum barulho quando todo o ar dentro de você só pode ser usado para respirar. Engraçado o fato de o papai ser a única pessoa que conseguia aquietar você e, no fim, a única pessoa que fez você finalmente falar.

Antônia

Eu me apresso pelo corredor, em direção ao elevador. Rose Callahan foi tão gentil ao ter me emprestado seu carro. Não sei como agradecer a ela, mas certamente vou descobrir um jeito quando tudo isso acabar. Faço barulho com suas chaves em minha mão enquanto espero que as portas do elevador se abram. Ben e eu ainda não tivemos a conversa que precisamos ter. Eu não

perguntei a ele quem o espancou daquele jeito. Mais uma vez, minha falta de habilidades maternais aparece. A maioria das mães exclamaria "Quem fez isso com você?" Ainda não estou preparada para a resposta a esta pergunta. Não estou pronta para saber que o próprio pai de Ben é o responsável por isso e por muita coisa pior. Sinto um frio na barriga diante da perspectiva de toda a devastação que Griff causou neste dia. Mas talvez não; afinal, ninguém veio dizer que foi Griff quem fez tudo isso. Ele pode ter estado em algum bar num lugar qualquer, pelo que sei. Eu só quero ir para casa, para pegar roupas limpas para meus filhos e outras coisas para o conforto deles. As portas do elevador se abrem, entro, aperto o botão do térreo e me encosto na parede. Fecho os olhos e tento não pensar em nada. As portas se abrem de novo e eu saio. Então sinto o impulso de me refugiar atrás dela, dada a cena que se desenrola diante de mim.

Parece haver meia dúzia de policiais. Vejo o agente Fitzgerald conversando com duas pessoas que nunca vi antes. Alguns poucos repórteres ocupam o canto da principal sala de espera, logo na entrada, e Louis parece estar numa discussão acalorada com Logan Roper, o velho amigo de ginásio de Griff. Então vejo as portas da entrada principal se abrirem e Christine Louis entrar. A mulher de Louis. Ótimo, penso. Ela não parece muito feliz. Olho ao redor, atrás de uma saída para que não me vejam. Tarde demais. Christine me vê, me lança um olhar abrasador e se dirige a seu marido.

— Christine? — diz Louis, olhando atrás dela. — Onde está Tanner?

— Ele está lá fora, no carro, Loras — diz ela, breve. Ela é a única pessoa que conheço que chama Louis pelo primeiro nome. — Está dormindo.

— Você o deixou sozinho no carro? — pergunta Louis, sem acreditar. — Christine, há um sequestrador solto por aí. Você não pode simplesmente deixar uma criança sem companhia dentro de um carro.

— Você... — Ela aponta o dedo na cara dele. — Você perdeu o direito de dizer qualquer coisa sobre o que faço com meu filho a partir do momento em que decidi que os filhos dela eram mais importantes do que Tanner.

— De que diabos você está falando? — diz Louis, pegando Christine pelo braço e puxando-a para onde não pudessem ouvi-la.

Aproveito a oportunidade para sair rapidamente do hospital, procurando o Ciyic vermelho, que é o carro de Rose. Quando abro a porta do carro e começo a entrar, o agente Fitzgerald e os dois estranhos com quem ele estava conversando me cercam.

— Sra. Clark — diz o agente Fitzgerald —, fico feliz em saber que seus filhos foram encontrados e estão sãos e salvos.

— Sim. Eu também — respondo bruscamente. Quero sair dali antes que Christine tente me puxar para a discussão dela com Louis.

O agente Fitzgerald me apresenta aos dois como seus colegas, os agentes Temperly e Simon. Cumprimento-os com um sorriso e me ajeito atrás do volante.

— Nós precisamos falar com seus filhos, sra. Clark — diz Simon.

— Sei que vocês precisam. Marcamos uma hora para manhã?

— A senhora não está entendendo — diz o agente Temperly. — Nós precisamos falar com Calli agora.

— Não. Vocês é que não estão entendendo. Calli teve um dia horrível. Ela está dormindo neste exato momento. Ninguém vai lhe fazer quaisquer perguntas hoje — declaro com firmeza.

— Nós não precisamos de sua permissão para falar com uma testemunha, sra. Clark — Fitzgerald me informa.

Eu me pergunto o que me teria feito acreditar nesse homem.

— Não, mas vocês precisam da permissão do médico para falar com ela. E, se ele disser que meus filhos não estão preparados, vocês não vão falar com eles!

Desço do carro de novo e marcho de volta para o hospital para informar ao dr. Higby que ninguém, sob circunstância alguma, tem autorização para falar com meus filhos até que eu volte.

Assistente de xerife Louis

Puxo Christine até um canto mais afastado da sala de espera do hospital. Vai começar de novo. Christine dava seus ataques em público umas duas vezes por ano, depois se acalmava e dizia estar arrependida, e nós voltávamos a nos falar como de costume até a vez seguinte.

— O que está acontecendo? — pergunto a ela por entre os dentes. — Eu estou trabalhando.

— Essa é a metade do problema — chora ela. — Você trabalha o tempo todo. Nós nunca vemos você!

— É meu trabalho! — digo, mais alto do que gostaria. Posso sentir muitos olhares sobre nós. De relance, vejo Toni saindo apressada do hospital e me pergunto aonde ela está indo. Será que ela sabia que Griff está em algum lugar lá fora?

— E ela é a outra metade do problema — irrompe a voz de Christine, enquanto aponta Toni com o queixo. — Você desligou o telefone na minha cara, Loras! Você estava com ela. Sempre que ela precisa de alguma coisa, você vai correndo. Até neste exato

momento você está olhando para ela, enquanto tento dizer a você que estamos indo embora.

Isso atrai meu olhar de volta a Christine.

— O que você quer dizer com "estamos indo embora"? Tanner está mesmo lá no carro?

— Sim, ele está dormindo. Eu tranquei as portas. Ele está bem — resmungando Christine.

— E se ele acordasse e saísse? Meu Deus, Christine, use a cabeça. Vamos até lá fora.

— Sim, vamos lá fora, Loras. Aí você pode dar tchau a ele. Vou levar Tanner de volta para Minnesota.

— O quê? Tipo férias?

— Não, não tipo férias — imita ela. — Para sempre. Nós estamos nos mudando para lá com meus pais até eu me estabelecer e encontrar uma casa.

— Você não pode simplesmente pegar Tanner e ir embora! — esbravejo. — Não pode me separar de meu filho.

— Não tenho a intenção de separar você de seu filho. Você já faz isso muito bem sozinho. Vamos acertar essas coisas depois. Venha se despedir, se quiser.

— Por que está fazendo isso agora, Christine? — pergunto, em vão.

— Eu estou finalmente fazendo isso, Loras. Estou farta de andar à sombra dela.

— Mas você não precisa ir embora. Podemos resolver isso. Nós sempre conseguimos — digo, sem convicção.

— Você sabe como foi para mim? — Christine me pergunta. — Morar nesta cidade? Com sua história com ela? Você não vai se livrar disso, e eu não consigo me livrar também. Para mim, acabou, Loras. Acabou.

Ela se afasta de mim, entra no estacionamento do hospital e vai em direção à nossa picape. Eu a sigo, consciente de que tenho de dar um beijo de despedida em meu filho.

Martin

Enquanto me arrasto para fora de meu carro, que estacionei bem no fim da rua, posso ver um policial numa viatura. Ele é reservista, um homem da igreja que frequento. A luz interna do carro lança sombras em seu rosto; ele bebe de uma xícara de café enquanto lê. Eu me esgueiro pelo lado do carro sem que ele me note e vou até os fundos da casa dos Clark, para esperar.

Instalo-me atrás de uma moita pequena, do que meu pai chamaria de árvores inúteis, coisas raquíticas e rugosas com troncos menos grossos do que meu pulso. A noite ainda está quente, mas uma brisa suave, misturada com um pouco do ar do norte, esfria bastante as coisas. De fato, sinto-me bem confortável. Sob quaisquer outras circunstâncias, eu seria capaz de dar uma cochilada, mas o peso da arma em meu colo é um lembrete duro o bastante do motivo por que estou aqui. À luz do dia, eu seria visto facilmente, mas, na escuridão da noite, eu me tornei parte do quintal dos Clark, pelo menos é essa minha esperança. Tenho uma boa visão dos carros de Antónia e de Griff, ambos estacionados na rua, perto da porta dos fundos.

Do meu ponto de vista, também vejo o interior da cozinha dos Clark. A casa está às escuras. Se o reservista me avistar, eu posso simplesmente dizer que vi um vagabundo e vim investigar o que era.

Péssima desculpa, eu sei. Também estou esperando meu bom-senso voltar, mas, até agora, ele não voltou. Sou um homem racional. Sei que não faz sentido eu estar perseguindo o sequestrador e agressor de minha filha escondido no fundo de sua casa com uma arma. Espero que meu juízo volte, que eu, de repente, perceba que não é assim que homens formados na universidade se comportam. Mas, por enquanto, não importa que eu seja o chefe do Departamento de Economia da St. Gilianus, nem tampouco importa que nos últimos 57 anos eu tenha me baseado firmemente na convicção de que a pena capital é inerentemente errada. A raiva continua dentro de mim como um enxame de abelhas, picando minha pele por dentro.

Então, fico esperando, e não preciso ter paciência por muito tempo. De onde estou, vejo emergir do bosque uma figura, larga, mas movendo-se de um jeito afetado e descoordenado. Devo avançar e enfrentar o ser esquivo? Devo escapulir, voltar para a casa de minha sogra, recolocar a arma do pai de Fielda na caixa forrada de veludo e escondê-la atrás de velhos e empoeirados tesouros? Perco muito tempo pensando em cada uma dessas opções, pois, quando vou tomar a decisão, uma decisão que certamente mudaria minha vida para sempre, aparece um carro e para bem atrás dos outros dois carros. De dentro dele desce Antónia Clark. A sombra que saía do bosque para de repente, depois recua rapidamente. Antónia sai do carro e vai para a frente da casa. Ouço o murmúrio suave das conversas; depois, o silêncio. Espero pelo que parece uma eternidade, ouvindo meu próprio coração bater, observando, com meus olhos indo rápido do bosque para a casa, de trás para frente, à espera.

Eu me assusto quando a luz que fica em cima da porta dos fundos se acende. A porta se abre e vejo Antónia sair para o quintal com uma bolsa nas mãos, um travesseiro verde e um bicho de pelúcia. Observo quando ela força a vista na escuridão e depois caminha até a área onde, horas antes, a Unidade Criminal Estadual estava tão ativa. Eu espero Toni voltar e ir embora, mas ela não volta. Começa a caminhar em direção ao bosque. Nesse instante

me é oferecida uma outra escolha, uma escolha que inequivocamente vai mudar muitas vidas para sempre. O que devo fazer? Advertir Antónia ou ficar em silêncio?

Antónia

Pela estrada conhecida, volto de carro para a casa. A vizinhança parece abandonada depois que a imprensa se foi. A imprensa e todo o resto, à exceção de um carro de polícia. Não há postes de luz em nossa rua, e não há luz acesa na casa de Gregory, ou na minha. Será que não deixei uma luz acesa antes de sair de casa hoje à tarde com Martin e Louis? Talvez um dos policiais tenha apagado as luzes quando foram embora. Envio votos silenciosos de boa sorte para a família de Gregory. Espero que Fielda e Martin estejam agora ao lado de Petra, segurando a mão dela. Tive muita sorte de ter meus dois filhos de volta em segurança. Machucados, certamente, mas fisicamente íntegros. Ainda estou esperançosa de que uma sequência de frases logo vai acompanhar aquela única palavra de Calli. Por um instante, fico sentada ao volante do carro de Rose e olho minha casa como se eu fosse uma estranha, uma marginal. Está tão escuro, só consigo ver pouca coisa. Assim, fecho os olhos e visualizo a casa que foi meu lar na infância, e agora, como esposa e mãe, como se fosse à luz do dia. É uma casa estreita, de dois andares, simples, mas de boa estrutura. Imagino a pintura branca descascando e cheia de bolhas do lado de fora e espalhada em pedaços quebradiços sobre o gramado. Os canteiros de flores estão bonitos, parecem bemcuidados. Eu amo meu lar; não importa os dias sombrios que tenha passado aqui, é meu lar. Eu me pergunto o que Ben e Calli acham desta casa. Será que todas as lembranças deles dois são tristes? Certamente, eles devem ter boas recordações também. Vou ter de perguntar a eles quando tudo isso acabar. Será que eles vão querer começar tudo de novo, em algum outro lugar, ou vão ficar bem aqui?

Eu me desloco para fora do banco do motorista e começo a caminhar até o carro de polícia. O policial desce de seu carro e me cumprimenta.

— Estou tão feliz por saber que seus filhos estão bem, sra. Clark — diz-me ele.

— Eu também. E obrigada por tudo o que vocês fizeram. Há algum problema se eu entrar na casa agora e pegar algumas coisas para as crianças?

— Nenhum — responde ele. — Já apanhamos tudo o que precisamos da casa. Quer que eu entre com a senhora?

— Não, obrigada. Estou bem. Não vou demorar. — O policial sorri para mim e entra de novo em seu carro. Subo com dificuldade os degraus da frente. Estou muito cansada. Abro a porta e subo as escadas rapidamente. Paro primeiro no quarto de Calli e acendo as luzes. Para mim, é difícil imaginar que, apenas poucas horas atrás, estranhos estiveram circulando pelo quarto dela, coletando provas, procurando resquícios de violência e impressões digitais. Fico surpresa com o fato de o quarto estar tão pouco desarrumado; os peritos foram muito conscienciosos, limpando tudo depois do serviço, colocando os brinquedos de volta nos seus lugares de origem. Só a cama de Calli tem a aparência ruim, sem os lençóis, nua. Eu cato algumas roupas, enfio-as na mochila de Calli e apanho seu macaco de meia e o cobertor amarelo. Faço o mesmo no quarto de Ben e desço correndo os degraus. Ao colocar a mão na maçaneta da porta da frente, paro. Viro e me dirijo de volta para a cozinha. Aperto o interruptor da luz externa que fica acima da porta dos fundos, abro a porta e saio para o quintal. Dando uma olhada atenta em meu jardim grande e bonito, visões do passado surgem diante dos meus olhos. Será que algum dia vou olhar para esse bosque do mesmo jeito? Serei capaz de encontrar conforto num lugar que engoliu meus filhos e os cuspiu machucados e traumatizados? Eu me aproximo das árvores escuras e muito altas até sentir a mão pesada em meu braço e meu coração parar

alarmado. Bem rápido, porém, consigo reconhecer a voz suave e educada de Martin, agora silenciosa, transformada em um sussurro:

— Antónia, silêncio. Tem alguém no bosque. Venha.

E, sem fazer barulho, ele me puxa para a lateral do jardim, perto do galpão, atrás de uns arbustos onde estamos bem-escondidos.

— Martin — murmuro —, o que você está fazendo?

— Psssst — ordena ele e aponta para o bosque. Não vejo nada.

— O que é? — sussurro.

— Griff, acho — diz Martin. Não consigo deixar de notar quão sem vida a voz dele soa.

— Ótimo — respondo com voz normal. — Preciso fazer algumas perguntas a ele sobre onde esteve hoje.

Eu começo a sair dos arbustos, em direção ao bosque. Martin me puxa rudemente para trás.

— Não — pede ele. — Fique aqui, ouça-me. Eu paro, ele tira a mão de meu braço.

— Você conversou com Ben sobre o que aconteceu lá em cima? — Martin fala de novo num sussurro rouco.

— Não — admito. — Nós realmente não tivemos a oportunidade. Estou tão feliz por eles estarem a salvo. Mas o que tem Ben?

— Ele estava lá em cima quando encontramos Petra. Ele nos contou o que aconteceu, quem feriu Petra e Calli. Foi Griff.

— Ben disse isso? — pergunto.

— Disse. Ele disse que Griff estava lá em cima quando chegou ao cume da ribanceira. Que Griff estava observando Petra bem de perto e indo atrás de Calli. — A voz de Martin falha quando ele pronuncia o nome de sua filha.

Pela primeira vez, noto que Martin segura algo bem firme numa das mãos.

— O que é isso? — pergunto e tento pegar, com minha mão tocando o metal frio. — Meu Deus, isso é uma arma? Martin, o que você está fazendo?

— Não sei — diz ele em voz baixa. — Não sei. Eu achei... Eu achei...

— Você achou que deveria vir até aqui e atirar no homem que acha que feriu sua filha? Sem sequer falar antes com ele, sem que a polícia o interrogasse? Martin, eu sei que Griff tem problemas, mas ele não iria ferir Petra.

— Como é que você sabe disso? E os hematomas de seu filho? Seu filho esteve lá em cima, Antónia. Você está dizendo que ele é um mentiroso? Quem fez isso, então? Foi Ben? Foi seu marido? Qual deles, Antónia? Qual? — pergunta Martin com desgosto.

— É, Antónia, qual? — pergunta uma voz familiar, em tom amistoso. Meu coração aperta dentro do peito. É Griff. Ele cheira a azedo e seu rosto parece extenuado. — Em quem você vai acreditar? Em mim ou em Ben?

— Griff, você não sabe o que aconteceu. Eu não sei. Ben e Calli estão no hospital. Petra também, ela está gravemente ferida. Não sei o que aconteceu.

— Mas você acha que eu podia ter feito alguma coisa, não acha? Você acredita naquele pequeno desgraçado, mas não acredita em seu próprio marido... — Griff, o homem que me mandou

bilhetes carinhosos em todos os aniversários da morte de minha mãe, avança em minha direção.

— Vá embora! — grita Martin.

— Que diabo! — grita Griff. — Você está armado? Você está com uma maldita arma. O quê? Vocês dois vieram aqui para dar um tiro em mim? Meu Deus, Toni!

Num único e poderoso movimento, Griff arranca da mão de Martin a arma, que cai perto de mim. Eu grito quando a arma dispara com um estampido alto e cubro o rosto quando a bala explode no chão, levantando uma poeira seca. Griff e Martin correm até a arma, mas Griff é mais rápido e a alcança primeiro. Com a mão, ele levanta o revólver do chão e o ergue com um ruído repugnante contra a cabeça de Martin, que imediatamente se agacha, protegendo a cabeça com as mãos.

— Não faça isso, Griff! — grito. — Por favor, não faça! — Eu choro enquanto ajoelho junto de Martin.

— Ele ia atirar em mim — diz Griff, com a voz aturdida. — Vocês vieram aqui para atirar em mim!

— Não, não. Eu não sabia que ele estava aqui. Eu não sabia — soluço. — Só vim aqui para pegar alguns pijamas para Calli, para pegar o macaco dela! — Aponto para o macaco de meia; ele está sorrindo para nós. Griff aponta a arma para mim com as mãos trêmulas, mas ele dá uma olhada para o brinquedo e depois para a figura agora inerte de Martin.

— Não acredito em você. — Suas mãos continuam a tremer, se de nervoso ou por falta de bebida, não sei.

— Por favor, vamos esclarecer isso, por favor — peço. — Digame o que aconteceu, Griff. Digame. — Onde está o policial, eu me pergunto, olhando através da escuridão.

— Eu não fiz isso. — Sua voz está carregada de emoção. — Sei que parece que fiz, mas não fiz. Eu não feri aquela menina!

— Mas por que vocês estavam lá em cima? Por que estavam lá em cima com Calli?

— Não sei. Não sei. Eu fui um idiota. Eu a levei para o bosque. Nós nos perdemos. Depois Calli tinha sumido, e Petra apareceu toda ensanguentada. E Ben, meu Deus, Ben. Ele continuou vindo em minha direção, e bati nele. Meu Deus, e a calcinha dela!

Eu me sinto como se tivesse sido golpeada na barriga. Meu marido levou Calli para dentro da floresta; ele feriu Ben e Petra, a pobre Petrazinha. Eu forço garganta abaixo a bile que subiu até quase minha boca.

— Meu Deus, como minha cabeça está doendo! — Ele pressiona os olhos com os dedos, e, neste instante, eu corro. Eu me agacho atrás do galpão e corro até o bosque. Se conseguisse chegar lá, eu poderia me esconder. Conheço esse bosque. Eu continuo esperando o tiro, que não ocorre. Mas, apesar da dor em sua cabeça e de suas mãos trêmulas, Griff ainda é mais rápido do que eu. Antes que eu consiga alcançar a segurança entre as árvores, ele chega, seus braços me seguram como num opressivo abraço de urso. Tento afastá-lo com um chute, mas ele me segura apertado. Nós ouvimos as sirenes ao mesmo tempo; nós dois ficamos paralisados em meio à luta por um breve instante. Então, antes que eu consiga gritar ou escapar, Griff me arrasta para dentro da floresta.

Assistente de xerife Louis

Observo Christine saindo do estacionamento do hospital e, por um momento, cogito ir atrás dela, pular dentro do carro com ela e

Tanner e partir para Minnesota. É um pensamento rápido, no entanto, pois eu espio Toni, cabisbaixa, saindo com pressa mais uma vez do hospital. Começo a caminhar em sua direção, mas noto que Fitzgerald e os outros agentes me observam através das janelas compridas da fachada da frente do hospital. Traço uma linha reta de volta em direção à porta principal, para continuar a investigação.

Fitzgerald está esperando quando as portas automáticas se abrem e o frio do ar-condicionado do salão de entrada me atinge no rosto mais uma vez. Meu uniforme está sujo de minha excursão pelo bosque; estou fedendo a suor e volto a transpirar muito depois de minha conversa acalorada com Christine.

— Ela não vai nos deixar falar com a menina, nem com o menino — diz Fitzgerald enquanto caminho até uma máquina de refrigerante para comprar uma garrafa d'água.

— Quem não vai deixar? — pergunto, esvaziando a garrafa inteira num gole.

— Antónia Clark — respondeu Fitzgerald. — Ela diz que Calli não está pronta para falar agora, e ela não quer Ben conversando conosco, tampouco. Acho que ela está escondendo alguma coisa.

— O que estaria escondendo? — pergunto enquanto enfio mais moedas na máquina, escolhendo, desta vez, um refrigerante com bastante cafeína e açúcar. A noite vai ser longa.

— Acho que ela sabe algo sobre o marido. Não caio nessa de que ela não sabia que ele não iria sair para pescar hoje. Talvez ela esteja dando cobertura a ele — diz o agente chamado Temperly.

— Isso é bobagem — digo, fitando-o nos olhos.

— Você ao menos já falou com Toni Clark? Ao menos já teve uma conversa com ela que o faça acreditar nisso?

— Apenas a conversa que tivemos há poucos instantes, quando ela se recusou a cooperar conosco — diz Temperly com sarcasmo. — Não sei não... Acho que, se minha filha fosse sequestrada e meu filho, espancado, eu ia querer saber quem fez isso.

— Toni também — digo num tom uniforme e baixo, tentando manter fora dele qualquer raiva. Ser jogado para fora desta investigação era a última coisa de que eu precisava. — Ela só quer manter as crianças em segurança. Vai deixar que elas falem com você quando puderem.

— Sim, ela realmente as manteve em segurança, não foi? — murmura Temperly.

A agente Simon dá um passo adiante; bom sinal, pois Temperly está me irritando.

— Vamos conversar com o médico, ver quanto tempo ele acha que vai levar até que Calli possa falar conosco. Então poderemos partir daí.

— Seja como for, aonde Toni foi? — pergunto aos três agentes.

Todos eles dão de ombros e se olham entre si.

— O marido maluco dela está lá e vocês simplesmente a deixam partir? — pergunto sem acreditar.

Os agentes levantam as sobrancelhas uns para os outros.

— Vamos atrás do médico — diz Simon.

Quando passamos diante da mesa da recepção, o funcionário pergunta:

— Será que algum de vocês pode falar com Fielda Gregory? Ela está no telefone, muito chateada com o marido.

— Eu falo — diz Fitzgerald antes de eu conseguir agarrar o telefone.

Fico o mais perto dele que posso, na esperança de ouvir o que está acontecendo com Martin. Fitzgerald ouve por muito tempo antes de dizer a Fielda que ele vai retornar a ela em breve.

— Meu Deus — murmura Fitzgerald. — O que mais falta agora?

Todos nós o olhamos em expectativa.

— Agora parece que Martin Gregory é a próxima pessoa a se perder de nossas duas pequenas famílias.

— O que você quer dizer? Eu fiz Jorgens levá-lo para casa. Ele me disse que Martin e Fielda estavam a caminho de Iowa City, juntos, para ver Petra.

— Gregory não foi com eles. Fielda dirigiu até Iowa City com sua mãe e Mary Ellen McIntire — explica Fitzgerald.

— A mãe de Jenna McIntire? — pergunta Temperly.

— Sim. Deixe-me terminar — diz Fitzgerald com impaciência. — Petra precisa ser operada, e a sra. Gregory não quer permitir isso até falar com o marido. Mas ela não consegue encontrá-lo. Ela o procurou em casa, no distrito, aqui no hospital, com amigos, família; em todo lugar, sem sucesso. Então Mary Ellen McIntire eleva a voz, diz que talvez saiba onde está Martin Gregory.

Por um instante, espero que Fitzgerald continue. Então vem o estalo:

— Meu Deus, ele foi procurar Griff — sussurro.

— Sim, foi. A sra. McIntire disse que ela e Martin tiveram uma conversa rápida e que ele aludiu ao fato de que ele iria atrás de quem quer que tivesse feito aquilo com sua menininha — diz Fitzgerald em tom sombrio.

— Pelo que sabemos, Griff Clark ainda continua lá em cima, no bosque. Será que Martin poderia voltar lá a esta hora da noite? — pergunta a agente Simon, olhando para mim.

— Se conheço Griff Clark como acho que conheço, ele provavelmente sumiu para sempre. Logo depois de tomar uns tragos. — Um pensamento horrível atravessa correndo meu cérebro e me volto para o recepcionista.

— Você pode me dizer onde está o médico de Calli Clark? Poucos minutos depois, o dr. Higby se apresenta a nós e deixa logo claro que sob nenhuma circunstância devemos tentar falar com os filhos dos Clark.

— Não, não — digo eu. — É Toni Clark. Ela foi embora logo agora. Você sabe aonde ela foi?

— Para casa. Disse que queria pegar algumas roupas para as crianças. Por quê? Há algum problema? — pergunta o dr. Higby enquanto um olhar de preocupação faz um vinco em seu rosto.

— Ainda não sei — respondo quando recebo uma mensagem pelo meu walkie-talkie. Todos nós paramos para ouvir um operador de radiocomunicação retransmitir a informação de um distúrbio na Timber Ridge Drive, número 12.853. O reservista de plantão na casa relatou ter ouvido vozes furiosas nos fundos da casa dos Clark. E o que poderia ter sido um tiro.

Ben

Rose voltou com uma bandeja cheia de comida. Pudim de chocolate, geleia, sopa, refrigerante. Tudo comida leve, diz ela, para que eu não machuque o rosto mastigando. Tenho que sorrir ao ouvir isso. É uma senhora muito boa. Ela me deixa sozinho para que eu

coma; diz que estará sentada na sala de espera, caso eu precise de alguma coisa. Diz que sabe que eu provavelmente não quero uma desconhecida em nosso quarto, nos observando. Ela está certa. Tudo o que quero é ficar deitado na cama, comer minha comida sem substância e ver TV.

Calli, você ainda está dormindo. Fico olhando para você, querendo que acorde. Porque, apesar de eu não querer que Rose fique aqui comigo, ainda me sinto muito solitário, e parece que mamãe vai levar uma eternidade para voltar para cá. Sua enfermeira entrou algumas vezes para ver como você estava, tomou seu pulso, verificou o soro, mediu a temperatura da testa.

Tento não pensar em papai. Começo a sentir um pouco de culpa com relação ao que aconteceu na esarpa, mas o que eu deveria supor, olhando para Petra toda machucada e você, tão assustada? Acho que nunca conseguirei olhar nos olhos dele de novo depois do que aconteceu.

Espero que mamãe compreenda. Eu não consegui nem contar a ela que foi papai quem quebrou meu nariz, mas acho que, no fundo, ela sabe.

Lembro, Calli, que, antes de você parar de falar, ficava deitada na beirada da minha cama, esperando que eu chegasse em casa da escola. Eu sabia que todo dia você estaria lá. Não me importava muito com isso. Você nunca mexia nas minhas coisas; é verdade que você gostava de brincar com minha coleção de pedras, mas você não poderia estragar uma coleção de pedras, poderia? Eu abria a porta do meu quarto e você estava lá, separando pedras. Estava segurando uma pilha de pedras pretas, de pedras brilhantes e de aparência metálica, de feldspatos rosa e de calcitas amarelas. Você não as chamava por seus nomes científicos; tinha seu próprio nome para cada uma delas.

— Essa é o Olho do Gato Mágico — você dizia, se referindo à obsidiana negra. Ou, então, você segurava um quartzo brilhante. —

Essa é a pedra de gelo. Se você a enterrar no quintal, tudo vai se transformar em gelo.

Às vezes eu achava que você não ia mais parar de falar. E agora, que faz tanto tempo que não nos falamos, mal posso acreditar que o faremos novamente. Sinto falta disso agora. Eu nunca contaria isso a ninguém, mas ainda falo com você e, na minha cabeça, você responde. É claro que ainda sou mais velho e mais esperto, e você ainda é minha irmãzinha, não poderia saber tanto quanto eu. Na minha cabeça, você dizia: "Ben, acha que papai algum dia vai parar de beber?"

E eu respondia:

— Não sei, Calli, mas acho que tudo é possível.

Ou nós apenas falávamos sobre coisas idiotas do dia a dia, como o que iríamos jantar ou assistir na TV. Queria que você estivesse acordada agora e dissesse:

— Ben, quero assistir o Canal 7, me dê o controle remoto! Mas você não está.

Nunca antes eu havia lhe perguntado por que você não fala. Mas sei que isso tem algo a ver com o dia em que mamãe perdeu o bebê. Vim para casa voltando da casa de Ray e lá estava mamãe, no sofá. Alguém havia colocado um cobertor em cima dela. Foi você? Alguém havia posto um cobertor sobre ela, mas o sangue estava passando através dele. Perguntei várias vezes o que havia acontecido. Mas você não disse nem uma palavra. Apenas ficou sentada no chão, ao lado da mamãe, se balançando para frente e para trás, segurando seu macaco de meia, e liguei para Louis, que chamou uma ambulância.

Achei, por um instante, que você ia dizer algo quando o bebê saiu. Juro por tudo que há de mais sagrado que ainda não sei por que deixaram nós dois assistirmos àquilo. Quando o bebê saiu de mamãe e eles a limparam, e você estendeu a mão para tocar seu

cabelo vermelho, achei que você ia dizer alguma coisa. Mas não fez isso. Você apenas apertou seu macaco um pouco mais forte e se balançou mais rápido até que alguém percebeu que estávamos ali e chamou a sra. Norland para cuidar de nós.

De início, eu achava que era porque havia sido tão assustador ver sua mãe cair da escadaria, mas eu observei você. Observei você muito atentamente depois que tudo aconteceu. Observei você quando mamãe estava por perto e quando você estava comigo.

E observei você quando estava com papai, e então eu pude ver claramente. Seu rostinho ficava todo rígido e você fechava os dedos bem apertado quando ele entrava no quarto. Não era muito óbvio, mas eu soube que havia algo ali. Acho que mamãe também, mas ela nunca disse nada. Às vezes, acho que esse era o problema com mamãe: ela não dizia o que devia dizer na hora em que devia.

Acho que você talvez esteja acordando. Está meio que se agitando, tentando abrir os olhos, mas não consegue. Está cansada demais. Tenho um pouco de medo de que, quando você finalmente abrir os olhos, vá começar a gritar como fez da primeira vez que me viu. Começo a procurar a campainha que chama a enfermeira, achando que talvez você esteja sentindo alguma dor, mas então você para de se mexer e adormece novamente.

Acabo de comer meu pudim e fico mudando de canal, e, quando olho de novo, você está acordada, apenas me olhando fixamente, como se não pudesse acreditar que estou aqui. Então você sorri, só um pouquinho, mas é um sorriso mesmo assim. Subo na cama e vou para seu lado.

— Você está bem? — pergunto, e você faz que sim. Você me olha de um jeito meio engraçado, e me apresso em dizer que estou bem também. Então você faz algo que me surpreende. Puxa suas cobertas e apalpa o espaço bem ao seu lado. Eu fico ao seu lado, tomando cuidado com o tubo enfiado em seu braço, ficamos bem apertados na sua minúscula cama de hospital, mas consigo me espremer.

Em casa, à noite, às vezes você deitava na cama comigo se não conseguisse dormir, e eu lhe contava uma história. Muitas vezes, eu contava um conto de fadas comum, como Chapeuzinho Vermelho, Os Três Porquinhos. Mas, às vezes, apenas inventava algo, com você e Petra sendo princesas e vivendo essas aventuras fantásticas. Você gostava dessas histórias, essas historinhas bobas. E acabo percebendo que você quer que eu conte uma agora. Nem sei por onde começar. Parece idiotice contar a história do Homem-Biscoito depois do que aconteceu hoje.

Então tenho a ideia. Talvez a ideia mais idiota, e, se mamãe soubesse que eu ia começar a contar a você esta história, tenho certeza de que ela me colocaria de castigo pelo resto da vida. Mas a narrativa meio que começa a sair de mim:

— Era uma vez, duas princesas, uma chamada Calli e a outra, Petra. Essas duas princesas eram bonitas e espertas, e eram as melhores amigas. Elas, porém, não se importavam com a beleza. Elas achavam mais importante ser espertas e corajosas. E viviam muitas aventuras maravilhosas lutando contra dragões, bruxas e duendes.

"O negócio é que a princesa Calli não falava. Ninguém sabia por que ela não falava. Mas, ainda assim, era inteligente e corajosa.

Além disso, tinha a princesa Petra para falar por ela. Elas eram uma dupla e tanto, as duas. Petra dizia palavras mágicas, e Calli mexia suas mãos mágicas, e o dragão que cuspia fogo caía morto e a bruxa velha e malvada se transformava numa lesma."

Você sorri nessa parte e me diz que é uma das suas histórias favoritas, a da bruxa sendo transformada numa lesma.

— Mas, um dia, a princesa Calli e a princesa Petra se perderam na floresta. — paro para olhar para você nessa parte.

Você olha para mim como se não tivesse certeza do que estou fazendo, mas não age como se eu devesse parar, por isso não paro.

A porta se abre e o médico entra, aquele que usa uma gravata maluca. Penso que acho que deveria parar de contar a história, mas ele me diz para continuar indo em frente; ele só vai me examinar rapidamente.

— Então, a princesa Calli e a princesa Petra estavam perdidas na floresta, mas não haviam entrado sozinhas lá; o pai da princesa Calli as levava. — Olho para você e você está franzindo o rosto, como se o que eu estivesse dizendo fosse completamente errado; por isso, tento de novo: — A princesa Calli e a princesa Petra foram para a floresta sozinhas?

Mais uma vez, você faz que não com a cabeça. Tento novamente.

— Um estranho levou a princesa Calli e a princesa Petra para a floresta? — De novo, não. Minha ideia não está dando muito certo e olho para o dr. Higby, que se senta numa cadeira no canto, num local onde não se pode vê-lo. Ele acena com a cabeça como se quisesse que eu continuasse tentando.

— Só a princesa Calli foi levada para a floresta por seu pai, que estava sob efeito da terrível poção? — Calli faz que sim enfaticamente, e dou um suspiro. Agora, sim, estamos chegando a algum lugar.

Martin

Minhas mãos tocam o local ferido onde Griff me acertou com a arma.

Posso ouvir as sirenes da polícia se aproximando e fico aliviado. Que coisa mais idiota eu fiz, vindo aqui achando que poderia fazer justiça como um semideus onisciente!

Eu jamais conseguiria atirar em alguém, mesmo no homem mais vil, mais malvado. Sou apenas um homem tolo, fraco, raivoso, que mais uma vez deixou as coisas saírem de seu controle. Passo os olhos pelo chão à minha frente, procurando a arma que Griff derrubou de minha mão. Ela sumiu, e Antónia também.

Sinto-me tonto e enjoado por causa do galo em minha cabeça e me encosto no barracão de Antónia para me apoiar. Quando o som das sirenes me alcança e vejo um monte de policiais saindo de seus carros, grito para eles, não querendo que me confundam com um criminoso. Na verdade, é exatamente o que sou. Um justiceiro inepto. Dentro de alguns segundos, estou cercado por policiais, sendo que um deles é, para meu alívio, o assistente de xerife Louis.

— Onde está Toni? — pergunta ele imediatamente. — Para onde ele a levou?

— A floresta — digo, apontando na direção aproximada para a qual a vi correr. — Ela tentou fugir, mas ele foi muito rápido. Eles entraram na floresta.

Sem dizer outra palavra, o assistente Louis desaparece, e um grupo de policiais o segue, incluindo o agente Fitzgerald. Uma mulher de terninho azul, formal demais para a situação, penso eu de forma absurda, me firma segurando meu braço. Um homem pega meu outro braço, e eles gentilmente me põem no chão.

— Uma ambulância está a caminho — a mulher me assegura.

— Você é Martin Gregory?

— Sou — digo fracamente, ainda segurando minha cabeça que lateja.

— Deixe-me ver. — Ela aponta sua pequena lanterna para minha cabeça e sua expressão se contrai quando vê o que deve ter sido um corte feio. Seu companheiro saca um lenço do bolso do terno e o pressiona em minha mão.

— Sou a agente Simon, e este é o agente Temperly. Estamos auxiliando na investigação do rapto de sua filha. Pode me dizer o que aconteceu?

— Cometi um erro. Um erro terrível — digo eu, me sentindo sonolento. Deve ter sido assim que Petra se sentiu, penso, com aquele corte que vi na sua cabeça. Estou sentindo dor, sem dúvida. Tenho um incrível ímpeto de apenas dormir, mas Petra deve estar passando por coisas muito piores.

— O que aconteceu? — a mulher me pergunta de novo. Fico sentado por um tempão, sem dizer nada, sem ter certeza do que dizer a eles, para compartilhar minha história ridícula de egoísmo. Por fim, a agente Simon me pergunta:

— O que aconteceu com Antónia Clark? — Isso eu posso responder.

— O marido dela a levou para a floresta. — Aponto para a direção em que vi Antónia correndo.

— Ele tinha alguma arma? — pergunta o agente Temperly.

— Ouvi relatos de tiros

— Um revólver — digo, sabendo que eu não poderia adiar o inevitável. — Acho que ele pegou o revólver do chão e levou Antónia para a mata.

O sangue vazou pelo lenço que Temperly me entregou. Eu o dobro, tentando achar um local limpo para colocar na testa.

— Que revólver do chão? — pergunta a agente Simon, já sabendo a resposta, penso eu.

— Meu revólver. Vim para cá armado — admito. — Depois Antónia chegou e eu não podia deixá-la seguir para a mata onde ele

estava. Não depois do que ele fez com minha filha. Por isso, lhe avisei. Nós nos escondemos, e ele nos encontrou.

— Você o ameaçou com a arma? — diz o agente Temperly.

— Não, não, mas eu a estava segurando. Foi ameaçador o bastante, acho. Ele a tirou da minha mão, e ela disparou contra o chão.

Mostro a ele o local onde a bala acertou o solo.

— Ele me bateu com a arma, e Antónia tentou fugir. Ele a pegou e a puxou para a floresta. Eles não podem ter ido longe. Mas a arma não está carregada. Eu tinha apenas uma bala e ela foi usada.

— Não está carregada — diz Simon, com uma voz estranhamente séria.

— Isso é bom. — Olho para ela, confuso.

— É bom se você for Antónia Clark. Não é bom para Griff Clark e para o policial que pode atirar nele porque ambos acham que a arma está carregada.

A agente Simon se vira para seu parceiro. Ele concorda e se afasta, certamente para tentar contatar os policiais que entraram correndo na floresta.

— Você sabe que vir para cá não foi uma coisa muito inteligente, não sabe, sr. Gregory?

Eu concordo e me retraio ao me mover. Minhas pálpebras ficaram mais pesadas. Estou louco para dormir.

— Sua esposa está procurando por você desesperadamente. Minha sonolência desaparece no ato.

— Petra está bem?

Tento ficar de pé, porém meu movimento rápido envia uma onda de dor e tortura pelo meu corpo, e caio sentado no chão.

— Ei, fique onde está. Você precisa de um médico. Não sei exatamente o que está acontecendo com sua filha, mas sua esposa precisa falar com você. Vamos levá-lo ao telefone assim que possível, sr. Gregory, prometo.

Mais uma vez, um som agudo de sirene preenche meus ouvidos. Uma ambulância. Para mim, imagino. Espero que seja apenas para mim e não para Antónia. Surpreendendo a mim mesmo, espero que também não seja para Griff Clark.

Antónia

Griff está me arrastando pela mata, e estou gritando a plenos pulmões, pedindo que ele pare. Finalmente, ele o faz.

— Não vou machucá-la, Toni! Meu Deus, você acha mesmo que eu faria uma coisa dessas com Petra? Acha?

Griff parece patético e triste, e quase sinto pena dele.

Conheço Griff há tempo suficiente para saber como lidar com ele. Estendo minha outra mão para ele, lentamente, sem movimentos bruscos, e gentilmente retiro a folha que ficou grudada em seu cabelo.

— Não, Griff, não acho que tenha feito nada para ferir Petra. Estou apenas tentando entender o que aconteceu.

Descanso a mão sobre seu ombro. Numa das mãos, ele ainda segura a arma. Com a outra, segura meu braço com força, e acho que sei como Calli ficou toda roxa. Ele recosta a cabeça em meu ombro e emite um soluço seco.

— Calli acordou cedo hoje. Fomos dar uma caminhada na mata e nos perdemos. Nós nos separamos...

Eu reajo à óbvia omissão de detalhes importantes por parte de Griff, como por que Calli havia ido só de camisola e sem sapatos nesse passeio e por que ele não havia deixado um bilhete nos dizendo onde estavam.

— Juro que nem sequer vi Petra até ter encontrado Calli no topo da ribanceira. Então Ben apareceu e viu... viu Petra. Ela parecia estar muito mal. Mas eu não a feri, estava tentando ajudá-la; meu Deus, eu juro, Toni. Não fiz nada com ela.

Sinto as lágrimas de Griff no meu pescoço. E me pergunto se são de verdade enquanto dou uma palmadinha em seu ombro.

— Apenas diremos isso a todo mundo, que você não fez nada, Griff. — Eu acomodo seu rosto em minhas mãos e o faço olhar para mim. — Griff, eles têm testes para descobrir se alguém realmente cometeu um crime, fazem testes de DNA. Quando eles fizerem esses testes, saberão que você não a feriu.

— Eu sei, Toni, não sou idiota — rosna ele para mim. — Mas senti o pulso dela e tentei ajudá-la! Eu praticamente vomitei em cima dela lá em cima. Eles cometem erros. A polícia comete erros a toda hora. Você precisa dizer a eles. Você precisa dizer a eles que eu estava com você ou algo assim. Que eu não tinha como ter feito isso!

Ele está apertando meu pulso mais firmemente, a arma em sua mão está apoiada em meu ombro.

— Vou sim, Griff, vou dizer a eles. Não se preocupe, acredito em você! — digo, de maneira conivente. — Direi a eles que você estava comigo, que foi até lá para procurar as crianças e que Ben cometeu um engano. Não se preocupe.

Griff parece aliviado e larga meu braço.

— Obrigado, obrigado, Toni. Você não irá se arrepender. Vou parar de beber, vai ficar tudo bem agora, prometo. Sei que cometi alguns erros graves, mas, daqui para a frente, será diferente. — Ele sorri para mim com gratidão. — Lembra-se de como as coisas eram antes? Tudo voltará a ser como antes, como quando Ben era pequeno. Era bom, não era? Vou largar o oleoduto, arrumar um trabalho aqui na cidade. Ou talvez nós apenas possamos nos mudar, começar tudo de novo em outro lugar. Isso não seria melhor? Poderíamos ir para o litoral. Você sempre quis ver o oceano. Podíamos ir morar perto dele, arrumar uma casa bem na praia.

Concordo com a cabeça.

— É, isso será bom. Será bom. — Fico surpresa por ele se lembrar disso a meu respeito. — Vamos voltar agora. Falaremos com a polícia; eles compreenderão.

— Não sei. — Griff hesita. — Acho que talvez eu tenha ferido Martin. Bati nele com muita força. Meu Deus, eu não devia ter batido com tanta força.

— O que você ia fazer? Ele tinha uma arma, lembra? Você estava assustado. Estava se protegendo. Vamos lá, vamos para casa. Eles irão nos procurar. Será diferente se formos encontrá-los, Griff. Por favor, vamos, os garotos precisam de nós.

— Não sei, não sei — Griff se inquieta. — Vamos continuar seguindo em frente. Você conhece a mata melhor do que qualquer um. Vamos continuar seguindo. Então, quando as coisas estiverem mais calmas, pegaremos as crianças.

— Continuar fugindo? — eu pergunto — Mas por quê? Eu disse a você que lhe daria cobertura. Está tudo bem, precisamos chegar a Calli e Ben. Por favor, Griff — imploro.

— Você está sempre tomando o partido deles. Meu Deus, Toni, faça isso por mim, por favor, depois pegaremos as crianças.

Podemos chegar a Maxwell de manhã se conseguirmos pegar a rodovia 18 nas próximas horas. Depois, quando as coisas tiverem se acalmado, iremos pegar as crianças.

— Griff, os pés de Calli estão todos feridos. Ela não conseguirá caminhar por algum tempo, e Ben está com algumas costelas quebradas. Não podemos simplesmente sair arrastando os dois pelo campo.

— Então, voltaremos para pegá-los dentro de uma semana, mais ou menos, quando estiverem melhor. Vamos lá, Toni, eles virão atrás de nós. — Ele soa desesperado.

— Continue sem mim, então. Direi tudo à polícia. Como você estava comigo, como você não fez nada além de levar Calli para andar naquela manhã. Direi a eles que você só quer que eles saibam a verdade antes de vir para casa. Eles irão entender isso, tenho certeza de que fazem acordos assim toda hora. Vá até Maxwell. Vou me certificar de que as crianças estão bem. Em breve, irei me encontrar com você.

— Você está mentindo — diz Griff com uma voz ferida, pegando meu braço novamente.

— Não, não estou, não estou — asseguro a ele.

— Meu Deus, você está mentindo! — Seu rosto se contorce de tristeza e ele começa a me arrastar cada vez mais para dentro da floresta.

— Griff, você está me machucando. Por favor, pare! Tento afastá-lo, e ele aponta a arma em minha direção.

— Você vem comigo. Vamos até Maxwell, depois vamos pegar as crianças.

Começo a chorar alto e finco os pés na terra seca. Ele me arrasta facilmente atrás de si como se eu fosse uma marionete.

— Cale a boca! — ele ordena. Não consigo parar de chorar; meu choro sai em jorros altos e sentidos. — Cale a boca! — grita ele. — Diabos, Toni, eles vão ouvi-la. Cale a boca!

O pânico me domina e não consigo tomar fôlego. Começo a passar mal. Meus dedos estão formigando, e tenho uma estranha sensação de dormência na boca. Olho para Griff, indefesa.

— Não consigo respirar! — Tento dizer a ele, mas tudo o que sai é um chiado, enquanto tento pegar mais ar.

— Cale a boca! Cale a boca, Toni, eles irão ouvi-la! — Ele me pega pelos ombros e me sacode contra uma árvore; minha cabeça bate na casca áspera. — Cale a boca! Se você não ficar quieta, nunca mais verá Calli e Ben de novo, está me ouvindo? Vão nos encontrar! Irei para a cadeia por algo que não fiz!

— Por favor — sussurro, respirando o bastante para falar. — Por favor, deixe-me ir.

Ele se inclina para mais perto de mim, coloca os lábios perto do meu ouvido e murmura:

— Se você disser mais uma palavra, vou calar sua boca para sempre. Cale a boca.

Fico paralisada, não por causa de sua ameaça, mas porque eu havia encontrado esta mesma cena numa época diferente, num lugar diferente, como alguém de fora observando, mas, ainda assim a mesma cena. Pobre Calli, pensei. Pobre menina de 4 anos vendo sua mãe cair de uma escada. Seus gritos de "cale a boca" fazendo Calli se contrair, sem conseguir parar de chorar. Lembro-me de estar deitada no sofá, debaixo de um cobertor, vendo Griff gritando com sua filha de 4 anos de idade. Lembro-me de Griff se abaixando para sussurrar algo no ouvido de Calli. E, durante quatro anos, ela só falou uma palavra. Uma única solitária palavra.

— Oh, Deus — arquejo em seu ouvido. — Foi você, foi você!

Bem

Então a princesa Calli foi aprisionada pelo rei, que não sabia o que estava fazendo por causa da poção que havia bebido. A princesa tentou e tentou e tentou usar sua mágica, mas ela não funcionava no rei, porque ele era muito forte.

Olho para o dr. Higby, que está sentado em silêncio na cadeira.

Em pé, bem ao lado dele, está uma simpática enfermeira, Molly. Ela coloca o dedo nos lábios e olha para você, Calli. Você está olhando para mim como se quisesse que eu continuasse.

— A princesa Calli e o rei se perderam na floresta grande e escura, e os pés de Calli doíam, porque ela estava descalça, mas, ainda assim, continuaram andando pela mata juntos. Ela estava com calor e com sede, e queria sua mãe, a rainha, e seu irmão, o príncipe, mas não sabia onde eles estavam. Ela não conseguia entender por que não apareciam para salvá-la. Achou que talvez tivessem esquecido dela. Mas não, eles passaram o dia todo tentando encontrá-la. Seu irmão procurou sem parar, e os soldados do reino começaram a procurá-la também. E, por fim, seu irmão a encontrou no topo da ribanceira com o rei e sua amiga Petra. Só que a princesa Petra estava muito machucada. O rei havia feito coisas muito ruins e a machucara tanto que agora era Petra que não conseguia mais falar.

Sinto que Calli está rígida ao meu lado e olho para ela.

— Não é assim, Calli? Não foi assim que as coisas aconteceram? — pergunto a ela. Ela fica petrificada, o rosto, sério, como se estivesse muito concentrada.

Ela lentamente balança a cabeça de um lado para o outro. Vejo o dr. Higby se inclinando para a frente na cadeira.

— O que aconteceu, Calli? — pergunto a ela. — Você termina a história. Eu não consigo. Eu não estava lá, não o tempo todo. Você termina a história.

Martin

Eles não me deixam entrar na ambulância sozinho, mas insistem para que eu deite na maca e me levam para dentro do veículo.

— Estou bem — insisto, mas ninguém parece estar ouvindo. Um paramédico começa a mexer na minha testa, seu rosto suave é impossível de decifrar. Muito profissional, acho. Sei que vou precisar levar pontos, mas, antes que isso aconteça, preciso pegar o telefone.

— Por favor, preciso usar o telefone. Preciso ligar para minha esposa — digo.

— Alguém do hospital entrará em contato com sua família, senhor, não se preocupe.

— Não, por favor. Minha filha é a menina que foi levada de helicóptero. Minha esposa tem tentado entrar em contato comigo. Por favor, preciso falar com ela. Preciso saber como minha filha está.

Faço esforço para me sentar, mas o paramédico aperta meu peito com firmeza para me manter de bruços. Eu devia estar parecendo muito irritado, porque, de repente, me vejo com um

celular na mão e, alguns minutos depois, estou falando com Fielda, que começa a chorar ao ouvir minha voz.

— Martin, Martin, onde esteve? Você está bem? — choraminga ela.

— Sim, sim, estou bem. — Contarei a ela mais tarde, depois de minha patética tentativa de heroísmo. — Como está Petra?

Ela está bem? Disseram-me que você falou que ela precisa ser operada.

— Ela está na sala de cirurgia agora, sinto muito, Martin. Eu não podia esperar mais por você. Tinha que tomar uma decisão. Eles precisavam aliviar a pressão no cérebro dela. Eu disse que sim

— É claro que sim, Fielda. Foi exatamente o que você deveria ter feito. Estarei aí em breve. Preciso cuidar de algumas coisas agora, mas estarei com você o mais rápido possível. Eu devia ter ido com você desde o início. Sinto muito, Fielda, sinto muito mesmo.

Há uma pausa na linha.

— Martin — Fielda começa dizer, cautelosa —, você não fez algo de que irá se arrepender, fez?

Penso em Antónia na floresta, com aquele homem triste e desesperado, e digo:

— Espero que não.

Ela suspira e diz que me ama, não importa o que aconteça, e diz para eu me apressar e ir para Iowa City.

Quando chegamos ao Mercy Hospital, um policial me mantém estável na maca enquanto sou levado para a sala de emergência e fala comigo:

— Teremos de interrogá-lo depois que examinarem sua cabeça.

— Sim, senhor — digo, fechando os olhos enquanto penso em Calli e Ben Clark abrigados em algum lugar acima de mim, esperando pela volta de sua mãe. Como poderei explicar para eles o que aconteceu, o que fiz, se a mãe deles não voltar?

Assistente de xerife Louis

Fitzgerald e eu atravessamos a mata, tentando nos mover silenciosamente, mas sem sucesso. Está escuro como breu. A lua em quarto minguante e as estrelas são engolidas pela noite e pouco ajudam para iluminar o caminho.

— Jesus — pragueja Fitzgerald. — Nunca os encontraremos aqui.

— Vamos encontrá-los, sim. Griff não sabe muito bem como andar por aqui, mas Toni sabe. Ela vai mantê-los no caminho.

— Meu Deus, espero que sim — murmura ele.

Conduzo Fitzgerald pela mata lentamente, cuidadosamente. Não quero esbarrar com Griff e Toni e fazer com que ele entre em pânico. Pouco tempo depois, chegamos a uma área em que as árvores se tornam mais escassas, a floresta faz uma interseção com o caminho e ambos olhamos para a trilha, apertando a vista na escuridão.

Nada. Nós nos esgueiramos o mais silenciosamente possível pela trilha. De vez em quando, Fitzgerald ou eu pisamos num galho, e o barulho dele quebrando faz com que olhemos em volta tensamente. Fico envergonhado ao perceber que Fitzgerald está em melhor forma que eu e tenho que me esforçar para ficar na sua frente.

Depois de vários minutos subindo, só percebo minha própria respiração e Fitzgerald me detém puxando-me pela manga.

— Escute — ordena ele. Aos poucos, as vozes se tornam claras para mim, uma de homem, outra de mulher, uma brava e outra cheia de angústia. São eles. Faço um sinal com a cabeça para Fitzgerald para que ele saiba que ouvi também e nós avançamos lentamente, silenciosamente. Precisamos observar Toni e Griff sem que eles saibam, perceber bem onde e como estão posicionados e verificar se Griff tem uma arma. Vou avançando pelo caminho em pequenas etapas, me assegurando de que Fitzgerald esteja sempre à vista, parando depois de alguns poucos passos para ouvir.

Não demora até que eu ouça Griff gritando:

— Cale a boca, cale a boca!

E ouço os gritos frenéticos de Toni. Avanço pelo caminho, abrindo passagem com movimentos lentos, deliberados, sem querer revelar minha presença antes da hora. Uma nesga de lua ilumina Griff apertando Toni contra uma árvore, a boca colada no ouvido dela.

Se eu não tivesse visto a arma na mão de Griff, teria pensado que eram apenas duas pessoas abraçadas; isso e o fato de o choro sentido de Toni tomar de assalto meus ouvidos. Mais adiante na trilha, vejo Fitzgerald avançando, com a arma em punho. Também saco minha arma e me escondo atrás de uma árvore.

Fitzgerald grita:

— Polícia! Abaixem a arma! Eles não parecem ouvi-lo.

— Oh, meu Deus, foi você! — grita Toni.

— Não, não, não fui eu! — Griff choraminga. — Eu não machuquei aquela garota!

Ele aperta a garganta de Toni, e me agacho para mirar. Ele está perto demais dela.

— Não — choraminga Toni, suas palavras difíceis de compreender. — Calli, Calli. É por sua causa que ela não fala.

— Largue a arma, Griff! — grito. Griff para por um minuto, como se estivesse reconhecendo nossa presença.

— Do que você está falando? Cale a boca! — diz Griff a ela, a voz confusa.

— Achei que era por causa do que ela viu, quando perdi o bebê; achei que era minha culpa. Mas foi você. Você sussurrou algo para ela. O que você disse? O que você disse?

As palavras de Toni se embaralham, e a ferocidade delas faz com que Griff dê um passo atrás. Faço pontaria de novo.

— Cale a boca, Toni! Você não sabe do que está falando. — Griff está tentando manter a voz baixa. Posso ver seu corpo tremendo de ódio. Ou de delirium tremens. Ele próprio começa a chorar. Ele se inclina à frente, para que sua testa repouse sobre a de Toni, e depois pressiona o cano da arma na própria têmpora.

— Largue a arma! — grita Fitzgerald. Ele se afasta de mim lentamente, cercando-os. Se Griff resolvesse atirar, conseguiria acertar apenas um de nós. Eu miro de novo, mas está perto demais de Toni e não posso arriscar o tiro.

Num instante, Griff sai um pouco da frente de Toni, segurando sua arma na direção do rosto dela; é a minha chance. Reposiciono a mira da minha arma, ouço um grito e então um disparo; escuto um estalo alto que não vem da minha arma. Cheguei muito tarde. Vejo Griff e Toni desabando no chão, ambos imóveis. Em segundos, Fitzgerald está de pé, inclinando-se sobre Griff e Toni.

Não posso me aproximar mais, sinto-me nauseado e desonrado.

— Venha me ajudar, rápido! — Fitzgerald me chama enquanto tenta tirar Griff de cima de Toni. Vejo seus braços empurrando Griff, tentando forçá-lo a sair de cima. Ela engatinha debaixo dele, cobrindo o rosto com as mãos.

Fico de pé ao lado dela, sem estar preparado para confortá-la, não lá, não àquela hora. Peço reforços e uma ambulância, mesmo sendo óbvio que Griff está morto. É Fitzgerald quem se ajoelha ao lado dela e sussurra palavras reconfortantes em seu ouvido. Acho que ela nem sabe que estou aqui. Ela se agarra a Fitzgerald e não o larga. Enquanto ele a conduz pela trilha, ela se apoia pesadamente nele, e fico para trás para esperar pelos legistas.

Horas mais tarde, sou informado de que a arma que Griff estava segurando não estava carregada. Eu me consolo dizendo a mim mesmo que não fui eu quem atirou nele. Mas, se eu tivesse tido a chance, teria feito isso. Com prazer.

Calli

As palavras de seu irmão descem sobre ela, a história que ele está contando. Ela tenta ignorar os muitos olhos que a observam fixamente de forma inesperada. Ela lembra daquele momento no topo da ribanceira, quando o viu com Petra.

Ela se abaixou para pegar seu colar, o colar de Petra. Sentiu a presença dele antes de vê-lo, podia sentir seu olhar pesando sobre si. Medo, frio e escuridão se insinuam em seu rosto. Ainda curvada, ela lentamente ergueu os olhos e viu botas de caminhada de sola grossa que levavam a calça verde-oliva coberta de lama, e foi então que o olhar de Calli se congelou. Ele estava em pé acima dela na

grande rocha plana cor de areia. Viu a mão pendendo molemente, pequena e pálida, roçando levemente na sua calça amarronzada, na altura dos joelhos. Calli se endireitou, prendeu o colar ao seu pulso, para ver sua amiga encolhida nos braços dele.

Os olhos de Petra estavam fechados, como se ela estivesse dormindo, um corte de cerca de cinco centímetros sobre a sobrancelha esquerda. Uma série de hematomas descia da maçã do rosto até os lábios, que estavam rachados e ensanguentados, indo até o pescoço, que pendia indefeso enquanto ele a reajustava em seus braços. Seu pijama azul estava imundo, coberto de uma substância marrom imunda, seus tênis sujos, antes brancos, estavam desamarrados, os cadarços sujos pendendo flacidamente em volta de seus tornozelos.

— Ajude-me! — implorou ele. — Ela está ferida. Não consigo baixá-la da ribanceira sozinho! — Ele olhou nos olhos de Calli, sua voz ferida não correspondia à determinação que via em seu olhar duro. Ela o conhecia.

Ele estava empoleirado no ponto mais alto da ribanceira, onde as árvores lançam sombras longas e tristes, e uma brisa soprava em sua testa queimada de sol a todo instante, levantando um pouco seu cabelo. Um vale profundo, uma bacia de verdes e amarelos viçosos formava uma tapeçaria atrás dele. Os olhos de Calli voaram para os dedos de Petra, que se contraíram por um instante.

— Ela é muito pesada; vou ter de largá-la. — Ele abaixou Petra cuidadosamente, repousando sua cabeça enquanto a colocava na pedra que parecia um altar. Mais uma vez, ele ficou de pé, sacudindo os braços livres do peso residual de Petra.

— Estou feliz que esteja aqui — comentou ele. — Eu nunca conseguiria fazer isso sozinho. — Ele olhou para Calli, tentando decifrar sua expressão.

— Se corrermos, poderemos levá-la para baixo da ribanceira e para o hospital. Ela está muito ferida. Ela caiu — acrescentou ele,

como se tivesse pensado nisso depois. A ribanceira onde estava de pé terminava abruptamente atrás dele e descaía, íngreme, para a parede forrada de musgo verde escorregadio que ia dar numa ravina estreita e seca.

— Por favor! — implorou ele. — Acho que ela vai morrer se não a tirarmos daqui.

Seu queixo tremeu e lágrimas pareciam se juntar nos cantos dos olhos.

Timidamente, ela se moveu para frente. Seu olhar, no entanto, não se afastava do rosto dele. Ele estendeu a mão para ajudá-la a subir na rocha que se desfazia, pedaços esfarelados caindo enquanto ela tentava achar um apoio para os dedos dos pés. A mão dele, suave e fresca, envolvia a sua enquanto ela se sentia sendo içada, a sensação desconcertante de ser erguida no ar se agitando em sua barriga.

Ele a apertou mais forte, e ela foi trespassada por um momento de pavor. Um erro, ela pensou, deveria ter fugido. Tentou soltar sua mão num cabo de guerra inútil. Ela ouviu antes que ele ouvisse. O inconfundível bater de asas, lento, deliberado, seguido por um longo grasnar, quase como uma risada.

Calli sentiu uma lufada de ar no pescoço quando ele passou por ela. Foi enorme, o maior pássaro que Calli já havia visto, tão negro que quase parecia azulado. A envergadura de suas asas era tão grande que quase parecia do mesmo tamanho que ela. O homem hesitou quando o grande pássaro negro tocou seu ombro, lançando uma sombra escura sobre a expressão de medo e repulsa que dançava em seu rosto enquanto ele soltava a mão de Calli.

Ela caiu para trás e atingiu o solo, percebendo-se tonta, olhando para um céu azul esmaecido com pinceladas de tons rosados na parte inferior, no monte de flores que desabrochavam no início da primavera. Quando se levantou e olhou cuidadosamente em volta, não o viu. Ela subiu rapidamente até onde Petra estava e olhou para

a lateral da brecha abaixo. Depois, engatinhou até Petra, e ela se mexeu. Seus olhos se abriram e ela olhou para Calli.

— Mamãe — murmurou ela.

Calli pôs a mão suja na testa de Petra, acenou para ela e lhe deu palmadinhas no braço. Ela se virou, olhando para todas as direções. Ele já tinha ido embora, mas ela já o havia visto antes, o conhecia. Ele tinha um nome engraçado e um cachorro. Ele estava lá, talvez a observando. Ela recuou e se escondeu no mato. Calli piscou e voltou ao presente.

— Lucky — disse Calli a seu irmão simplesmente, falando por sua amiga, que sempre havia falado por ela. — Foi Lucky.

Ben

Calli, você conseguiu. Você terminou a história, e não foi algo fácil de fazer. Estou surpreso por não ter sido o papai, mas aquele aluno do sr. Gregory, que acabou levando Petra para a floresta e fazendo todas aquelas coisas terríveis com ela. Eu me pergunto se papai algum dia irá me perdoar por ter achado que a culpa era dele, mas ele parecia tão culpado e ainda a arrastou para a floresta. Não sei como poderei encará-lo. Quer dizer, dei uma boa surra nele para alguém de 12 anos de idade. Mamãe não voltou ainda com nossas coisas, e estou simplesmente cansado.

Mas nós não dormiremos esta noite, com a polícia entrando e lhe pedindo para repetir a mesma história várias vezes. Você faz isso mesmo assim. Repete a mesma história várias vezes, e eles ficam perguntando se esse tal de Lucky fez algo com você, mas você diz que não, foi com Petra, ele machucou Petra.

Finalmente, Rose entra e diz aos policiais para irem embora, porque nós dois precisamos de uma boa noite de sono. Mas não vamos conseguir dormir. Decidimos esperar por mamãe, mas ela não veio nos ver, pelo menos ainda não.

Você está tão empolgada para mostrar a ela que consegue falar de novo que começa a tagarelar sem parar, acho que só para ouvir a própria voz depois de tantos anos. Isso me surpreende também, o modo como você soa. Mais velha, é claro, mas não sei, você soa mais inteligente. Não, não é isso. É mais sábia. Você soa sábia. E acho que é mesmo.

Eu lhe pergunto se acha que papai algum dia me perdoará por ter achado o que achei dele e por ter lhe batido. Você diz "Não" tão suavemente que mal posso ouvi-la, mas ouço.

— Não — você diz. — Mas não se sinta culpado. Ele não estava em seu juízo perfeito. — Você para de falar um segundo e muda de ideia. — Ele estava, mas não se sinta culpado. Você nos salvou.

Tenho de sorrir ao ouvir isso, você achando que salvei você e Petra, e talvez tenha mesmo feito isso. Acho que nunca saberemos. É agradável ficar sentado aqui com você. Não sabemos o que acontecerá a seguir com papai, mas acho que tudo dará certo.

— O que você quer assistir, Calli? — eu lhe pergunto e você me responde, do jeito como deve ser.

Assistente de xerife Louis

Não fui para casa depois dos assassinatos. Era um lugar vazio, agora que Christine e Tanner não estavam mais lá. Num dia maluco, perdi minha esposa e meu filho. Acabei na minha mesa do distrito,

escrevendo um relatório, tentando não esquecer os detalhes cruciais. Já vi muita coisa como assistente de xerife, já vi o resultado de suicídios, explosões de laboratórios de metanfetamina, já vi mulheres que apanharam de seus maridos e que, de algum modo, decidiram voltar para apanhar mais. Isso me faz pensar em Toni, ficando com Griff, que obviamente estava mal da cabeça e não cuidava bem dela, ao menos não do jeito como eu teria cuidado.

Mas há algo a respeito de ver alguém que você conhece como a palma de sua mão prestes a ser assassinado. Nada poderia me preparar para isso, nenhuma quantidade de treinamento ou anos de experiência me preparariam para ver uma arma apontada para a cabeça da menina que vi pela primeira vez enquanto deslizava sobre a neve colina abaixo, num trenó, quando tínhamos 7 anos.

Talvez seja uma bênção não ter sido eu quem atirou em Griff. Agora talvez eu possa ir ajudar a recolher os pedaços da antiga vida de Toni. Começar de onde paramos há tantos anos. Talvez essa seja minha segunda chance com ela. Não fui eu quem matou seu marido. Mas será que Toni vai pensar desse modo? Será que Calli e Ben pensariam assim?

Talvez eu não seja melhor que Griff. Ele desistiu de sua família pelo álcool, e parece que desisti de minha própria família também. Mas, no meu caso, foi por causa de uma mulher com a qual cresci, uma que eu não podia deixar partir. Então, quem era o maior vilão no fim? Griff ou eu? Acho que essa é uma questão que não quero analisar muito bem, uma resposta que posso viver sem obter.

Uma vez, Toni e eu estávamos na terceira série e fomos caminhar na floresta de Willow Creek. Éramos só nós dois, quando tudo era inocência e um menino ainda podia ser amigo de uma garota sem ser ironizado sem dó por seus colegas. Era um dia agradável, a luz do sol era brilhante, mas não muito quente. Toni usava uma velha blusa de moletom de seu irmão e botas de neve. Estávamos andando pela ponte Lone Tree cuidadosamente, passando por cima do fino tronco de árvore que havia caído por sobre o Willow Creek, de mãos dadas, apoiando um ao outro para

não cairmos. Lá, naquele dia, segurando a mão de minha melhor amiga, eu não poderia imaginar uma vida sem Toni, e ainda não consigo. Hoje de manhã, me vi ligando para Charles Wilson e pedindo desculpas em nome do departamento do xerife por qualquer inconveniente que eu possa ter lhe causado.

— Sem problema — ele diz. — Estou feliz por ter encontrado as garotas.

Hesito antes de desligar.

— Você chegou a encontrar seu cachorro, sr. Wilson? — pergunto.

— Ah, sim — diz ele. — Ele chegou em casa tarde da noite, cansado e faminto. E cabreiro, acho, pelos problemas que causou.

Peço desculpas mais uma vez e lhe desejo tudo de bom. Ele é um bom homem, o sr. Wilson.

Vou ao hospital esperando encontrar Toni com Ben e Calli. Eu a encontro sentada na sala de espera, perto do balcão de informações, olhando para as próprias mãos. E me surpreende o fato de ela ter quase a mesma aparência que tinha no dia em que descobriu que sua mãe havia morrido.

— O que vou dizer a eles? — ela me pergunta, sem olhar para cima, para mim, quando fico ao seu lado.

— Não sei — digo a ela sinceramente. Não a invejo por ter essa tarefa. Ela fica de pé e oscila por um momento, incerta, e seguro seu cotovelo para aprumá-la e a sigo até o elevador. — Quer que eu vá com você, Toni? — pergunto.

— Sim — diz ela e pega minha mão.

Antônia

Louis me ajuda a dizer às crianças que Griff está morto. Essas são as palavras mais difíceis que já tive que dizer: "Seu pai faleceu." Foi estranho, mesmo que eles não perguntem como, nem por quê. Ben e Calli apenas aceitam o fato, sem lágrimas, sem raiva; apenas aceitação. Não é a primeira vez em que eu me pergunto o que foi que fiz a essas pobres crianças. Às vezes, acho que elas estão simplesmente anestesiadas. Têm sido dois dias confusos e dolorosos, e mais uma notícia terrível provavelmente pesa tanto quanto todas as outras más notícias que foram despejadas sobre elas.

Se choro com a morte de Griff? Uma boa esposa deveria dizer que sim. Mas não sou uma boa esposa. Quantas vezes desejei receber uma ligação dizendo que Griff estava tão machucado no oleoduto que não tinha mais chance de recuperação, ou que havia sofrido um terrível acidente de carro e morrera? Inúmeras. Perceba que esses cenários são todos de morte accidental. Sou civilizada demais para desejar que alguém atire no meu marido. Mas se me sinto aliviada? Sim, me senti aliviada quando seu corpo caiu sobre o meu, quando ele levou um tiro. Estou aliviada por não ter sido eu quem levou o tiro, e estou aliviada por não ter de aguentar mais um ataque de fúria dele bêbado, e por meus filhos não precisarem passar por isso novamente. Não fui uma boa mãe; uma boa mãe teria levado seus filhos embora na primeira vez em que seu marido começasse a jogar garrafas de cerveja nela; na primeira vez em que ele batesse em seu filho um pouco forte demais por ter derramado suco de laranja; ou a primeira vez em que ele fizesse sua filha ficar sentada à mesa da cozinha por três horas, porque não conseguia dizer "Me dão licença?". Uma boa mãe não teria tolerado nenhuma dessas coisas. Mas, como disse, não fui uma boa mãe.

Mas tenho a chance de recomeçar, renovada. De ser uma boa mãe, do tipo que protege seus filhos, que daria a vida por eles. Louis diz que já sou esse tipo de mãe, que sempre fui. Mas acho que não, na verdade. Mas aqui está minha chance. Quero ter o que

nunca tive com minha própria mãe: tempo suficiente. Só quero ter tempo bastante.

Martin

Foram necessários 11 pontos para consertar o estrago que Griff Clark fez em minha cabeça quando me bateu com a arma. Como resultado, fiquei com uma concussão e passei uma noite no hospital, longe de Petra e Fielda. Hoje de manhã, minha cabeça dói terrivelmente, mas sei que minha filha está sentindo muito mais do que eu e estou me preparando para ir embora rapidamente, para fazer uma viagem ao hospital em Iowa City. Enquanto termino de amarrar meus cadarços, Antónia Clark entra em meu quarto de hospital. Ela se senta na beira da cadeira enquanto espero o médico assinar os papéis de minha alta.

— Eu devia ir vê-la — digo, em tom de desculpa. — Como estão Calli e Ben? — pergunto.

— Eles vão ficar bem — diz ela. — Como está Petra?

— Ela saiu da cirurgia. Ainda está dormindo, mas parece que o cirurgião conseguiu aliviar a pressão que o ferimento estava causando em seu cérebro.

Ficamos sentados em silêncio por algum tempo até que finalmente consigo cuspir as palavras que precisam ser ditas:

— Sinto muito, Antónia. Sinto muito por ter ido à sua casa com uma arma. Eu realmente acreditava que Griff tinha algo a ver com o que aconteceu com Petra. Isso não é desculpa, eu sei, mas sinto muito. É por minha causa que ele está morto.

— Martin, veja o que Griff fez com sua cabeça. Veja o que ele fez com Calli. Bêbado, ele a tirou de casa às quatro da manhã e a arrastou descalça pela floresta para que pudesse levá-la até quem pensava que era seu verdadeiro pai. Ele acabou fazendo com que se perdessem, espancou seu filho e apontou uma arma para minha cabeça. Griff não foi um cara tão legal assim, Martin.

— Não — digo com cuidado. — Mas sinto muito por ele ter morrido. Sinto muito que sua família tenha que passar por outra situação ruim.

— Ficaremos bem. Temos uns aos outros, e é isso que importa, certo?

Concordo com a cabeça.

— Você tem alguém para levá-lo até Iowa City? Você não vai dirigir, vai? Sua cabeça deve estar doendo.

— Louis disse que me levaria ao hospital — digo a ela. — Ele me disse que pegaram o homem que fez isso — diz Antónia.

— Sim. Acredito que ele esteja em algum lugar neste hospital — respondo.

— Você não vai atrás dele, vai?

— Não. Apreendi a lição da primeira vez. E, além disso, parece que Lucky conseguiu se machucar sozinho, caindo da ribanceira.

— Lembro-me dele. Eu o conheci em nossa casa aquela vez, com seu cachorro — diz Antónia gentilmente.

— Sim. Achei que o conhecia bem — respondi. Ela estende a mão e toca meu braço.

— Não é culpa sua — diz ela gentilmente.

— Essa será a pergunta que irei me fazer por muito tempo. Se um pai não consegue manter sua filha segura, quem poderá?

— Você é um pai maravilhoso, Martin. Vi o modo como age com Petra. Fielda o escolheu bem. Eu gostaria de ter feito uma escolha tão acertada.

— Se tivesse escolhido diferente, você não teria os filhos que tem — lembrei a ela.

Ela sorri.

— Eu tenho mesmo ótimos filhos. Nós dois temos. Agora vá ficar com Petra. Quando ela acordar, vai querer ter o pai por perto. Vocês podem comparar os pontos.

Dou uma risada. Faz muito tempo que não faço isso. E é bom. É como se as coisas um dia pudessem voltar ao normal. Fico de pé, tremendo, minha cabeça dói e saio em busca de meu médico. Estou indo embora. Preciso chegar até minha filha e minha esposa.

Epílogo

Calli

Seis anos depois.

Muitas vezes relembro aquele dia, há muito tempo, e me pergunto como todos nós sobrevivemos. Para cada um de nós, foi um dia triste e sombrio. Principalmente para minha mãe, acho, apesar de ela sempre dizer que "Foi bom por um lado. Você encontrou sua voz naquele dia, Calli. Isso fez daquele um bom dia".

Eu nunca havia pensado em encontrar minha voz, porque ela, na verdade, não havia se perdido. Era mais como se fosse uma garrafa com uma rolha alojada bem fundo no gargalo. Frequentemente a imagino dessa maneira, minha voz como se fosse um perfume doce, dentro de um vidro de aparência cara, com uma alça lindamente curva, longa e esbelta, feita de vidro azul, como o corpo das libélulas que vejo na floresta de Willow Creek. Minha voz só esperava a hora certa para sair daquela garrafa.

Não, ela nunca se perdeu; eu apenas precisava de permissão para usá-la novamente. Demorei muito tempo para compreender que eu era a única pessoa que podia conceder essa autorização, ninguém mais. Gostaria que minha mãe compreendesse isso. Ela ainda se culpa por tudo, e não é um peso muito grande para se carregar?

Isso eu sei em primeira mão. Durante muito tempo, havia achado que era minha culpa o fato de minha irmãzinha, Poppy, ter

morrido quando eu tinha 4 anos. É bobeira, acha você. Como uma criança de 4 anos poderia ser responsável pela morte de um bebê? Agora imagine isso: a mesma criança de 4 anos vê sua mãe e seu pai brigando no alto da escada, e vê a mãe grávida, caindo para trás nos degraus, tentando se segurar com as mãos esticadas. Agora imagine essa criança de 4 anos chorando um tempão, sem conseguir parar. É compreensível. Agora veja o pai dela tentando acalmá-la, mas não com abraços ou beijos suaves, mas com palavras sussurradas. "Cale a boca, Calli. Se não ficar quieta, o bebê vai morrer. Você quer que isso aconteça? Quer que o bebê morra? Se não calar a boca, sua mãe vai morrer." Repetindo isso sem parar no ouvido daquela criança de 4 anos.

E o bebê morreu, minha irmãzinha, que tinha o cabelo vermelho como papoulas, cuja pele era macia como pétalas de flores. Engoli minhas palavras naquele dia. Na verdade, eu as mordi, mastiguei e engoli até que deslizassem pela minha garganta, até que ficassem tão quebradas e danificadas que não houvesse jeito possível de se reorganizarem ou se consertarem o bastante para serem ditas novamente. Por isso, sei como é se sentir responsável por algo sobre o qual eu não tinha nenhum controle. É assim que as coisas são para minha mãe.

Petra não voltou para a escola no ano seguinte àquilo. Ela ficou no hospital por muito tempo. Passou por diversas cirurgias e ficou quase dois meses em Iowa City, depois mais um mês no nosso hospital local. Minha mãe me levava ao hospital para ver Petra uma vez por semana, quando ela estava bem o bastante para receber visitas.

É engraçado: nós não falamos muito durante as visitas, apesar de eu ser capaz de falar na época. Simplesmente não precisávamos.

Falar, quero dizer. Podíamos apenas ser. Petra e sua família se mudaram cerca de um ano depois de ela ter sido ferida. Ela nunca mais foi a mesma depois daquilo tudo. Andava de um jeito diferente, e a escola se tornou muito mais difícil para ela por causa do

ferimento na cabeça. Não acho que ninguém tenha feito brincadeiras ruins com ela, pelo menos não quando eu estava por perto. Acho que todo mundo, crianças e adultos, se sentiam tão mal por ela que, não importava o que houvesse acontecido, as pessoas não podiam deixá-la ser a mesma garota que era antes. Garotos da nossa idade não sabiam o que dizer para ela, com ar preocupado. Tudo o que Petra realmente queria era ser igual a todo mundo.

Mas acho que foi o julgamento, e tudo o mais envolvido nele, que fez com que a família quisesse ir embora. Seu pai foi quem se sentiu pior. Fora ele quem acolhera Lucky em sua casa, o contratara para fazer pequenos serviços lá e quem arrumara um emprego para ele no Mourning Glory.

Na manhã em que Petra desapareceu, foi Lucky e Sargento, seu cachorro, que ela viu pela janela do quarto. Foi atrás dele para dizer oi, e ele a agarrou quando já estavam bem no meio da mata. Eu descobri mais tarde que Lucky se esforçou para fazê-la confiar e gostar dele. Dava presentinhos a ela quando vinha para casa ou quando Petra ia ao Mourning Glory.

Ele até disse para ela que ia caminhar pela mata o tempo todo com Sargento e que adoraria se ela fosse com eles um dia. Lucky matou seu cachorro também. Parece que Sargento, na verdade, tentou proteger Petra quando Lucky a estava perseguindo. Mordeu Lucky, e ele terminou por estrangular o pobre cão com sua própria coleira.

A família Gregory inteira teve que testemunhar, e minha família também. Foi um processo longo, cansativo e confuso, com advogados fazendo perguntas, repórteres fazendo perguntas e amigos e vizinhos fazendo perguntas. Acho que o advogado de acusação estava morrendo de medo de que eu parasse de falar de novo; ele ligava para nossa casa toda noite durante o processo para falar comigo, só para se certificar. Lucky foi considerado culpado de todas as acusações: sequestro, tentativa de assassinato e abuso sexual. A única coisa mais ou menos engraçada sobre a confusão toda foi o velho corvo preto que passou por Lucky bem na hora em

que ele ia me agarrar e o derrubou ribanceira abaixo. Ele despencou de uma altura de 15 metros. Quebrou a perna e a clavícula. Ele não foi encontrado até a manhã seguinte. Pelo que sei, ele ainda está na cadeia e ficará lá para sempre. Nunca foi provado que Lucky tivesse tido algo a ver com a morte de Jenna McIntire.

Petra e eu ainda trocamos correspondência. Ela vive em outro estado, seu pai se aposentou e não dá mais aulas. Eles moram numa fazenda agora, arrendando suas terras para a lavoura, mas eles têm alguns animais: carneiros, galinhas, um porco, alguns cachorros. Petra me convidou para visitá-la uma vez ou outra, mas nunca deu certo. Ela não quer mais voltar para Willow Creek, o que consigo entender.

Meu irmão fez 18 anos este ano e tem trabalhado, juntando dinheiro para a faculdade. Ele vai embora no outono, e minha mãe e eu já estamos chorando por causa disso. Ele é grande e alto como meu pai, porém mais suave, se é que me entendem. Ele quer ser policial e será muito bom nisso, acho. Não sei o que farei sem ele quando for embora. Sei que muitos de meus amigos mal podem esperar para que seus irmãos e irmãs vão embora, mas é diferente com Ben e eu. Fico tão triste com a ideia de ele ir embora que não consigo nem pensar nisso.

Louis ainda é o assistente de xerife, mas mamãe e Ben acham que ele poderia se candidatar a xerife no ano que vem, quando o antigo se aposentar. Louis aparece bastante para jantar e foi a todos os jogos de futebol americano de que Ben participou durante todo o colegial. Ben e Louis são muito próximos, e tenho certeza de que é por isso que Ben vai ser policial. Eu me pergunto, às vezes, se minha mãe e Louis irão terminar juntos. Sei que ele se divorciou há algum tempo e acho que já está na hora de ela se divertir um pouco. Perguntei-lhe outro dia por que ela e Louis simplesmente não se casavam, se é tão óbvio que se amam. O rosto de mamãe entristeceu e ela disse que era complicado, por isso deixei para lá. Pelo menos por enquanto. Ela ainda sofre de pesadelos horríveis. Posso ouvi-la gritando do quarto e mais de uma vez a vi espiando

nos nossos, vendo se estava tudo certo comigo, se estava tudo bem com Ben.

O filho de 10 anos de Louis, Tanner, vem a Willow Creek quase todo fim de semana e em alguns feriados. Sua ex-mulher acabou se mudando para Cedar Rapids, a cerca de uma hora daqui. Tanner é um garoto engraçado, quieto, de olhos sérios. Louis é louco pelo filho e fica todo triste e deprimido quando tem de levá-lo de volta para lá.

Eu ainda não falo muito, e isso assusta minha mãe. Posso ficar dias sem dizer nada. Não ignoro as pessoas, nem me recuso a responder nada, mas apenas fico quieta. Às vezes, minha mãe fica com uma cara preocupada, que faz com que eu saiba que ela tem medo de que eu fique muda de novo. Quando vejo isso, decido falar com ela. Isso faz com que se sinta melhor. Minha mãe arrumou um emprego no hospital como auxiliar, trabalhando no andar de cuidados especiais. Ela trabalha com idosos, trocando seus lençóis, ajudando-os a comer, dando banho neles, ajudando as enfermeiras. Não é o emprego mais glamouroso do mundo, ela diz. Mas ela sempre vem para casa nos contando histórias sobre quem fez e quem disse o quê. Ela reclama dos ranzinzas e esnobes, mas, na verdade, acho que esses são os favoritos dela.

Tenho uma foto de meu pai que guardo no meu baú de tesouros. Ela está desbotada e os cantos estão dobrados, mas é minha foto favorita dele. Foi tirada antes de eu nascer, antes mesmo de Ben ter nascido. Meu pai está sentado na sua cadeira preferida e exibe um sorriso enorme. Seu rosto parece jovem e está branco como leite, exceto pelas sardas no nariz. Ele parece saudável e seus olhos são de um verde brilhante. Não têm a cor amarelada que tinham ultimamente. Está usando jeans desbotados e uma camiseta de futebol americano do Willow Creek Wolverines. Mas o melhor de tudo é o que está segurando. Não é uma garrafa de cerveja, mas uma lata de refrigerante, e ele a está empunhando na direção da câmera, como se fizesse um brinde com quem quer que estivesse tirando a foto. Saúde, ele parece estar dizendo, saúde.

Não odeio meu pai. Acho que o odiei por um tempo, porém não mais. Eu não o odeio, mas, com certeza, também não sinto falta dele. Depois do enterro, minha mãe nos levou à cidade, e compramos todos os galões de tinta amarela que pudemos colocar em nosso carro. Nós três pintamos a casa. Agora ela é de um amarelo suave e alegre. Aconchegante e quente. E, de qualquer modo, aquela semana inteira foi incrivelmente dura para todos nós. Precisamos ter algo pelo qual ansiar, alguma esperança, e ter uma casa amarela foi um começo. Foi isso que mamãe disse. Eu disse a ela que, se meu pai não tivesse bebido naquela manhã e me arrastado para a floresta, eu nunca teria encontrado Petra e ela teria morrido. Assim, de certo modo, ele, na verdade, a salvou naquele dia. Ela apenas ficou me olhando um tempão, sem ter certeza sobre o que dizer. Por fim, disse: "Não faça de seu pai um herói. Ele não era um herói. Ele era um homem com uma doença muito ruim."

Visitamos o túmulo de meu pai uma vez por ano, no aniversário dele. Ben resmunga um pouco, mas minha mãe insiste.

Ela diz que, quer gostemos ou não das coisas que ele cometeu no passado, ele fez parte de nossa família. Será que não ficaria triste se soubesse que nenhum dos filhos vai visitá-lo de vez em quando? Quando ela falou isso, Ben riu e respondeu, todo folgado:

— Papai só ficaria feliz em nos ver se levássemos uma caixa com seis cervejas. — E ele levou mesmo. Ben levou uma embalagem com seis cervejas com ele para o cemitério no ano passado. Ele a colocou bem ao lado da lápide.

Mamãe fez com que ele a levasse embora, mas Ben e eu rimos disso depois. Foi meio engraçado, de um jeito doentio.

Quanto a mim, sou uma menina normal. Vou à escola e me saio mais ou menos bem. Tenho amigos e até pratico corrida em pista e cross-country pela escola. Gosto de correr, sempre gostei. Há dias em que sinto que podia correr para sempre. E gosto do fato de não ter de falar quando estou correndo. Ninguém espera que você converse enquanto corre oito quilômetros.

Já não vou à floresta com muita frequência e, com certeza, não sozinha. Isso me deixa tão triste quanto qualquer outra coisa. Já amei a floresta um dia. Era meu lugar especial. Mas, quando estou lá, cercada pelas árvores, estou sempre olhando para trás para ver se não tem alguma coisa se esgueirando em minha direção. Bobeira, eu sei. Mamãe perguntou a Ben e a mim se queríamos nos mudar para a cidade, para longe da floresta. Ambos dissemos não. Nosso lar era nosso lar, e havia muito mais lembranças boas do que ruins. Mamãe sorriu ao ouvir isso, e fiquei feliz por conseguirmos fazer com que ela se sentisse melhor. A mata ainda é o lugar favorito de mamãe, e ela e Louis vão sempre caminhar por lá. Perguntei a ela se alguma vez sentiu medo enquanto andava, receosa. Ela disse que não, que a floresta estava em seu sangue, que não podia sentir medo de algo que havia sido tão bom para ela.

— Ela devolveu você para mim, não devolveu? — perguntou ela. Concordei. Talvez um dia eu sinta o mesmo em relação à floresta, mas não agora, não por um bom tempo.

Eu ainda vejo a dra. Kelsing, a psiquiatra que conheci na noite em que fui para o hospital; é bom ter alguém com quem falar que não estava no meio da confusão toda. Ela faz com que eu saiba que não estou louca. Diz que fui muito corajosa e muito forte por ter feito o que fiz naquele dia. Não sei se isso é verdade, mas gostaria de pensar que sim.

Continuei até mesmo vendo meu orientador, o sr. Wilson, durante todo o primário. Há cerca de um ano, fiquei sabendo que o sr. Wilson, na verdade, foi interrogado enquanto Petra e eu estivemos desaparecidas. Aposto que isso foi muito constrangedor para ele, mas ele não mencionou o assunto nem uma vez. Eu o encontrava uma vez por semana e ainda escrevia nos belos diários que ele havia me dado. No nosso último encontro, na minha última semana como aluna da sexta série da Willow Creek Elementary School, nos sentamos à mesa redonda e ele me perguntou sobre o que eu gostaria de falar naquele dia. Dei de ombros, e ele se levantou. Ainda era incrivelmente alto, apesar de eu ter crescido

bastante desde a primeira série. Ele procurou no seu velho armário cinza e achou cinco diários, todos com capa preta e decorados com meus desenhos. Então contei a ele sobre o sonho que tive quando adormeci na floresta, no dia em que meu pai me levou lá. Aquele em que eu estava voando pelo ar e todo mundo estava me segurando, tentando fazer com que eu descesse. Contei a ele que, no meu sonho, ele estava com o diário em suas mãos, apontando para alguma coisa. Disse a ele que eu me perguntava para o que ele estaria apontando. Ele pegou o primeiro diário que eu havia escrito da parte de baixo de uma pilha e o entregou a mim.

— Vamos procurar e ver se conseguimos descobrir o que era — disse ele. Durante a próxima meia hora, procurei naquele diário, o que dizia Diário de Conversação de Calli na capa e estava decorado com uma libélula. Folheei o diário rindo da minha péssima ortografia e dos meus desenhos de figuras de palitinhos. Mas então a encontrei, a anotação que eu tinha certeza de que o sr. Wilson estava apontando em meu sonho. Não havia palavras na página, apenas um desenho de minha família que eu havia feito. Minha mãe estava desenhada bem grande no meio da página. Estava de vestido e salto alto, o que era um pouco engraçado, porque minha mãe nunca usava vestido e salto alto. Seu cabelo estava desenhado num estilo enorme, cheio e armado, e ela exibia um sorriso imenso. Meu irmão estava em pé bem ao lado dela, desenhado em tamanho grande como ela. Seu cabelo estava colorido de vermelho, feito um caminhão de bombeiro, e suas sardas eram pontos vermelhos em torno de seu nariz em formato de círculo. Ele estava com uma bola de futebol americano na mão. À primeira vista, uma pessoa poderia achar que o desenho de Ben era, na verdade, do meu pai, mas não. Meu pai estava na imagem, desenhado um pouco menor e posicionado mais atrás do restante de nós. Ele estava sorrindo, assim como todas as outras pessoas no desenho, mas na sua mão estava uma lata do que era claramente cerveja. O nome da marca estava escrito em letras sofisticadas em azul, igual à lata de verdade. Mas não foram os desenhos que chamaram minha atenção aquele dia no escritório do sr. Wilson. Não foi nem mesmo o desenho que me mostrava, vestida de rosa, com o cabelo puxado

para trás num rabo de cavalo. Não, foi o que desenhei na mesa ao meu lado no desenho. Um belo vidro de perfume azul, com a tampa colocada no chão bem do seu lado. E, saindo da garrafa, notas musicais minúsculas, notas inteiras, quartos de notas e metades de notas voando pelo ar em volta da minha cabeça de figura de palitinho.

— Esta é a imagem — disse eu ao sr. Wilson, enfiando o dedo na página. — Era isto que você estava me mostrando no meu sonho. Minha voz.

— É claro, Calli — disse ele. — É claro que era. Ela esteve com você esse tempo todo.

Agradecimentos

Sou profundamente grata à minha família: Milton e Patrícia Schmida, Greg Schmida e Kimbra Valenti, Jane e Kip Augspurger, Milt e Jackie Schmida, Molly e Steve Lugar e Patrick Schmida. Sua confiança inabalável em mim e seu constante incentivo significaram tudo para mim. Agradeço também a Lloyd, Lois, Cheryl, Mark, Carie, Steve, Tami, Dan e Robin.

Agradeço de coração a Marianne Merola, minha agente literária de primeira categoria, que vislumbrou uma possibilidade em *O peso do silêncio*. Os dons de sua experiência, capacidade de me guiar, diligência e tempo são valorizados muito além do que as palavras podem expressar.

Obrigada a você, minha talentosa e paciente editora, Miranda Indrigo, cujos insights e sugestões foram enormemente apreciados. E também a Mike Rehder, obrigado pela bela arte da capa. Obrigada também a Mary-Margaret Scrimger, Margaret O'Neill Marbury, Valerie Gray e inúmeros outros que apoiaram generosamente este livro e me deram calorosas boas-vindas à família MIRA.

Muitos agradecimentos para Ann Schober e Mary Fink, duas excelentes amigas que me animaram a cada passo do caminho.

Um agradecimento especial para Don Harstad, um escritor maravilhoso e que tem sido uma inspiração para mim.

E, finalmente, a Scott, Alex, Anna e Grace, obrigada por acreditarem em mim. Eu não teria conseguido sem vocês.

Data de conclusão da leitura: 15 de junho de 2010.